4.º ANNO—1867

ARCHIVO

DE

PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

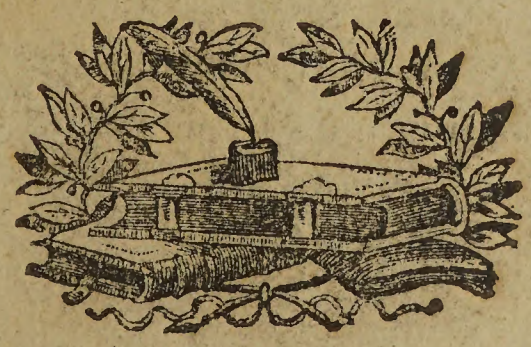
INDIA PORTUGUEZA,

PUBLICADO E REDIGIDO

POR

ANTONIO GOMES ROBERTO,

Professor de pharmacia na Eschola-Medico Cirurgica de Nova-Goa, 1.º Pharmaceutico do Quadro de Saude Militar do Estado da India, Delegado da Sociedade pharmaceutica Lusitana, &.



NOVA GOA

IMPRENSA NACIONAL.

22900240960

ARCHIVO

DE

PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

ARCHIVO

DE

PHARMACIA,

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA,

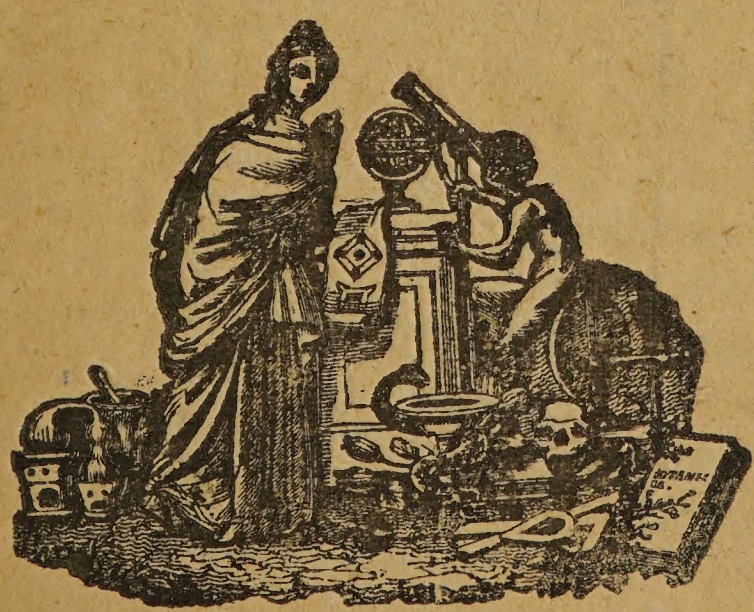
PUBLICADO E REDIGIDO

POR

ANTONIO GOMES ROBERTO,

Professor de pharmacia na Eschola Medico Cirurgica de Nova Goa, 1.° Pharmaceutico do Quadro de Saude Militar do Estado da India, Delegado da Sociedade pharmaceutica Lusitana. &.

4.° ANNO—1867.



NOVA GOA

IMPRENSA NACIONAL.

WELLCOME INSTITUTE
LIBRARY

Coll.	welMOmec
Call No.	

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 37 Janeiro de 1867 4.º Anno

Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da Iudia Portuguesa.

POR

João Stuart da Fonseca Torre.

[Continuação do n.º 26].

Algumas palavras aos leitores antes de entrar no assumpto.

Ha mezes interrompemos a publicação dos nossos apontamentos, esperando melhora-los lendo a obra de materia medica da India do sr. Waring, que pelos jornais fora annunciada; como porem apesar de instantes exforços não podemos havela á mão, resolvemos terminar o nosso trabalho sem este valioso auxilio.

Este escripto podera continuar muito melhorado, se dos nossos collegas receberamos noticia dos medicamentos que empregão ou veem empregar nos sitios em que vivem.

A materia medica he uma das sciencias cujos progressos mais dependem da associação de exforços fraternais.

Assim como varios Collegas teem aproveitado a noticia que publicamos de varios agentes, entre outros, do *abrus precatorius*, do *croton tiglium; jatrophas curcas*, do *oleo de coco* e *gommas*; bom era que eu aproveitasse das suas luzes, nisto de certo havia de lucrar a sciencia e a humanidade.

Rogamos por isso de novo aos nossos collegas da India, o favor de uma tal communicação: se me quizessem mandar, cada um, duas a tres drogas medicinais, acompanhadas dos nomes em lingoa concani, das doenças em que se empregão e doses, fazião-me um grande obsequio, e em breve haveria um bom peculio pharmacologico, á disposição de quem o quizesse estudar.

Talvez tãobem por este meio se conhecesse o verdadeiro nome concani de grande numero de plantas, tarefa aliaz difficilima e talvez inexequivel.

Na India portugueza ha muitas plantas cujos nomes não existem na lingoa concani, como não existem em nenhuma outra da India a não ser no sanskrito.

Ha outras cujos nomes são conhecidos por mui poucos; outras finalmente denominadas de diversos modos, ô

ção de objectos nos quais se requeira solidez.

Folhas.

O dr. Balmain da Presidencia de Madrasta, obteve das folhas do tamarindeiro, uma bella cor amarella fixa. (3)

O hydro-infuso desta polpa serve para tingir de verde as sedas depois de tintas com indigo: tinge tãobem as sedas de amarello, e as lans de vermelho. (4)

Concentrando-se o hydro-infuso e addicionando-lhe uma pequena porção de sal commum, obtem-se um bom liquido para limpar a prata, que he muito empregado pelos ourives da India; os objectos que se querem limpar fervem-se por algum tempo no liquido.

O maior consumo desta substancia he como condimento, entrando como artigo obrigado no maior numero de *caris*, e em muitos outros pratos.

A grande avidez que nos povos da India se observa na procura de substancias acidas, não he, como muitos julgão, um simples capricho de paladar, mas sim uma necessidade que desattendida em breve traz graves perturbações.

Os acidos ingeridos em quantidades moderadas soboreião os cereais, favorecem a digestão e beneficião o sangue.

Provou o sr. Leith, por observações feitas na India, que a anemia, a cachexia e notoriamente o escorbuto se tornavão frequentes todas as vezes que os acidos faltavão no caril, desapparecendo gradualmente quando outra vez as substancias acidas fazião parte da alimentação (5).

A limonada e sorvêtes de tamarindos são preferiveis como refrescos á limonada e sorvetes de limão

As sementes.

Pulverisadas e fervidas formão pasta, que pela addição de pequena porção de cola, he um dos bons cimentos para madeiras.

Emprego medico.

Polpa.

A polpa de tamarindos he temperante em pequenas doses e em maiores he bom laxante.

A sua ingestão deixa na bocca gosto acido adocicado agradavel, o estomago recebe-a bem e 5 a 6 horas depois de ingerida causa 3 a 5 evacuações faceis.

He dos laxantes um dos que não constipa o ventre nem deprime as forças.

Approveita na *constipação de ventre* das pessoas cuja alimentação he quasi exclusivamente feculenta: na *constipação* dos sedentarios e na dos chamados biliosos

Na *ictericia*, *hyperemia*, e *phlegmasia hepatica* he muito recommendada, asseverando alguns auctores que o beneficio provem duma acção propria e caracteristica desta subs-

3 *Balmain*. Citação de Ainslie. Mat. med. of. Hindostan pg. 201.
4 *Ainslie*. Log. cit.
5 *Leith*. Medical and phys. trans of Bombay. 1853. pg. 114 e seg.

tancia, alem do proveniente da evacuação.

He um dos bons evacuantes, quando indicado, na *febre ephemera*, *continua commum*, *intermittente* e *remittente*.

Os antigos crião muito na efficacia deste medicamento como *antiputrido*, e como tal o davão nas febres putridas; na actualidade ainda se empregão os acidos nas febres que os nossos antepassados denominavão putridas, mas não se recorre a esta polpa.

He bom nas *diarrheas* e *dysenterias* nas quais ás vezes se dá em pequenas doses como adstringente e em doses evacuantes para remover as feses ou quaisquer outras substancias que pelo seo contacto com a mucosa aggravarião a doença.

Zimmerman diz que na *dysenteria biliosa* que na Suissa grassou, falhárão todos os medicamentos menos este (6)

He ás vezes empregado contra as *hemorrhagias* e *fluxos mucosos*.

Aublet diz ser um bom *antiscorbutico*. (7)

Alpino (8) e Fallopio dizem que cura a uretrite. (8.ª)

Sementes.

São administradas em pó como adstringentes nas *diarrheias* e *dysenterias*: dizem-me todavia que os seos effeitos são pouco importantes.

Reduzidas a pasta pela ebullição formão um epithema que se applica sobre as partes inflammadas, quando se quer accelerar a suppuração: tal he pelo menos a virtude que lhe attribue a medicina caseira da India.

Flores.

A conserva destas flores passa por combater bem as doenças de *estomago*, *figado e baço* (9): opinião que por muito lata se deve admittir com grande desconto.

No Taleef Shereef le-se que estas flores são brandamente evacuantes (10), e he talvez por esta propriedade que se explica o como em dados casos podem melhorar os supracitados estados morbidos.

Folhas.

Estas folhas de sabor acido agradavel são usadas em decocto contra varias inflammações, mas principalmente nas dos olhos.

Os arabes dão-nas em hydro-infuso ás creanças, como anthelmintico. (11)

Cassias em geral.

Em toda a peninsula indica se encontrão as seguintes cassias: a *fistula a obovata*, *a purpurea a occidentalis e a tora*. (12)

Na India Portugueza cresce a *cassia goensis*, uma das mais raras.

---

6 *Zimmerman* Tr. de la dysenterie

7 *Aublet*. Plant. Guian. pg. 24.

8 *Prosper Alpino*. De plant. gypt. pg. 35.

8.ª *Fallopio*. Citado por Merat. Log. cit.

9 *Burman*. Thes. Zeylan pg 222.

10 *Taleef Shereef*. pg. 16 n.º 63.

11 *Prosper Alpino*. Log. cit.

12 Nas observações sobre a Historia Natural de Goa por M. G. da Silva, a p.ª 20, onde se lê cassia toca, deve ler-se cassia tora.

Na costa do Coromandel está hoje acclimada a *cassia lanceolata*.

Cassia fistula de Linneo. — Cannafistula.

Caracteres botanicos.

A cannafistula he uma das mais vistosas arvores, abunda nos tropicos e notoriamente em Angola (13).

As *folhas* de 14 16 pollegadas de comprimento são pennadas, compostas de 4 a 8 pares de foliolos verdes e lisos, ovados e sub-acuminados.

As *flores* amarellas pendem em cachos compridos; o calix apresenta 5 divisões, a corolla 5 petalas; os estames são 10, sendo 3 deformes e estereis; o ovario he estipitado.

O *fructo* quando maduro he negro, tem 1 a 3 palmos e mais de comprimento, notando-se-lhe duas sutturas em opposição; no interior ha muitas celullas onde existem sementes vermelhas, envolvidas numa polpa escura e doce.

Analyse dos fructos.

Vauquelin analysando estes fructos encontrou; (14)

Valvulas.....	351,55
Septos.....	70,31
Sementes.....	445,32
Polpa.....	132,82
	1000,00

A polpa tratada pela agoa fria deixou uma materia parenchymatosa negra e azotada, pesando secca 28 grãos, 44.

O extracto por diversos processos deo:

Assucar.....	148,14
Pectina.....	31,25
Gomma.....	15,62
Glutina.....	7,92
Materia extractiva amarga.....	5,19
Agua.....	236,99
	445,32

Henry repetindo a analyse da polpa achou em 20 partes:

Assucar.....	12,20
Gomma.....	1,35
Materia tannante..	2,65
Agoa.....	3,80

Traços de gluten, e pequena porção de materia corante (15).

Usos medicos.

Polpa.

He grata ao paladar não produzindo effeito sensivel se he ingerida em pequenas porções, na dose conveniente evacua os intestinos, principiando os seos effeitos 3 a 5 horas depois da ingestão, se a dose he demasiada obra como drastico, havendo colicas intensas e meteorismo de ventre.

Entre os effeitos physiologicos deve mencionar-se o ennegrecimento das feses.

Avicenna, Loseche e Lewis, Bo-

13 *Beirão*. Mat. med—art—cannafistula.

14 *Vauquelin*. Citação de Guibourt. Log. cit. pg. 347.

15 *Henry*. Citação de Merat. Log. cit.—art—cathartocarpus fistula.

erhaave e Wight (16) asseverão que as ourinas tãobem mudão de cor e negrecendo ou esverdeando; Boerhaave acrescenta, que as ourinas alem de negras se fazem fetidas; o dr. Wight insiste no esverdiamento das ourinas para que os doentes se não assustem pensando que o medicamento augmenta a secreção da bile, como por vezes lhe succedeo clinicando.

Bergio, Gmelin (17) e quasi todos os mais pharmacologistas negão o facto.

Os nossos antepassados erão extremamente apaixonados desta polpa como laxante, e por isso a fazião transportar a grande custo e de muita distancia para Europa: actualmente he ali pouco usada.

Nos tropicos onde nasce espontaneamente, merece toda a attenção dos clinicos, por ser um dos evacuantes mais adequados ás constituições debeis que nelles abundão.

Convem pela sua brandura nas inflammações e febres quando sejão indicados os laxantes; por isso se usa nas *diarrheias* e *dysenthrias*, e nas *febres continuas* e *periodicas*.

Pode dar-se em todos os casos de *constipação do ventre*, menos na constipação dos hystericos caso em que está contraindicada por poder augmentar o meteorismo intestinal, que he muito frequente neste estado morbido.

Como quasi não deprime as forças he muito apropriada como evacuante para as creanças, velhos, e convalescentes, por outra para os debeis e debilitados: no dizer de Delille, o delicado Voltaire á polpa da cannafistula deveo a sua longevidade.

Geoffroy (18) elogia esta polpa, tanto ingerida como applicada sobre as hemorrhoidas, como um dos melhores tratamentos desta doença: não me parece que seja este um bom tratamento, mas a empregar-se será indicado quando houver constipação de ventre e um estado phlegmasico do recto.

Zacuto Lusitano (19) apresenta uma formula em que principalmente figura esta polpa, com um dos melhores epithemas para dores articulares produzidas por causas calidas: falla tãobem de outro epithema muito proficuo em tumores, durezas, etc., do figado.

Parte fibrosa das siliquas.

O decocto desta parte he tãobem purgativo não devendo por isso regeitar-se (20).

Sementes—Flores—Folhas.

As sementes purgão mas he pre-

16 *Avicena*. O p. liv. 2.° cap. 193.
Losecke e Levis. Citação de Murray. Apparatus medicaminum, tom. 2.° pg. 207.
Boerhaave. Praelec 6.ª pg. 319.
Wight. Illustrations of Indian bosatny, tom. 1.° pg. 165.
17 *Bergio*. Mat. med. pg. 340.
Gmelin. Diss. de rab. § 34.

18 *Geoffroy*. Mat. med. tom. 3.°.
19 *Zacuto Lusitano*. Pharmacopeia. distinc. 1.° cap. 2.°
20 *Vallismeri*. Citação de Merat et Delens. Log. cit.
21.ª Merat Log. cit.

ciso uma dose muito maior que a da polpa.

As flores feitas em conserva formão um laxante brando e agradavel.

As folhas teem as mesmas propriedades das flores.

Casca.

A casca tem propriedades adstringentes sendo por isso empregada no cortume das pelles.

Raizes.

Nas raizes ha um principio amargo que he um poderoso diuretico e notorio tonico nevrosthenico.

Nas Antilhas he muito empregado como antiperiodico sendo especialmente indicado nos casos em que ha congestão de figado, baço ou intestinos, a complicar a febre; dizem os auctores que nestes casos he superior á quina e quinino. (21)

Chamamos a attenção dos nossos collegas das provincias sobre este assumpto; he facil obter um extracto aquoso que qualquer pharmaceutico lhe prepara, e com este não só poderão verificar o que dissemos mas até ampliar o numero das suas applicações.

Formas e doses.

A *polpa* usa-se simples, em conserva, hydro-infuso, e extracto.

Em doses de meia a uma onça a polpa simples he laxante, em menores doses he apenas emolliente e não evacua.

O hydroinfuso feito com uma onça de polpa para uma libra de agoa he tãobem laxante.

O extracto opera na dose de duas a seis oitavas.

As *sementes* operão na dose de seis oitavas a onça e meia.

As *flores* e *folhas* não produzem effeito senão em maiores doses que não estão bem determinados.

Cassia obovata de Calladon ou Senna obtusa de Roxburg.

Caracteres botanicos.

He um arbusto herbaceo.

As *folhas* são pinnadas, compostas de 4 a 6 pares de foliolos obtusos com a base desegoal, cor verde e cheiro nauseoso.

As *flores* de cor amarella pendem em cachos; o calix tem 5 sepalas; a corolla 5 petalas; os estames são livres e desegoais; e o ovario he stipitado.

O *legume* he chato, membranoso e arqueado, tem 6 a 8 sementes parecidas com as da uva.

Os foliolos desta especie denominão-se *senne de folhas obtusas, senne de Aleppo, senne de Italia e senne dos pobres.*

Os *fructos* denominão-se folliculos, purgão mas em menor grao que os foliolos.

Cassia elongata ou lanceolata.

Esta especie que actualmente abunda na costa do Coromandel, era por Roxburg reputada indigena (21), dizendo Graham te-la encontrado no Guzerate (22), opinião de que não

---

21 *Roxburg.* Citado por Waring. Medical plants of India pg. 242.

22 *Graham.* Catalogue of Bombay plants. pg. 62.

discrepa o sr. Drury (23); Dabzell e Gibson afflrmão te-la visto no Sindh(24).

O sr.s Royle, Waring (25) e quasi todos os mais escriptores da India, querem que esta especie seja exotica e apenas acclimada em Tinnevely pelo cuidado do sr. Hughes, e nascida das sementes da cassia elonganta, que se encontrão no senne da Arabia.

Os foliolos desta cassia constituem o *senne da India, senne de Madrasta de Tinnevely e de Saharempore*, os quais são todos uma e a mesma coisa.

Os sr.s Merat, e Guibourt (26) affirmão que na India não ha senão o senne que da Arabia vem, o que não he exacto.

Analyse chimica dos sennes.

O sr.s Lassaigne e Tençulle analysárão o senne de paltha e encontrárão.=chlorophilla=oleo gorduroso—oleo volatil em pequena porção —uma pequena porção de albumina—substancia extractiva que considerão o principio activo do senne e que denominarão *catharthina* —um principio corante amarello— substancia mucosa —malato e tartarato de cal—acetato de potassa= e sais minerais (Guibourt).

Acção physiologica.

O senne he de desagradabilissimo sabor e produz nausea tal que por vezes he vomitado.

Tres a cinco horas depois de ingerido ha grande revolução nos intestinos, manifestando-se evacuações que no principio são feculentas, mas serosas depois da 3.a evacuação.

Parece-me pois que o senne não augmenta só o movimento peristaltico, como quer o sr. Trosseau(27), tãobem activa as secreções das glandulas que existem nas paredes do tubo intestinal.

Não tenho tãobem notado que este purgante cause colicas, mais frequentemente do que qualquer outro da mesma força.

O senne purga sem deixar o ventre constipado o que não succede com a maioria destes agentes.

Durante a lactação o uso de senne communica ao leite propriedades purgativas.

Petit disse que as folhos applicadas em fomentação sobre o ventre, tãobem purgão. (28)

Por muito tempo se julgou que a catharthina era o principio activo do senne, o sr. Herlein provou que não, porque tendo ingerido 4 escropulos cada um com intervallo de uma hora, nada sentio. (29).

---

23 *Drury*. Indian flora, tom. 1.o art-cassia elongata.

24 *Dalzell an Gibson*. Bombay flora: Supl. pg. 29,

25 *Royle*. e Headland. Mat med. 4.a ed. pg. 333.

26 *Merat et Delens* Log. cit.
Guibourt. Log. cit no-art. senne—da 3.a ed.—na 4.a ed. vem rectificado o erro.

27 *Trousseau et Pidoux*. Mat. med. 1858—tom 1.o pg. 714.

28 *Petit*. Citação de Copland. Dictionary of medicine—art—constipation

29 Herlein. Citado por Waring. Manual of practical therapeutics.—art—senna.

Emprego therapeutico.

A antiguidade sectaria quasi toda do humorismo, variava de purgante conforme o humor que era necessario evacuar e segundo o orgão que padecia.

Por isso o purgante que mais vezes se administrava era o senne, o qual evacuava todos os humores, actuava sobre todos os orgãos e não tinha contraindicações.

Zacuto Lusitano magnifico interprete da medicina classica, diz, que o senne purga principalmente, o coração, figado e pulmão, produzindo a agudeza dos sentidos e a alegria, e conservando o corpo são e juvenil (30).

Actualmente sem se lhe conceder tão mirificas propriedades, emprega-se frequentemente, por ser um dos evacuantes mais certo na acção, sem purgar demais, e sem deixar constipação de ventre.

He indicado todas as vezes que seja preciso um purgante efficaz.

As doenças em que mais se recommenda são: o *embaraço gastro-intestinal* e a *dyspepsia* acompanhada de constipação de ventre.

Na *ictericia* e *hyperemia* do *figado* o beneficio proveniente do seo emprego he indubitavel, e se as incriveis doses de massa azul e hydro-infuso de senne forão justamente fulminadas pelos pathologistas dos tropicos, por causa do numero de victimas a que derão occasião; he necessario lembrar que ohydro infuso de senne quando administrado cuidadosamente, he ainda um valioso recurso nestes padecimentos.

Parallello dos sennes descriptos.

Senne de folhas obtusas.

Fallopio e Willemet (31) tinhão este senne como superior aos outros, opinião que se não pode justificar pela actividade, que neste senne he menor do que nos outros, sendo necessario augmentar num quarto a dose, quando se queira obter egoaldade de effeito; como porem he extraordinaria a sua abundancia, o seo preço he insignificante, e o augmento não prejudicará senão os sentidos do doente: he um precioso recurso para a clinica dos pobres que desculpão qualquer despraser quando disto lhes resulte economia no numerario.

Senne da India.

Os foliolos que compoem este senne são lanceolados, de pollegada e meia de comprimento e meia de largura, quando são recentes teem cor verde-clara, mas esta com o tempo passa a amarella e por ultimo escurece, o cheiro he acido e agradavel; raras vezes tem folliculos este senne.

Como dissemos, este senne he producto da mesma planta que dá o senne da Arabia, o augmento que se nota nas folhas provem do cuidado com que he cultivado.

---

20 *Zacuto Lusitano*. Log. cit. distinc. 3.: cap. 6.°

31 *Fallopio*. De simpl. pur. cap. 59. citado por Muray.

Villemet. Essais sur qnelques plantes indigens medicinales, pg. 28.

Este senne he hoje um valioso artigo de commercio sendo exportado em grande quantidade para a Europa onde he muito apreciado; em 1843-44 exportárão-se 11536 libras e desde então a exportação augmenta annualmente em Madrasta.

Era por isso bem digna de ser introduzida esta nova cultura na India Portugueza.

O senne da India he um dos melhores, no dizer dos srs. Twining, Royle, Christison Thomson e Searle (31); he efficaz, suave na sua acção, e obra em peqnenas doses sem causar nauseas nem colicas.

Formas e doses.

Em *pó* dá-se na dose de vinte a cento e cincoenta grãos: he má forma.

O *hydro-infuso* dá-se de uma a tres onças.

Em *xarope* ás crianças até uma oitava.

Em *alcooleo*, até tres oitavas.

O *hydro-infuso* he o melhor preparado, disfarça-se-lhe o gosto misturando-o com caffé: o mesmo hydro-infuso misturado com leite e adoçado, he perfeitamente bebido pelas crianças, que o não differenção de cha com leite.

(Continúa).

31 Vide Royle e Headland. Log cit.

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 33.)

ALIMENTOS [Continuação]

NACHINIM (*Eleusine Coracana.*)

Em hindustani——*Raggee*--*Natchenee*
tamil——*Kayvaroo*--*Kelwa-ragoo*
telegu——*Sodee* ou *Ponassa*.
canará——*Raggee*

Este cereal he cultivado em limitada extensão no Canará do Norte, tanto acima, como abaixo dos Gates. Era geralmente semeado nos cumerins [roças), e desde a abolição dos cumerins, o seu producto tem diminuido muito.

O seu preço he mais baixo (quasi metade) que o do arroz, e o grão he geralmente comido só pelas classes mais pobres.

E todavia contem muito mais materia nutritiva do que o arroz, e dá pouco mais ou menos 18 por cento de materia azotada.

Em virtude de sua comparativa barateza, e potencia nutritiva, o nachinim nos districtos, em que se dá, pode com vantagem ser substituido ao arroz, nas prisões. Tentou-se, haverá poucos annos, introdusi-lo nas prisões do Canará do Norte, mas não pode ir a effeito pelo quererem substituir logo de repente, e não gradualmente ao arroz, mantimento antes usado. A cultura do nachinim he mui rendosa, e dá pouco trabalho.

MILHO GROSSO (*Sorghum vulgare*)

Em inglez——*Great Millet*
hindustani——*Jowar*
tamil——*Cholum*
telegú——*Janoo*
canará——*Jole*

He cultivado, mas não mui extensamente, no Canará do Norte, prin-

cipalmente acima dos Gates, e não he muito usado como mantimento pelos habitantes. Contém pouco mais ou menos 15½ por cento de materia azotada; e he por tanto alimento mais forte que o arroz, e menos que o nachinim. He seara que produz mais de cem sementes. A palha he bom mantimento para cavallos, e outros animaes.

BAGERI [*Pennicillaria spicata*).

Em inglez——*Spiked Millet*
hindustani——*Bajree*
tamil——*Cumboo*

He cultivado acima dos Gates em Sircy e outros concelhos. He um grão de valor nutriente intermedio ao milho grosso e arroz, contendo quasi 14 por cento de materia azotada.

Diz-se que he facil e lucrativa cultura, mas he pouco usado para mantimento.

TRIGO [*Triticum aestivum*)

Em inglez——*Summer Wheat*
bengali——*Gom*
hindustani—*Giood*
tamil——*Godumbay Arisee*
telegú——*Godoo malvo*

O trigo he escassamente cultivado no Canará do Norte. Se houvesse mais procura, poderia facilmente extender-se a sua cultivação, porque ha no concelho de Supem muita e boa terra propria para isso.

O trigo contem 17,24 por cento de materia azotada, e he por tanto muito mais nutriente do que o arroz, milho grosso, e bageri.

MILHO D'ITALIA [*Pannicum italicum*).

Em inglez——*Italian Millet*
tamil——*Tenney*
telegú——*Coralvo*
canará——*Nera Ackie—Samee Ackie*

Dá-se em alguma extensão no Canará do Norte, acima dos Gates, ainda que não tanto que dê lucro. He um grão agradavel, de poder nutriente consideravel, e cosido em leite forma uma agradavel e propria dieta para doentes. Outras especies de *Pannicum (milliaceum e frumentaceum)* que possuem as mesmas propriedades do *Italicum*, dão-se tambem acima dos Gates.

MILHO [*Zea Mais*)

Em inglez——*Indian Corn*
hindustani—*Mokka*
tamil——*Mukka Chelum*
telegú——*Makka jonnalu*

He cultivado no districto, principalmente abaixo dos Gates. He seara mui productiva, que dá muitas vezes quinhentas sementes. Semea-se geralmente depois das chuvas, e está prompto para a sega na estação quente. O milho possue quasi o mesmo poder nutritivo do trigo, e parece ser ainda de mais facil digestão. Preparado de varios modos, mas especialmente com leite, forma excellente alimento para crianças e doentes, particularmente em certas formas de dyspepsia.

Este cereal podia ser com grande proveito largamente cultivado para exportação; e sua introducção entre os naturaes da India como base do alimento em vez do arroz, seria de grande beneficio ao povo e ao paiz.

A cultura de todos os cereaes podia com grande vantagem extender-se muito no Canará do Norte, que he capaz de produzir seis vezes tanto como agora produz, sem prejuizo das outras culturas. O grande obstaculo que a isso se oppõe, he a falta de trabalho, e a escacez da população he tambem a primaria causa da insalubridade, que parece vai crescendo no districto. Seria vantajoso ás rendas, e á prosperidade geral do paiz, que o governo animasse a emigração de grande copia de

gente das classes laboriosas dos districtos excessivamente povoados para o Canará do Norte, e outras partes, em que a população he deficiente. Evitar-se-hia assim a indigencia, que procede da excessiva população em certas partes, em quanto em outras se daria impulso a empresas agricolas. Desta maneira crescendo a população, e a consequente cultura, as enfermidades peculiares aos mattos desappareceriâo, ao menos em grande parte. Muitos lugares de Inglaterra, onde em tempo eram constantes as febres agudas, são agora contados entre as partes mais sadias do paiz. A mudança operou-se inteiramente pela cultura. As mesmas leis geraes da natureza regulam em todas as partes do mundo.

DOLICHOS UNIFLORUS.

Em inglez——*Horse gram plant*
tamil ——*Kolloo*
hindustani—*Koointee*
telegu-- ——*Wolla—Walloo*
canará ——*Hoorolie*

He facilmente, ainda que escassamente cultivado no Canará do Norte, onde em geral produz abundante colheita. He usado no sul da India como mantimento para cavallos, mas á semelhança da cevada he tambem excellente alimento para o homem, porque contem, como todos os legumes, uma forte proporção de materia azotada. He um pouco usado por mantimento pelos naturaes de algumas partes da India, a quem a natureza ensinou a accrescentar á sua dieta de arroz uma substancia mais nutriente.

A cultura desta planta podia com grande vantagem extender-se, assim para consumo da gente, como para exportação.

CICER ARIETINUM.

Em inglez ——*Common Chick Pea* ou *Bengal Gram*
industani ——*Chenna*
tamil ——*Caddalay*
telegu ——*Sanegaloo*
canará——*Cudlay*

Esta planta, que he bem conhecida nas partes do norte da India, he cultivada em pequena extensão acima dos Gates, e raramente abaixo. Forma com o *Dolichos uniflorus* excellente mantimento para cavallos como para o homem, e contem muita materia azotada.

Dá acido oxalico em consideravel quantidade, e he por tanto impropria para alimento dos que são predispostos a padecer, ou padecem já calculos dos oxalatos.

Os naturaes de algumas partes da India lançam pannos sobre a planta pela manhã cedo para apanhar o orvalho, que della escorre, e assim fica o panno impregnado de acido, e depois o expremem em baciar, e esse liquido forma uma bebida refrigerante muito estimada do povo. Tambem he usado em lugar de vinagre.

CAJANUS INDICUS.

Em inglez——*Pigeon Pea*
hindustani—*Toor*
tamil ——*Shovary*
telegú——*Candaloo*
canará ——*Tangeree Belay*
concani——*Thoseelus Gudda*

Esta planta, que dá o bem conhecido *dhall*, vegeta acima dos Gates no Canará do Norte. He um dos mais valiosos mantimentos vegetaes dos naturaes da India, contendo larga proporção de materia nutriente. Todavia he geralmente tão pouco usada, que não pode ter effeito notavel sobre a condição physica do povo. A sua cultura tambem se podia extender no Canará do Norte, aonde largos tractos de terra estam ainda maninhos. Formaria um importante artigo de exportação.

PHASEOLUS MUNGO.

Em inglez——*Green Gram*—*Black gram*
bindustani—*Mung*
tamil——*Oolandoo*
telegú——*Woothoolòo*—*Pasalu*
canará——*Atchá Yassavoo*

Cultiva-se agora extensamente ao Canará do Norte, na estação quente, ou depois das chuvas. He geralmente semeado nas terras de arroz, depois da colheita deste. A' semelhança dos outros legumes he mui bom alimento. Exporta-se em consideravel extensão para Bombaim, e outras partes da costa, e he muito procurado para Burmah, Mauricia, Bengala, e outros paizes, para onde, se fosse mais largamente cultivado, seria exportado.

Outras variedades de *Phaseolus*, que não parecem ser especies distinctas, são cultivadas no districto.

LABLAB VULGARIS.

Em bengali——*Bunslum*
tamil——*Mutche*
telegú——*Anoo mooloo*
canará——*Avarie*—*cai*

Duas variedades pelo menos deste legume são cultivadas no Canará do Norte, aonde he geralmente semeado como o *Phaseolus* nos campos de arroz, depois da colheita deste. A' semelhança de todos os legumes aproxima-se no valor nutritivo msais da carne do que outra qualquer classe de vegetaes; e por tanto deve constituir uma larga parte da dieta dos que só se alimentam de vegetaes.

Os legumes deviam entrar em larga proporção na ração de nossas tropas indigenas quando estam em serviço, ou em qualquer outro tempo, em que são providas de mantimento pelo comissariado. Com esta dieta aguentariam dobrada fadiga do que o podem fazer com a dieta de arroz, e ficariam menos dispostas ás enfermidades de debilidade, que devastam tanto as nossas tropas, especialmente em campanha. Os eremitas dos antigos tempos, que por penitencia, se limitavam á mais simples e escassa dieta, com que a vida se pode manter, sabiamente escolhiam as ervilhas ou as favas, que ministram o dobro ou o triplo da nutrição de muitos vegetaes. Poucas mãos cheias de ervilhas ou favas seccas bastavam para suas diarias necessidades, ao mesmo tempo que para reparar as perdas com outros vegetaes seria mister muito maior quantidade.

He bem sabido quão depressa um cavallo emagrece quando he sustentado só com bate e erva, e quão rapidamente engorda quando come legumes. O homem requer alimento muito mais azotado, quando vive inteiramente de vagetaes, porque as perdas do seu systema, e o material para seu crescimento, devem naturalmente ser suppridos por alimento mais nutriente do que o que dá o reino vegetal, isto he, o derivado do reino animal. Ao *Roastbeef.* dos antigos Ingleses he devido em grande parte o vigor physico, e diremos ainda, o mental de seus filhos; asim como á dieta de arroz dos Hindus he devida em grande parte sua languidez geral physica e mental. Grande differença se observa neste particular ainda entre as altas classes dos Hindús, e os Musulmanos abastados. Se o maior numero dos naturaes da India continuarem por effeito dos prejuizos da casta a viver de dieta vegetal, teremos o gosto de ver os legumes e outros vegetaes azotados mais extensamente cultivados e usados.

(Continúa)

PHARMACIA

Limonada de citrato de magnesia;

Sua preparação com o citrato de magnesia crystallisado;

Pelo sr. Morelli.

Citrato de magnesia cristallisado.	45 gram.
Carbonato de soda (bi).	5 «
Xarope de casca de limão.	50 «
Agua.	400 «

Solva o citrato na agua, junte o bi-carbonato, e a final o xarope.

O sabor do citrato de magnesia crystallisado é fortemente acido. O bi-carbonato de soda é destinado a neutralisar a maior parte do acido em excesso, e por conseguinte a tornar o sabor da limonada mais agradavel.

Citrato de magnesia crystallisado:

Recommendado para a preparação da limonada de citrato de magnesia;

Pelo sr. Morelli.

Acido citrico cristallisado	1400 gram.
Hydro-carbonato de magnesia.	660 «
Agua.	550 «

Misture estas substancias n'uma terrina.

Forma-se uma pasta liquida, que se entumece pelo desenvolvimento do acido carbonico. Mexe-se de tempo a tempo, e quando o desenvolvimento do gaz cessa, a massa adquire rapidamete aspecto crystallino, como se fosse assucar humido. Resta só deixal-a seccar ao ar livre.

Esta massa salina é formada por pequenos crystais, que se solvem rapidamente em quatro vezes o seu pêso d' agua. Aproporção da magnesia, indicada na formula, é dois terços da necessaria para neutralisar o acido

O acido e a magnesia empregados, devem ser o mais puros possivel.

(*Revista de Ph., do Porto*).

VARIEDADES

Excellente receita de tinta preta para escrêver.

« Galhas (*Maifor* (a). . .	4 onças
« Mirabolanos (Ardás (b) escolhidos.	12 «
« Limalha recente de ferro	4 «

Contunda as duas primeiras especies, e infunda tudo em seis libras de sumo de cajú, e junte-se meia onça de gomma arabica, e uma dita de assucar-pedra (candi); tape-se e deixe-se um mez em infusão; decante-se e côe-se depois. Teremos pelo preço de hum xerafim duas garrafas de boa tinta de escrever, que depois da tinta da china será mais inde-

(a) *Maifôr* é o nome por que em Gôa são conhecidas as galhas.

(b) *Ardás* assim se denominam na India os mirabolanos.

level que qual quer outra que por ahi apareçe; por que o ferro em contacto com o acido galhico e o sumo de cajú alem de tornar a tinta preta, fal-a mais indelevel que a mesma tinta, quando o mesmo acido da verdadeira nós de galha se combina com o ferro.

Goa E. N.

Relatorio, acompanhado da Relação dos objectos enviados á commissão central de Lisboa, directora dos trabalhos preparatorios para a exposição universal de 1867 em Pariz, pela commissão do Estado da India Portugueza.

Recebemos e agradecemos o relatorio, com a epigrafe acima mencionada, que nos offereceu a Commissão encarregada, na India Portuguesa, de receber e enviar á Commissão central de Lisboa os productos d'esta colonia que devem ser mandados á exposição Universal de Pariz, em 1867.

Os cavalheiros que compõem a commissão, são os Sr.s José Antonio de Oliveira, Felipe Nery Xavier e Antonio Lopes Mendes.

Com quanto a epocha não fosse a mais propria para a aquisição de muitos objectos, que mereceriam figurar na exposição, todavia os laboriosos e incansaveis membros da commissão poderam ainda faser uma remessa de 617 exemplares, alguns d'elles de merecimento, e que não deixarão de ser bem aceitos em Pariz.

Descripção do Coqueiro, Arequeira, Arrôz, e Moedas de Goa, por Felipe Neri Xavier.

O incansavel e intelligente escriptor de Goa o Sr. Felipe Neri Xavier acaba de offerecer ao publico mais uma publicação importante, tal é a que menciona a epigrafe d'este artigo.

N'um folheto de cento e tantas paginas, descreve minuciosamente os muitos e variados usos que n'este paiz se faz da palmeira, arvore, inquestionavelmente, a mais util e mais genorosa para a humanidade, a quem fornece *vinho, azeite, vinagre, dôce, e mantimento;* alem d'isso figura em muitas festas gentilicas; dá os materiaes necessarios para formar uma caza, e para pôr uma embarcação no mar á vela sem pedir auxilio a nenhuma outra arvore. Bem merece o epitheto que lhe dão, de--Rei dos vegetaes.

E' um artigo interessante e digno de ser lido com attenção. A este, seguem-se outros artigos, não menos curiosos sobre a *Arequeira,* o *Arrôs,* e *Moedas de Goa.*

No folheto reunio tambem as noticias que alguns jornaes e livros teem dado dos mesmos objectos.

E' um trabalho de merecimento e que faz honra ao seu auctor.

Agradecemos-lhe o exemplar que se dignou offerecer á Redacção deste jornal.

A. Gomes Roberto.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — ANTONIO GOMES ROBERTO.

Numero 38 Fevereiro de 1867 4.º Anno

LIÇÕES DE METEOROLOGIA.

POR

JOÃO STUART DA FONSECA TORRIE,

professor interino

Da Cadeira de Principios de Physica, Chimica e Historia natural, de Goa

LIÇÃO 5.ª

Continuação dos hydrometeoros.

1.º—*Nevoeiros*—2.º *Circunstancias da sua formação*—3.º *Modificadores*—4.º *Exemplo de um nevoeiro aquoso*—5.º *Nevoeiros seccos e hypotheses*—6.º *Exemplo dum nevoeiro secco*—7.º *Nuvens*—8.º *Formas*—9.º *Altura*—10.º *Estado da agoa nos nevoeiros e nuvens*—11.º *Suspensão das nuvens*—12.º *Theorias da formação dos nevoeiros e nuvens*—13.º *Acção*—14.º *Chuvas*—15.º *Instrumentos de avaliação*—16.º *Theoria da sua formação*—17.º *Modificadores*—18.º *Chuvas diversas*—19.º *Acção*—20.º *Neve, formas, côr e quantidade*—21.º *Acção*.

A liquefacção e suspensão do vapor aquoso no ar, destroe-lhe a transparencia formando *nevoeiros* proximo do solo e *nuvens* em regiões mais elevadas.

Quando a agoa da atmosphera se solidifica denomina-se *neve*.

1.º

Nevoeiros

Os nevoeiros são formados de vapores que estão em contacto com o solo e perturbão a transparencia do ar: dividem-se em *aquosos* e *seccos*, divisão esta pouco rigorosa e talvez mesmo impropria, e que nós só conservamos attenta a indole elementar do escripto.

2.º

Circunstancias em que se formão os nevoeiros aquosos.

Quando o solo está humido e mais quente que o ar, quando está mais frio e sopra vento quente e humido, nos rios quando o vento proveniente das margens tem uma temperatura quatro graos menor que a da agoa; ás vezes desce já formado do alto sobre o solo.

3.º

Modificadores.

Os nevoeiros aquosos são mais frequentes sobre o mar do que em terra, mais nos climas frios que nos quentes e mais de noite que de dia.

4.°

Exemplo de nevoeiro aquoso notavel.

Entre 27 de dezembro e 2 de janeiro de 1814 houve em Londres um dos mais densos nevoeiros de que ha noticia, era tal a cerração que se illuminavão as ruas e casas de dia, não havia nem a mais leve aragem, e o calor era extremo: o mesmo nevoeiro em Westephalia foi impellido pelo nordeste de encontro ás arvores onde gelou, derrubando pelo peso arvores collossais. (1)

5.°

Nevoeires seccos, hypotheses sobre a sua origem.

Os nevoeiros seccos não teem humidade, não se formão nas mesmas circunstancias que os aquosos, e exhalão por vezes cheiro nauseabundo.

Nada se sabe de positivo sobre a origem deste meteoro, para uns são gazes emanados do interior da Terra, ou provenientes dos vulcões; para outros são gazes produzidos pela continuada combustão que se opera á superficie do globo; ha quem os repute caudas de cometas, e até como *aereolithes* ou *bolides* queimados.

6.°

Exemplo de nevoeiro secco notavel.

Em 1348 appareceo na Italia um notavel nevoeiro secco, vindo da Asia, á sua apparição manifestárão-se varios terremotos; o cheiro que exhalava era tão desagradavel e nocivo que muitos desfallecêrão, morrendo outros logo depois de o inspirar; ao mesmo tempo declarou-se a peste. (2).

7.°

Nuvens.

As nuvens são formadas como os nevoeiros de vapor aquoso condensado, differem dos nevoeiros pela sua elevação e por serem algumas formadas de agoa congelada.

8.°

Formas.

As nuvens assumem variadissimas formas, sendo typos os *cirrus*, *cumulus*, *stratus* e *nimbus*.

Os *cirrus* parecidos com delicados flocos brancos, são as nuvens mais elevadas; teem relação com as auroras boreais e precedem quasi sempre o bom tempo.

Os *cumulos* de contornos arredondados, são acinsentados no centro e por vezes brancos nos bordos, são frequentes no verão e pelas manhans, dissipando-se para as tardes.

Os *stratus* estão dispostos em camadas de menor altura que os cumulus: são frequentes de tarde ao pôr do sol e dissipão-se de manhan.

Os *nimbus* cinsentos ou negros são nuvens pesadas, e tão grandes que podem cobrir todo o firmamento; annuncião chuva, produzindo-a ás veses logo que se formão.

Destas formas typos se derivão as mixtas tais como, o *cirro-cumulus*, etc.

---

1 *Annals of philosopty*, tom. 3.° pg. 154 e 237.

2 *Hecker Epidem.* mid. ages.

9.°

Altura.

As nuveus podem tocar o solo e estarem elevadissimas: o dr. Brewer crê que sem exagerar se pode dizer que ha nuvens cuja altura sobre o solo excede a 50000 metros (3).

10

Estado da agoa nos nevoeiros o nuvens.

Nos nevoeiros a agoa existe em forma de pequenas particulas redondas e opacas.

Os sr.s Halley, de Saussure, Kratzenstein e Kaemtz (4) dizem que as particulas são globulares, cheias de ar saturado e sufficientemente leves para fluctuarem no ar: a agoa neste estado denominar-se-hia *vapor vesicular*, e as vesiculas terião segundo o sr. Kaemtz, 0,m0224 de diametro, termo medio.

Os sr.s Desaguillier, Monge, Daguin, Ganot, Brewer e outros (5), affirmão que a agoa dos nevoeiros está em forma de pequenissimas particulas homogeneas, as quais ficão em suspensão pelo seu pouco peso, como succede aos pós que no ar se encontrão.

Nas nuvens a agoa existe no mesmo estado que nos nevoeiros, exceptuão-se porem os cirrus nos quais a agoa está congelada: estado este verificado pelos aeronautas e que se deduz da altura em que estão, e dos phenomenos opticos que nelles se produzem e que doutro modo se não explicarião facilmente, como ja mostramos ao tratar da optica.

11.°

Suspensão das nuvens.

As nuvens estão suspensas por causa da extrema divisão das partes componentes; por causa das correntes ascendentes que se notão na atmosphera; os ventos que soprão por baixo das nuvens tãobem concorrem para a suspensão, e bem assim a repulsão electrica entre a Terra e as mesmas nuvens.

Não ha explicação satisfactoria para a suspensão dos cirrus.

12.°

Theoria da formação dos nevoeiros e nuvens.

O arrefecimento do ar he a causa dos nevoeiros e nuvens: este arrefecimento produz-se de diversos modos; havendo em geral o encontro de correntes de temperaturas diversas, do qual resulta a saturação do ar e em seguida a condensação do vapor que restou depois da saturação.

A applicação ás diversas circunstancias em que se formão estes meteoros servirá de elucidação.

Quando o solo está humido e mais quente que o ar ambiente, a camada de ar em contacto com o solo aquece e eleva-se na atmosphera, mas como ahi encontra ar mais frio, ha

---

3 *Brewer. Clef de la science* pg. 235.

4 Veja-se *Thomson Metereology*, *Leslie. Metereology*, *Kaemtz.* Log. cit. etc.

5 Veja-se *Daguin. Logcit*, *Ganot Physique* e *Brewer Clef de la science.*

arrefecimento, saturação e em seguida a condensação do vapor o que constitue o nevoeiro.

Quando um vento quente e humido encontra uma superficie fria, ha do mesmo modo esfriamento e nevoeiro.

Nos rios succede o inverso, a baixa de temperatura he produzida pelo ar mais frio que a agoa, que sopra das margens.

As nuvens que se formão pouco antes do pôr do sol são devidas ao esfriamento que no ar se opera, e por isso augmentão de noite dissipando-se de manhan.

No cimo dos montes a teperatura he menor que nas faldas, e por isso he no topo que se formão as nuvens, por que o ar ao chegar ahi arrefece.

Varios meteorologistas querem que a electricidade represente um papel importante na formação dos nevoeiros e nuvens.

13.º

Acção dos nevoeiros e nuvens.

Os nevoeiros pela abundante humidade que tem são favoraveis ao desenvolvimento dos vegetais, oppõem-se á irradiação do solo &c.

As nuvens são os nossos grandes reservatorios da agoa, tempérão os ardores do sol e tãobem se oppoem á irradiação do solo.

São bons meios de conhecer a direcção dos ventos das regiões superiores da atmosphera e as mudanças de tempo.

14.º

Chuva.

A chuva he a precipitação da agoa existente nas nuvens, quasi sempre provem dos nimbus, ás vezes dos cumulos.

15.º

Instrumentos de avaliação.

Os instrumentos que servem para avaliar a espessura da camada de agoa produzida pela queda da chuva em qualquer logar denominão-se *udometros*, *pluviometros ombrometros* ou *hyetometros*, os mais usados são os *udometros* de *Babinet e Flaugergues*.

16.º

Theoria da formação da chuva.

O esfriamento das nuvens faz com que se formem gottas que se não podem por demasiadamente pesadas conservar em suspensão e por isso cahem em forma de chuva.

As causas do arrefecimento do ar são as correntes atmosphericas e especialmente o vento, ha tãobem quem explique a formação da chuva pela intervenção da electricidade.

Em 1787 o dr. Hutton publicou a sua theoria da formação das chuvas, illustrada depois por sir John Leslie (6): nesta theoria a chuva attribue-se ao encontro de massas de ar em estado de saturação e temperatura differente; a massa resultante tendo uma temperatura media, ha de forçosamente haver precipitação da agoa ou chuva.

Esta theoria do dr. Hutton explica as rapidas formações dos nimbus, e as chuvas inesperadas, mas não serve nos varios casos d'um meteoro tão frequente.

6 *Leslie. Essays on meteorology art. rain.*

O sr. Babinet (7) diz que quando o vento encontra um obstaculo, ha uma elevação do ar em movimento analoga a do aziete hidraulico, da elevação resulta o arrefecimento e deste a queda em forma de chuva, de todo o vapor que excede a quantidade necessaria á saturação.

Por esta theoria se explicão muitas circunstancias ligadas a este meteoro, assim, pelo obstaculo apresentado pelas costas, se entende o como os ventos do mar dão chuva quasi sempre, e o como o vento precede em geral a chuva, etc.

O sr. Trail (8) crê que a electricidade intervem na formação deste meteoro, e que para se manifestar basta que cesse a repulsão que existe entre as diversas particulas que compoem as nuvens, porque o resultado será a união das mesmas particulas constituindo gottas de agoa que pelo proprio peso se hão de precepitar.

17.º

Modificadores da quantidade.

Tudo que modifica a temperatura altera a quantidade de chuva.

Latitude.

Entre os tropicos, em terra firme, a chuva está sugeita a uma periodicidade annual regular, dividindo-se o anno em *estação chuvosa* e *estação secca*; coincidindo a primeira com a existencia do sol no zenith e a segunda com a estada do mesmo astro no lado opposto do equador.

A explicação do phenomeno segundo o sr. de Humboldt he a seguinte: o sol aquece mais a zona torrida no hemispherio em que está e por isso ha affluxo do ar do polo do mesmo hemispherio, e ar do equador, ha pois encontro de correntes de ar, uma fria e a outra quente, o que produz uma abundante precipitação de chuva; no outro hemispherio o ar encontra regiões cada vez mais quentes e por isso a estação he secca.

As chuvas da India explicão-se bem pela theoria do sr. Babinet: na costa occidental a chuva apparece com a monção do S. O., o vento encontra os Gates e esfriando ao elevar-se produz abundante chuva; na costa oriental a estação das chuvas he produzida pela monção do N. E, mas como as montanhas são menos escarpadas, as chuvas são menos abundantes, no interior ha logares onde raras vezes chove e outros que participão das chuvas devidas ás duas monções.

Sobre o mar nas regiões tropicais as chuvas não existem na região dos ventos *alisados* o ceo está sempre sereno; na região das calmas chove frequentemente.

Sahindo dos tropicos cessa a regularidade das chuvas.

A latitude influe poderosamente na quantidade annual de chuva: em geral pode dizer-se que a quantidade diminue com o augmento da latitude: nas regiões tropicais cahe ás vezes mais agoa n'um dia do que

---

7 *Babinet Eletudes etcetures sur les sciences d'observation*, tom. 2.º, pg. 209

8 *Trail* Physical geography art. rain.

fora dos tropicos n'um anno: Os outros modificadores explicão as excepções desta regra.

Altitude.

A quantidade de chuva cresce com a altitude, as excepções são devidas aos outros modificadores.

Montanhas.

Pela theoria do dr. Babinet concebe-se bem a importancia deste modificador.

Na Europa os logares situados a sul ou sodoeste das cordilheiras são chuvosos; os ventos sul e sudoeste são humidos e encontrando este obstaculo produzem chuva.

Como vimos a differença na quantidade de chuva que ha nas Costas do Malabar e Coromandel liga-se ao maior ou menor obstaculo das montanhas.

Mares.

A visinhança do mar concorre para o augmento da chuva o qne he facil de explicar pelo ar quente e humido que do mar sopra sobre a terra.

18.ª

Chuvas diversas.

Sereno.

O sereno he uma chuva muito fina, que no fim dos dias quentes e humidos cahe sem se formarem nuvens: he devido ao esfriamento do ar depois do pôr do sol.

Chuvas singulares.

Por vezes a chuva traz do ar varias substancias que lhe dão um aspecto diverso: assim se formão as chuvas vermelhas, amarellas, de lama e de animais.

Holinshed (9) diz que em Inglaterra durante o governo de Rinall choveo sangue por tres dias consecutivos: as chuvas vermelhas podem ter esta cor por causa do pollen; animais, etc.

As chuvas amarellas ou de pollen são ainda mais frequentes que as vermelhas.

Numa chuva amarella que houve ao sul da Suecia, encontrou o sr. Agardh o pollen do *pinus silvestris*.

Ha tãobem chuvas em que cahe lodo, peixes, rans etc.

Na *cyclopedia* de *Rees* lê-se que numa cidade a pouca distancia de Paris, depois de uma violenta trovoada, se encontrárão as ruas cobertas de peixes, o mysterio facilmente se solveo por que se encontrou o grande tanque dos peixes secco e tendo dentro só os grandes peixes.

Uma chuva de rans foi presenciado pelo sr. Peltier. (10)

Estas chuvas não tem explicação facil, uns dizem que as substancias se elevão na atmosphera por ventos e outras correntes, outros que são propellidas pelos vulcões, etc.

19.ª

Acção da chuva.

A chuva alimenta os rios e fontes e fertilisa o solo pela agoa, pelo acido

---

9 *Holinshed*. Hol. chon. tom. 1.º pg. 14.

10 *Peltier*. *vide*. *Atheneum*, 1843 pg. 923.

carbonico, ammoniaco, etc. que contem.

Onde ha chuva ha abundancia, onde falta, tudo he arido e grande a penuria.

20.º

Neve, formas côr e quantidade.

A neve he a agoa das nuvens que cahe solidificada.

Assume variadissimas formas sendo ás mais communs a estrellada e a hexagonal: *saraiva* ou *graniso* he a neve que ao cahir tem a forma arredondada; *gelo* diz-se da neve que cobre terra firme; *caramelo* quando existe sobre uma superficie liquida.

A neve he quasi sempre branca, ás vezes tem a cor vermelha, o que se explica pela presença das cryptoganicas *uredo nivalis* e *hematococus nivalis*, ou pela presença de varios infusorios tais como, o *philodina roseola*, etc.

A quantidade de neve annual augmenta com a latitude e altitude, de modo que assim como he constante o gelo proximo dos polos, assim ha nas altas montanhas uma *região de eternos gelos*.

21.º

Acção.

A liquefacção do gelo produz grandes quantidades de agoa que servem para alimento de rios, fontes, etc.

Evita tãobem o demasiado esfriamento do solo, sendo como he um corpo não conductor do colorico.

O vento que nas estações quentes passa pela região gelada das montanhas esfria pelo contacto, servindo depois para refrescar o ar.

22.º

Vento, direcção e velocidade.

Ventos são as correntes que na atmosphera se observão com variadas direcções e velocidades.

De todos os sentidos pode soprar o vento, convencionalmente distinguem-se oito direcções principais: o *norte, nordeste, este, sudeste, sul, sudoeste, oeste* e *noroeste*: os maritimos subdividem os intervallos destas oito direcções em quatro outras e formão assim 32 direcções a que chamão *rumos*, sendo a *rosa dos ventos* os 32 rumos traçados sobre um circulo.

A *velocidade* do vento ou o espaço que precorre num segundo he muito variavel: *vento moderado* he aquelle cuja velocidade he de 2 metros, o *fresco* tem a velocidade de 10, o *forte* de 20, o *tempestuoso* de 25 a 30 e o *vento* de *furacão* a de 40 a 45.

23.º

Instrumentos de avaliação.

A direcção dos ventos superiores conhece-se pela das nuvens, e a sua velocidade pelo espaço precorrido pela sombra das mesmas.

A direcção dos ventos inferiores determina-se por meio de instrumentos denominados *anemoscopios* dos quais o melhor he o de Piaszi Smith modificado por Saleron.

A velocidade he determinada pe-

los *amometros* de *pressão*, de *rotação* e *registradores*.

24.°

Theoria.

Os ventos são produzidos pela desegoal distribuição da temperatura na superficie da crusta do globo.

Supponhamos dois logares visinhos aquecidos desegoalmente, o ar em contacto com a superficie mais quente, aquecendo dilata-se, e eleva-se na atmosphera, produzindo correntes que vão do logar mais quente para o mais frio e são superiores: o espaço onde falta o ar aquecido he preenchido pelo ar do logar mais frio formando-se correntes inferiores provenientes do logar mais frio em direcção ao mais quente.

As causas de desegoal distribuição da temperatura são varias; forão referidas quasi todas na lição em que tratamos da temperatura.

O vento tãobem pode ser produsido por uma liquefacção rapida do vapor aquoso, como succede quando de repente se forma grande porção de chuva: a agoa no estado liquido occupa um espaço 1700 vezes menor que no estado de vapor, ha pois um vacuo que o ar proximo preenche rapidamente, havendo vento intenso.

25.°

Divisão dos ventos.

Os ventos dividem-se pela sua direcção em *variaveis, constantes e periodicos*.

Variaveis.

A irregularidade dos ventos augmenta do equador para os polos, proximo dos quais muitas vezes ha ventos soprando ao mesmo tempo de varios rumos.

Constantes.

Os ventos constantes tãobem denominados *alisados* encontrão-se nas regiões equatoriais soprando sempre na mesma direcção, isto he, no hemispherio boreal he *nordoeste* e *sudeste* no austral.

Hadley explicou do modo seguinte estes ventos (11): o maior aquecimento da zona torrida he causa de haverem correntes superiores para os polos e inferiores destes para o equador; se o globo terraqueo estivesse em quietação nada mais haveria, mas como gira sobre si as suas partes movem-se com tanta mais velocidade quanto mais proximas estão do equador; por conseguinte quando as correntes dos polos chegão ás regiões equatoriais a sua velocidade he muito menor que a do ar daquella zona, ficão atraz e estabellecem correntes em sentido contrario á do movimento da Terra, as quais são os ventos alisados.

Ventos periodicos.

Os ventos periodicos subdividem-se em *brisas* e *monções*.

As brisas são ventos que de dia soprão n'uma direcção e de noite noutra, ha *brisas* das *costas* e *brisa* das *montanhas*.

As brisas das costas de dia soprão

11 *Hadley. An historical account of trade winds and monsoons etc.*

do mar para terra e de noite em sentido contrario; a brisa da noite he mais duravel, mas menos intensa que a do dia: estas brisas explicão-se pelo desegoal aquecimento e esfriamento da terra e mar: de dia a terra aquece mais que o mar e por isso ha correntes superiores da terra para o mar e inferiores do mar para terra que constituem a brisa do dia: de noite o mar esfria menos que a terra e assim se formão correntes em sentido contrario ás do dia sendo as correntes inferiores a brisa da noite

O sr. Fournet notou nos Alpes o que depois se verificou existir noutros logares, isto he, que nas montanhas o aquecimento das partes mais elevadas sendo anterior ao do valle faz com que durante o dia haja uma brisa do valle para o topo das montanhas, e como o valle esfria mais devagar que a montanha ha de noite outra brisa em sentido contrario ao da primeira (12).

As *Monções* são ventos periodicos que seis mezes teem uma direcção e outra no restante do anno: os logares em que principalmente se observão são: o occeano indico, golpho de Bengala, mar da China etc.

Estes ventos de abril a outubro teem a direcção S. O. e de outubro a abril N. E.

A theoria das monções he esta; de abril a outubro o sol está ao norte do equador e aquecendo as vastas regiões da Asia produz uma rarefacção que he preenchida pelo vento do S. (monção do sudoeste): de outubro a abril o sol está ao sul do equador e pelo aquecimento da Africa meridional chama o vento do N. (monção do nordeste).

26.°

Ventos diversos.

Furacões, tornados.

Os furacões são ventos repentinos nos quais ha varias direcções, um movimento assencional muito pronunciado e frequentemente redomoinho; durante os furacões muitas veses chove e ha saraiva: os furacões circunscriptos chamão-se *tornados*.

O sr. Espy (13) o qual fez o estudo mais profundo que ha nesta materia explica os furacões pela assenção do ar mais quente pelo contacto d'uma superficie, ascenção que se faz verticalmente e com tal intensidade que produz as intensas correntes que constituem o meteoro.

Simoão, sirocco ou chamsim.

O simoão he um vento ardente que sopra dos desertos da Asia e Africa, caracterisado pela elevada temperatura e abundancia de areias: quando reina ha escurecimento do ar, seccura da pelle, sede ardente e acceleração da respiração e circulação: chama-se sirocco na Italia e Argel e chamasim no Egypto.

Não se conhece ainda a causa deste vento.

---

12 *Fournet*. vide Daguin Log. cit 2.° vol.

13 *Espy*. vide Daguin. Log. cit 2.° vol.

28.°

Acção dos ventos.

Conservão o equilibrio da temperatura, formão os nevoeiros, nuvens e chuvas, servem para a navegação, são purificadores do ar, conservadores da sua composição normal etc.

Conclusão

Nesta lição terminamos o que mais importava conhecer como additamento ao curso: não tratamos dos meteoros luminosos electricos porque nos livros que nos servírão de texto teem elles sufficiente desenvolvimento.

Se não fora estar terminado o curso estudariamos agora os phenomenos meteorologicos da India em geral e especialmente da portugueza, como não pode ser agora fa-lo-hemos quando em separado publicar-mos estas lições ampliadas, servindo-nos dos quadros do Observatorio Meteorologico de Goa e dos publicados pelos inglezes nas tres Presidencias.

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.° antecedente.)

ALIMENTOS [Continuação]

De fructas e hortaliças pouco se cultiva no Canará do Norte, não sabemos se por falta de curiosidade. Como esta classe de alimentos não tem grande importancia para a prosperidade do povo, ou commercialmente, ou por qualquer outro respeito, não merece extensa noticia. Basta dizer que os vegetaes desta classe, que se dão no Canará do Norte, são, a jaca (*Artocarpus integrifolia*), a banana [*musa paradisiaca*), a batata doce [*Batatus edulis*), os bendé (*Hibiscus esculentus*), o melão (*cucumis melo*], o pepino (*cucumis sativus*] , a melancia (*cucurbita citrullus,*) a abobara (*Lagenaria vulgaris*), a bringella (*Solanum Melongena*] a betarrava [*Beta vulgaris*), a batata de Goa (*Dioscorea aculeata*), o inhame [*Dioscorea alata*), o ananaz (*Annanassa sativa*), o côco (*Cocos nucifera*) mais como condimento, de que como alimento; a tapioca ou mandioca (*Jatropha Manihot*), o bilimbi [*Averrohoa Bilimbi*), a Arrowroot (*Maranta*), a Arrowroot da India oriental (*curcuma angustifolia*] , e algumas outras.

BANANA.

Destas as que requerem noticia particular são só a Banana, e a Arrowroot da India Oriental. O fructo da *Musa Paradisiaca* he muito usado por alimento em algumas regiões, taes como o Burmah, algumas partes de Africa etc. e he muito estimado em toda a parte onde he conhecido como um agradavel fructo. Seu valor nutritivo diz-se exceder o da batata. De algumas partes da India exporta-se largamente a banana passada, preparada simplesmente em talhadas, e secca ao sol. Deste fructo prepara-se uma iguaria do modo seguinte. O fructo he descascado, cortado em fatias delgadas, e exposto ao sol n'uma esteira limpa, e dá-se-lhe frequentemente volta até seccar perfeitamente, depois reduz-se a pó, e forma um alimento, que tendo perdido a maior parte da agua, que tinha quando era fresco, contem mais materia nutriente, volume por volume. Pode guardar-se por algum tempo, e preparado com leite forma um bom alimento para crianças e doentes.

Arrowroot.

A Arrowroot da India Oriental dá-se, e he cultivada em differentes partes do Canará do Norte, especialmente para as bandas do Sul, porem não em tanta extensão como podera ser. He largamente exportado de algumas partes da costa occidental, ainda que seja havida em menos estimação, que a Arrowroot das Indias Occidentaes. Prepara-se de tuberculos, que são raspados com um instrumento apropriado. As raspaduras assim obtidas são lançadas u'um vaso de agua limpa, da superficie do qual se vão tirando as impuresas á proporção que sobem. Depois de algumas horas de maceração, tira-se a massa, e põe-se em outro vaso de agua limpa, o que se repete durante quatro ou cinco dias. Os contentos do vaso são a final lançados sobre um panno estendido em varas, pelo qual passa a agua, deixando a Arrowroot a seccar, e a reduzir-se a pó pela acção do sol.

Os naturaes do districto preparam um sagú da *Caryota urens*, ou do Sagú bastardo, plantas que ambas se dão incultas nos mattos, e tambem se cultivam nas hortas.

Caffe' [*Coffea arabica*]

Em inglez——— *Coffee plant*
hindustani— *Kawa Coffee*
tamil ——— *Cappie—Cottay*
arabico ——— *Bun Kawa*
canará ——— *Cappie*

O Caffé he largamente cultivado no Canará do Norte em hortas, e em plantações especiaes, porem de um modo descuidado e negligente.

Geralmente ha alguns pés desta planta no quintal de cada pequena choupana, onde prosperam admiravelmente, se considerarmos as situações, e o pouco cuidado com que são tratados.

Nestas circunstancias cada planta adulta dá de meia a uma libra de caflé de mui boa qualidade.

As plantações no Canará do Norte são porora poucas, e não bem dirigidas, porque estam todas nas mãos dos naturaes da terra, que nem tem os conhecimentos necessarios, nem capital para levar avante a empresa com bom exito, e todavia paga bem o trabalho pelas naturaes vantagens da situação e do terreno.

Poucas partes da India, e talvez nenhuma, he mais apropriada á cultura do Caffé do que certos sitios do Canará do Norte, entre os quaes são particularmente os melhores aquelles que jazendo na visinhança dos grandes rios, e não mui distantes do mar, tem um suave declive, e terreno rico e maninho. Não pode haver maior erro do que escolher terreno ingreme, porque o terreno aravel quando desnudado do matto que o abrigava, e punha cobro á torrente das aguas, deixando de ser protegido, he lavado pelas chuvas fortes, e as plantas do caffé, quando chegam a frutificar, não acham mais que um sub-solo despojado de principios nutrientes. Nem isto se pode remediar por meio de adubos, porque todos os adubos estam arriscados a perderem-se pela mesma causa, que já destruio a riqueza da superficie do terreno, que com elles se quer supprir. E se por acaso se achar em um forte declive algum terreno com as condições desejaveis, deve-se reduzir a socalcos ao modo ordinario, posto que isto augmenta excessivamente a despesa.

Alguns auctores defendem que he melhor aproveitar uma boa situação, ainda que o terreno seja de escaço nutrimento, do que um sitio menos apropriado, mas em terreno excellente; porque o defeito no primeiro caso pode effectivamente remediar-se

por meio de adubos, em quanto que no que toca ao segundo não ha remedio efficaz. Não he nossa tenção debater agora esta questão, porque não tem applicação ao Canará do Norte, pois nas visinhanças dos rios Surrawurra, Kala Nuddee, e Suddri ha muitos sitios inexcediveis assim na exposição como no terreno.

A cultura do Caffé he uma empreza, que, em contrario da opinião geralmente recebida, demanda mais senso commum e capitaes, do que conhecimentos especiaes, e experiencia. Os plantadores veteranos acreditam todos que a experiencia he tudo, mas nós não carecemos de muitas investigações para descobrir numerosos erros, que a sua experiencia lhes ha feito commetter.

Todos sabemos quão obstinadamente todos os melhoramentos agricolas foram impugnados pela *experiencia*, que os nossos lavradores ingleses allegavam tão longa não só como a vida humana, mas até de successivas gerações. Felizmente elles proprios a final despresaram a tal experiencia, mas infelizmente para os nossos plantadores de Caffé muitos delles deram ouvidos por demasiado tempo á voz de serèa. Muitos homens, qualquer que seja o seu officio, folgam de se lisongear a si proprios com a persuasão de que a sua especial profissão ou emprego requer alguns particulares conhecimentos, que nem todos podem adquirir, ao meuos sem um laborioso tirocinio. Assim succede a muitos plantadores de caffé. Dão por impotentes os esforços dos principiantes não iniciados, e predisem immediatos desastres, derivados da falta de experiencia, esquecidos inteiramente que esses novos principiantes tem que atravessar o mesmo caminho que elles proprios já percorreram, e que se olharem para traz, irão achar que por fim de contas o que aprenderam não he cousa mui difficultosa.

Não ha muito tempo tivemos occasião de ouvir um velho plantador de caffé, cujos esforços tinham sido uma serie de desastres, aconselhar a um seu novo conhecido que de nenhuma sorte se mettesse a plantar caffé; porque, se elle com tanta experiencia nunca pudera conseguir beneficio algum, o que faria um mero principiante! Averiguado o caso soubemos que os seus desastres procediam de uma causa mui commum, de capital insufficiente. Começando com um capital de 2$ Rupias, despendeo grande parte dellas em sua propria sustentação antes que o pequeno pedaço de terra, que elle tomará para cultivar, começasse a produzir. Principiou de novo uma e mais vezes, mas sempre com capital demasiadamente escasso para poder progredir. A sua vida de plantador foi toda um desastre, e agora apresenta-se como um espantalho para afugentar os outros de tentarem a mesma empresa.

Ninguem pode levar avante uma plantação de caffé com 4$ Rupias, se houver de tirar d'esta somma as despesas de sua pessoal sustentação. Muitos empregam 4 ou 5 $ Rupias em caffé; e porque isto lhes não dá um abundante lucro alem do passadio da sua vida, disem que a cousa não rende. A plantação de caffé nunca pode ser intentada por um individuo com um capital inferior a 10 $ Rupias; mas pode-o ser mui vantajosamente por uma companhia, que empregando nisso aquelle capital, não tira directamente delle as suas despesas pessoaes. Só então podem os lucros ser bem conhecidos e avaliados.

Por exemplo um plantador trata da sua propria plantação, e inclue nas despesas os gastos com a sua pes-

soa como despezas de superintendencia, e que montam, supponhamos, a 200 Rupias por mez. Uma companhia pelo mesmo trabalho pagará a um superintendente na razão de 40 Rupias por mez pouco mais ou menos; e assim entram no ultimo caso na conta dos lucros 140 Rupias mais que no primeiro caso.

Em todas as emprezas desta especie são em proporção menores as despesas, e maiores os lucros, quanto maior he a extensão da empresa, sendo iguaes todas as outras condições. Uma plantação menor que 200 acres não pode dar mui importantes lucros. Para os que tem sufficiente capital não pode haver mais proveitosa localidade do que o Canará do Norte.

A experiencia tem levado os plantadores a variarem muito quanto á escolha de sitio proprio etc. mas algumas regras simplices nos são ensinadas pela physiologia da planta, e essas nem são difficultosas de aprender, nem de praticar.

Um terreno de mui suave declive, com solo rico de matto virgem, abrigado da força do inverno pela sua posição, ou por alamedas de arvores florestaes, he o melhor. Alguns preferem a terra vermelha, outros a denegrida; mas isso importa pouco; o essencial he que o solo seja rico, e se conserve tal. Uma e outra destas especies de terrenos se encontram no Canará do Norte, e ambas parece darem resultados semelhantes.

He necessario abundante supprimento de agua. Se o terreno ainda não foi arroteado, cortem-se as arvores e matto, transportem-se aos limites da plantação, e queimem-se em medas. Depois disso espalhem-se as cinzas pela superficie do solo. Haja cautella de não cortar as arvores, que puderem abrigar a plantação dos ventos fortes reinantes.

Se o solo não he mui rico, deve ser adubado antes de começar a plantação. As materias vegetaes em decomposição, cinza, e bosta de vacca formam o adubo mais geralmente usado. As covas para receber as plantas devem ser abertas em renques, e cada cova deve guardar a distancia de oito pés das outras; e as plantas sejam quanto for possivel bem escolhidas. As melhores são as que se mandam vír de Mercara, donde facilmente podem ser trasidas até ao mar em caixas, e embarcadas para seu destino; mas no mesmo Canará do Norte se acham mui boas plantas.

Depois da plantação as arvores requerem réga, e subsequente póda. Começam a dar fructo ao quarto anno, mas não chegam a termo de adultas antes do 8.º ou 9.º anno, em que o seu producto he o maior.

Juntamos aqui o calculo da despesa provavel de uma plantação de caffé de 200 acres, e do seu producto annual no Canará do Norte. He formado em rigorosa harmonia com os resultados já obtidos na mesma região; mas he provavel que com boa administração os lucros sejam consideravelmente maiores.

Despesa provavel de trazer á cultura de Caffé 200 acres de terra no Canará do Norte.

	Rupias.
Arroteamento de 200 acres de matto virgem.....	2$000
Abertura de 200 mil covas, tendo cada um $2\frac{1}{2}$ pés em quadrado, e $2\frac{1}{2}$ pés de fundo, a preço de dous *pie* por cada cova.....	2$084
Preço de 200 mil pés de plantas a 10 Rupias o milheiro.....	2$000
Ferramenta.....	$400
Custo da fabricação da ca-	

sa da ferramenta, da do director &	$600
Paga de um director a 40 rupias por mez durante 4 annos	1$920
Renda possivel por 4 annos, a 5 Rupias por acre ao anno	4$080
Somma total por 4 annos.	22$604

Receita provavel da cultura de caffé em 200 acres de terra no Canará do Norte desde o 4.º anno.

Pelo producto de 200 mil plantas, dando cada uma ½ libra de caffé, ao preço de 5 Rupias por *mão* de 28 libras	17$855
Desconte-se:	
Para 40 jornaleiros a 5 rupias cada um por mez 2$400	
1 Director a 40 Rupias por mez $480	
	2$880
Lucro annual	14$975

Receita provavel da cultura de caffé em 200 acres de terra do 8.º anno em diante.

Pelo producto de 200 mil plantas, dando cada uma 1 libra de caffé, ao preço de 5 Rupias por *mão* de 28 libras	35$710
Deducação annual, como acima	2$880
Lucro total annual	32$830

Fizemos a conta á paga dos jornaleiros durante todo o anno, mas o seu serviço não he necessario todo o anno na plantação: e quando alli não tem que fazer, podem ser despedidos, ou ir servir a outros plantadores. Desta maneira a despesa será consideravelmente diminuida.

As arvores geralmente começam a produzir no 3.º anno, mas como o lucro até ao 4.º anno he comparativamente insignificante, não o havemos incluido no calculo das receitas. Com tudo deve ser provavelmente mais que sufficiente para cobrir as despesas correntes do anno.

A avaliação do producto das plantas em meia libra por cada uma desde o 4.º anno, e uma libra desde o 8.º he muito inferior ao que se deve esperar. Tomámos os algarismos mais baixos que pode haver ordinariamente no districto, porque he melhor calcular os productos por baixo do que por alto.

Uma renda meramente nominal, e não a de 5 Rupias por acre, pode provavelmente ser lançada em conta, até ao tempo em que as arvores começão a fructificar.

(*Continua*)

VARIEDADES

Uma doutora

Uma joven de *Londres*, a snr.ª *Mary Walker*, depois de ter feito os mais brilhantes exames, foi, por unanimidade, doutorada na faculdade de medicina.

Ha poucos dias ainda, os estudantes de medicina viram a sua companheira, vestida de homem, visitar os doentes do primeiro hospital d'aquella capital. Vestia casaco de pelles, até ao joelho, calças pretas e chapeo baixo.

Consta que são muitos os clientes que já conta *Mary Walker*, e que tem sempre grande multidão de gente consultando-a em casa.

(*Revista de Ph. do Porto*).

Hospitaes Militares Da India Portugueza.

Mappa do movimento dos doentes tratados nos Hospitaes de Nova Goa, Damão, e Diu no anno de 1866.

NOMES DOS HOSPITAES	DESIGNAÇÕES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Somma.	
Hospital militar de Nova Goa	Existião do mez antecedente	51	67	79	41	47	60	41	67	61	95	79	68	756	4239
	Entrarão durante o mez ...	274	223	213	263	248	191	222	313	336	426	395	379	3483	
	Sahirão curados	257	208	247	256	232	208	195	315	301	436	401	343	3399	4239
	Falleceram.....	1	3	4	1	3	2	1	4	1	6	5	10	41	
	Ficão existindo.	67	79	41	47	60	41	67	61	95	79	68	94	799	
Hospital Regimental de Damão	Existião do mez antecedente	2	1	1	1	3	7	6	1	3	2	1	»	28	237
	Entrarão durante o mez...	19	14	18	19	19	27	22	17	8	14	18	14	209	
	Sahirão curados	20	14	18	17	15	28	27	15	9	15	19	11	208	237
	Falleceram	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	
	Ficão existindo..... ...	1	1	1	3	7	6	1	3	2	1	»	3	29	
Hospital Regimental de Diu	Existião do mez antecedente	4	6	2	1	»	1	2	6	3	8	7	4	44	265
	Entrarão durante o mez..	17	8	11	7	6	13	18	24	36	29	28	24	221	
	Sahirão curados..... ...	15	12	12	8	5	12	14	27	30	30	31	27	223	265
	Falleceram	»	»	»	»	«	»	»	«	1	»	»	»	1	
	Ficão existindo	6	2	1	»	1	2	6	3	8	7	4	1	41	

Fallecerão no Hospital de Goa 41 doentes.
O numero dos fallecidos está para o dos curados : :1:82.
No Hospital de Damão não houverão fallecidos.
No de Diu falleceu 1 doente
O numero dos fallecidos está para o dos curados : : 1:223.

POSTO METEOROLOGICO NA ESCOLA MATHEMATICA E MILITAR

DE NOVA-GOA.

Quadro comparativo da quantidade de chuva, durante os ultimos quatro annos.

Mezes.	Annos. 1863. Mil.	1863. Pol.Port.	1864. Mil.	1864. Pol.Port.	1865. Mil.	1865. Pol.Port.	1866. Mil.	1866. Pol.Port.	Termo medio annual. Em Millimetros	Termo medio annual. Em Pol. Portuguezas.
Maio	5,2	0,19	,,	,,	35,3	1,28	,,	,,		
Junho	882,5	32,09	1045,9	38,03	588,9	21,41	611,2	22,21		
Julho	1262,1	45,89	586,5	21,33	525,0	19,09	1295,5	47,11		
Agosto	252,7	9,19	276,5	10,05	1093,5	39,76	618,7	22,49		
Setembro	126,8	4,61	323,8	11,78	50,0	1,82	230,1	8,38		
Outubro	61,8	2,25	19,9	0,72	35,7	1,30	182,2	6,63		
Novembro	,,	,,	,,	,,	144,5	5,26	,,	,,		
Total de cada anno	2591,1	94,22	2252,6	81,91	2472,9	89,92	2937,7	106,82	2563,6	93,22

Janeiro — 1867.

Raymundo M. C. Mendes, Capitão d'artilheria.

(*Boletim do Governo* n.º 7)

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 39 **Março de 1867** **4.º Anno**

OS MORIBUNDOS HINDUS
NO RIO GANGES.

No n.º 24 deste jornal (dezembro de 1865) tratando de algumas opiniões sobre as origens da Cholera Morbus tivemos occasião de expôr o rito hindú de levar á borda do Ganges os moribuudos, e de lançar ao rio os seus cadaveres mal queimados. Ahi mesmo annunciámos segundo as informações dadas por varios jornaes de Bengala que o Governo daquella Presidencia mandára fazer um exacto inquerito sobre aquelle uso; agora achamos em um dos ultimos n.os da *Bombay Gazette*, o resultado desse inquerito, e a resolucão do Governador Geral da India Britanica confirmada pelo Ministerio de Londres. He curiosa a exposição dos factos, mais curiosa a explicação delles, e ainda sobre tudo repassada de uma admiravel tolerancia a resolução dos dous governos.

Eis o que lemos na *Gazetta*.

= Um supplemento á *Gazetta da India* contém uma serie de papeis acerca do costume de levar á borda do Ganges os doentes em artigo de morte.

A seguinte he a resolução do Governo.

De E. C. Bayley, Esq. Secretario do Governo da India, ao Secretario do Governo de Bengala. Datada do Campo de Agrá a 14 de Novembro de 1861.

Cumpre-me accusar a recepção da vossa carta n.º 1848 datada de 31 de Agosto, enviando as opiniões dos funccionarios do Governo, e das pessoas graves d'entre os naturaes da terra, a quem o Tenente Governador consultou acerca da pratica hindú de levar á borda do rio os doentes em artigo de morte.

2. O Tenente Governador, em conformidade com as informações dadas pela grande maioria das pessoas que consultou, admitte que no presente estado da opinião publica dos Hindús, não seria conveniente prohibir a pratica de levar os doentes ao rio para alli morrerem; mas Sua Honra (*His Honor*) pensa que o Governo deve tomar algumas providencias claramente para ir despersuadindo daquella pratica, e propõe neste intento que se reduzam a lei as seguintes regras, a saber:

Que se dê noticia por escripto ao mais proximo official de polícia do intento de levar qualquer pessoa doente á beira do rio para alli morrer; e esta noticia seja dada ao menos algumas horas antes da remoção do doente; e que faltando a da-la, todas as pessoas que tomarem parte em

levar algum doente ao rio para ahi morrer, incorram em prisão de uma ou outra especie por dez annos, ou em mulcta, ou em ambas as penas juntamente: que a noticia seja assignada pelo parente mais proximo, ou pelo amigo que assiste ao doente: que nella, se declarará o nome, idade, e sexo do doente; o tempo em que determinam remove-lo; o gate (*ghaut*) ou outro lugar a que hade ser levado; que outro sim se declare a natureza da doença, e que não haja rasoavel esperança de restabelecimento, e que a pessoa, se estiver em estado de dar consentimento, o tem defeito dado para sua remoção. Se houver algum Kobiraj, ou outro medico pratico assistente ao doente, a noticia deve ser acompanhada de uma certidão assignada pelo dito medico com as mesmas declarações exigidas na noticia.

3. O Governador Geral em Conselho he de opinião, depois de ler os interessantes papeis que acompanharam a vossa carta, que não se pode razoavelmente crer que haja alguma intenção, da parte dos amigos e parentes de abreviar a morte daquelles que são levados á borda do rio para ahi morrerem. Todavia he sem duvida questão mais grave, saber se a remoção para a borda do rio pode ou não em alguns casos ter um nocivo effeito sobre as pessoas doentes e moribundas. Tudo isto parece ao Governador Geral em Conselho ser discutido com muita candura e imparcialidade no seguinte extracto da carta de um gentio grave consultado pelo Tenente Governador:

« Este objecto pode ser considerado debaixo dos seguintes pontos. 1.º o do *Ganga gatra*, ou pratica de levar os doentes á borda do rio para ahi morrerem; 2.º o da *Antarjali*, ou ceremonia de mergulhar na agoa a parte inferior das pernas dos moribundos no momento da morte. A primeira he apenas o preludio da segunda; mas considerada em si propria nada tem de repugnante ou preniciosa. Em regra geral esta acção, só se pratica com pessoas adiantadas em annos, já desamparadas dos medicos, e cuja dissolução a cada hora se espera. Raras vezes se applica a homens ou mulheres que tenham menos de quarenta annos de idade; e ás crianças nunca. Descontando pois estes, assim como os que morrem de repente, a falta de meios, e outras causas que impedem a pratica do acto; e considerando ainda ao mesmo tempo que 50 por cento das crianças morrem antes dos sete annos de idade, e que tres oitavos dos restantes 50 por cento morrem antes de chegar aos quarenta annos; achar-se-ha que mui pequeno numero de doentes são levados ao rio antes de morrer. Nem tão pouco a maioria dos que assim são levados ficam sujeitos a algum inevitavel incommodo ou soffrimento. O tempo que se escolhe para este acto he geralmente a madrugada ou a noute, e tomam-se todas as cautellas que as posses dos moribundos e seus proximos parentes podem ministrar para evitar que sejam expostos ao tempo no caminho, e durante a sua detença á borda do rio. O tratamento medico nunca se interrompe. Isto assevero pela longa pratica pessoal, e não hesito em dizer que a asserção do editor do *Dacca Prakash* acerca da abandonada exposição aos fortes raios do sol, e á violencia das tormentas e das chuvas, he tão infundada, como são de cores carregadas e exaggeradas o resto de suas observações. Tal exposição poderá acontecer accidentalmente, mas nunca de caso pensado, ou por culpavel desleixo.

« He inutil averiguar qual seja o effeito physico da transição da at-

mosphera fechada de um quarto de cama para a borda do rio sobre uma pessoa moribunda, que já foi desamparada dos medicos; por quanto admittindo que os medicos em muitos casos nada podem fazer, são elles sempre os melhores que os enfermos podem chamar, e as probabilidades de vida ficam por tanto dependentes do tratamento, ou em caza, ou junto ao rio.

« Não se deve negar que o effeito mental de annunciar a um doente que he chegada a hora da morte, e de o levar para aquelle lugar que no seu pensamento anda mais intimamente ligado com a idéia de morte immediata, deve em geral causar grande abalo; mas como se não mexe no doente antes de os medicos assistentes declararem perdidas todas as esperanças de melhoria, não podem as consequencias ser muito más, nem contrabalançar os grandes bens que alias se seguem de consolar o animo do fiel a tempo que com a eternidade diante de si, mais carece do soccorro celeste do que humano. A anciedade que os Hindús moribundos muitas vezes mostram para serem levados ao rio na hora da morte; as supplicas que fazem para impellir seus parentes a não perderem tempo para lhes ministrarem esta ultima consolação religiosa, claramente mostram que a pratica não he tão repugnante aquelles que mais se interessam nella, como á primeira vista poderá parecer aos estranhos. He certo que o annuncio de estar proxima a morte a um moribundo não se pode evitar, porque he um passo que a religião manda dar; e ou seja em forma de consolação religiosa, de ultimos suffragios, ou da cerimonia de passar a Styge (*Voitarani*), invariavelmente faz muito antes aquillo a que a « procissão ao Ganges » só serve de supplemento no caso dos Hindús. Podeoffender os nossos sentimentos de delicadeza, mas não ha ahi nada que accuse um desleixo criminoso, ou torne algum moralmente culpado. Os Hindús crêm que he um infortunio morrer na cama; e por isso naquelles lugares, onde o rio Bhaugirittee (Ganges) não he facilmente accessivel, os moribundos são tirados para fora de caza, postos em logar descoberto, cercado de plantas do *tulossi*, e ficam jazendo sobre o chão nú. Isto, no que toca á exposição ao tempo, he peor que a procissão ao Ganges; porque n'um caso o paciente fica debaixo de reparo, e no outro totalmente ao ar livre; e para se ser coherente tanto se deve supprimir um como outro uso. As contas porém dos moribundos em tal occasião são com o seu Creador, e o Governo não pode, sem fazer grande violencia á crença religiosa do povo, interferir e legislar como e aonde um homem deve morrer.

« No que toca á *Antarjali*, não ha duvida que he uma cerimonia mui repugnante. Como rito religioso não he ordenada pelos *shastrás* (livros sagrados) hindús como absolutamente indispensavel, nem ha penalidade alguma imposta á sua inobservancia. Pela sua propria natureza não pode ser observada senão nas margens do Bhaugiruttee, por outro nome chamado o Ganges, porque he alli só que a ceremonia he recommendada, e por consequencia limita-se só a poucos districtos de Bengala; mas todavia exerce uma poderosa influencia no animo do povo, e como meio de consolação espiritual aos moribundos he mui intimamente connexa com o systema religioso do Hindustão.

....

« Esta cerimonia, barbara como he, está em uso desde tempo immemorial,

e para a supprimir deve haver motivos tão fortes que justifiquem a intervenção legislativa, e esses, creio eu, ainda se não deram. O mero facto de um certo costume ser barbaro, não he motivo sufficiente; mas deve-se igualmente provar que elle seja criminoso, antes de se legislar contra elle. Estou sciente de que o animo dos Europeos tem sido desde longo tempo inflamado pelas exageradas historias das enormidades commettidas durante a cerimonia da *Antarjali*. Geralmente se acredita que a boca, nariz, e ouvidos do moribundo se enchem de terra, e que a morte he abbreviada pela immersão da cabeça n'agua. Todavia nada disto he assim. Só a parte inferior das pernas se mergulha na agua; o corpo fica sustido nos braços de um parente; e na boca nada se lança senão gottas d' agua. Alem disso nunca se cogita na immersão antes de apparecer o estertor da agonia, e de o moribundo estar a exhalar o ultimo suspiro. He erro suppor que aquelles que se querem ver livres de parentes incommodos e obnoxios hajam de esperar até esse momento, e então commetter um voluntario assassinato. Ha muitas occasiões opportunas durante a enfermidade, e em outras circunstancias para levar avante esse proposito, sem o menor receio de serem descobertos. Frouxa deve ser na verdade a anciedade de se desfazer de um parente quando pacientemente se pode esperar que elle esteja nos paroxismos do passamento. He possivel que haja criminoso desleixo nos casos de velhas mulheres publicas nas cidades populosas, por que aquellas, ás vezes deixam os seus bens aos seus sacerdotes ou *gurus*, com condição de estes as levarem ao rio quando estiverem em artigo de morte, e de lhe fazerem alli os ritos funebres; mas nestes casos as pessoas encarregadas de acompanhar o doente até ao rio são meros mercenarios, cujo interesse, assim como o das pessoas que os lá mandam, será o de se verem livres daquelles doentes com a maior brevidade possivel. Mas isto são só excepções; e com quanto seja para desejar que a auctoridade intervenha nesses casos, não se pode dahi argumentar contra a pratica geral da *Antarjali*. As pessoas desvalidas deixadas em semelhantes circunstancias em suas proprias cazas, estam arriscadas a ser victimas de igual abandono.

«Tem sido dito» que as pessoas que são levadas á borda do rio para ahi morrer, mas que se restabelecem e voltam para casa, são depois aborrecidas da familia, e expulsas da casta» Isto todavia não he verdade. Eu, como Hindú, que sou, e morador nesta região onde a pratica, de que se trata, he diariamente observada, mui positivamente posso declarar que nenhuma pessoa padece inconveniente algum social por aquelle respeito. A volta para caza depois daquelle successo não induz ignominia nem despreso; e muito menos perda da casta: e na verdade nunca ouvi fallar em tal antes de o ler na vossa carta. Talvez que a supposição da perda da casta proceda da visita que se faz á Deosa Kalli, e de outras mais ceremonias que em taes occasiões se observam antes de o paciente tornar a caza. Com tudo estas cerimonias são acções de graças, e actos de precaução, e não expiações.

« Sendo as cousas assim, ficareis vós sciente que aquillo que se suppoz ser poderoso incentivo a commetter uma morte, de nenhuma sorte existe. Não nego que a pratica seja repugnante, e saudarei a suppressão della como uma grande felicidade para o paiz: mas

não penso que seja já chegado o tempo de a supprimir por intervenção do Governo, sem grave offensa dos sentimentos religiosos do grande gremio da classe hindú de Bengala. Tal intervenção, ao mesmo tempo que provará ser intolerante, e altamente vexatoria, fará pouco a favor da humanidade e da civilisação. O mal he daquelles que devem ser atalhados pela educação e illustração, e não por meio de leis. Já tem começado a diminuir, e se o deixarem a si proprio, brevemente desapparecerá de todo: em quanto que se se promulgar legislação sobre este objecto he certo que ganhará uma importancia adventicia; e suscitará o mais serio descontentamento.»

4. Tomando o que acima fica dito como relação essencialmente correcta do costume, e do modo em que he praticado, o Governador Geral em conselho folgaria muito de o ver desusado; mas não se acha aparelhado para dizer se será conveniente recorrer a uma legislação especial para sua repressão, particularmente se se adoptassem as providencias altamente preventivas de uma obrigatoria noticia á policia.

Do muito *Honorable* Secretario d'Estado dos Negocios da India a S. Ex.ª o Muito *Honorable* Governador Geral da India em conselho datado de 31 de janeiro de 1867.

Tenho considerado em conselho o vosso officio datado do 1.º de Dezembro, N.º 85 de 1866, incluindo a correspondencia relativa á pratica de levar os doentes Hindús á borda do rio para ali morrerem.

2. Concordo com V. Ex.ª em conselho que bom seria que esta pratica cessasse; mas que não convem recorrer a legislação especial para sua repressão, particularmente por intervenção da policia.

J. H. da Cunha Rivara.

Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da Iudia

POR

João Stuart da Fonseca Torre.

[Continuação do n.º 26].

Convolvulaceas.

Caracteres botanicos da familia.

São hervas ou arbustos cujo caule he voluvel ou trepador.

As *folhas* são alternas, cordiformes, inteiras ou lobuladas.

As *flores* completas e regulares; o calice tem 5 sepalas livres ou soldadas pela base; a corolla he gamopetala regular e de 5 lobulos; os estames em numero de 5 inserem-se ao tubo da corolla, os seos filetes são por vezes desegoaes; o ovario he simples e livre, em casos cingido na base por um annel, he bi a quadrilocular, o estilete he simples ou duplo e o estigma simples ou bilobado.

O *fructo* he uma capsula de 1 a 4 loculos a dehiscencia do fructo he septifraga; as sementes são arredondadas, lisas ou villosas e inserem-se na base do angulo interno dos septos.

Usos.

A esta familia pertencem a batata commum e a doce (convolvulus batata e batata edulis); as quais são bons alimentos.

Todas as mais plantas desta familia são mais ou menos purgativas, devendo esta propriedade a um succo gommo-resinoso que he notoriamente abundante nas plantas que produzem a jalapa e escamoneia.

As convolvulaceas purgativas que se encontrão por toda a India são: o *convolvulus nil, turpethum, brasiliensis panniculatus, arvensis* e *malabaricus*, occuparnos-he-mos só das tres primeiras, por serem as mais abundantes e para não sahirmos dos limites que nos impozemos ao escrever os apontamentos.

Convolvulus nil de Linneo.

Caracteres botanicos.

O *caule* he sarmentoso.

As *folhas* quasi sempre são trilobadas. sendo os lobulos laterais acuminados e pequenos, os peciolos são compridos.

As *flores* observão-se desde junho até septembro, os pedunculos são bi ou triflores: o calix he formado de 5 sepalas ovato-lanceoladas hishidas na base; a corolla he grande, campanulada e azul; o ovario tri ou quadrilocular tem em cada loculo 2 sementes.

O *fructo* he capsular e contem as sementes que são pretas e angulares, pulverisadas são cinzentas, teem cheiro pronunciado e sabor adocicado e depois acre: estas sementes empregão-se na India com o nome hindustani—*Kaladana.*

Usos medicos.

As sementes do convolvulus nil purgão d'um modo, economico e efficaz, em pouco tempo e não são desagradaveis: são perfeito succedaneo da jalapa e até preferiveis em circunstancias por ser esta cara na India comparativamente e não se encontrar sempre.

O dr. O' Shaugdessy a quem se deve a introducção deste valioso medicamento experimentando-o em 100 casos no Hospital da Policia de Calcutta obteve os seguintes resultados (1).

Noventa e quatro individuos forão purgados, 5 tiverão vomitos, 15 sentirão colicas; as evacuações começárão uma hora depois da ingestão e nunca depois de 4 horas; o numero das evacuações foi 5 termo medio.

O dr. Kirk patriek (2) depois de ter administrado este purgante a 500 e tantos doentes recommenda-o como muito proveitoso e seguro, reputando-o como intermediario entre o rhuibarbo e jalapa.

O sr. Waring aconselha-o como excellente succedaneo da jalapa.(3)

A Comissão drogas de Madrasta diz que o extracto alcoolico he purgante de acção mui certa e proveitosa, e sendo facil obte-lo por serem muito baratas as sementes, as quais mesmo em pó não tem o gosto e cheiro nauseoso da jalapa, acha ser purgante preferivel a esta (4).

Temos administrado este purgante com vantagem nas *ascites*, na *constipação do ventre rebelde*, nas *hyperemias* encephalica, pulmonar e hepatica, e como *evacuantes das lombrigas* depois de ter administrado a santonina.

---

1 *O' Shaugnessy.* Bengal dispensatory pg 505.

2 *Kirkpatrick.* Catalogue of Mysore drgs, n.° 467.

3 *Waring.* Manual of pratical therapeutics 2.° ed. pg. 439.

4 *Vejão-se.* Madras medical reports de 1858 pg. 423.

Formas e doses.

Em *pó* na dóse de trinta a quarenta grãos evacua segura e agradavelmente; o dr. Kirkpatrick aconselha que se seccam as sementes depois de as ferver em agoa por tres minutos, e que se admininstrem na doze de uma oitava conjunctamente com os aromaticos.

O *alcooleo* feito com oito onças de sementes para duas libras de alcool rectificado dá-se na dose de quinse a quarenta grãos.

O *extracto alcoolico* que he o melhor preparado opera em doses de dez a quinze grãos, he muito recommendavel porque conserva as suas propriedades por muitos mezes sem alteração.

Convolvulus turpethum de Linneo —turbith.

Caracteres botanicos.

As *raises* ramosas são longas cylindricas e grossas, variando a grossura entre 0,m13 e 14: a parte externa he escura ou avermelhada e a interna he branca, abunda em resina amarella tal como se encontra no commercio, quando recente o succo he leitoso, de gosto adocicado e depois acido, e que secco toma o aspecto resinoso: quaudo seccas as raises quasi não teem cheiro nem sabor, e quando velhas, pouco succo.

O *caule* he angular na parte superior e proximo das raizes he cylindrico, por vezes os angulos são quasi imperceptiveis, tenho em meo poder alguns especimens de caule em que se nota o que fica exposto.

As *folhas* cordiformes, são inteiras ou crenadas, e pubescentes.

As *flores* se observa quasi todo o anno são acompanhadas de bracteas caducas; as sepalas são grandes sendo as exteriores pubescentes e lisas as internas; a corolla he branca com ligeira coloração vermelha.

No *fructo* capsular encontrão-se sementes lisas.

Analise chimica da raiz.

O srs. Boutron e Charlard (1) analysando esta raiz encontrárão: resina, substancia gordurosa, oleo volatil, albumina vegetal, amido, materia corante amarella, oxido de ferro, e tecido fibroso.

Emprego medico.

A raiz do turbith empregada desde tempo immemorial no oriente foi introduzida na Europa pelos medicos arabes, que della fazem lata mencão (2):

He menos activa que a jalapa e escamoneia e de acção bastante incerta o que se deve attribuir a ser colhida quando velha e ás adulterações.

Apesar de pouco empregado no occidente continua na India a ser um drastrico favorito e como tal empregado nas *ascitis*, *paralysias*, *gotta* e *doenças cerebraes*.

Segundo Ainslie (3) o succo lei-

1 *Journal de* Pharmacia 8.° pg. 121

2 *Aviccena*. Liv. 2.°, 2. 57.

Serapionp. De simplicibus de turbith.

Mesue. De simplicibus— De turbith.

3 *Ainslie*. Materia medica, tom. pg. 383.

toso he muito proveitoso como purgante, opinião perfeitamente estabelecida entre os Vytios, e confirmada pelas experiencias clinicas dos drs. Wallich, Gordon e Glass.

O dr. O' Shaugnessy (4) diz que experimentou esta substancia com todo o cuidado sem obter bom rezultado, considera tão incerta a sua acção que no seo entender não merece logar numa pharmacopeia.

Do que precede se vê a grande confusão que ha respeito a esta substancia, para uns muito efficaz para outros inerte.

Rematarei com o que a este respeito diz Deédier de Montpellier (5) para este medico poucos medicamentos ha tão efficazes como este no tratamento das diarrheias e dysenterias, administrado em dozes de 5 a 6 grãos muitas vezes ao dia, ou maiores doses se se quer fazer vomitar: segundo o mesmo medico, o turbith he o medicamento o mais seguro nas epidemias dysentericas, cachexias, flores brancas e hydropesias,

Formas e dozes.

Em pó de quinze grãos até uma oitava

Em hydro infuso de uma a tres oitavas.

Em extracto de dez a vinte grãos

4 O' *Shaugnessy*. Log. cit.pg. 504.

5 *Dictionnaire* raisonee de matiere medicale, tom. 7.° pg. 347.

Convolvulus brasiliensis de Linneo
Batata do mar—Salsa da praia.

Caracteres botanicos.

O *caule* he rojante e extende-se a grandes distancias.

As *folhas* são subarredondadas bilobadas e um tanto carnosas.

As *flores* que se observão quasi todo o cumo existem sobre pedunculos uniflores ou multiflores, o calix tem 5 sepalas ovato-lanceoladas, a corolla he rosada ou purpurea.

Abunda nos areais nos quais liga a areia.

Emprego medico.

Esta planta produz uma resina purgante como a da escamoneia, a raiz he drastica podendo usar-se em po, hydro-infuso, alcooleo cu extracto.

Diz Ainslie que com as folhas se prepara um banho proveitoso na hydropesia (1)

Esta raiz he empregada como drastico na Jamaica (2) e Brasil (3): no dizer de Plumier (4) o succo inspissado constitue uma especie de de escamoneia, que purga na dose de 12 a 14 grãos com egoal porção de bitartarato de potassa: he amargo acre e nauseoso.

Segundo o dr. Castro a raiz e folhas machucadas collocão-se (no Brazil) sobre os cauterios para os excitar, e tãobem se usão como drastico a semelhança do turbith (5).

1 *Ainslie*. Log. cit. 2.° pg. 221.

2 *Browne*. History of Jamaica pg 153.

3 *Martin*. Mat med. bras. pg. 79.

4 *Plumier*. Plant amer. pg. 89.

5 *Citação do dr. Beirão* Log. cit. tom. 2.° pg. 89.

Aqui terminamos o que havia a dizer de mais notavel sobre os purgantes da India, os estreitos limites dos apontamentos não nos permittem as ampliações que aliaz merece tão importante estudo, quando publicarmos em livro o estudo que estamos fazendo dos medicamentos da India, então será occasião de dar todo o desenvolvimento a cada um dos agentes

Ao que temos exposto accrescentaremos uma lista doutros purgantes da India, a qual não he tão extensa como podia ser mas dá uma boa ideia da abundancia de meios de que se pode dispor nesta medicação.

Nomes	Partes usadas.
Acalipha indica. . . .	raiz
Agate grandifolora. .	folhas
Alangium hexapetalum.	raiz
Alhagi maurorum . .	fructos
Esta planta fornece o *manna do deserto*.	
Allamauda cathartica	flores
Aloe indica.	folhas (sumidades)
Aloe litoralis	
Produzem aloes magnifico para todos os usos.	
Anisomeles malabarica.	flores
Agyrea malabarica . .	raiz
Argemone mexicana .	sementes
Aristolochia bracteata	folhas
Balanites egyptiaca .	fructo
Basella rubra.	folhas
Boerhavia diffusa . . .	raiz
Bayonta edigua	raiz
Bryonia scabra	
Calotropis gigantea .	çumo
Cardiospermum haliac	raiz e folhas
Carthamus tictorius .	sementes
Cassia alata.	folhas
Cassia sophera. . . .	folhas
Cassia tora.	folhas
Cavaliuna ureus . . .	sementes
Cerbera manghas . .	folhas
Clytorea ternatea . .	sementes
Convolvulus arvensis. .	raiz
Convolvulus malabaricus.	raiz
Convolvulus panniculata.	raiz
Dais octandra.	sementes
Ficus carica	fructo
Garcinia pictoria . .	gomma
Desta planta se extrahe a gambogia.	
Gardenia campanulata	fructo
Herpestris mouniera.	raiz e folhas
Lagenaria vulgaris . .	fructo
Lepidum sativum. . .	sementes
Mirabilis jalapa. . . .	raiz
Morinda cetrifolia. . .	fructo
Moringa pterygosperma	sementes
Myrsine bifaria. . . .	fructo
Pazetta indica	raiz
Plumeria acutifolia . .	raiz
Perianthema obcordata.	raiz
Rheum emodi.	raiz
Rheum moorcriftianum	raiz
Rheum speciforme .	raiz
Rheum webbianum .	raiz
Estas 4 plantas produzem o rhuibarbo da India.	
Salvadora indica. . . .	folhas
Tamarix gallica . . .	
Produz o *maná da monte Sinai*.	
Terminalia chebula. . .	fructo
Terminalia citriua. . .	fructo
Thevetia neriifolia. . .	casca

A esta lista devem-se accrescentar o oleo de coco, de gergelim, linhaça e papoula os quais são emollientes mas obrão como magnificos laxantes em doses de 3 a 4 onças, como por muitas vezes temos verificado no Hospital militar de Nova-Goa.

PHARMACIA

Poção de per-chlorureto de ferro.

Xarope simples.	30 gram.
Agua distillada, ...	100 «
Per-chlorureto de ferro a 30°.	30 gotas

Para tomar uma colher em cada uma hora em qualquer hemorrhagia interna, bem como no croup.

Limonada de chlorureto de ferro.

Agua.	1 litro.
Acido citrico.	4 gram.
Assucar branco.	70 «
Per-chlorureto de ferro a 30°.	75 gotas.

Administra-se na dose de 60 grammas cada hora nas erysipelas, anginas e rheumatismo articular.

Soluto de per-chlorureto de ferro para loções

Agua.	24 gram.
Per-chlorureto de ferro a 30°.	12 «
Acido citrico - - - - - -	4 «

Applica-se com bom exito nas ulceras cancerosas.

Topico anti-canceroso de per-chlorureto de ferro

Acido chlorhydrico- - - - -	4 gram.
Acido citrico- - - - - - - - - -	4 «
Per-chlorureto de ferro a 30° - - - - - - - - - - - -	4 «
Agua distillada- - - - - - - -	6 «

Misturem-se mui bem para applicar sobre o cancro

Poção anti-hemorrhagica de perchlorureto de ferro.

Per-chlorureto de ferro a 30°- - - - - - - - - - - -	1 gram.
Agua distillada - - - - - -	150
Xarope de consolida maior - - - - - - - - - - - -	50 «

Administra-se uma colher em cada dez minutos.

Pomada de per-chlorureto de ferro

Manteiga fresca- - - - - -	30 gram.
Per-chlorureto de ferro a 30°- - - - - - - - - - -	1 «

Administra-se em todas as affecções de pelle.

Glycerolado de per-chlorureto de ferro.

Glycerina - - - - - - - - - -	40 gram.
Per-chlorureto de ferro	4 «

Misturem-se e appliquem-se para cicatrisação das ulceras.

Xarope de per-chlorureto de ferro.

Soluto de per-chlorureto de ferro a 30°- - -	10 gram
Xarope simples- - - - - -	490 «

Misturem-se e appliquem-se de uma até quatro colheres.

Mistura de ferro aromatica.
Tinta de Helleden.

Limalha de ferro -----	15	gram
Quina loxa -------	30	«
Calumba ----------	12	«
Cravo da India -----	8	«
Façam-se digerir por espaço de tres dias em Agua de hortelã . . .	500	«
Coe-se e ajunte-se Tintura de cardamomo. Composta	80	«
Dita de casca de laranja	12	«

Emprega-se na dose de duas a quatro colheres por dia.

Julgamos inutil expor, n'este logar, os differentes processos que teem sido aconselhados para obter o ferro em limalhas, o redusido pelo hydrogenio, e outros estados de divisão, por serem conhecidos de todos os nossos collegas: com tudo não deixaremos de dizer alguma cousa do *ferro limado da Alemanha*, introduzido na therapeutica ha pouco tempo.

O *ferro limado da Alemanha* apresenta-se debaixo da forma d'um pó impalpavel, de cor pardo-escura: apesar de não estar ainda publicado o modo da sua preparação, pode dizer-se que é um producto bastante impuro, abundante em materias graxas e carbonozas, e mui variavel em sua composição, pelo que o consideramos como pouco proprio para ser adopatado o seu uso, e muito menos para ter preferencia sobre o ferro redusido

---

Grangeias de ferro redusido.

Ferro reduzido	2	partes
Assucar branco.	18	«

Faça-se com esta mixtura, e segundo as regras pharmaceuticas a grangeia do 50 centigrammas, tendo sempre a cautela de interpor nas camadas de assucar o ferro a fim de evitar a oxydação pelo contacto do ar. Geralmente aromatisam-se estas grangeias com algum oleo essencial agradavel, e devem ficar contendo 5 centigrammas de ferro reduzido.

Pilulas de ferro e pepsina.

Pepsina amilacea	2	gram.
Ferro reduzido.	1	«
Extracto do alcaçus	1	«

Redusido tudo a massa pilular, se fazem pilulas 20.

[*Jornal de Phar. de Lisboa.*]

PROJECTO DE LEI N.° 125

(Melhorando a reforma dos empregados dos quadros de Saude do Ultramar).

No Archivo n.° 31 de Julho de 1866 já nos occupamos d'este projecto apresentado na Camara dos Deputados pelo sr. Dr. Leandro José da Costa. Passou n'aquella caza com algumas alterações, feitas pela Commissão do Ultramar ao artigo 3.°. Na Camara dos Pares soffreu novas modificações como os nossos collegas verão pela discussão ali havida, e que adiante publicamos, transcrita do *Diario de Lisboa*.

Em nosso nome, e do de nossos collegas, que cremos nos acompanharão nos mesmos sentimentos de gra-

tidão, agradecemos á illustre commissão da Camara dos Pares, e especialmente ao Sr. Visconde de Soares Franco a desinteressada justiça que fiserão aos pharmaceuticos, que o artigo 3.º do projecto excluia dos beneficios da reforma no posto immediato. A responsabilidade, os serviços e os perigos são igualmente partilhados por todos os pharmaceuticos, justo era por tanto que a remuneração fosse igual para todos, os que funcionam no mesmo quadro. O contrario d'isto seria, como muito bem disse o digno Par o Sr. Visconde de Soares Franco, irritar os espiritos e levantar rivalidades; seria a desanimação e murxar a esperança d'um futuro mais lisongeiro, e seria finalmente uma grave injustiça recusar-se a alguns pharmaceuticos a reforma no posto immediato, tendo elles prestado tão relevantes e desinteressados serviços *extraordinarios* ao seu paiz (1). As provas d'esses serviços feitos por alguns lá estão na Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e no Museu Nacional de Lisboa, onde teem enviado á custa de grandes sacrificios e até despesas, continuadas remessas de valiosas collecções de productos zoologicos das nossas possessões do Utramar.

A. Gomes Roberto.

(1) Veja-se *Relatorio* ácerca da situação das necessidades da Secção zoologica do Museu de Lisboa appresentado ao Ministro e Secretario dos Negocios do Reino por José Vicente Barbosa Du Bocage. — *Diario de Lisboa* n.º 245 de 30 de Outubro de 1863. —*Archivo de Pharmacia e Sciencias Accessorias* da India Portuguesa n.º 1.º de Janeiro de 1864 etc.

ORDEM DO DIA

CAMARA DOS PARES.

O sr. secretario leu o parecer n.º 115 sobre o projecto de lei n.º 125, que é do teor seguinte:

PARECER N.º 115

Senhores.—A commissão de marinha e ultramar examinou o projecto de lei n.º 125, approvado pela camara dos senhores deputados, pelo qual se concede accesso aos logares de physicos móres das provincias ultramarinas, e direito a serem reformados depois de completo o tempo legal aos cirurgiões mòres, aos facultativos e pharmaceuticos dos quadros de saude do ultramar. Os fundamentos em que se firma o projecto são dignos de attenção, e derivam-se de principios justos e de idéias de proveitoso desenvolvimento. A difficuldade com que são hoje preenchidos os diversos logares dos quadros creados, apesar das vantagens offerecidas pela ultima reforma, e a insalubridade conhecida de algumas das nossas possessões recommendam a opportunidade d'esta providencia, e as regras que ella prescreve estão em harmonia com o estado do serviço e com as boas doutrinas.

Propõe a vossa commissão porém uma leve alteração ao artigo 3.º, ou mais exacto, uma suppressão em relação aos pharmaceuticos que pedirem a sua reforma em virtude do preceito desta lei. O projecto da camara dos senhores deputados exige que, para gosarem o beneficio da lei, elles provem o curso completo de pharmacia, em quanto pharmaceuticos, que exercem mesmo no continente do reino funcções analogas, são reformados no posto immediato sem esta condição. Para igualar pois, como parece de equidade, as circunstancias de todos, acompanhando a lei no pensamento de attrahir ao serviço de saude do ultramar

pessoas que possam desempenha-lo, propõe a vossa commissão a eliminação da clausula restrictiva do artigo 3.·, quanto aos pharmaceuticos, e espera que a camara a adopte pelos motivos que expõe, e pelos que terá a honra de apresentar na discussão, se for necessario.

Com esta leve alteração entende a commissão que póde ser approvado o projecto de lei, ficando o artigo 3.· redigido da seguinte maneira:

Art. 3 · Todos os facultativos dos quadros do ultramar, e todos os pharmaceuticos, depois de completarem o tempo de serviço designado no artigo 4 · do decreto de 23 de julho, terão direito a serem reformados no posto immediato com os respectivos soldos, e em harmonia com o disposto no decreto de 23 de julho de 1862.

Sala da commissão, em 4 de fevereiro de 1867.=*Marquez de Sa da Bandeira*=*Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão*=*Luiz Augusto Rebello da Silva*=*Visconde de Soares Franco.*

PROJECTO DE LEI N.º 125

Artigo 1.ª Todos os cirurgiões móres em serviço activo, pertencentes aos quadros de saude no ultramar, terão accesso aos logares de phisicos móres das provincias em que os houver, sendo preferidos, em igualdade de circunstancias, os que forem mais antigos

§ unico. O cirurgião mór a quem competir o accesso para physico mór poderá renunciar a elle quando lhe convenha.

Art. 2.º Sómente para o provimento dos logares de cirurgiões da 2.ª classe, e de pharmaceuticos de 2.ª classe, haverá concurso, o qual será feito na forma da lei.

Art. 3.º Todos os facultativos dos quadros do ultramar, e todos os pharmaceuticos que tiverem curso de pharmacia depois de completarem o tempo de serviço designado no artigo 4.º do decreto de 23 de julho de 1862, terão direito a ser reformados no posto immediato com os respectivos soldos, e em harmonia com o disposto no mesmo decreto.

Art. 4.· Fica revogada a legislação em contrario.

Palacio das côrtes, em 25 de janeiro de 1867.=*Cesario Augusto de Azevedo Pereira*, deputado presidente = *José Maria Sieuve de Menezes*, deputado secretario = *Fernando Affonso Giraldes Caldeira*, deputado secretario.

Foi approvado na generalidade, e passando se a especialidade foram approvados, sem discussão, os artigos 1.· *e* 2.·

Leu se na mesa o artigo. 3.·

O sr. *Visconde* de *Soares Franco*:— Sr. presidente, a commissão de marinha e ultramar, examinando o projecto vindo da camara dos senhores deputados, associa-se completamente á idéa e ao pensamento de se concederem vantagens aos empregados de saude nas provincias de alem mar; não póde com tudo conformar-se com a restricção imposta aos pharmaceuticos no artigo 3.º, que disia (*leu*), porque esta restricção, alem de injusta, é contraria á lei.

O decreto com força da lei de 27 de desembro de 1836, creando um curso de pharmacia junto ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa, Porto e universidade, considerou como igualmente habilitados para exercer a pharmacia os ajudantes que tivessem oito annos de pratica nas boticas e depois fizessem exames nas escolas, obtendo carta de approvação; e a lei de 12 de agosto de 1854 impoz mais aos ajudantes a obrigação de apresentar carta de approvação de mathematica, introducção e francez. Feito isto, e approvados nas escolas, estão habilitados igualmente perante a lei, que regula este assumpto, para exercerem a pharmacia; já se vê portanto que aquella restricção é insustentavel perante a lei, mas ha mais ainda, ella ia ferir interesses legalmente adquiri-

dos por empregados benemeritos, que exercem a pharmacia ha longos annos em climas inhospitos, longe da patria, dos amigos, e não poucas vezes das familias, tendo de lutar com a carestia dos generos necessarios á vida, e muitas veses com as febres endemicas.

Eu podia citar muitos pharmaceuticos distinctos que exercem a sua profissão no ultramar, mas limito-me a notar um habilissimo professor, que tendo prestado muito bom serviço em S. Thomé e Principe, passou para Goa: é leute da escola, e redige com grande distincção o unico jornal pharmaceutico que se publica nas nossas provincias ultramarinas, pelo que tem sido elogiado por differentes vezes. Alem d' isso aquella restricção iria irritar os espiritos, levantar rivalidades e contrariar o louvavel fim que tem o projecto. Foi esta a rasão, o motivo e o fundamento porque a vossa commissão fez a alteração no artigo 3.º, supprimindo a palavra curso, por isso que todos estão habilitados segundo a lei, como acabei de demonstrar.

Em vista pois do que tenho a honra de expor, espera a commissão que a camara approve o projecto com a alteração indicada.

O sr. *Presidente*:—Visto que ninguem mais pede a palavra vou pôr á votação o.

Artigo 3.º— *foi approvado.*

Leu se o artigo 4.º e foi approvado sem discussão.

O sr. *Presidente*:—Este projecto de lei vae ser enviado á outra camara por causa da substituição que a commissão fez ao artigo 3.º e que já foi approvado pela camara. (a)

[*Diario de Lisboa* nº. 34 de 12 de Fevereiro de 1861].

(a) Na Camara dos Deputados foi approvada a substituição. O projecto acha-se já convertido em lei.

Productos zoologicos das possessões do Ultramar recebidos no Museu de Lisboa pelo Sr. Dr. José Vicente Barbosa Du Bocage.

Como introducção á noticia que o Sr. Dr. Bocage dá dos Reptis das possessões d'Africa occidental que recebeu no Museu de Lisboa escreve no *Jornal das Sciencias Mathematicas Physicas e Naturaes, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa* verdades tão palpitantes, que não podemos deixar de tomar a liberdade de transcrever para as columnas do nosso Jornal a mesma introducção. Eil-a:

No relatorio que publiquei o anno passado ácerca da situação e necessidades da secção zoologica do Museu de Lisboa, tive o cuidado de consignar as importantes remessas de productos zoologicos das nossas possessões do ultramar, que recebera até áquella data, e disse por essa occasião que a India e a Africa occidental haviam concorrido largamente para a prosperidade d'este nosso estabelecimento, ao passo que as nossas possessões da China, de Timor e da Africa oriental continuavam á mostrar-se menos sollicitas em pagar esta divida de honra á mãe patria. Já então tencionava publicar listas, mais ou menos circunstanciadas, dos productos que me haviam sido enviados d'aquellas localidades, e para isso apenas aguardava um ensejo favoravel, que agora se me offerece.

Começarei hoje pelos reptis da nossa Africa occidental. Dou-lhe a preferencia não só porque a nossa collecção é numerosa e comprehende varias especies que considero novas, mas tambem porque me parece que

n'ella se contém mais algumas provas a favor das idéas mais geralmente recebidas sobre a distribuição geographica dos animaes no continente africano e as regiões zoologicas em que convem considerallo repartido.

Não ha duvida que n'estes ultimos tempos a zoologia da Africa occidental, e nomeadamente a sua erpetologia, tem feito rapidos progresos, graças sobre tudo aos importantes trabalhos dos srs. Gray Hallowell, Dumeril e Gunther: no emtanto se se attender a que apenas teem sido visitadas algumas localidades do littoral, ha de reconhecer-se que os specimens trazidos d'alli e repartidos pelos diverses museus da Europa e da America, embora pantenteim claramente a riqueza d'aquelles territorios, não podem considerar-se ainda como a expressão fiel, e nem mesmo approximada, da sua fauna erpetologia.

Os nossos exemplares foram na maxima parte colhidos em duas regiões bem distinctas; uma é o *districto do Duque de Bragança*, situado na latitude de Loanda, porém umas 75 leguas para o interior; a outra uma extensa porção do littoral ao norte do rio Zaire, comprehendendo *Cabinda, Molembo, Rio Quilo* e *Loango*

D'estas localidades, e principalmente da primeira, não creio que museu algum da Europa recebes-se até hoje um unico specimen autentico, a não ser por minha interversão.

Para completar a indicação da procedencia dos nossos exemplares erpetologicos direi que todos os outros, em muito menor numero, me foram remettidos de Bissaú, Zaire, Loanda e Benguella, na costa occidental, e tambem da ilha de S. Thiago de Cabo Verde e da ilha de S. Thomé.

O professor A. Dumeril precede o seu interessante escripto acerca dos reptis e peixes da Africa occidental (1) de algumas considerações relativas á sua distribuição geographica e estabelece como corollario dos factos até então observados, que na Africa os limites de habitação dos reptis contrastam com o que se tem averiguado nas outras grandes regiões do globo, de modo que se torna de uma extrema difficuldade a demarcação de áreas distinctas definidas por faunas especiaes, principalmente em toda a vasta porção d'aquelle continente que demora ao sul do Atlas.

Ora no modesto trabalho que apresento encontrar-se-hão novos argumentos a favor d'esta idéa. Bastar-me-ha apontar alguns dos factos mais salientes.

A minha lista comprehende muitas especies que habitam tambem a Africa austral, e entre ellas algumas que até agora não tinham sido encontradas na Africa occidental: taes são: *Agama aculeata, Agama* (*Stellio*) *atricollis* Smith., *Euprepes Delalandii* Deve por conseguinte presumir se que quanto melhor se conhecer a fauna das duas regiões, tanto maior será o numero das especies communs a ambas que se ha de descobrir.

O mesmo succede com a Africa oriental. O dr. Peters já notou como se entrelaçavão as faunas do Cabo e de Moçambique; já tambem se sabia que muitas das especies descobertas n'esta ultima região por aquelle distincto zoologista, existiam tambem na Africa occidental; a esse algarismo convem acrescentar agora mais algumas que recebi do Duque de Bragança, taes como: — *Hemidactylus platycephalus. Euprepes punctatissimus*, *Ablepharus Menestriesii*? (Bianconi,) *Coronella olivacea*. Peters, além d'outras especies, senão iden-

(1) Vid. *Archives du Museum de Paris*, t. X, 1858 1861, p. 137.

ticas, mui semelhantes a outras de Moçambique, por exemplo: o *Ichnotropis* (*Tropidosaura*] *Dumerilii*, um *Agama* analogo ou identico ao *A. mossambica*. Peters. *Chamaeleo Capellii*, proximo do *Ch. Petersi*. Gray, etc.

Observa ainda com muita razão o professor A. Dumeril que no Egypto e na Abyssinia vivem reptis que se encontram egualmente na costa occidental, no Senegal, em diversos pontos da Guiné e no Gabão (*Croc vulgaris, Varanus niloticus, Psammophis moniliger, etc.*). da sua existencia muito mais ao sul, no Zaire e em Loanda, e mesmo no Duque de Bragança que é até hoje o ponto mais avançado no interior a que tenham chegado as investigações da sciencia, podem encontrar-se novas provas na relação que apresento.

O sr. Sclater, estudando a distribuição geografica das aves, admitte na Africa ao sul do Atlas uma região unica que fica abrangendo quasi a totalidade d'aquelle vasto continente: o estudo dos reptis conduz ao mesmo resultado; e tambem me parece que á medida que se fôr conhecendo melhor a sua fauna mammalogica, se alcançarão novos argumentos a favor d'essa *regio palaeotropicale ou aethiopica*.

Encontrar-se ha citado para cada exemplar o nome da pessoa que nol-o remetteu. Com isto não tivemos só em vista assegurar a authenticidade do specimen, mas attrahir ao doador a estima e o reconhecimento de uma parte, infelizmente assaz limitada, do nosso publico que comprehende a sciencia e applaude todos os esforços que se tentam no paiz em favor d'ella. Ha alguns nomes porém que figuram em todas as paginas da nossa lista; e d'esses não me soffre o animo que não faça desde já mais extensa menção.

Todos os exemplares oriundos do districto do Duque de Bragança são devidos ao sr. Francisco Antonio Pinheiro Bayão que ali exerceu durante algum tempo as funcções de commandante militar. Não se limitou este intelligente e benemerito official a enviar-me essa interessante amostra dos reptis d'aquella localidade, inteiramente virgem de explorações, scientificas, mas addicionou-lhe muitos specimens de mammiferos, algumas aves, insectos, conchas, etc.; e em cada uma dessas classes se encontram muitos objectos raros ou totalmente novos, alguns já estudados e descriptos por mim, outros que tenciono publicar mais tarde.

Trouxe-me o sr. José d'Anchieta tudo quanto pertence a Cabinda, Loango, Molembo e Rio Quilo, e ainda alguns specimens do Zaire. Tambem entram os reptis apenas por uma parte na opulenta e variada collecção de productos zoologicos que este zeloso e infatigavel naturalista obteve em quinze meses de penosa exploração, realisada exclusivamente á propria custa, affrontando grandes fadigas e não menores perigos.

Finalmente a todos os exemplares de Bissau e archipelago de Cabo Verde vae appenso o nome do sr. Manuel Joaquim Leyguarde Pimenta, que m'os enviou por vezes com diversos animaes vivos e despojos de animaes de varias classes. Com a coragem e a abnegação que só o amor da sciencia é capaz d'inspirar, não recuou o sr. Pimenta diante dos incommodos de uma viagem á Guiné portugueza, e foi visitar Bissau e Cacheu só com o intento d'obter os exemplares que generosamente me offereceu.

Parece-me conveniente que se saiba que a nossa terra tambem produz homens dedicados á sciencia e capazes de ir a climas inhospitos arriscar a vida em seu serviço. Ha muito que admirar e apprender n'este ge-

neroso desprendimento de considerações egoistas, n'esta imprevidencia sublime com que se gastam os melhores annos da vida não em grangear riquesas, o que exigira n'aquellas regiões menos esforços e intelligencia, mas em dilatar o horisonte da sciencia á custa de sacrificios enormes. Não se acolha ao menos com indifferença ou com sorrisos de estupida commiseração a quem volta d' Africa tão pobre como para lá fora, trazendo por unicos haveres alguns caixotes toscos cheios não de oiro ou de marfim, mas de pelles de mammiferos e aves, de reptis, de insectos, de mil bagatellas, adquiridas á custa de soffrimentos e de perigos que só á mais extremada coragem é dado affrontar e vencer.

Se para comprehender o valor d' esses despojos, fructo de laboriosas explorações, é mister possuir uma cultura intellectual que em poucos se encontra, para bem avaliar a intrepidez, o heroismo do explorador, basta apenas ter uma intelligencia mediana e um coração não de todo corrompido.

Não concluirei sem dar aqui uma boa nova ás pessoas que se interessam pelo nosso adiantamento nas sciencias. O sr. José d'Anchieta, um dos tres arrojados exploradores que acabo de citar, voltou ha pouco para a Africa occidental, mas d'esta vez vae encarregado pelo governo da zoologica d'aquelle extenso territorio, exploração aonde dominamos ainda pelo respeito tradicional que nos teem aquelles povos. Esta resolução honra sobremaneira o ministro que a tomou. Cabem-lhe por ella bem merecidos louvores.

Estou certo de que o sr. Anchieta ha de obter numerosos e importantes documentos para a fauna da Africa occidental; ninguem poderia melhor do que elle desempenhar a ardua e arriscada missão que lhe foi confiada.

Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, publicado sob os auspicios da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Muitas e muito valiosas, teem sido as obras publicadas pela illustrada Academia Real das Sciencias de Lisboa. Hoje deu começo a publicação d'um novo jornal com a epigraphe a cima mencionada, de que recebemos o primeiro numero, que nos foi offerecido por um dos seus mais distinctos collaboradores o Sr. Dr. José Vicente Barbosa Du Bocage, a quem o agradecemos.

Mencionando aqui os interessantes artigos que contém, e os nomes dos seus auctores conhecerão logo os leitores do nosso jornal o valor e o merito de tão util publicação. 1.º *Introducção*, escripta pela abalisada penna do nosso distincto litterato o Sr. J. M. Latino Coelho: 2.º Mathematica—Nota sobre alguns theoremas novos de Statica por Daniel Augusto da Silva: 3.º Nota sobre a igualdade dos polignos por Francisco da Ponte Horta: 4.º Phisica e Chimica— Investigações á cerca da sinthese dos alcooleos monatomicos por A. V. Lourenço e A. A. de Aguiar. 5.º Botanica—Cathalogo methodico das plantas observadas em Portugal por Carlos Maria Gomes Machado. 6.º Zoologia— Lista dos Reptis das possessões portuguesas d'Africa Occidental que existem no Museu de Lisboa por J. V. Barbosa Du Bocage —7.º Reptiles nouveaux ou peu connus recueillis dans les possessions portugaises de l'Afrique occidentale, qui se trouvent au

Muséum de Lisbonne, par, J.V. Barbosa Du Bocage. — 8.º Especies novas ou pouco conhecidas d'arachnidios d' Africa occidental por F. de Brito Capello. 9.º A ornithologia dos Açores por J. Vicente Barbosa Du Bocage.

A. G. Roberto.

VARIEDADES

O Oriente Catholico.

E o titulo d'um novo jornal que começou a publicar-se em Pangim, e de que já recebemos os primeiros numeros, que agradecemos á Redacção.

E' um jornal bem escripto e dedicado exclusivamente a assumptos religiosos. E' de esperar que seja bem acolhido pelo publico, que n'elle encontrará uma leitura amena, religiosa e instructiva.

Maquinas de coser: inconvenientes, que offerece o uso d'estas maquinas.

Fasendo-se hoje já uso em Goa das maquinas de coser, julgamos conveniente transcrever da *Gazeta Medica* de Lisboa, as noticias que ali aparecem publicadas, mostrando os perigos e doenças a que estão expostas as pessoas que trabalham com ellas. Eil-as:

Influencia das machinas de cozer sobre a saude e a moralidade das obreiras.

Com este titulo leu o sr. Guibourt á sociedade medica dos hospitaes de Paris uma extensa memoria, da qual resulta que as mulheres que trabalham com aquellas machinas experimentam grande excitacão genesica, que chega a obrigal-as ás vezes a interromper o trabalho. Em consequencia d'estas excitações dos orgãos genitaes vem a leucorrhêa, o emmagrecimento e a prostração! Algumas mulheres soffrem tambem de dores no dorso e no estomago, de metrorrhagias e de tosse.

A excitação aphrodisiaca tem obrigado muitas mulheres ao terrivel vicio do onanismo.

E este um ponto de bygiene importantissimo, que diz respeito á moral e á saude publica. A industria é para os povos um dos recursos mais fecundos de prosperidade, de riqueza e de gloria; mas é preciso que ella não se converta em instrumento de desmoralisação e de destruição para o organismo. A machina de cozer é sem duvida uma bella invenção; mas procure-se outro gerador do movimento, e antes os braços do que os membros inferiores. Pelo menos diminua-se a duração do trabalho.

Estas machinas são movidas por dois pedaes, um para cada pé. A impulsão é-lhes dada por um movimento rapido de abaixamento e de elevação dos dois membros inferiores, das coxas em particular. Umas vezes este movimento é simultaneo e isochrono para os dois membros que se elevam e abaixam ao mesmo tempo, imprimindo, por este facto, a todo o corpo um balanço antero-posterior continuo e regular. Outras vezes, pelo contra-

rio, segundo a construcção das machinas, o movimento gerador produzido pelos membros inferiores é alternado, isto é, quando uma coxa s levanta, abaixa-se a outra. Neste ultimo caso não ha para o corpo uma oscillação cadenciada de trás para diante e de diante para trás, mas um dos abalos renovados sem sessar, resultante do attrito rapido das coxas uma sobre a outra.

O sr. Guibout observou em muitas obreiras uma excitação genesica consideravel, que muitas vezes as fazia suspender o seu trabalho: uma leucorrhea com emmagrecimento, digestões difficeis, debilidade e abatimento profundo, menstruação muito frequente e muito abundante, todos os effeitos que frequentemente obrigam estas mulheres a acabar com o exercicio de uma profissão tão perigosa.

Palmeira ou Coqueiro.

(Cocus nucifera.)

Propriedades medicas que se attribuem á differentes partes deste vegetal.

Repetidas veses nos temos occupado d'esta preciosa arvore denominada tão justamente. — *O Rei dos vegetaes.*

Depois de termos tratado já em differentes numeros do nosso *Archivo*, da sua cultura, dos differentes productos que ella fornece ao homem, dando-lhe vinho, azeite, vinagre, doce e mantimentos, dando-lhe os materiaes necessarios para formar uma casa, e pôr uma embarcação no már á véla sem para isso pedir auxilio a nenhuma outra arvore etc; occupar-nos-hemos hoje das propriedades medicamentosas que a medicina popular lhe attribue. O folheto escripto pelo Sr. Felipe Nery sobre o coqueiro e arequeiras, da-nos muitas noticias curiosas sobre este ponto, que aqui approveitaremos.

Fornece o coqueiro azeite, alcool e vinagre, cujas virtudes medicas são já bem conhecidas. Trataremos agora das outras partes.

Fructos dos cachos, depois de pisados servem-se d'elles para deitar nos rios para apanhar peixe, como em algumas provincias de Portugal se servem de cóca. Hoje está prohibido esse uso como prejudicial á saude publica,

Raizes adventicias, moidas em agua de arrôs, e esta adoçada, empregão-na para debellar as gonorrheias.

Sumo das raizes, em quanto tenras (de 3 annos de idade) dizem ser um excellente antidoto na mordedura da cobra de capello.

Folhas brancas, servem para preparar um decocto que usam nas indigestões.

Haste, parte do peciolo despida de foliolos e que tem de comprimento 4 ½ a 5 palmos. Redusida esta hastea a cinsas é empregada pelos *Mainatos* (homens que lavam roupa) nas barrélas, por abundar nella a potassa.

Icle, prolongamento do peciolo e da parenchimatosa do foliolo, que tem a côr branca. Empregão os curandeiros os icles frescos da palmeira que dá fructo, com casca en-

carnada, moidos em agua nas dores de cabeça, sobre as fontes.

Tambem os usam, moidos em vinagre ou alcool, nás eresipelas, esquinencias e tumores sub-liguares.

Espigas tenras, empregão-nas, pisadas, para lavar os enfartes hemorrhoidaes e suspender o fluxo de sangue. O succo d'ellas, com assucar, é applicado aos bexigosos para lhe mitigar a sêde. Tambem se usam nos epiemas.

Sura (seiva) dão a bebêl-a aos atacados de febre lenta, fluxo branco e gonorrheias.

Melaço de Sura, nas grandes quedas, e dôres no corpo, tomam duas onças de melaço quente, em que teem cosido um pedaço de casca de parreira brava. Usam tambem o melaço com o cosimento de gengibre nos deffluxos, como expecturante.

Urraca, espirito fraco extrahido da palmeira. Empregão-no nas disenterias e diarrheas. Tambem infundem na urraca losna e hortelã formando um alcooleo, que dão ás crianças affectadas de lombrigas, de tempos a tempos, como preservativo.

A urraca é uma especie de agua pé.

Residuos da destillação do fenim, (do Alcool de palmeíra) é applicado quente, em banhos, nas dôres reumathicas agudas.

Xivor, caxo que apenas se desembaraça do envoltorio, ou cacho flor. E' applicado pelos curandeiros, quando tenro, moido em alcool, nas insomnias, sobre a cabeça.

Coquinho, ainda unido á flor, a que chamão *bondy*. Rossado em vinagre ou fenim applicam estes liquidos na cura do rheumatismo.

Côco verde, a agua do côco, dase como refrigerante; tambem a usam nos gonhorreas.

Casca ossea do côco, endocarpo, queimada e misturada com cal, empregão-na sobre os bubões para os resolver. Estas cascas, quando ainda verdes, queimadas, dão um oleo, que se essimilha ao oleo petroleo, e que applicam nas dôres de dentes.

A cinsa d'esta casca misturada com açafrão da India (*curcuma*) ou com o amago do *gungy* ou gunchió (abrus precatorius) é usada pelos gentios para pintarem a testa.

Muitas outras applicações se fasem das differentes partes d'esta util e interessante arvore que não mencionamos aqui por se acharem já publicadas em differentes numeros do nosso jornal.

A. Gomes Roberto.

Hospitaes Militares da India Portugueza.

Mappa do movimento dos doentes havido nos ultimos quatro annos.

ANNOS DE	1863	1864	1865	1866
Hospital de Nova Goa....	5051	4566	3488	3483
« de Damão	274	234	246	209
« de Diu ...	228	276	242	221
Total	5553	5076	3976	3913

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 40 **Abril de 1867** **4.º Anno**

Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da Iudia

POR

João Stuart da Fonseca Torre.

[Continuação do n.º 26].

Emeticos da India

A India não he tão abundante em emeticos como em purgantes, não he tãobem pobre, porque por toda a peninsula se encontrão: a *asclepias asthmatica*, magnifico succedaneo da ipecacuanha, o *sulfato de zinco*, o *sulfato de cobre* e o *sulfureto de antimonio* com o qual se podem preparar o *kermes* e o *tartaro emetico*.

Não trataremos dos emeticos minerais por serem muito conhecidos, crendo ser mais conveniente o estudo de substancias menos notorias mas não menos proveitosas.

Os emeticos vegetais mais notaveis são: as *asclepiadas gigantea*, a *asthamatica*, e *secamone emetica*, e a *viola odorata* das violineas.

Asclepiadas.

Caracteres botanicos da familia.

São hervas, sub-arbustos ou arbustos, em geral carnosas e lactescentes.

O *caule* he erecto, sarmentoso ou voluvel.

As *folhas* inteiras e pecioladas não teem estipulas, mas em vez destas apresentão glandulas ou pellos no ponto de inserção: são oppostas em geral e podem ser verticiladas e alternas.

As *flores* dispostas em umbellas, corymbos ou cachos, teem 5 sepalas no calix e a corolla gamopetala com o limbo dividido em 5 partes; os estames em numero de 5 inserem-se na corolla, os filetes destes pela sua união formão um tubo denominado gynostegium, o qual involve as carpellas, as antheras situadas na parte superior e interna do gynostegium, são biloculares e o pollen nellas contido existe em massas solidas e adhere aos corpos glandulares do esigma; a cercar o tubo formado pelos filetes observão-se foliolos petaloides em numero de 5: o ovario he duplo e 2 são os estyletes que terminão num unico esigma pentagonal, que em cada angulo tem um appendice glandular.

O *fructo* he um folliculo duplo ou unico por aborto, he membra-

noso ou algum tanto carnoso e tem muitas sementes.

Usos.

Esta familia de pouco valor therapeutico para os climas temperados, he muito importante nos climas quentes, porque alem de fornecer um dos alterantes de maior confiança, produz tãobem tres agentes emeticos seguros efficazes e muito communs.

Asclepias gigantea de Linneo.

Em sanskrito-*madar* — Na India Portuguesa —*akra*(1).

Caracteres botanicos.

He arbusto alto de caule erecto e lactescente.

As *raizes* são compridas, ramosas e a casca he grossa.

As *folhas* são oppostas, ovais teem 3 a 6 pollegadas de comprimento, e abração o caúle.

As *flores* que se encontrão por todo o anno são purpureas desmaiadas, dispostas em umbellas, a corolla he subcampanulada, sendo angular o tubo, o limbo he quinquepartido, os foliolos petaloides que cercão o gynostegium são curtos e acuminados.

Os *folliculos* são verdes e herbaceos.

A parte usada he a casca da raiz, podem tãobem empregar-se as folhas.

Analyse chimica.

Pela analyse achárão-se os seguintes principios: um alcaloide-*madarina* =soluvel na agua e alcool, uma rezina, gomma, amido, albumina, oleo e fibra vegetal (2).

Acção physiologica.

A acção da asclepias gigantea varía conforme a dose em que se administra: em dozes de 3 a 6 grãos duas vezes por dia não produz effeitos sensiveis, ás vezes augmenta a diurese, n'outras o appetite.

Administrada de meia em meia hora na dose de 4 a 8 grãos produz nausea, augmenta a diaphorese notoriamente e depois da terceira ou quinta dose opera como brando laxante.

Em doses de 30 a 60 grãos obra como emetico, sendo os vomitos precedidos de grande nausea: o vomito manifesta-se 20 a 40 minutos depois da ingestão: frequentemente purga.

Emprego medico.

Na *bronchite* tanto aguda como chronica he um dos melhores medicamentos; usa-se primeiro em doze vomitiva e depois como nauseante: na bronchite chronica pode associar-se á scilla e balsamicos.

Na *asthma* puramente espasmodica administra-se durante o attaque até haver vomito, com o que muito se mitigão os soffrimentos; depois continua-se a administração em pequenas doses de modo que se conserve uma suave mas continua humidade da pelle.

A *pneumonia* cede muitas vezes ao emprego da asclepias gigantea, sen-

1 Assim a denominárão varias pessoas.

2 *Casanova*. Essai surle madar 1833.

do este um dos mais adequados meios para combater tão terrivel doença; no começo do tratamento dase em dozes emeticas e depois como nauseante; quando a pneumonia passa ao terceiro grao deve dar-se conjunctamente com o iodureto de potassio; quando a febre periodica complica a inflammação usa-se simultaneamente o sulfato de quinino.

O tratamento da pneumonia por este agente he antiquissimo entre os hindús e he continuamente explorado pelos curandeiros com o atrahente nome de *segredo*.

A *diarrheia* he uma das doenças em que esta substancia opera com maior certeza e brevidade, poucas resistem á dose de 3 a 4 grãos, 4 ou 5 vezes por dia.

A *dysenteria* tãobem se cura facilmente por meio desta substancia, como attestão os numerosos ensaios feitos por toda a India, a tradição muito remota, e as repetidas curas dos herbolarios que administrão o pó em decocto de arroz, misturando-a ás vezes com o *curó*, outra das substancias de antiga reputação contra este estado morbido, como mostra até o seu nome scientifico (wrigthia a antidysenterica) a doze he de 4 a 6 grãos, duas a tres vezes por dia.

O dr. Bonavia (3) elogia as propriedades antidysentericas desta asclepiada e o mesmo faz o dr. Hutchinson, que com ella curou depressa e bem mais de 50 individuos (4).

Como alterante he muito elogiada contra a *elephantiase* dos gregos e arabes e *syphilis secundaria*

O sr. Playfair (5) o primeiro que em 1825 exaltou as propriedades desta substancia assevera que na elephantiase dos gregos, antes de haver pustulas, nenhum outro agente he tão proveitoso: o mesmo assevera o sr. Robinson. (6)

O sr. Casanova no seo ensaio elogia do mesmo modo esta substancia.

O sr. Germon leo á Sociedade de medicina de Paris uma noticia na qual affirma terem existido em 1829 nos hospitacs do Brasil 3360 homens e 100 mulheres soffrendo a mesma doença, os quais forão tratados pela aslepias gigantea com tão bons resultados que na occasião da sua partida daquelle imperio, já os hospitais estavão desertos, esperando elle que a doença de todo desapparecerá daquelle paiz graças a tão poderoso medicamento (7)!

Na *syphilis secundaria* he de grande utilidade, a sua acção he suave e os effeitos beneficos sentem-se em pouco tempo: a porção de substancia que possuiamos não chegou para o numero sufficiente de experiencias preciso para uma conclusão, esperamos em breve maior quantidade

3 *Bonavia*. Indian lancet, 1.º de Setembro de 1859.

4 *Hutchinson*. Indian lancet. 1.º de Dezembro de 1859.

5 *Plaifair*. Transactions med. and phys. of Calclutta, tom 1.º pg. 84.

6 *Robinson*. Med, chir. transactions, 10.º pg. 272.

7 *Meral*. Dictionnaire de mat. med. 7.º pg. 71.

desta substancia e depois daremos noticia dos seos effeitos.

Playfair cria tanto na efficacia deste meio que lhe chamou *mercurio vegetal*, Robinson, Casanova e outros são concordes na sua virtude antisyphiliitca.

Doses e Formas.

Dá-se em pó, pilulas, alcooleo e xarope.

A dose do po como nauseante he de 4-8 grãos, como emetico 30-60 como alterante 3-6: as doses dos outros preparados calculão-se proporcionalmente.

Asclepias asthmatica de Linneo — Ipecacuanha da India — Ipecacuanha selvagem.

Caracteres botanicos.

He arbusto grande

A *raiz* grossa e tortuosa.

O *caule* he sarmentoso e liso ou um pouco pubescente.

As *folhas* são pecioladas, cordiformes na base, acuminadas na ponta e oppostas.

As *flores* são grandes de cor esverdiada por fora e purpureadas por dentro, encontrão-se por todo o anno; a corolla he rotacea, os foliolos pataloides são carnosos.

Os *folliculos* são lisos compressos e angulosos.

He commum em toda a India, habitando de preferencia terrenos em que predomina areia ou argila.

A parte usada he a casca da raiz e as folhas.

Acção physiologica.

As folhas e casca da raiz teem gosto amargo e nauseoso.

Na dose de 4-8 grãos repetidos de meia em meia hora augmentão a transpiração cutanea e promovem a evacuação do tubo intestinal; e por vezes produzem nausea; o sr. Waring diz que pela sua influencia augmenta a expectoração o que eu nunca observei senão quando ha bronchite; caso em que a acção expectorante tem outra explicação com he sabido.

Em doses de 15-30 grãos a impecacuanha indiana purga.

E se a dose he de 20-60 grãos produz-se o vomito em 20-50 minutos, com nausea menor que a devida á asclepias gigantea, havendo em seguida a 2-3 vomitos ordinarios pequena depressão de forças.

He pois esta substancia dotada de propriedades emeticas em nada inferiores ás da verdadeira ipecacuanha; sendo diaphoretico de menor valor que a substancia precedente, mas purgante de acção mais suave e constante que ella.

Não he alterante tomando este termo na accepção couvencional da pharmacologia.

Emprego therapeutico.

He um optimo emetico podendo empregar-se todas as vezes que haja esta indicação.

Pode por isso administrar-se nos *embaraços gastro-intestinais*, nas *bronchites*, na *asthma*, *coqueluche*, *anginas* etc.

He um emetico muito proprio para creanças e pessoas debeis ou debilitadas pela pequena depressão que produz.

A doença em que mais he elogiado sem ser como emetico he a dysenteria, nesta doença em doses de 5-10 grãos de 3 em 3 horas opera maravilhas em tudo egoais ás da ipecacuanha.

Ja em 1810 escrevia o dr. Fleming respeito a esta substancia com grande favor, publicando uma nota que se achara entre os papeis do dr. Kœrning, onde se lê que o dr. Patœik Russel fora informado pelo physicomor de Madrasta respeito ao frequente uso desta substancia no tratamento da dysenteria tanto por naturais como europeos (1).

Roxburg (2), Anderson (3), O' Shaugnessy(4) Waring (5) e Kirkpatrick (6), são concordes nos elogios que merece este medicamento.

O dr. Kirkpatrick diz tê-la empregado em mais de 1000 casos e sempre com bom resultado: como emetico e antidysenterico julgo-a perfeitamente egoal a ipecacuanha" diz elle.

Formas e doses.

As raizes podem usar-se em pó pilulas, alcooleo e xarope.

A dose he de he de 4-8 grãos do pó como diaphoretico, 15-30 como purgante e de 20-60 como emetico.

1 *Fleming*. Catalogue of indian medicinal plants and drugs—artg asclepias.

2 *Roxburg*. Flora indica, tom. 2.º pg. 33.

3 *Anderson*. citado por Fleming.

4 *O'Shaugnessy*. Log. cit. pg. 455.

5 *Waring*. Med. plants-art-asclepias asthamatica.

6 *Kirkpatrick*. Madras exhibition catalogue, remarks to n.º 470.

As folhas podem administrar-se debaixo das mesmas formas, mas a doze he de 5 grãos para menos.

As doses dos outros preparados calculão-se proporcionalmente.

O çumo da raiz he difficil de obter e incerto.

O decocto he preparado infiel.

Secamone emetica de Brown.

Caracteres botanicos.

He arbusto.

A *raiz* he delgada e torta.

O *caule* he sarmentoso e liso.

As *folhas* são oppostas ellipticas ou lanceoladas.

As *flores* dispostas em cimeiras dichotomas são pequenas, avermelhadas, teem a corolla rotacea e glabra.

Os *foliolos* são estreitos.

Encontra-se em logares baixos e humidos.

Propriedades.

Esta planta he como as antecedentes emetica; a casca da raiz faz vomitar com menos nausea e em menos tempo que os dois emeticos mencionados, os vomitos são mais numerosos e intensos.

A sua acção physiologica e a dose em que opera esta mal averiguada; não podendo nós elucidar estes pontos apenas com 4 experiencias.

Dos escriptos inglezes pouco se colhe, os srs. dr. Wight (1) e Royle (2) limitão-se a menciona-la como energico emetico.

1 *Wight*. Madras journ. of Lit. and science n.º 6.º pg. 80.

2 *Royle*. Ilustrations, tom. 1.º pg. 274.

Viola odorata de Linneo—Violeta cheirosa ordinaria.

Este vegetal he muito conhecido, limitamos-nos por isso a descrever a raiz servindo-nos dos termos d'um illustre botanico portuguez: a raiz he filiforme, de sette pollegadas, reptante, horisontal, d'um amarello um pouco sordido, glabra, fibras esbranquiçadas, filiformes, fibrillosas, descendentes, alongadas" (1).

Acção phisiologica.

A raiz da violeta parece-se muito com a da ipecacuanha, havendo semelhança de apparencia e propriedades: o sr. Boullay (2) encontrou nesta planta a *violina* alcaloide parecido com a emetina o que justifica a analogia de acção.

Em doses de 10-20 grãos repetidas de hora em hora ou de duas em duas he nauseante, produzindo como tal aumento de transpiração cutanea

Em doses de 30—50 grãos evacua os intestinos.

Em maiores doses obra como emeto-cathartico.

Emprego therapeutico.

He empregado como emetico, convindo nos *embaraços gastro-intestinais*, nas *bronchites*, *diarrheia* e *dysenteria*.

Linneo e os srs. Coste e Willemet (3) considerão esta planta como bom succedaneo da ipecacuanha podendo substitui-la em todos os casos.

1 *Figueiredo*. Flora pharmaceutica e alimentar portugueza, pg. 83.

2 *Merat et Delens*. Log. cit. tom. 6.º pg. 905.

3 *Coste et Willement*. Log. cit. p. 6

Formas e doses.

Em pô, pilulas, alcooleo ou xarope.

Como nauseante de 10—20 grãos; de 30—50 como purgante e como emetico de 70—80.

As doses dos diversos preparados calculão-se proporcionalmente.

Não descrevo mais emeticos da India por me parecer sufficientemente abundante o paiz em que ha substancias menos, mais e tão activas como a ipecacuanha, e onde se pode obter o kermes, e tartaro emetico, o sulfato de zinco e a mostarda.

A lista que addiciono mostra a abundancia neste genero de agentes.

Lista de varios outros emeticos indianos.

Acacia concinna - - - - -	sementes
Achyrantes aspera - - - -	sementes
Asclepias curassavica - -	raiz
Anthericum hyacinthoides	raiz
Antimonium sulphuratum Tartaro emetico e Kermes - - - - - -	
Boerhaavia decumbens - -	çumo
Cicca disticha - - - - -	raiz
Crinum asiaticum - - - -	raiz
Cupri sulphas - - - - -	
Cycas circinalis - - - - -	sementes
Entada pusoeta - - - -	sementes
Ficus reptica - - - - -	folhas
Gendarussa vulgaris - - -	td.ª plt.ª
Geophila reniformis- - -	raiz
Luffa amara- - - - -	fructo
Poedria fetida - - - - -	raiz
Randia dumetorum - - -	fructo
Sapindus emarginatus - -	fructo
Scilla indica - - - - - -	raiz

Strychnos potatorum - -	fructo
Sinapis - - - - - - - -	fructo
Viola canina- - - - -	raiz
Viola serpens - - - -	raiz
Viola roxburghiana - -	raiz
Zinci sulphas - - - - -	

(Continúa)

ERRATAS DO N.º 39 A PGs. 45.

Agati grandiflora
Balanites ægypttiaca
Boerhaavia diffusa
Bryonia epigæa
Cardiospermum halicac
Carthamus tinctorius
Cavalina urens
Convolvulus panniculatus
Morinda citrifolia
Paveta indica
Rheum moocroftianum
Rheum spiciforme
Terminalia citrina

Torrie.

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 38).

ALIMENTOS [Continuação]

CHA' [*Thea Sinensis*]

A planta do chá ainda se não dá no Canará do Norte, mas he cultivada em climas e solo semelhantes, nos Himalayas, Neilgherries (em Coonoor), nos Sheveroys, e em Travancor e Bangalor, aonde a planta medra bem. Muitos sitios acima dos Gattes são iguaes áquelles, e não ha a menor duvida de que ella se daria bem nos Gattes do Canará do Norte, nas visinhanças de Sircy, e cascatas de Garsopá, e no concelho de Supem. He planta mui vigorosa, e brota facilmente de semente. A unica difficuldade, que os plantadores indianos acham, he a falta de manipulação aperfeiçoada no preparar a folha. Isto tem sido em grande parte vencido nas plantações dos Himalayas, aonde se introduziram pessoas peritas para instruir as outras; mas ainda forma uma barreira ao completo bom exito das plantações de Madrasta.

Todavia nada seria mais facil, com sufficiente capital, do que importar gente perita ou da China, ou das plantações dos Himalayas.

A planta pode produzir-se de semente importada directamente da China, ou dos Hymalayas, ou de Neilgherries; e tambem se podem conduzir da China em caixas de Ward plantas novas da melhor qualidade. Provavelmente a mistura de umas e outras dará optimos resultados.

Não será facil formar desde agora um calculo aproximado á exactidão, do custo de uma plantação, mas he sabido que os lucros serão mui avultados e certos.

O assumpto he bem digno da attenção dos capitalistas.

SUBSTANCIAS USADAS PARA PREPARAR BEBIDAS.

COQUEIRO. (*Cocos nucifera*)

Um liquido inebriante, commummente chamada *Sura* (*toddy*) se tira do coqueiro, e daquelle liquido se destilla um espirito chamado *urraca* (*arrack*).He a bebida inebriante mais commum que se usa na India, e suppoem os naturaes que ella possue preciosas propriedades medicinaes.

Tira-se das novas vergonteas floridas que se cortam, e o succo que corre da superficie do corte recebe-se em vasos de barro presos ao coto da vergontea para esse effeito. Este liquido quando exposto por algumas

horas á influencia atmospherica, fermenta, e adquire a sua propriedade inebriante. A urraca, quando cuidadosamente destillada da Sura, e não adulterada, he um espirito mui saudavel, ainda que com certo cheiro particular. Só se entregam aos rendeiros para extrahir a sura as arvores, que produzem menos de 50 cocos por anno. A renda que o rendeiro paga por cada arvore pela extracção da sura varia do 8 annás a uma rupia, ou ainda mais por anno.

O leite do côco novo forma uma mui agradavel bebida quando se toma fresco, especialmente de madrugada. Forma tambem um grato refrigerante, e outras bebidas medicinaes nas febres. E tambem entra em fermentação quando exposto á acção do calor e do ar.

PALMEIRA BRAVA [*Borasius flabelliformis.*)

Dá uma sura pouco inferior á do coqueiro, e obtem-se a muito menos custo. Esta planta comtudo he mui rara no Canará do Norte, posto que se dá abundantemente poucas milhas ao sul.

Da sura da palmeira brava pode-se preparar um alchool barato, e proprio para a fabricação de vernizes, e outros usos nas artes e manufacturas.

Do trigo não parece que se fabrique espirito no Canará do Norte.

BAGA DA INDIA (*Anamirta Cocculus*)

Em inglez——*Indian berry*
hindustani—*Kakmari*
tamil ——*Kaka-coolie*
telegú——*Kaki-chempoo*
canará ·——*Kakee-sepoo guddos*
francez ——*Coque de Levant*
italiano ——*Galla di Levante*

Fazemos menção desta planta, que se dá abundantemente no districto, não porque della se prepare bebida alguma, mas porque serve para adulterar outras. He largamente exportada do Travancor, e indirectamente tambem do Canará do Norte para Inglaterra, aonde os cervejeiros sem consciencia a misturam com o seu *malt* para poupar lupulo, e para tornar a cerveja mais inebriante. He tambem exportada para Bombaim. O uso da baga da India deve ser em toda a parte severamente condemnado, porque tende a arruinar completamente a vigorosa saude daquelles, que, sem o saberem, são expostos a sua influencia.

O poder legislativo tem-se esforçado, pela imposição de graves penas, em atalhar este illegal uso de tal droga, mas a fraude dá tanto lucro, que ainda mui extensamente se pratica. O remedio efficaz está na mão do proprio publico, que deve escolher só as cervejas dos melhores fabricantes.

SAGU' BASTARDO (*Cariota urens*).

Esta palma dá uma sura um pouco semelhante á do coqueiro e da palmeira brava. Todavia he mais usada para fabricar assucar grosseiro ou jagra, do que serve para beber.

MAURA' [*Bassia latifolia*]

Em inglez ——*Mahwab tree*
hindustani—*Moola*
tamil ——*Coat—eloopie*
telegu ——*Ipic*
canará——*Iungle— moie* [*sic*).

Das flores desta arvore, que he mui commum nas matas do Canará do Norte, destilla-se um forte espirito. He, como o *rum*, insalubre quando novo, porem parece que melhora com a idade.

Diz-se que a renda do Governo derivada do imposto sobre esta planta na ilha de Caranjá, junto a Bombaim, monta pelo menos a 600$000 rupias por anno.

CONDIMENTOS E ESPECIARIAS.

MOSTARDA DE VARIAS ESPECIES

(*Sinapis ramosa* & &).

Em inglez ——— *Indian mustard*
bengali——— *Raie*
tamil——— *Kudaghoor*
telegú——— *Avaloo*
canará ——— *Sasmee*

A mostarda he cultivada extensamente acima dos Gattes, ordinariamente com o linho, o que prejudica a uma e outra planta. Parece dar-se bem n'um solo muito rico, e ahi dá muito lucro.

De suas sementes se expreme um oleo mui apreciado dos naturaes para untar o corpo. Acha-se á venda em todos os bazares, mas não se faz delle exportação sensivel. Applica-se como remedio externamente nos rheumatismos, nos quaes realmente produz benefico effeito. Muitos remedios de segredo, vendidos a mui alto preço, são compostos de oleo de mostarda com addição de substancias odoriferas ou corantes para disfarce.

Os naturaes tambem o usam nos alimentos.

As sementes são exportadas em consideravel extensão para os districtos visinhos, o valor do producto podia ser muito augmentado com a introducção de maquinismo proprio para limpar e pulverisar as sementes.

CANELLA DO MATTO(*Cinamomum iners*)

Em inglez——— *Wild Cinamon*
hindustani—*Dar Chini*
tamil ——— *Laungoa Marum*
telegú ——— *Pachaku*
canará ——— *Dalsinee Nara*

A canella do matto da-se abundantemente nas mattas de Supem e Yellapur, e em outras partes do districto. As folhas e casca são mui aromaticas, e usadas pelos naturaes como condimentos. Não h duvida que a arvore da canella do commercio (*Cinamomum Zeylanicum*) se daria facilmente nos mesmos sitios em que se dá o *Cinamomum Iners*. Foi ha tempos introduzida no Malabar do Norte por um Mr. Brown, e ahi tem medrado bem. A melhor casca assim do *Cinamomum Zeylanicum* como do *C. Iners* he a que se colhe dos ramos que tem tres annos de idade.

NOZ MOSCADA (*Myristica Moschata*].

Esta arvore, que dá a massa e a noz moscada do commercio, produz-se principalmente nas Ilhas de Maluco, Java, Sumatra, Singapura, Mauricia, Bengala, e Ceilão &. e foi tambem cultivada em tempo na parte occidental da India pelos Portuguezes. Ainda hoje se acham algumas arvores robustas, e medrando bem a todos os respeitos aqui e alli nos jardins da costa occidental.

A cultura da Myristica he mui proveitosa, e commercialmente importante, e podia ser largamente introdusida, e propagada no Malabar e Canará, cujo clima e solo são mui apropriados á sua vegetação.

O calculo da quantidade de noz moscada consumida annualmente em Inglaterra he proximamente de 300$ libras, e na India 100$ libras. Os outros paizes da Europa, America, Asia, e Africa são tambem grandes consumidores.

No Canará do Norte acham-se duas especies, que dão uma semente aromatica semelhante, mas inferior á verdadeira noz moscada do commercio: e são a *Myristica Malabarica* ou *Dactyloides*, e a *Myristica Attenuata*. A primeira fornece a noz moscada do Malabar do commercio, mas não parece entrar no commercio no Canará do Norte.

TAMARINDOS (*Tamarindus Indica*).

Em inglez——— *Tamarind Tree*

hindustani——*Ambli Nuli*
tamil————*Poolie*
telegu ———*Climta—Chettu*
canará ——·—*Oolie.*

Esta bem conhecida e preciosa arvore da-se no Canará do Norte, ainda que não tão commumente como devia e poderia ser.

O seu fructo, o tamarindo, forma um importante ramo de commercio, que parece vai em augmento, e he largamente exportado da India para outras partes do mundo. Nos annos de 1852-1856 só do territorio de Madrasta se exportou no valor de 789$056 rupias, e isto sem embargo do mui largo consumo deste artigo no paiz. Os tamarindos são exportados principalmente para Pegú, Bengala, Ceilão, Golfo Arabico, e Mauricia; e em consideravel extensão tambem para America, Inglaterra, França, e outros paizes.

A polpa da vagem he agradavelmente acida, e forma misturada com agua uma agradavel bebida acida nas febres. Faz-se uma boa conserva pondo camadas alternadas de tamarindos e assucar em uma jarra de barro, e deixando-a intacta por algum tempo antes de fazer uso della. He este o melhor modo de preparar os tamarindos para a exportação.

A madeira da arvore he pezada, firme, rija, e apreciada; e he uma das melhores para fazer carvão para a fabricação da polvora.

CARDAMOMO (*Elettaria Cardamomum*)

Em inglez———*Cardamom Plant*
hindustani -*Elachie*
tamil ———*Aila-cheddie*
telegú -———*Yayla Kooloo*
canará ——-*Yaluckie*

Esta planta, que dá o cardamomo do commercio, he largamente cultivada no Canará do Norte, onde quer que ha um solo rico, e humido ao vermelhado, o qual parece ser preferido por ella a qualquer outro. He mui vivaz, e medra ainda quando he tratada com muito despreso; mas um pouco cuidado com a sua cultura he amplamente recompensado pelo augmento da producção.

A semente he aromatica e carminativa, e muito apreciada como condimento em toda a India, e em outros muitos paizes. Forma um importante ramo de commercio; e de Madrasta se exportou nos annos de 1852—1856 o valor he 1 094$733 rupias, alem da quantidade consumida no proprio paiz da producção. A exportação do cardamomo só do Canará do Norte he consideravel, mormente para Bombaim.

No commercio ha tres variedades, conhecidas por curta, curta-longa, e longa-longa, as quaes todas são produsidas no Canará do Norte. A curta he a que tem maior valor, mas antes de serem exportadas andam as tres especies ordinariamente misturadas.

A planta do cardamomo dá-se geralmente nos arecaes, nos espaços que entre si deixam as arequeiras. Cultivase ordinariamente por sementeira, e então produz ao terceiro anno, dando cada planta cousa de tres quartos de libra de cardamomo por anno, que regula ao preço de 40 rupias por *mão* de 28 libras, ainda que actualmente he mais subido. As sementes colhem-se em setembro, e devem ser em quanto se guardam cuidadosamente protegidas da humidade. Mil e duzentos ou mil quinhentos pés de cardamomo podem medrar em um acre de terra. A cultura deste planta he reconhecida entre os naturaes do districto por uma das mais lucrativas emprezas que ha: e não ha duvida que elles se applicarião muito mais a ella, se não fora a falta geral de capitaes, e a invencivel repugnancia que elles tem de se desfazer de suas rupias sem a perspectiva de retorno dentro de tres annos.

O seguinte he o calculo, derivado das melhores fontes praticas, da despesa de levar á cultura, e lucros que se podem auferir de uma plantação de cardamomo, de 50 acres.

Custo provavel do arrendamento e trabalho da cultura de uma plantação de cardamomo de 50 acres até dar fructo, no Canará do Norte.

	Rupias
Renda de 50 acres de terra a 5 rupias por acre ao anno, por 3 annos.....	750
Limpeza e nivellamento de 50 acres de terra.....	2000
Tres *mãos* de semente para a sementeira a 40 rupias por *mão*.....	120
Jornal de 10 jornaleiros por 3 annos a 5 rupias por mez ..	1800
Paga do superintendente por 3 annos a 30 rupias por mez	1080
Ferramenta e miudezas..	200
Custo total por 3 annos ..	5950

Receita annual provavel de uma plantação de Cardamomo de 50 acres no Canará do Norte, desde o 3.º anno.

	Rupias.
Pelo producto de 60$ plantas, dando cada uma dellas $\frac{3}{4}$ de libra de cardamomo, a 40 Rupias por *mão* de 28 libras	64.285 11

Deducção da despesa annual

Para a renda de 50 acres a 5 Rupias por acre....	250
» Jornal de 10 jornaleiros a 5 Rupias cada um por mez ..	600
« Jornaes extraordinarios na colheita, e outros tempos necessarios	150
« A paga de superintendente a 30 Rupias por mez	360
Custo de agencia [supponhamos).....	1000
Miudesas.....	100
Despesa total annual	24600
Lucro total annual	61.825 11

A plantação do Cardamomo não requer particular cuidado. Covas pouco fundas (de meia a uma pollegada de fundo), se abrem na distancia de seis pés umas das outras, e em cada uma se lançam de duas ou tres sementes, que se cobrem levemente de terra, e por cima, de folhas velhas. Dentro de um ou dous mezes nascem as plantas.

Devemos instantemente chamar a attenção de nossos leitores europeos e capitalistas para as plantações de cardamomo, coqueiro, e outras que agora ainda estam só na mão dos naturaes da India. São ellas muito mais lucrativas, mais faceis de grangear, e menos arriscadas a fallencia do que emprezas taes como a plantação de Caffé, a que os Europeos até agora se tem applicado; e estamos convencidos que bastará serem aquellas mais cabalmente conhecidas para convidar muitos a emprehende-las.

Não he aqui logar de entrarmos na explicação de todas as circunstancias que provarião o nosso dito. Procura-las-hão aquelles que tiverem interesse nisso; e os conhecimentos adquiridos pelo proprio trabalho são sempre mais uteis e convenientes, principalmente quando, como nos calculos que acima fizemos, os lucros são tão avultados, que quasi parecem incriveis. Todavia os grossos beneficios desta empresa tem sido ha muito tempo conhecidos da gente da terra, que se applicarião muito mais a ella, se não fora a sua pobresa, e a sua conhecida aversão a despender dinheiro para qualquer con-

sa que lhe não offereça lucros promptos. Tambem se deve considerar que o dinheiro pode render 40 a 60 por cento, quando dado a ganhos nos bazares, e com retorno quasi immediato, alem do poder que elle confere quando he assim applicado.

Todavia he bem sabido, ainda dos Europeos, que um indigena que possue meio acre plantado de arecal e cardamomo, passa por homem rico, e pode viver tranquillo e sem cuidados. Os mais particulares da cultura do cardamomo aprendem-se com a cultura da areca, as quaes andam geralmente associadas no districto.

(*Continúa*).

MEDICINA

Cholera morbus.

Extractando os documentos da conferencia sanitaria internacional relativos a este terrivel flagello nos diz a *Fraternidade*—jornal de Valencia o seguinte:

Quaes sam as circunstancias, que concorrem na India ao desenvolvimento e propagação das epydemias de cholera?

Ainda que na actualidade não estejam resolvidos todos os problemas relativos á epydemia na India, os conhecimentos hoje adquiridos permittem indicar certo numero de circunstancias, cuja acção é incontestavel.

Póde affirmar-se que em Bengala a cholera toma principalmente a forma epydemica na estação quente, desde abril até agosto, em quanto que nas provincias de nordeste succede que as grandes epydemias [em particular a de 1861) reinam com preferencia nos mezes de julho e agosto, ficando terminadas no principio do inverno.

Em Bombay acontece, pouco mais ou menos, o mesmo que em Calcutá, isto é, que as epydemias cholericas apparecem principalmente desde abril até setembro.

Na presidencia de Madras, onde as estações se confundem mais, apparece assim mesmo a cholera epydemica mais intensa no periodo do calor.

Ultimamente a grande manifestação cholerica de 1817, que seja dito de passagem, não teve sua origem em Jesora, mas somente seu foco principal, esta grande manifestação, começou tambem com a estação quente.

De modo que é impossivel desconhecer que em Bengala, como na generalidade da India, e nos demais pontos, exerce a estação quente uma influencia favoravel ao desenvolvimento epydemico da cholera. Porém não é esta mais do que uma circumstancia auxiliar, subjeita a numerosas excepções, na qual não póde ver-se, nem mesmo na India, uma condição *sine qua non* do desenvolvimento epydemico. Menos rasão ha ainda para reputar aquella circunstancia, considerada isoladamente, como a propria causa da epidemia.

Não julga, a commissão necessario discutir a parte, que corresponde a uma multidão de condições mais ou menos favoraveis ao desenvolvimento epydemico da cholera na India, por quanto nada resultaria que não fosse applicavel a outras muitas doenças, e offereceria um interesse muito secundario. Apressa-se a commissão a chegar a ciscunstancias cuja acção especial é muito mais evidente; isto é, ás grandes *agglomerações e emigrações de homens*, e em particular ás *peregrinações*, que em epocas determinadas se effectuam em muitos pontos da India.

De toda a parte correm os peregrinos indios aos logares onde de-

vem reunir se; alguns dos quaes sam ao mesmo tempo sitios de culto e de feira. Depois de grandes e penosas marchas, feitas quasi sempre a pé, e na estação do maior calor, chegam ás cidades santas extenuados pela fadiga e pela miseria. A reunião de individuos nestas povoações era tão espantosa, que em Hndwar, onde todos os annos se celebra a feira na lua-cheia de abril, havia em 1783 reunidos mais de um milhão de pessoas, quando appareceu a cholera, que em oito dias fez 20:000 victímas!

Pooria, cidade, que não conta mais de 35:000 almas em tempo ordinario, aloja durante as festas de 100 a 150:000 pessoas. Conjeveran, cujas condições de salubridade não sam más nos tempos normaes, segundo diz o dr. Montgoneri, vê chegar pelo menos 200:000 peregrinos nos dez dias, que duram as ceremonias.

Tão horriveis agglomerações aggravam mais o estado dos peregrinos, não só pelas causas de infecção. que d'ellas resultam, se não tambem pelos maus alimentos, pelas más aguas, a libertinagem, e outras muitissimas circustancias proprias para favorecer entre elles o desenvolvimento da cholera.

Assim é que depois de poucos dias de sua reunião se desenvolve esta affecção com uma actividade espantosa, e em quanto a multidão se despersa por terem terminado as ceremonias vae desaparecendo a epidemia na cidade consagrada, mas indo ao mesmo tempo os que regressam a suas casas espalhando a cholera por onde passam, convertendo-se assim em agentes, mais ou menos activos da propagação da epydemia.

Outro tanto acontece em Meca, sómente *em ponto muito maior*, de modo que alli como na India as peregrinações parecem ser ao mesmo tempo uns focos de reforço, outros focos dessiminadores da doença, com a unica differença de que em Meca parece estar bem estabelecido que é sempre importada a cholera ao passo que nas agglomerações da India não está provado se acontece o mesmo, ou se se desenvolve n'ellas a doença espontaneamente, e sem importação previa.

Sem embargo, é indubitavel que as localidades de que se trata não sam consideradas como focos de epidemia cholerica: que alli se extingue a cholera depois da retirada dos peregrinos, e que não torna a manifestar-se mais ou menos periodicamente, se não em consequencia da peregrinação.

Seria muito importante indagar, por informações feitas com todo o cuidado, se a cholera é ou não sempre importada nos sitios da peregrinação, pelos individuos procedentes de focos endemicos ou epidemicos. Entretanto, se se pode julgar por analogia, *o provavel é que na India, como em todas as outras partes, fora dos focos endemicos, seja a importação da cholera a condição necessaria para o seu desenvolvimento epydemico.*

Seja porém como fôr, pelo que precede, não é possivel deixar de reconhecer que na India exercem as peregrinações uma influencia capital no desenvolvimento e propagação das epydemias cholericas. Logo depois veem porém em grau muito menor, os movimentos de tropas, segundo se tem observado principalmente na presidencia de Madras.

Se a estas causas, se junta por ultimo, a facilidade cada dia maior das communicações rapidas, ou seja pelos caminhos de ferro ou pela navegação a vapor, não haverá motivo para temer uma crescente frequencia, e uma extenção cada vez mais

rapida das epydemias cholericas na India, e por tanto um perigo tambem crescente da importação na Europa?

Julga-se, pois, auctorisada a commissão para responder que — *as peregrinações são na India a mais poderosa de todas as causas, que concorrem ao desenvolvimento e á propagação das epydemias de cholera.*

E esta resposta foi adoptada unanimemente.

[Do *Jornal de Ph. e Sc. Acc. de Lisboa*).

PHARMACIA

Agua oxygenada, ou per-oxido de hydrogenio.

Publicou o sr. Schsenbein em um jornal alemão, que foi traduzido, e publicado no *Restaurador Pharmaceutico* de Madrid, um processo, dado como facil, economico, e perfeito para obter este producto, que muitas vezes temos de empregar em pharmacia. Este novo methodo consiste simplesmente em agitar em um grande recipiente, em presença do ar, um *amalgama* de zinco em pó com agua destillada.

O oxigenio n'estas circunstancias é absorvido ao mesmo tempo pelo zinco e pela agua com formação de oxydo do zinco e de peroxydo do hydrogenio, O peroxydo obtido por este processo não é igual ao obtido pelo methodo ordinario, pois que não contém acido: e pode conservar-se por muito tempo sem decomposição: alem disto é absolutamente puro, não contendo nem zinco, nem mercurio.

Licor de alcatrão concentrado e dozificado.

Este producto preparado pelo sr. Guyot, pharmaceutico, não contém mais do que os principios activos do alcatrão, privado dos seus oleos acres, e empyreumaticos e tem sobre a *agua de alcatrão ordinaria* a grande vantagem de uma dosagem exacta. Seu modo de preparação é o seguinte:

Alcatrão de Noruega- --	10	kilos
Agua- - - - - - - - - - - -	20	«
Carbonato de soda - - -	1	»

Aquecido em banho-maria, e em vaso distillatorio para se recolher o principio volatil (a rezineona) torna a tomar-se a parte não distillada, trata-se por sufficiente quantidade de agua para obter quarenta litros de liquido: deixa-se aquentar o licor e decanta-se para um vaso apropriado. Reune-se a parte volatil obtida no primeiro periodo da operação, tendo o cuidado de agitar o todo por alguns instantes, e repetindo-se por varias vezes : depois se deixa em repouso por alguns dias, e se filtra.

D'este modo se obtem um licor pardo-escuro, de um sabor muito aromatico, que se mixtura perfeitamente com agua, e dá uma agua de alcatrão alambreada, clara, e transparente.

Eis as proporções em que o licor de alcatrão é administrado para as diversas indicações.

Agua de alcatrão para injecções —duas colheres do licor para um

litro d'agua, ou uma colher de caffé para cada copo.

Agua de alcatrão para bebida — uma parte do licor para quatro partes d'agua.

Agua de alcatrão para loção — partes iguaes de licor e de agua.

Este licor tambem tem sido empregado puro no tratamento da tinha.

Glycominia.

E' este um novo preparado pharmaceutico do dr. Sichel, e que consiste em um simples glycerolado de óleo de gemma d'ovo.

Prepara-se tomando 4 partes de gemma d'ovo e 5 de glycerina, misturando-as simplesmente por trituração.

Emprega-se principalmente nas queimaduras, erysipélas, queimaduras cutaneas, contra o prorido, e nas fendas da pelle.

Junto a outras substancias medicinaes pode empregar-se para combatter muitas outras doenças.

Quinta-essencia Balsamico-etherea.

Este medicamento, que Andin Rouvere considera como uma verdadeira panacea, attribuindo-lhe maravilhosos resultados, e cuja composição é desconhecida, ou pelo menos de uma exactidão duvidosa, temos a satisfação de pôr ao alcance de todos, em vista dos surprehendentes effeitos produsidos em algumas pessoas de nossa alta sociedade.

Serpentaria de Virginia -	4	oitavas
Canella de Manilha - - -	2	»
Casca de laranja- - - - - -	2	»
Casca de Limão- - - - - - -	2	»
Alcool	2	libras

Infunda-se por espaço de 10 dias, filtre-se, e depois se lhe ajunte de ether sulphurico de 63.° 3 oitavas.

Usos —Como odontalgico para fortificar as gengivas na dose de duas oitavas em quatro onças d'agua.

Em fricções no estomago para despertar o apetite.

Nas congestões cerebraes e doenças de cabeça, se tomam banhos aos pés com um pouco de sal commum, e depois se esfreguem as pernas com este liquido: porém a principal applicação é para os rheumatismos articulares dando-se duas fricções uma ao levantar outra ao deitar no local affectado de dores.

[*La Fraternidade=José Garibaldi*)

(Do *Jornal de Ph. de Lisboa.*)

VARIEDADES

Carne crua e alcool:

Seu emprego na consumpção.

Segundo o snr. *Fuster*, o uso da carne crua de carneiro ou de boi e das bebidas alcoolicas, em dóses variaveis, conforme os casos e as circunstancias, faz suspender os progressos da consumpção na phthisica pulmonar e n'outras doenças consumptivas.

Manifesta-se esse effeito pela recuperação das forças e do appetite, reanimação da physionomia e augmento da nutrição. Um meio seguro para esta apreciação, quando a nutrição progride, é pesar os doentes, conforme faz o snr. *Fuster*. Por este meio, diz elle ter reconhecido, que um doente póde, debaixo da influencia da sua medicação, adquirir, em menos d'um mez, um excedente de 2 a 6 kilogrammas do seu pêso.

A favor do restabelecimento geral da economia, ajudado com o tratamento dos simptomas predominantes, desapparece a febre hectica a diarrhea e os suores colliquativos. As lesões locaes do apparelho respiratorio e d'outros, prestam se á desapparicão desses symptomas e marcham admiravelmente para a cicatrisação. Observa o snr. *Fuster* que este tratamento não se manifesta com igualdade em todos os graus das doenças; no terceiro grau da phthisica não poderá elle fazer mais do que demorar uma morte inevitavel, porém no segundo já o triumpho é completo, quando se tenham em vista as precauções hygienicas, exigidas pela gravidade de taes doenças. Conclue o mesmo auctor que, entre as molestias consumptivas em que este tratamento é applicavel, se deve collocar em primeiro lugar a phthisica pulmonar em todos os graus; que elle é muito vantajoso ainda nas anemias adiantadas, depois das grandes perdas do sangue ou do liquido seminal; nas molestias agudas, especialmente typhos e febres typhoides; no ultimo grau das leucocythemias, das albuminurias e diabetes; e, finalmente, na infecção purulenta, nas febres nervosas chronicas, e em geral em todas as doenças prolongadas em que se conheça que o individuo perde o que lhe é necessario para a sua reparação e nutrição.

(BRANDÃO = Da *Revista de Ph. do Porto*).

Cholera.

(Tratada pela inoculação).

Refere o *Jornal de Pharmacia* de Lisboa, que o Dr. Widborne, segundo diz o Jornal *The Press* de Londres, tendo visitado o hospital de cholericos em Southampton, diz que em muitos casos se salvaram enfermos julgados quasi mortos inoculando-lhes em um braço camphora dissolvida em oleo de therebentina do mesmo modo que se inocula a vaccina. Este remedio foi descoberto em Southampton pelo dr. Niblin.

Hospitaes Militares da India Portugueza.

Mappa da mortalidade havida nos ultimos qutro annos.

ANNOS DE	1863	1864	1865	1866
Hospital de Nova Goa....	47	42	59	41
« de Damão	2	9	7	»
» de Diu...	3	7	14	1
Total...	52	58	80	42

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 41. Maio de 1867 4.º Anno

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º antecedente).

CONDIMENTOS E ESPECIARIAS (Continuação).

Pimenta (*Piper Nigrum*).

Em inglez ——— *Black pepper vine*
hindustani — *Goolmarich — mireh*
tamil ——— *Molagoo — vully*
telegu ——— *Moloovoo — kordi*
canará ——— *Menchem kaloo*

A planta que dá as bem conhecidas pimentas, preta e branca, medra abundante e proveitosamente no Canará do Norte, muitas vezes nos arecaes, mas frequentemente tambem em outras plantações, onde haja arvores a que se encoste.

A pimenta commum foi conhecida e apreciada como artigo de luxo desde os mais remotos tempos historicos, e o seu uso derramou-se rapidamente por toda a parte da terra, onde chegou a civilisação. He no dia de hoje um artigo da maior importancia commercial, e os direitos impostos na sua importação accrescentam uma não pequena verba aos rendimentos de Inglaterra, onde entram annualmente 600$ libras, que pagam de direitos a seis *dinheiros* por libra. A pimenta produzida no Malabar, em cuja conta entra a do Canará, hé a que tem maior valor commercial.

A pimenteira propaga-se por estaca, ou pelos rebentões que saem ao pé da planta, dispostos no principio do inverno n'um terreno rico, e sufficientemente humido. No fim de tres annos começa a dar fructo, e cada planta produz libra e meia de pimenta por anno. A colheita faz-se em Março e Abril.

O fructo deve-se colher antes de estar completamente maduro, e seccar-se ao sol em esteiras. A pimenta branca só differe da preta em ser privada da pelle exterior por uma curta maceração em agua pura, e depois brandamente esfregada. O preço porque se vende a pimenta preta no Canará do Norte he pouco mais ou menos 8 Rupias por *mão*.

Medra optimamente no Canará do Norte acima dos Gates, posto que tambem se dá bem abaixo delles. Um acre de terra pode criar 2$500 plantas, e como ellas demandam pou-

co cuidado, o custo da cultura e trabalho até darem fructo não excede a 40 Rupias por acre o maximo, e como a producção annual, depois da planta começar a dar fructo, excede ao valor annual de 800 Rupias, he esta uma mui proveitosa cultura.

BETLE (*Chavica betle*)

Em inglez ——— *Betle leafe pepper*
bengali ——— *Pan*
tamil ——— *Vetilie*
telegú ——— *Tamala pahoo*
canará ——— *Illatha yellay*

Ainda que o betle só impropriamente se pode classificar entre os alimentos, damos aqui noticia delle, porque a sua cultura anda intimamente connexa, como tambem a da areca, com a das plantas antecedentes.

A folha do betle he largamente usada entre os naturaes como masticatorio juntamente com a areca. Persuadem-se que he conducente á conservação da saude; e pouca duvida ha de que tem um effeito inebriante quando usada largamente. He provavel que possua uma virtude semelhante á do alcohol, chá, caffé etc. retardando as perdas dos tecidos animaes.

Cria-se geralmente nos arecaes, e planta-se de estaca. N'um acre de terra podem criar-se 2$500 plantas, as quaes ao segundo anno dão folhas que valem 4 ou 6 *annás*, e são abundantemente exportadas para Bombaim &. As despesas da cultura são pequenas, e os lucros grossos.

AREQUEIRA (*Areca Catechu*)

Em inglez ——— *Areca*, ou *Betle — nut Palm*
tamil ——— *Paak Marum*
telegú ——— *Poka chettoo*
canará ——— *Adakay Mara*
concani ——— *Maddee*

A cultura da arequeira he uma das emprezas mais remunerativas que se conhecem no Canará do Norte, onde a planta medra abundantemente tanto acima como abaixo dos Gates. A noz da areca, raras vezes usada como alimento, he commummente mascada pelos naturaes da India com as folhas de betle e um pouco de chuname (cal), e he tambem usada para varios outros effeitos economicos, pelos quaes foi introduzida no commercio europeo. O tronco da arvore tambem serve para varios usos. A spatha, que envolve as flores, he tão fina que se pode escrever nella com tinta; e não pode haver grande duvida de que a sciencia moderna descobrirá ainda outros usos prestadios desta planta.

A arequeira começa a produzir no Canará do Norte ao 5.º ou 6.º anno, e continua até ao 25 ou 30, requerendo para seu bom desenvolvimento um terreno rico e humido. Como atraz fica advertido, o cardamomo, e a pimenta vegetam ordinariamente nos arecaes.

O seguinte he o modo ordinario de formar um arecal no Canará do Norte:

Escolhe-se um sitio baixo (e se for valle, melhor) com terreno rico,

e facilmente irrigavel, ordinariamente atravessado por agua corrente. A extensão do terreno he ordinariamente pequena, para se accommodar aos meios do cultivador.

Nivella-se o terreno, se o não está, e entrecorta-se de regos, de maneira que as aguas possam continuamente atravessa-lo brandamente. Começa-se depois a plantação, que pode ser de sementeira, que he mais barato, ou de plantasinhas para esse effeito compradas, proprias para transplantação (de 1, 2, e 3, annos de idade), e este plano he melhor, porque assim começam as arvores a produzir tres annos mais cedo do que se fossem semeadas. O custo para povoar um acre de terra não excede a 3 ou 4 Rupias; plantasinhas de 3 annos proprias para a transplantação custão uma Rupia pouco mais ou menos, ou 160 Rupias por acre, porque em um acre se plantam 2$500 pés de arequeira.

Ao mesmo tempo se plantam bananeiras ou cardamomos. O custo destas por acre, incluindo o trabalho, he 80 Rupias pouco mais ou menos. No fim do 2.º anno as bananeiras, e no fim do 3.º ao mais tardar, os cardamomos começam a produzir, rendendo as primeiras 200 Rupias pouco mais ou menos, e as ultimas 1$000 Rupias por acre cada anno.

No fim do 3.º anno a plantação he bem adubada com folhas velhas e bosta de vaca; e isto se repete todos os annos.

Ao 5.º anno, se a plantação foi de semente, ou ao 3.º se foi de transplantação, as arequeiras tem crescido até altura de 12 a 15 pés, e então he tempo de plantar betle, ou pimenta junto do seu pé; uma pimenteira, e uma ou duas plantas de betle junto de cada arequeira.

No fim de mais dous annos as arequeiras, e qualquer das outras plantas começam a dar fructo. Cada arequeira dá 8 a 10 *sêiras* de areca, a 1 *anná* por *seira*, preço do mercado; cada pimenteira libra e meia de pimenta no valor de 6 *annás* pouco mais ou menos, e cada pé de betle, folhas no valor de 4 *annas*. Estes lucros annuaes são engrossados pelos que se derivam das plantas de cardamomo.

Pode-se ter confiança no seguinte calculo das receitas e despesas, por que he derivado das melhores e mais seguras informações, e cuidadosamente comparado com os factos atraz referidos, e já verificados. As despesas vão lançadas em metade mais do que são avaliadas pelos nossos informadores indigenas, por que elles podem arranjar as cousas mais baratas do que o europeo.

Calculo das despesas de formar, e criar até produzir fructo um arecal de 50 acres no Canará do Norte, sendo as arequeiras semeadas no proprio lugar do arecal.

	Rupias.
Renda ao Governo por 50 acres de terra, durante 7 annos, a 10 Rupias por acre cada anno ------	3$500
Arroteação do terreno, nivellamento, e canalisação de 50 acres de terra -	7$000

Areca para semear- - -	250
Semente de cardamomo	120
Estacas, ou rebentões de pimenteira - - - - - - - -	200
Ditas de betle - - - - -	200
Jornaes de 50 trabalhadores a 5 Rupias cada um por mez, durante 7 annos, - - - - - - - - - - -	21$000
Paga do superintendentendente por 7 annos, 40 Rupias por mez - - - - - -	3$360
Miudezas e despesas varias incluindo adubos &-	2$500
Total nos 7 annos - -	32$130

Receita annual do 3.º anno em diante.

	Rupias.
Pelo producto de 60$000 plantas de cardamomo, dando cada planta tres quartos de libra de cardamomo a 40 Rupias por *mão* de 28 libras - - - - - - - -	64$285:11
Reduz-se o custo da agencia - - - - - - - - - - -	1$000
Lucro annual - - - -	63$285:11

Receita annual do 7.º anno em diante.

	Rupias.
Pelo producto de 60$000 plantas de cardamomo, dando cada planta tres quartos de libra de cardamomo, a 40 Rupias por *mão* de 28 libras - - - - . - -	64$285:11
Productos de 125$000 arequeiras, dando cada arvore 8 *seiras* de areca a preço do mercado de 1 *anná* por *seira*	62$500:00
Producto de 125$000 plantas de betle, dando cada uma folhas do valor de 4 *annás* - - - -	31$250:00
Producto de 125$000 pimenteiras, dando cada uma libra e meia de pimenta, ao preço de 8 Rupias por *mão* de 28 libras - - - - - - -	53$571:00
Receita total annual - -	211$606:11

Deducção annual.

	Rupias.
Para renda de 50 acres a 10 Rupias por acre - - - - - - - - - -	500
Jornal de 50 trabalhadores a 5 Rupias cada um por mez- - - - -	3$000
Paga do superintendente a 40 Rupias por mez - - - - - - - - - - -	480
Custo da agencia (supponhamos) - - - -	5$000
Despesas miudas- - -	300
	9$280:00
Lucro annual - - -	202$320.11

Calculo das despesas de formar e criar até produzir fructo um arecal de 50 acres no Canará do Norte, sendo as arequeiras transplantadas na idade de 3 annos.

	Rupias.
Renda ao Governo por 50 acres de terra, durante 4 annos, a 10 Rupias por acre - - - - - - - - - -	2$000

Arroteação do terreno, nivellamento, e canalisação de 50 acres - - - - - - - -	7$000
125$000 arequeiras a 16 por uma Rupia - - - -	7$820
Semente de cardamomo	120
Estacas ou rebentões de pimenteira - - - - - - -	200
Ditas de betle - - - -	200
Jornal de 50 trabalhadores a 5 Rupias cada um por mez, durante 4 annos	12$000
Paga do superintendente por 4 annos a 40 Rupias por mez - - - - - - - - - - -	1$920
Miudezas e despesas varias, incluindo adubos - - -	2$000
Total por 4 annos - - -	33$360

Desta maneira as plantas de cardamomo darão desde o 3.° anno 64$285 Rupias e 11 *annás*, e toda a plantação fructificará completamente desde o 4.° anno; pelo que este plano he mais economico no resultado do que o de criar as plantas de semente. A unica difficuldade he arranjar sufficiente numero de plantas novas, para um arecal tão vasto, comparativamente fallando.

Temos avaliado o producto de cada arequeira em 450 nozes de areca por anno pouco mais ou menos, que he provavelmente quanto darão no primeiro anno. Mas ellas rapidamente crescem em fertilidade até ao 12.° ou 15.° anno, tempo em que chegam a seu completo desenvolvimento, e então cada arequeira dará 1200 nozes de areca pelo menos. Nós mesmos temos visto 2$000 nozes colhidas de uma mui ordinaria arvore, depois de completamente formada.

A exportação da areca e *cato* para a Europa vai augmentando em grande proporção, e tem completamente substituido a ruiva dos tintureiros para na tinturaria dar aos pannos uma côr de caffé dourada. Para este intento uma libra de *cato* he igual a seis de ruiva.

O *Cato* ou *Terra Japonica* he extrahido das nozes, e tambem do tronco.

Para isso as nozes são cortadas em pedaços, fervidas em agua, e logo depois tiradas; esta agua, depois de tiradas as nozes, he inspissada por prolongada fervura. Isto ministra uma *Terra Japonica* impura. As nozes que assim foram tiraradas da primeira fervura, seccam-se, e tornam-se a ferver em agua pura, a qual da mesma sorte inspissada, ministra o mais fino *Cato*.

Do tronco da planta extrahe-se a *Terra Japonica* no modo seguinte, preferindo-se por obvias rasões as arvores velhas para este fim.

Cortada a arvore, o amago, chamado em Canará *Kairy* (*Cairo*), decepado em pequenos pedaços, macera-se por dous dias, e depois he bem fervido. O decocto assim formado he filtrado, e novamente fervido até o ponto de gelea. Deixa-se arrefecer, e depois evaporar ao sol. Finalmente corta-se em pedaços, e depois de completamente secco, está prestes para a exportação. Usualmente quando o decocto tem sido evaporado até á consistencia de geléa, espalha-se so-

bre esteiras para se seccar ao sol. Outras vezes isto faz-se em pratos rasos.

O preço do mercado no districto he pouco mais ou menos 6 Rupias por *mão* de 28 libras.

Exporta-se do Canará do Norte em grande quantidade.

(*Continúa*).

PHARMACIA

Differentes formulas extrahidas do *Journal de Pharmacie et de chimie* de Paris, de fevereiro de 1867.

Pomada contra as frieiras.

(*Dr. Correau.*)

Banha de porco	30	gram.as
Iodureto de potassio ..	4	»
Tintura de iodo	1	»

Dissolva o iodureto de potassio n' uma pequena quantidáde d'agua, misture a banha, e junte depois a tintura de iodo.

Bollos ferruginosos.

(*Dr. Velpeau.*)

Extracto de valeriana..	30	gram.as
Sub-carbonato de ferro.	4	»

Para 30 bolos. Tomam-se dois por dia, pouco tempo depois da comida, para combater a chlorose.

Para preparar estas pilulas é conveniente juntar ao extracto uma pequena parte de pó de valeriana.

Pilulas anti-pasmodicas e anti-nevralgicas.

(*Dr. Rayer.*)

Extacto de valeriana	1	gram.a
Assafetida.....	1	«
Galbano.....	1	«
Castoreo..	1	«

Para 30 pilulas. Tomam-se 3 por dia: uma demanhã, outra ao meio dia e outra á noite.

Soluto d'iodureto de potassio iodado:

Recommendado como collutorio contra a salivação mercurial;

Pelo Snr. Righini.

Iodureto de potassio.	1,25	gram.s
Alcooleo d'iodo.....	0,50	«
Xarope simples	50,00	«
Hydrolato de rosas..	60,00	«
Hydrolato simples ..	120,00	«

Triture em gral de vidro o iodureto de potassio e o alcooleo d'iodo, solva nos hydrolatos, e junte o xarope.

O auctor diz ter tirado bom partido d'este preparado, empregado em bochecho quatro vezes por dia.

Soluto d'extracto de belladona e de estramonio opiado:

Recommendado contra as nevralgias dentares e faciaes.

Extracto d'opio.. ..'.....	1	gram.
Extracto de belladona....	1	«
Extracto de estramonio ..	1	«
Hydrolato de louro-cereja.	12	«

Solva e filtre.

Introduzem-se quatro a dez gôttas d'este soluto no ouvido, tapa-se este com algodão, e inclina-se a cabeça do lado opposto. Esta acção, toda local, será vantajosamente auxiliada pelo uso de sinapismos, postos em differentes partes dos membros inferiores.

A QUESTÃO DO INFANTECIDIO

Tratou a Sociedade Harveyana de Londres, na sua sessão de 3 de Janeiro de 1867 da importante questão do infantecidio e de varios pontos que com ella teem affinidade, como nos noticia a Gazeta Medica de Lisboa n'um excellente artigo que em seguida transcrevemos.

Sociedade Harveyana de Londres.

SESSAÕ EM 3 DE JANEIRO DE 1867.

Em uma sessão de maio do anno passado resolvera a *Harveian society* encarregar a uma commissão o estudo de varios pontos, que com a questão do infanticido têem affinidade, como sejam, por exemplo, a investigação das causas da excessiva mortalidade dos infantes, o meio de prevenir essa excessiva mortalidade, o melhor plano a seguir no tratamento e educação dos filhos illegitimos, e o conjuncto de meios a empregar para reprimir o crime do infantecidio.

Para se desempenhar dignamente da tarefa que lhe fôra incumbida, não se limitou a commissão a inquerir apenas do que se passava em Inglaterra; buscou, pelo contrario, informar-se do que, em referencia ao objecto dos seus estudos, se passava nos outros paizes da Europa e da America.

Colhidos os dados sobre elle, elaborou a commissão o seu relatorio, que em sessão de 3 de janeiro ultimo a sociedade apreciou.

De tanta importancia se afigurou ao presidente, o dr. Tyler Smith, aquelle assumpto, que de preferencia a outro qualquer o escolheu para objecto de suas considerações na sessão annual.

Discorrendo sobre a questão do infanticidio e sobre as outras que lhe são naturalmente annexas, o dr. Tyler Smith apresentou á sociedade um resumo dos factos e dos algarismos, em que se estribavam as conclusões offerecidas pela commissão, a que no principio alludimos.

Antes de noticiarmos essas conclusões, tentaremos resumir os esclarecimentos prestados pelo dr. Smith.

Sobe a 6½ por cento, sobre o total dos nascimentos o numero dos filhos naturaes em Inglaterra. Em 1864 houve n'este paiz 740:275 nascimentos e d'esses foram illegitimos 47:448.

Nos cinco annos que decorreram desde 1860 até 1864 *inclusive*, nasceram em Inglaterra 227:661 filhos naturaes.

Comparando a população de 1830 com a de 1861, e estabelecendo igual parallelo entre o numero de nascimentos illegitimos, que se deram no primeiro d'aquelles annos, e o numero dos que tiveram logar em 1860, chega-se á triste conclusão de que no decurso de trinta annos a população total não chegou a augmentar de metade, em tanto que o accrescimo dos nascimentos illegitimos excedeu o dobro do que era.

E' desmesuradamente menos protegida a vida do filho natural do que a do filho legitimo; áquelle rodeia-o a probreza, escasseia-lhe o sustento, esquece-o a protecção, e tudo isto dá em resultado que é mais comparavel á de um irracional do que á de uma creatura humana a sorte que encontra no mundo um filho bastardo.

São cheias de perigo para a creança as condições em que a mãe dá á luz o fructo do seu erro. O primeiro cuidado que a preoccupa, é o segredo do parto, e por isso trata desde o principio dissimular a gravidez; terminada esta, são grandes as ten-

dencias para matar a creança e para a occultar.

A melhor sorte que espera a mulher, cuja illicita gravidez foi conhecida, é a admissão n'uma das salas de parto de um hospital, o que, sobre ser difficil de obter, não obvia aos inconvenientes, que derivam do uso, em que essas mulheres gravidas estão de continuarem trabalhando excessivamente até á epoca do parto. Consummado este, a mãe dá-se talvez ao mister de ama de leite, e portanto tem de entregar o seu proprio filho a uma ama secca; dado mesmo o caso que a mãe se emende, não deixa algumas vezes o filho de pagar com a morte a falta de que não foi culpado.

Affirma o dr. Tyler Smith, o proprio que nos tem fornecido estes esclarecimentos, que, na sua pratica de vinte e cinco annos, raros têem sido os exemplos que possa apontar, em que as creanças, nascidas n'aquellas circumstancias, tenham vivido alem da infancia Exceptuando os singularissimos casos, em que a mãe consiga obter uma boa caza onde exerça o seu mister de ama de leite, é raro que ella possa satisfazer ao encargo semanal de tres, quatro ou cinco *shillings*, que em tanto importa geralmente o sustento de uma creança estranha; d'aqui se póde deduzir a maneira, pela qual será tratado, por uma ama mercenaria e mal paga, o filho illegitimo.

Para carregar o quadro de cores mais negras e infelizmente não menos verdadeiras, deve notar-se que muitas d'aquellas mulheres são abandonadas logo que parem, e que, privadas de quaesquer recursos e desprovidas da aptidão para os obterem, vão mendigar á prostituição o pão de cada dia, em quanto que os filhos succumbem n'esta desgraçada luta.

Grande numero de creanças, filhas do erro, vão parar ás *work-houses*; eleva-se a 90 por cento o numero d'esses desgraçados, que morrem antes de terem completado um anno de vida.

O infantecidio progride a olhos vistos. Chega o escandalo ao ponto de ser a morte imposta ás creanças um meio de obter dinheiro estorquido a certa especie de companhias de seguros sobre a vida.

Entre o numero das causas dos nascimentos illegitimos a que se poderia pôr um dique, citou o dr. Tiler Smith as seguintes: A promiscuidade dos alojamentos para ambos os sexos nos logares, aonde convergem grandes massas de trabalhadores, como a cada passo nos estão fornecendo exemplo certos misteres agricolas; o progressivo augmento da pobreza; o excesso de mulheres em relação aos homens; o facto de ser em algumas villas muito notoria a bastardia, sem que com isso coincida um subido grau de immoralidade manifesta; assim em Westmoreland e em Cumberland, onde o numero dos filhos illegitimos ascende a 9 por cento do total dos nascimentos, é relativamente diminuta a prostituição organisada.

Não se depararam á commissão provas em favor do estabelecimento das rodas de expostos; demonstrou-lhe a experiencia alheia, que são taes instituições sujeitas a grandes abusos que são uma pratica que anima as relações illicitas, e que alem de outros males promovem o abandono das creanças.

Insiste muito a commissão no que diz respeito á filiação. A figura-se-lhe que a lei actual é demasiado rigorosa para com a mãe, ao passo que é indulgente para com o pae; sob pena de castigo, a mãe tem o encargo do sustento do filho até aos dezeseis annos. Dado o caso de que uma mu-

lher solteira, tendo um filho, case, é o marido obrigado a sustentar a creança. E' raro quando as auctoridades procedem contra o supposto pae De tudo isto resulta que, desde que foram revogadas as antigas leis sobre a bastardia, tem augmentado despropositadamente o numero de filhos naturaes, como a estatistica evidenceia, No estado actual das cousas é pela maior parte das vezes, senão sempre, impossivel á mãe adduzir provas contra o seductor, tanto mais que este, em regra, tem o cuidado de se ausentar antes do termo da gravidez, para que criminosamente contribuira. Sem propor substituição alguma á lei actual, não deixou todavia a commissão de manifestar o seu sentir em referencia ao modo, pelo qual a lei estatue os deveres da mulher, modo que lhe parece, como já foi dito, um pouco aspero, tanto mais que não seria demasiada exigencia obrigar o pae a contribuir para o sustento de seu filho.

Em referencia á penalidade que deva competir ao infanticidio, acha a commissão demasiado severa e em parte inexequivel a lei actual.

Adopta a commissão o alvitre proposto pelo dr. Farr, quanto ao registo de todas as creanças que nasçam mortas, porque assim se conseguirá mais facilmente reconhecer os casos em que tenha havido crime.

Passando agora dos esclarecimentos prestados pelo dr. Tyler Smith ás conclusões formuladas no relatorio da commissão, achâmos ahi consignadas as seguintes propostas:

1.ª Que seja obrigatorio o registo de todos os nascimentos;

2.ª Que sejam igualmemente registadas todas as creanças que nascem mortas e que só tenham valia, as certidões de obito passadas por facultativo ou parteira habilitada;

3.ª Que dada a eventualidade de não poderem o medico nem a parteira attestar sobre um caso de morte á nascença seja o medico especial obrigado a inquerir do caso, podendo, se tanto julgar necessario, participar á justiça o occorrido para ella mandar proceder ás pesquizas convenientes;

4.ª Que fiquem sujeitos a uma certa pena tanto o facto de dar ao registo como legitimo o filho que é natural, como o de registar uma creança sob o nome que não seja o da verdadeira mãe;

5.ª Que d'ora ávante deixe de corresponder ao crime de infantecidio a pena de morte, passando o crime a ser capitulado como assassinato de segunda ordem;

6.ª Que para constituir a morte á nascença não seja necessario provar-se a completa separação entre a mãe e o filho; bastará que as provas medicas ou outras evidenceiem que a creança estava viva durante o acto do nascimento, e que a morte foi devida ou a violencias ou a desleixo;

7.ª Que quando um medico der como gravida uma mulher solteira, possa esta declarar perante um magistrado qual o pae, se sobre este recairem suspeitas de querer ausentar-se antes do parto;

8.ª Que toda a mulher pobre que se acha gravida possa ser admittida na *work-house* desde o oitavo mez, sujeitando-se a permanecer no estabelecimento por quatro mezes depois do parto, a não ser que prove possuir os meios de sustentar a si e a seu filho;

9.ª Que seja licito á mãe, quando for solteira, findos os quatro mezes, deixar o filho na *work-house*, devendo comtudo satisfazer uma parte da despeza arbitrada para o sustento da creança;

10.ª Que as auctoridades sejam constituidas no direito de receber dos paes uma quantia semanal com

applicação ao sustento dos filhos, podendo n'sta cobrança seguir-se um processo analogo áquelle, pelo qual se recebem as verbas destinadas á manutenção das creanças abandonadas, que ficam a cargo das parochiaes.

11.ª Que se estabeleçam lavandeiras ou quaesquer outros meios lucrativos, para fazer face á despeza com o sustento das mulheres durante a sua residencia na *work house*;

12.ª Que se estabeleçam gradações entre as mulheres que povoam as *work-house* de modo que as mulheres casadas honestas e as solteiras não estejão em contacto com as outras classes de vida mais desregrada;

13.ª Que na educação das creanças deixadas a cargo da auctoridade se adopte o systema seguido no hospital dos expostos;

14.ª Que a nenhuma mulher seja permittido encarregar-se da creação de um filho illegitimo, sem que esteja registada como ama capaz, e ainda assim tanto ella como a creança terão de ficar sujeitas á vigilancia do medico officialmente encarregado d'esse serviço. Será punida toda a mulher que servir de ama a um filho illegitimo, se não estiver registada, e se-lo-ha tambem em qualquer caso de negligencia ou maldade para com a creança. Só o medico especial poderá conceder que a mesma mulher sirva ao mesmo tempo de ama a duas creanças;

15.ª Que nenhuma mulher, casada ou solteira, possa exercer o mister de ama de leite sem que seu filho esteja a cargo de outra ama legalmente registada;

16.ª Que se deverá encarregar a alguem de providenciar a respeito das amas-seccas e de receber dos medicos especiaes os relatorios annuaes ácerca do estado das creanças entregues ás amas;

17.ª Que o medico especial de cada districto possua o registo das amas e que seja encarregado de attestar ácerca da aptidão de qualquer mulher, que pretenda inscrever-se como ama;

18.ª Que sejam prohibidos os seguros sobre a vida dos infantes e das creanças de pouca idade;

19.ª Que, em vista dos maus resultados que as espera vota a commissão contra o estabelecimento de rodas dos expostos, onde a admissão seja franca e indistincta.

Como outros objectos da sociedade impediram que houvesse discussão sobre estes pontos, resolveu-se adiar tal discussão para uma sessão especial.

VARIEDADES

Reforma medico-militar ingleza.

Um *warrant* do 1.º d'este mez concede novas vantagens aos facultativos do exercito inglez. Os vencimentos diarios são fixados assim:

	£	Sh.	D.
Director geral - - - - - -	0	0	0
Inspector geral - - - - - - -	2	0	0
Com 25 annos de serviço	2	5	0
Com 30 annos de serviço	2	7	0
Com 35 annos de serviço	2	10	0
Deputado inspector geral	1	10	0
Com 25 annos de serviço	1	12	0
Com 30 annos de serviço	1	15	0
Com 35 annos de serviço	1	17	0
Cirurgião mór . - - - - - -	1	4	0
Com 25 annos de serviço	1	7	0
Cirurgião - - - - - - - - - - -	0	17	0
Com 15 annos de serviço	1	0	0
Cirurgião ajudante - - - -	0	10	0
Com 5 annos de serviço	0	12	6

Com 10 annos de serviço 0 15 0
Com 15 annos de serviço 0 17 6
Boticarios - - - - - - - - - - 0 9 a 180

O director geral tem paga especial. Além d'isso os cirurgões terão vencimentos extraordinarios pelo seguinte modo: O que tiver a direcção do serviço medico d'um exercito de 10:000 homens, mais 1 libra diaria; se a força for de 5:000 homens, mais 15 shilings; se for de menos de 5:000 homens, 10 shilings ou meia libra. Nas colonias onde o total da força exceder a 1:500 homens, o official medico receberá mais 5 shilings diarios.

As promoções por distinção mantêem-se em certas circumstancias. A reforma aos vinte annos de serviço dá direito a meio soldo. Fixam-se idades além das quaes não é admissivel o serviço. E por ultimo determinam-se as condições em que o meio soldo ha de augmentar depois dos 25 annos de serviço.

O dithrema argentum.

E' um singular peixe que se encontrou perto da California e já por outras partes. Alheiando-se do que é de regra, para os filhos vivos. Os peixes recem-nascidos ficam logo aptos a nadar e a alimentarem-se por suas proprias diligencias. Como é que dentro da mãe o seu apparelho respiratorio adquire tão especial modo de acção ? A anatomia não é bastante positiva n'este ponto; mas suppõe-se que a agua do mar tem accesso até o interior do sacco placental. Outra particularidade importante é que tendo a femea apenas 11 pollegadas de comprido, costuma dar nascimento a 13 ou 14 filhos de não menos de 3 pollegadas.—A descoberta d'este peixe não comprova menos que a dos marsupiaes o como a transição se faz sem saltos d' uma a outra classe da escala animal.

Envenenamento pelos fornos de cozer pão.

O professor Nicklés, de Nancy, descubriu uma inesperada origem de envenenamentos. Alguns padeiros tinham adoptado, como medida economica, aquecer os fornos com madeiras velhas, provenientes de demolições, de postes de linhas telegraphicas e de travessas dos caminhos de ferro. Muitas d' estas madeiras, pintadas de côres diversas, ou injectadas com saes de cobre, davão pela incineração differentes oxydos metallicos, uma parte dos quaes se combinava com o pão. O sr. Nicklés diz ter reconhecido no pão posto á venda o chumbo, o zinco e o cobre.

(*Escholiaste Medico*).

Papel venenoso.

Appareceu ultimamente em *França* um papel lustroso, com aspecto de madreperola de muito lindo effeito, apresentando cristallisação ou ondeado semelhante ao que apresenta a folha de Flandres ondeada.

Immediatamente os doceiros lançaram mão d'elle, fazendo saccos e caixinhas para conter dôce e choco-

late; os impressores o empregavam em bilhetes de visita, os quinquilheiros o usavam para embrulhar os brinquedos de creanças, etc etc.

Pela occasião do exame sanitario passado ás lojas dos doceiros, foram encontrados os ditos saccos e caixinhas, e examinado o papel de que eram feitos, notou-se que apresentava sabor dôce metallico; sendo humedecido, exhalava cheiro d'acido acetico caracteristico, e tocado com haste de vidro molhada em soluto d'iodureto de potassio, apresentava manchas amarellas nos pontos tocados.

Ficou assim evidente que a crystallisacão de madreperola, que torna de tão bello effeito o dito papel, é devida ao acetato de chumbo crystallisado na superficie do mesmo papel, e que por tanto é elle venenoso e improprio para conter substançias d'uso interno.

A auctoridade sanitaria tomou já as providencias necessarias para prohibir o uso do dito papel para taes fins, evitando assim as consequencias desastrosas que do seu emprego poderiam resultar para a saude publica.

Por alguns bilhetes de visita que circulam n'esta cidade, feitos com o dito papel, tivemos occasião de vêr, que é realmente de muito lindo effeito a crystallisação que apresenta.

(*Revista de Pharmacia do Porto*).

Desinfecção e destruição dos maus cheiros:

Meio de as obter.

O doutor *Barquer*, depois dos estudos e ensaios a que se deu, a fim de poder julgar do valor dos differentes meios em uso para obter a desinfecção e a destruição dos maus cheiros, resume nas seguintes proposições o resultado dos seus trabalhos

1.º Arejar os quartos dos doentes, é de grande vantagem facilitar a livre circulação do ar, quando ha possibilidade de conservar a uniformidade de temperatura;

2.º Para obter rapida desinfecção, o chloro é, de todos os agentes conhecidos o mais efficaz;

3.º Para obter desinfecção continua, é vantajoso o emprego do ozono;

4.º Na falta do ozono, aquillo que pode empregar-se com mais vantagem, é o iodo, expondo-o ao ar no estado solido;

5.º Para desinfectar materias liquidas, ou meias liquidas, em estado de decomposição, deve ainda ser preferido o iodo, mas n'este caso no estado de alcooleo;

6.º Para desinfectar corpos solidos, quando convem conserval-os, é conveniente o uso da mistura de serrim de madeira, e de chlorureto ou sulfato de zinco em pó; na falta d'estes, poderá empregar-se cinza de madeira, supposto o resultado não é tão bom;

7.º Para purificar e desinfectar a roupa, convém submettêl-a á temperatura de 212º *Fahrenheit*;

8.º Para desinfectar materias que não ha necessidade de conservar, convém expôl-as ao calor, até que se desorganisem.

(*Revista de Pharmacia do Porto*).

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 42 **Junho de 1867** **4.º Anno**

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º antecedente).

CONDIMENTOS E ESPECIARIAS

(Continuação).

PIMENTA LONGA (*Chavica Roxburghii*)

Em inglez ——— *Long pepper*
hindustani —*Pipel*
telegu ——— *Pipuloo*
tamil ——— *Pipilie*
canará ——— *Piplee*

Esta planta, que dá a pimenta longa do commercio, he extensivamente cultivada nas hortas em muitas partes do Canará do Norte. Propaga-se de estaca; e ainda que as raizes são perennes, o caule morre todos os annos. O fructo colhe-se geralmente antes de maduro, porque he então mais picante, e sécca-se ao sol. A's veses os fructos são colhidos singularmente, outras vezes com o ramo.

A pimenta longa he geralmente exportada com a pimenta preta; de maneira que se não pode avaliar ao certo a quantidade exportada, ou ainda a quantidade produzida.

PIMENTA DE HESPANHA [*Capsicum annuum*).

Em inglez ——— *Spanhish pepper, ou Chilly pepper*
bengali ——— *Gach—murich*
telegú ——— *Merapu—kai*
canará ——— *Manasoona*

A pimenta d'Hespanha, cultivada extensamente nos campos acima dos Gates, pertence a tribu differente das plantas, que dão a pimenta preta, o betle, e a pimenta longa, e não he como ellas, trepadeira. Conhecem-se muitas variedades desta pimenta, taes como a pimenta olho de passaro (*C. baccatum*), pimenta de campainha (*C. grossum*), pimenta fresca (*C. frutescens*), pimenta de Cayenna (*C. fastigiatum)*, pimenta de Nepaul *C. Nepalense*), muitas das quaes me dram no districto. Cinco mil plantas cabem n'um acre de terra. Produzem-se de semente lançada a granel antes do inverno, e em quatro ou cinco mezes dá fructo, e cada planta produz acima de meia libra de pimenta, cujo preço do mercado no districto he de 3 Rupias por *mão*

de 28 libras. O preço em Inglaterra orça pouco mais ou menos por 20 *Shillings* cada 100 libras. A despesa da cultura he pequena, e por isso o lucro auferido consideravel.

A pimenta d'Hespanha he largamente usada por todo o globo como condimento favorito, especialmente na India, e outras regiões tropicaes, aonde he mais necessaria á digestão como estimulante, do que nas regiões mais frias, especialmente quando em geral se usa um mantimento tão fraco como o arroz. O vinagre temperado com esta pimenta, excellente stomachico em certas formas de indigestão, e agradavel condimento, prepara-se lançando vinagre quente sobre as bagas. Misturadas com semente de mostarda ou farinha as bagas machucadas acrescentam muito a efficacia dos sinapismos; e dissolvidas em brandy tem sido usadas com bom effeito na cholera, ou ao menos na diarrhea, que a precede. O seu cosimento forma um bom gargarejo nas dores de garganta com relaxação; e a sua acção he sem duvida benefica no frio das febres intermittentes, salvo se alguma especial circunstancia contra-indicar o seu uso.

A pimenta de Cayena prepara-se seccando as bagas ao sol, e depois cosendo-as no forno com camadas de farinha interpostas. Quando toda a humidade tem desapparecido, tiram-se do forno, e pulverisam-se. A cada libra de pimenta pizada se accrescenta uma libra de farinha, e desta mistura se fasem pequenos bollos fermentados, que novamente vão ao forno. Estes bollos depois de cosidos no forno são pulverisados, e formam a pimenta de Cayenna do commercio.

COENTROS (*Coriandrum sativum*)

Em inglez——— *Coriander*
bengali ——— *Dhunnya*
tamil ——— *Cotta millie*
canará ——— *Cottum berie*

Os coentros cultivam-se no Canará do Norte indistinctamente em todo o terreno, e em toda a estação. He planta mui productiva; dá 60 por um, e requer pouco cuidado. Para semear um acre de terra basta menos de uma *mão* de semente, e della se podem colher 50 ou 60 *mãos*. O preço do mercado no Canará do Norte anda por 3 Rupias a *mão*. Consideravel quantidade he exportada para os districtos visinhos, mas a maior porção consome-se no proprio districto. O producto annual dos coentros no Canará do Norte vale provavelmente cerca de 60$ rupias.

CUMINHOS (*Cuminum Cyminum*).

Em inglez——— *Cumin seed*
hindustani — *Jeera*
tamil ——— *Siragum*
telegú ——— *Gilakara*
canará ——— *Juraga*

Os cuminhos são cultivados em escassa extensão no concelho de Soudá (hoje parte do de Sircy). Todavia não he tão importante producto como os condimentos atraz mencionados, nem da extensão da sua cultura no districto proviria grande beneficio.

GENGIBRE (*Zinziber officinalis*).

Em inglez——— *Common Ginger*
hindustani—— *Son th*
tamil——— *Ingie*
telegu ——— *Ullum*
canará ——— *Apa Soonthee*

A planta do gengibre he largamente cultivada no Canará do Norte, e delle se exporta annualmente consideravel copia. Sua importancia commercial pode entender-se do facto que de 1852 a 1854 foi exportado no valor de 587,780 Rupias por mar só de Madrasta, sendo o consumo interno ainda maior. O gengibre do Malabar, no qual commercialmente se inclue o do Canará do Norte, passa por ser de primeira sorte, e tem no mercado valor superior ao das outras especies.

A planta do gengibre he cultivada no Canará do Norte acima dos Gates, em campo descoberto; e para isso se divide previamente o terreno em canteiros compridos e altos, divididos por meio de regos de tres pés de largura. Um solo moderadamente secco, e assaz rico he considerado o mais favoravel a sua boa vegetação. No principio das chuvas as raizes, que tem sido cuidadosamente guardadas em covas desde a ultima colheita, são desenterradas, cortadas em pedaços do tamanho de pollegada e meia ou duas pollegadas, e plantadas nos canteiros em pequenas covas distantes entre si um pé pouco mais ou menos. Depois lançam-se sobre os canteiros folhas velhas, para os proteger da força das chuvas, e por fim servirem de estrume.

Quarenta mil plantas podem criar-se bem n'um acre de terra, e dar na colheita em novembro ou dezembro 80$ libras pouco mais ou menos. Como o preço do mercado he 2 rupias por *mão* de 28 libras, o valor da colheita de um acre he proximamente de 5714 rupias. O custo da cultura não excede muito a 300 rupias por acre. Infelizmente porém, se por falta de cuidado, o bicho lavra nos canteiros, o cultivador perderá grande parte da colheita; e por isso, ainda que a cultura do gengibre seja mui proveitosa, não he todavia tanto como á primeira vista parece.

A conserva de gengibre, que se acha no commercio he feita mettendo em xarope as raizes recentemente colhidas. A essencia de gengibre tão apreciada como carminativo, he preparada lançando o gengibre em alcool ou brandy, e depois coando.

CURCUMA (*Curcuma longa*)

Em inglez——— *Turmeric*
hindustani—*Huldee*
tamil ——— *Munyel*
telegú——— *Pasoopoo*
canará ——— *Arasena*

A curcuma dá-se no Canará do Norte debaixo das mesmas condições que o gengibre, mas produz muito menos, porque cada acre produz pouco mais ou menos 60$ libras de curcuma, cujo valor no bazar será proximamente 4$ rupias. A curcuma he largamente consumida na India, e

tambem se exporta para a Europa e outros paizes em consideravel extensão.

ASSUCARES.

ASSUCAR DE CANNA (*Saccharum officinarum*).

Em inglez ——— *Sugar Cane*
hindustani—*Uch*
tamil ———*Karoom boo*
telegú———*Cherickoobodi*
canará ———*Kabboo*

O assucar de canna da variedade chamada *Kaloor* he extensamente produzido no Canará do Norte ás bordas dos rios e tanques; mas o machinismo, que se applica á sua fabricação no districto, he de tão rude natureza, que só jagra, ou quando muito um assucar mui grosseiro se pode preparar.

A cultura da planta faz-se em terreno humido, que em geral, antes da plantação, he cavado ao molo do paiz. Por desembro plantam-se pedaços de canna, tendo cada um dous nós, em renques affastados uns dos outros quatro ou cinco pés, e os pedaços de canna na distancia de 18 polegadas entre si nos renques. Se o terreno não he muito humido, he regado occasionalmente assim antes como depois de rebentarem as cannas, o que tem lugar em quinze dias pouco mais ou menos. Estruma-se então a terra uma ou mais vezes lançando-lhe materia vegetal curtida, e uma vez cada mez monda-se mui bem o campo. Em Novembro ou Dezembro do seguinte anno faz-se a colheita da canna, e exprime-se em toscas machinas de madeira. O succo assim obtido ferve-se, e converte-se em *jagra* ou *gur*, e nesse estado se vende no bazar ao preço de 3 rupias a *mão*. Um milheiro de cannas dá 8 a 10 *mãos* de jagra; e como 8$ cannas se podem criar n' um acre de terra, o producto da jagra n'um acre he de 64 a 80 *mãos*, cujo valor he de 192 a 240 rupias. A canna depois de expresso o succo serve para mantimento do gado.

A introducção de maquinismo proprio em alguma parte central do districto, que facilmente se acharia, daria um impulso á cultura da canna de assucar, que a faria muito mais rendosa do que agora he.

A variedade purpurea (*Kajoolie*) que contem o mais rico succo, he mui escassamente cultivada no districto, porque para lhe expremer o succo carece-se de mais forte pressão do que podem dar as machinas usadas pelos naturaes. A introducção de maquinismo proprio promoveria a cultura desta mais rica variedade.

SAGU' BASTARDO (*Caryota urens*)

COQUEIRO (*Cocos nucifera*)

Uma jagra grosseira he fabricada por meio de fervura da sura fresca das arvores acima nomeadas. O sagú bastardo dá muito succo, e tambem jagra. Está calculado que esta palmeira dará 12 onças por dia, em quanto que o coqueiro não dá mais de meia libra, ou quando muito 10 onças de jagra, cujo

preço no bazar he de 2 rupias por *mão.*

Um pouco de cuidado na fabricação melhoraria muito a qualidade da jagra feita do sagú e coqueiro, e ainda que não seria capaz de se converter em assucar, seria sem duvida largamente usada pelas classes mais pobres, se fosse importada na Europa, com um succedaneo barato do assucar.

Tambem se faz jagra da sura de palmeira brava (*Borassus flabelliformis*), e do cajuri (*Phoenix sylvestris*).

A palmeira brava he taõ rara no Canará do Norte, que não pode ser citada como um dos importantes productos naturaes do districto; e o cajurí ainda que commum, cria-se em lugares tão escusos, que mui pouca jagra se fabrica delle. Todavia a que se obtem he superior á produsida das outras plantas mencionadas, e pode-se redusir a um assucar de segunda sorte, do qual cada planta poderá produsir 8 a 10 libras por anno.

O succo não se obtem, como no coqueiro, sagú, e palmeira brava cortando o ramo florescente, mas fazendo engrossar o tronco da arvore junto da cabeça. Onde as novas folhas se vão formando dá-se um nó vertical na situação mencionada, e o succo, que logo começa a verter, he condusido por um canal formado pelas folhas da palmeira de abano dobradas, ou por outras, uma extremidade do qual he mettida no canto inerior do golpe, e a outra u'um vaso seguro mais em baixo. As bordas do golpe são aparadas occasionalmente, quando o fluxo escacea; e quando totalmente cessa, da-se outro golpe em outra parte da circumferencia da arvore.

Esta palmeira começa a dar succo ao 8.º anno pouco mais ou menos, e continua até ao 20.º ou 30.º.

He digna de attenção; e ministra ainda outros productos uteis.

(*Continúa*).

PHARMACIA

Oleo de figado de bacalhau com iodureto de ferro (Rebourdin)

Proto sulphato de ferro.....	6,50	gram.
Iodureto de potassio	5,15	«
Ferro reduzido pelo hydrogenio..	1,00	«
Ether sulphurico. .	12,00	«
Oleo de figado de bacalhau do mais claro.....	1:000,00	«
Glycerina.....	Q. S.	

Misture 30 grammas do oleo com o ether em uma redoma e auxilie a acção d'estes corpos por meio de uma pequena temperatura. De outra parte triture em gral de pedra o sal de ferro e o iodureto com q. b. de glycerina, para humedece-los e junte o ferro reduzido, continuando a triturar a mistura (na qual, segundo o auctor, está elle destinado a neutralisar o iode que possa encontrar-se livre durante a decomposição dos saes, que geralmente se effectua em poucos minutos); inclua esta na redoma, e quando se

tenha operado a decomposição junte outra terça parte do oleo e do ether, proceda como fica dito, deixe em descanço; decante, e sobre o residuo junte o resto do oleo e ether; proceda como anteriormente. decante e reuna os liquidos decantados, abandone ao repouso por dez dias e filtre.

Recommenda muito o auctor que todas as substancias sejam perfeitamente puras, e que o oleo assim preparado deve ser limpido, de côr amarella alaranjada, differindo pouco do oleo empregado.

[*F. J. R. Loureiro.* = *J. da S. P. Lusitana*)

Collecção de formulas medicamentosas, trabalho ariginal do sr. Lourenço Antonio Correia, facultativo Director da enfermaria de santa Margarida do hospital de S. José e que se não acham inseridas no formulario do mesmo hospital.

Pomada camphorada composta.

Pomada camphorada..	aã 1 onça
Unguento de elemi ..	

Misture. Os usos são os da *pomada camphorada com quina.*

Pomada camphorada e quina.

Pomada camphorada de 1 para 8	1 onça
Quina em pó fino.....	1 oitava

Misture. Tem sido proveitosa em ulceras atonicas sordidas, em anthrasis e gangrenas.

Soluto de iodureto de potassio.

Iodureto de potassio....	2 oitavas
Agua distillada.....	1 libra
Alcool de vinho de 36º de Cartier (medida) ...	4 oitavas

Misture. Esta formula, de que uso diariamente em grande quantidade, poisque tambem algumas vezes a applico ás ulceras, passa a ser considerada officinal, quero dizer. sendo receitada diariamente em grande quantidade n'este hospital, póde estar feita na pharmacia sem se alterar, e por isso lhe ajunto o alcool e tambem a fim de facilitar a dispensação ou expediente dos receituarios.

Chamo a esta formula normal ou mais geral, porque satisfaz a todas as opiniões a respeito das dóses. Quem, como eu, quizer começar por dar 6 grãos de iodureto, prescreve meia onça d'este soluto, 12 grãos, 1 onça, 24 grãos, 2 onças etc.

Soluto de iodureto de potassio iodado

Soluto de iodureto de potassio.....	6 onças
Tintura de iodo	½ onça

Misture. Uso externo. Com este soluto trato as ulceras em que é indicado o iodureto internamente. Parece-me fraco para a cura de hydroceis antigos, cujas membranas são espessas, porém póde servir em muitos outros casos.

Soluto de nitrato de prata.

Nitrato de prata cristalisado.....	1 grão
Agua distillada	1 2 onças
Alcool de vinho de 36º de Cartier (medida) ..	4 oitavas

Misture. Os usos do nitrato de prata internamente são conhecidos. Esta formula parece-me mais normal, póde ser administrada pela bôca e pelo recto, ser fraccionada em dóses decimaes, poisque dando d'ella 1 oitava se emprega um centesimo de grão de nitrato, 10 oitavas de um decimo de grão, etc.

Soluto de perchlorureto de ferro liquido

Perchlorureto de ferro liquido de 30° de Baumé e feito pelo processo de Adrian [medida] ..	½ oitava
Agua distillada.....	1½ libra

Misture. Uso interno. Chamo a este preparado soluto e não limonada, porque este sal para ser bem feito deve ser neutro e não acido, e determino as quantidades para estar certo do que administro em cada dóse, nunca deixando ao arbitrio do pharmaceutico, nem ao seu bom ou mau paladar as dóses de remedios activos e só algum xarope ou pó inerte.

Soluto de sublimado corrosivo

Sublimado corrosivo....	1 grão
Agua distillada.....	12 onças
Alcool de vinho de 36° de Cartier [medida).	4 oitavas

Misture. Prefiro esta minha formula á do licor de Van-Swieten, pelas rasões expostas nos solutos arsenical, de arsenito de potassa, de arseniato de potassa e de nitrato de prata.

Soluto de sulphato de alumina:

Sulphato de alumina ..	1 oitava
Agua distillada.....	1½ libra

Misture. Uso externo. Emprego este soluto em injecções, nas blenorrhagias chronicas e leucorrheas.

Soluto de tannino.

Tannino..... ...	1 oitava
Agua distillada..	1½ libra

Misture. Uso externo. Emprego este remedio em injecções nas blenorrhagias chronicas e leucorrheas.

[J. da S. P. Lusitana].

CHOLERA.

Uma investigação historica sobre o cholera na India.

N'uma correspondencia do sr. G. Gaskoin, publicada no *Escholiaste Medico*, n.° 296 de 30 de Abril proximo, deparamos com algumas noticias importantes sobre a cholera, e sobre alguns escriptores portuguezes e estrangeiros, que d'ella se teem occupado, e das epocas e formas como se apresentou em Goa. No nosso *Archivo* acham-se já publicadas algumas noticias dadas sobre a cholera pelos escriptores portuguezes como Gaspar Correia, e outros; e tambem de alguns escriptores estrangeiros, como são Fryer etc.

A estas noticias reuniremos agora as publicadas pelo Sr. Gaskoin.

LONDRES 9 DE ABRIL DE 1867.

Meu caro Marques:—Nas investigações a que ando procedendo sobre a historia do cholera, e sobre que preparo um trabalho para uma das nossas primeiras publicações periodicas, consegui reunir muitos esclarecimentos importantes, afóra os que devo á vossa boa amisade, e que se referem aos *Colloquios* de Garcia da Horta, e ás *Lendas* de Gaspar Correia. O meu cabedal de dados historicos acaba ainda de ser acrescentado com a leitura d'um artigo de

extraordinario merito, que viu a luz na *Quarterly Review*, [não a medico-cirurgica], e que eu considero devido a pessoa de grandes dotes litterarios, muito versada tambem em quanto diz respeito ás cousas da India. Antes porém de dar aqui publicidade ao meu escripto, vou offerecer-vos as primicias d'elle, que por ventura serão bem recebidas pelos leitores do *Escholiaste*.

Em algumas das minhas correspondencias, assim como em muitos dos artigos que têem acudido á imprensa, tendes visto sem duvida com que particular attenção ha sido olhada a origem do cholera reconhecida na India. Ahi a idéa de causas telluricas, da influencia magnetica, etc., tem cedido o seu logar a vistas mais rasoaveis e naturaes, sobre o modo por que a infecção caminha desde o oriente; sendo o Ganges indicado como a fonte do cholera, do mesmo modo que o Nilo o foi antes da peste, e o Mississipi o é ainda do vomito negro ou febre amarella.

Em resultado d'isto não pequena é a responsabilidade que se ha lançado á conta do governo inglez, attribuindo-se-lhe não só o dever de investigar estes factos, mas o mais valioso, de adoptar providencias no interesse da Europa, e que consistiriam em suffocar a doença na sua propria origem. Taes foram as idéas expressadas com muita vivacidade, sobre tudo por certos *anglophobos*, á testa dos quaes collocarei os srs. Pirondi e Fabre, auctores do *Etude sommaire sur le cholera á Marseille*, quando elles nos dão noticia dos grandiosos trabalhos publicos, outr'ora executados sob a iniciativa dos principes indianos, e hoje caidos em quasi ruina.

Tem isto na verdade certa apparencia de muito justo; entretanto quando se lêem os relatorios dos medicos que exercem ou têem exercido posições officiaes na India, vê-se que ha ahi grande falta de fundamento. Acha-se antes de tudo que as obras a que se allude, hoje desprezadas, não são n'aquelles pontos onde o cholera prevalece mais; e que Calcutá e a parte oriental do Indostão só n'uma epoca relativamente moderna começaram a sentir os effeitos da doença, que na costa occidental grassava nos primeiros tempos do dominio portuguez.

Não sei até que ponto isto possa ligar-se com os habitos dos naturaes, como no-los descrevem os primeiros noticiadores das cousas da India. O hollandez Linschott, que esteve durante alguns annos em Goa, e se afastou d'alli em 1589, quando trata dos naires da costa do Malabar, diz que: « homens e mulheres se lavavam em covas ou poços, á vista de toda a gente, sendo essencial que a agua estivesse parada ou não houvesse corrente ». E acrescenta que a agua era por tal modo mal cheirosa, que se tornava repellente para as pessoas que passavam. Mas não seria isto uma aggravação d'uma molestia sesonal, disposta a tornar-se epidemica?

No anno de 1676 um tal Dellon, escriptor inglez, [*aliás* francez] foi preso pela inquisição de Goa; e referindo-se á sua estada na prisão, diz que a alimentação era calculada com o fim de pôr os presos ao abrigo do *mordexim*. (1)

(1) No nosso *Archivo* n.º 36 de Desembro pp. pag. 205 se encontram algumas noticias dadas por Gaspar Correia, nas suas *Lendas da India* sobre o *mordexim*, que appareceu em 1503 e que se suppõe ser a *cholera*, e de que o mesmo faz uma bella descripção no anno de 1543.

O Francez Francisco Pyrard diz na sua viagem em 1601 a 1611, que reina em Goa huma doença que vem subitamente, a que chamam *mordexi*, a qual vem acompanhada de dor de cabeça e vomitos.

Parece, com effeito, inquestionavel que a molestia prevalecia em toda a costa occidental desde as epochas referidas; e pena é que os auctores não sejam por vezes bastante explicitos sobre este ponto.

No começo do seculo XIII houve uma horrivel erupção da doença em Candeish, e Especialmente em Goa e em Surat, centros do commercio, situados perto de rios sujeitos a marés. Goa era então o lugar de extensa peregrinação, havendo nos seus arredores muitos terrenos pantanosos, coincidindo com o seu solo poroso.

O cholera ao occidente da India, e se exceptuarmos Bombaim, não domina hoje mais, provavelmente, do que nos tempos das prosperidades portuguezas n'aquella região. Ainda que a molestia faça de quando em quando fortes estragos em Calicut, apenas apparece poucas vezes em Surat, Vingorla, Cannanore e Cochim. As tropas europeas e indigenas têem sido cinco vezes mais victimadas pela doença, durante os ultimos annos, nos districtos cedidos das terras altas de Deccan, ainda dirigidas por principes indianos, do que nas costas do Malabar e de Canará. O paiz á roda de Barampore, capital de Candeish, 240 milhas ao nordeste de Bombaim, é ainda um grande emporio do cholera, sendo aliás uma das maiores cidades das altas regiões de Deccan. O mesmo podemos dizer do lado da India portugueza.

Todas as relações que temos a respeito da parte oriental são posteriores á metade do seculo XVIII. O que se sabe de epocha anterior apenas o diz uma tradicção obscura. A primeira noticia refere-se a 1756 e a Arcot, 50 milhas ao poente de Madrasta. Parece que o cholera persistiu alli por muito tempo, porque é commum achar relação d'elle em Arcot, em Vellore, e nos valles adjacentes de Amburpet, isto é, durante o periodo das lutas entre os francos e inglezes nas costas de Coromandel. Um auctor francez Ponnerat falla positivamente de mais d'uma epidemia entre 1775 e 1780, e assegura que mais de 16:000 pessoas foram victimas da molestia entre Pondicherry e Caricail, ao sul do delta do Cavery.

Vemos pois que o cholera fez as suas devastações em dois differentes climas; nas regiões da costa do Malabar, com a sua luxuriante vegetação, ao abrigo das montanhas que a ornam a distancia, e nas paragens nuas e batidas do mar da costa de Coromandel. Mas nenhuma noticia nos deixa conhecer cousa similhante em Bengala, Calcutta e no Ganges.

Uma asserção commum na bocca dos officiaes de Bengala, é que o cholera não foi alli conhecido até á epocha em que se declarou no exercito do marquez de Hastings, em 1817. Entretanto provém isto d' um erro popular. E conhecida devidamente a existencia, de uma epidemia, posto que pouco violenta, que se declarára em Bengala ja em 1781.

De Pondicherry temos contudo a dirigir a nossa observação para ponto muito distante, a não menos de 8° de altitude do delta de Maharinddy e Juggernath' ainda em 1781. Primeiro relata-se-nos que o cholera acommetteu repentinamente algumas tropas de Bengala, que marchavam de Cuttack para Ganjam, em 22 de março. A molestia parece que era tambem commum entre a gente do paiz. Os medicos militares ficaram tão surprehendidos que a attribuiram ao começo a um envenenamento. Era na verdade uma molestia nova para elles. (2) O acom-

(2)—Em 1675 o medico inglez John Fryer escrevia de Bombaim no seu livro intitulado—A *new account of East—India and*

mettimento não só fôra subito; mas violento. Entre 5:000 homens morreram 700. D' alli passou para Calcutta, onde foi reconhecida como *mordexym*. O alarma fôra extraordinario; em 10 dias matou 879 pessoas No mez d' abril a epidemia decresceu, mas a molestia transportou-se para o norte. Suppõe-se que devastou Sylhet em setembro na extremidade noroeste da baixa Bengala. Tambem se conjectura que o cholera foi para alem do valle do Ganges, que Bundelcund esteve acommettida, e que em 1783 fez victimas n'uma localidade (Hurd-waa) destinada a feiras, onde ainda agora apparece todos os annos. A marcha da epidemia virou d'alli para o sul.

Em 1782 achâmos que matou em Madrasta 50 soldados inglezes tres dias depois de terem desembarcado. No mesmo anno grassou igualmente nas esquadras de Madrasta e de Ceylão. Depois, em 1783, uma nova epidemia rebentou em toda a costa de Coromandel; em quanto em Hurdward, para cima do valle do Ganges, matou mais de 20:000 pessoas em poucos dias, reunidas alli com os fins commerciaes e em peregrinação; dando-se n'essa occasião o singular facto de que uma aldeia pouco distante escapou completamente á doença.

Assim é fora de duvida que o cholera prevaleceu com epidemias parciaes, e ainda que muito diffusas, em toda a baixa Bengala, durante os fins do seculo passado. Em todas estas epidemias se lhe reconheceram os mesmos caracteres com que costuma grassar agora. Achâmo-la nos deltas dos rios, em Vellore, cidade cercada de arrozaes, em Arcot, e em outros pontos onde é hoje endemica. Os annos de 1756 e 1797 são os marcados como limites do seu predominio na costa oriental. Se tivesse existido no começo d'este seculo, as noticias não escasseariam por certo. E uma prova é tambem que quando reappareceu em 1817, o povo estava quasi esquecido da doença, e chegou a te-la como nova.

Parece que em 1816, abril ou maio, appareceu em Purneah ao norte do Ganges, sendo trazida de remotos logares. Certo é porém que a sua permanencia no Ganges já dura ha 50 annos, e que ella se fixou alli tal vez como poderia fixar-se no Tamisa ou no Sena.

No norte da India prevalece no tempo quente no sul durante o tempo frio, coincidindo com os ventos nordestes do fim de outubro e em novembro. As tropas europeas, apesar de melhor alimentadas, soffrem mais do que os naturaes quando nas localidades pantanosas. O contrario acontece em Calcutta. E uma cousa para ver é se o melhor supprimento d'agua em Bombaim poderá diminuir a doença, conforme a theoria de Pettenkofer; sendo certo que o cholera existe nas montanhas onde não se acha agua á superficie, ou em pontos onde a agua se encontra indifferentemente de 8 ou 9 a 80 ou 90 pés de profundidade, e mesmo onde se não acha mais abaixo.

Refiro-me, para quem quizer estudar e questão, á citada *Review;* mas este pouco que vos digo servirá para mostrar que os inglezes se não têem descuidado de a indagar cautelosamente, como no continente se pretende.

Fersia (Londres 1698 pag. 113 o seguinte. Nos calôres extremos vem a *Cholera morbus*! e as inflammações de olhos, por effeitó da temperatura ardente do ar. etc. Veja o nosso *Archivo* n.º 3 de Março de 1864 pag. 33.

SOMNO LETHARGICO E ANIMAES HIBERNANTES

M. Blandet affirma que observou o caso do somno lethargico por tres vezes, na pessoa de Mme X..., uma mulher alta e bella, de vinte e quatro annos.

Fazia desoito annos de idade quando Mme X.... teve, pela primeira vez, um accesso de somno lethargico, que a fez dormir quarenta dias.— Quando contava vinte annos, alguns dias depois do seu casamento, dormiu cincoenta dias.—A joven e infeliz noiva teve, pois, uma triste lua de mel. Durante os cincoenta dias, conservou a immobilidade, a insensibilidade e a abstinencia; todos os musculos apresentavam um estado de contracção tal, que M. Blandet foi obrigado a destarrachar um falso dente incisivo que ella tinha, para introduzir algumas colheres de leite e de caldo, unicos alimentos que conseguiram fazer-lhe engolir.

Quatro annos depois, na manhã do dia da Phaschoa de 1862, acharam Mme X.... dormida, e acordou no mez de março de 1863! Este somno d'um anno foi interrompido só uma vez, e somente por algumas horas.

He na verdade um somno singular. Não se pode chamá-lo catalepsia, diz M. Figuier, de quem colhemos estas noticias, porque esta palavra he applicada a estados, que estão até hoje mal diffinidos.

Durante o anno de somno, Mme X.... se conservou em uma lethargia completa.— A vida animal era nulla, a vida organica boa, mas redusida ao minimo; o pulso lento, a respiração quasi insensivel, carnes bellas, e até signaes de boa nutrição; mas insensibilidade absoluta, e contracção geral dos musculos. Foi necessario destarrachar pela segunda vez o dente incisivo, porque não havia cousa alguma que pudesse vencer a contracção dos queixos.

M. Blandet observou um somno analogo em duas outras mulheres; chamavam-se Luisa Durand e Mac Leod. Em Luisa Durand foram tambem forçados a arrancar um dente para facilitar a introducção d'alguns alimentos liquidos.

Julgaram conveniente collocar os membros inferiores de Mme. X.... em um aparelho de fractura, para manter a sua rectidão, e impedir a ankylose dos joelhos.—Empregaram todos os meios excitantes para vencer este tão extraordinario somno: o exercicio forçado, a deambulação forçada, &, mas tudo em vão.

Prodigalisando a sua filha estes cuidados baldados, tanto o pai como a mai da enferma ficaram gravemente doentes.

Mas o peor he que todas estas tentativas eram não somente inuteis, mas d'algum modo perigosas para a doente. Mais esclarecido hoje sobre a significação physiologica deste longo somno, M. Blaudet recommenda que o não devem perturbar, e nem mesmo combater a sua influencia salutar. Nos dous primeiros accessos de Mme.X...., este somno foi a terminação feliz d'um delirio geral anterior; e o segundo accesso foi a ter-

minação d'nma gastrite das mais agudas.

Accordou gradualmente; os sentidos reapareceram, por assim diser, um depois do outro.

O somno lethargico de Mme X.... participava do somno dos hibernantes; era um verdadeiro somno de marmota.

"O que he,pois, este somno, exclama M. Blandet, para ter taes immunidades, para manter a frescura, a boa nutrição durante um jejum d'um anno, para terminar e curar molestias graves? O somno he, pois, o principio conservador, a dynamica mesmo da vida?"

Ha tres especies de somno, acrescenta M. Blandet: o somno *aiurno* o somno *annual*, e o somno *metamorphico* ou *chrysalidario*. O diurno restaura a vida; o annual preserva os animaes do frio, he o somno do inverno; o chrysalidario aperfeiçoa o animal debaixo da mascara do repouso, ou d'uma morte apparente.

O periodo do somno dos animaes hibernantes, nos diz este medico, está ligado, não á revolução diurna,mas sim á revolução annual do globo.— Este somno não he o facto nascido d'uma causa local, isolada, como a ausencia das carotidas internas ou de cæsum, a grandeza de thymus ou do coração,ou, emfim, a incoagobilidade de sangue, porque o animal hibernante dorme de baixo de 15.° para acordar aos 8.°— Não he a falta de alimento, porque o alimento abunda no outono, e o animal dorme ao lado do proprio sustento.O inverno he a causa occasional deste somno; mas porque elle afecta somente alguns animaes, os roedores? M. Blandet pensa que a hibernação não tem sua rasão de ser nos climas temperados, e que he simplesmente um resto, um echo d'um phenomeno antigo e geral,que deveria ter tido lugar nos rigorosos invernos d'um epoca remota, em que todos os animaes teriam sucumbido sem este torpor salutar. O somno dos animaes hibernantes não he actualmente mais que um effeito de habito e de periodicidade annual; este somno se tem limitado a certas especies septentrionaes, e acabará provavelmente por se extinguir e desaparecer.

=Goa= *J. de Mello de Sampayo.*

VARIEDADES

Feições meteorologicas de Goa.

Pelo Sr. Conselheiro Candido José Mourão Garcez Palha, coronel commandante do corpo de engenheiros e distincto lente da Eschola mathematica e militar do Estado da India, nos foi offerecido um curioso folheto de 75 paginas, impresso na imprensa d'este governo, e que tem por titulo. *Feições meteorologicas de Goa.*

E' um trabalho de muito merecimento, não só por ser o primeiro d'este genero publicado em Goa, como tambem por reunir esclarecimentos importantes, que mais tarde serão aproveitados, e muito apreciados, para trabalhos mais desenvolvidos desta sciencia. A publicidade do resultado de dez annos de observação dos phenomenos meteorologicos de Goa com alguns instrumentos de exprimentada fidelidade, é já um importante serviço prestado á sciencia pelo incausavel e instruido auctor do mesmo folheto.

A. G. Roberto.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 43 **Julho de 1867** **4.º Anno**

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º antecedente).

TINTAS.

As tintas indianas, e os processos de tingir tem sido desde remotos tempos celebrados na Europa, e na America, pelo brilho e permanencia das cores, especialmente nos pannos de algodão, em preto, vermelho, azul, e suas modificações. O valor destas tintas, e processos de tingir se pode inferir de facto, que ha alguns annos Manchester mandou fazendas de algodão para serem tintas de azul, e ficarem como os panos azues do commercio. O verde escuro, amarello, e algumas outras cores são havidas em menos estimação por desbotarem, o que procede provavelmente da defeituosa preparação, e não da imperfeição das tintas em si.

A reputação dos tintureiros indianos, cujas tintas e processos tem passado de geração em geração sem melhoramento, originou-se por certo da abundancia, e facil aquisição de tintas vegetaes naturaes com seus mordentes.

Pouca duvida ha que a chimica das cores, que tem feito largos progressos nestes ultimos annos, se fosse applicada ás tintas indianas, teria alcançado muitos novos e proveitosos factos resultantes do descobrimento de novas tintas, e de novos processos e combinações.

Muitas cores, que foram abandonadas como inuteis, ou por muito dispendiosas, quando tratadas pelos toscos meios dos naturaes, seriam havidas por de grande valia pelos illustrados chimicos europeos, e os campos e florestas, que tem sido tão incompletamente explorados, dariam em nova exploração muitas cores até agora desconhecidas.

Muito se tem feito neste caminho durante estes ultimos annos. Os processos de tingir com a raiz de chay (*oldenlandia umbellatá*), oriana (*bixa orellana*), tem sido tão melhorados que favorecem o mais geral uso destas substancias, em quanto que tintas inteiramente novas tem sido extrahidas de certos lichens, da casca da *casuarina equisitifolia*, e de outras origens d' antes desconhecidas.

Poucas investigações ha que pa-

reçam redundar em maior proveito, assim a empresas do governo como ás dos particulares, do que as que se fizerem sobre as propriedades corantes das plantas indianas, e do modo adequado de as tratar.

Muitos thesouros jazêm ainda occultos nas densas mattas da India, e em nenhum districto mais que no Canará do Norte, cuja situação do solo, e condições climatericas são particularmente favoraveis á criação de uma grande variedade de plantas.

Nos seguintes apontamentos pouco mais poderemos fazer do que indicar os nomes, habitação, e as mais obvias propriedades das já conhecidas plantas córantes do Canará do Norte, nas quaes se incluem muitas das que andam em uso na India, e esperamos que a attenção dos chimicos e tintureiros não será dirigida para ellas em vão. Muitas dellas são ainda hoje mui pouco, ou nada usadas, por falta de conhecimento de um modo apropriado de preparação; mas este defeito facilmente será remediado pela sciencia chimica. Os manufactores que gastão milhares de libras na diligencia de descobrir uma nova côr ou tinta, não podem fazer melhor obra do que dirigir sua attenção ás plantas tinctorias da India, caminho ainda pouco trilhado.

ACACIA ARABICA.

Em inglez ——— *Babool tree*
hindustani —*Kali —kibar*
telegu ——— *Kaloo velum*
tamil ——— *Nulla Tooma*
canará ——— *Kaiseri Mara*

Esta arvore he commum tanto acima como abaixo dos Gates. A casca he usada para tingir varios matises escuros, e parece merecer mais attenção do que athé agora se lhe tem prestado. Devia ser mais abundantemente plantada, porque dá muitos productos alem da tinta.

ACACIA CATECHU.

(*Kerr, ou Páo ferro*)

Em inglez ——— *Catechu tree*
hindustani —*Kaira*
tamil ——— *Wathalay*
telegú ——— *Podelmanu*
canará ——— *Kasagurra*
concani ——— *Kaat Mara*

A arvore do Catechu ou Catto da-se exclusivamente nas mattas do Canará do Norte, ainda que não tão abundantemente como em alguns annos atraz, quando por effeito da subida do valor do catto, grande numero de arvores foram destruidas, até se restringir a liberdade do seu corte. Diz-se que o catto extrahido da planta he usado no Berar para tingir pannos; comtudo he mais empregado nos cortumes como tanino; e no capitulo, em que tratamos destas substancias, se dará o modo usado no districto para o extrahir.

As suas propriedades tinctorias são bem dignas de investigação. Provavelmente são semelhantes ás da *Areca catechu.*

ADENANTERA PAVONINA (*Páo vermelho* .

Acha-se nas mattas da Canará do Norte, onde, ainda que não mui abundante, he muito apreciado por causa da sua madeira. Tambem dá uma

tinta vermelha, com a qual os Hindús fazem as marcas da sua casta, e que he usada em algumas partes da India para tingir pannos, ainda que não mui largamente. O escasso uso da tinta provavelmente procede de não ser a sua preparação propriamente conhecida, porque a tinta em si mesma parece ser boa, e não difficil de obter. Para o uso das marcas da casta preparam-na os Hindús simplesmente esfregando um pedaço de páo n'uma pedra humida.

AEGLE MARMELLOS.

Em inglez———*Bael tree*
bengali ——*Bel*
tamil——*Vilva—maram*
telegu ——*Maredoo*
canará ——*Bel—Puttrie*

He cultivada nas hortas do Canará do Norte. Em additamento a outros seus numerosos usos, a casca do fructo dá uma tinta amarella.

ARECA CATECHU

A vegetação e habitat da arequeira tem sido plenamente descripta quando se tratou dos condimentos, como tambem o modo de preparar della o catto. Este he largamente empregado na Europa em tingir pannos de algodão de côr de caffé carregada, no que tem quasi inteiramente substituido a ruiva dos tintureiros. A exportação do catto do Canará do Norte he consideravel, assim como de outras partes da India. A exportação annual de Areca e catto de Madrasta provavelmente excede o valor de 10 laquesr de rupias.

ARTOCARPUS HIRSUTUS (*Angelim*).

Esta apreciavel arvore, que se acha por toda a linha dos Gates occidentaes, he agora um pouco escassa no Canará, por via de excessivos cortes que della se tem feito. Como a sua madeira he de consideravel importancia na construcção naval, deve-se attender á plantação desta arvore nas mattas do districto, onde parece medrar bem.

Da casca obtem-se uma tinta escura, acerca da qual pouco se sabe ainda. Este producto pode em tempo augmentar muito o valor da arvore.

Semelhante tinta se obtem provavelmente da casca da *Artocarpus Integrifolia.*

BIXA ORELLANA (*Oriana*).

Em inglez ———*Amotta tree*
hindustani —*Luthum Gawpurgee*
canará——*Nappa Manhalm*

Esta arvore, que produz a oriana do commercio, he cultivada em hortas no Balagate do Canará do Norte que confronta com o territorio de Maissur (Mysore), aonde vegeta abundantemente, e a sua cultura se pode ainda extender largamente no Canará do Norte.

A tinta obtem-se macerando os folhelhos em agua a ferver, extrahindo as sementes, e deixando assentar a polpa, e sendo depois o liquido deitado fora. O residuo, com o qual ha ás vezes oleo de mistura, he posto em vasos chatos, e secca-se ao sol. Quando propriamente fabricado deve ser de uma côr amarella resplandecen-

te. Dá matises de côr de laranja e vermelho, e he usado com pedra hume por mordente. A tinta, pelo menos segundo o processo ora conhecido, desbota. He largamente usada na Europa para corar manteiga, queijo etc.

O Doutor Ure refere que um M. Leblond tem recommendado um methodo de preparar esta tinta, pelo qual ella sáe com quatro vezes mais força do que pelo modo ordinario. Este plano he « simplesmente lavar as sementes da oriana até ellas perderem de todo a côr, que toda está na superficie ; precipitar a côr por meio de vinagre ou sumo de limão, e ferve-la ao modo ordinario (isto he, em caldeiras até ficar na consistencia de pasta), ou cóa-la por pannos como se faz ao anil. Assim preparada a tinta he não só mais forte quatro vezes que a preparada ao modo ordinario, mas tambem se pode applicar mais facilmente, e requer menos mordentes; coze-se nas caldeiras mais facilmente, e ministra uma côr mais pura.

Este methodo devia ser geralmente introduzido entre os fabricantes Indianos. O valor desta tinta em Inglaterra he de 80 libras por tonellada pouco mais ou menos.

BUTEA FRONDOSA.

Em inglez——*Bastard teak.*
hindustani—*Palas*
tamil ——*Parasum*
telegú ——*Modooga*

Esta arvore que dá o seu nome ao memoravel campo de Plassy, medra em todo o Canará, mas mais acima que abaixo dos Gates.

He cultivada nas hortas por amor da suas brilhantes flores escarlates, com que as mulheres naturaes ornam os cabellos nos dias festivos, e pela tinta e gomma que ministra.

As flores dão um amarello brilhante quando tratadas com pedra hume, e uma tinta côr de laranja, se se lhe junta soda.

He uma das arvores em que vive o insecto que dá o lacre (*Coccus Lacca*), e o lacre produzido pelo insectos que vivem de succo desta planta passa por ser mais fino que o que se produz em outras circunstancias. A *Palas* branda usada nos cortimentos e em medicina, he tambem um producto desta arvore; de maneira que he muito merecedora de que a sua cultura se extenda.

(*Continua*).

PHARMACIA

Collecção de formulas medicamentosas do hospital de S. José.

(Continuação).

Soluto de arseniato de soda.

Arseniato de soda	1 grão
Agua distillada	12½ onças
Alcool de vinho de 36° de Cartier (medida)	1 oitava

Misture. Se algum dia quizer administrar o licor de Pearson, usarei d'esta formula minha, porque não tem tantos perigos na dosagem, pois não se administra ás gotas. Uma oitava d'este soluto contém um centesimo de grão de arseniato de soda e 10 oitavas um decimo de grão, etc.;

portanto serve a todos, aindaque sejam differentes suas opiniões a respeito de dóses.

Soluto arsenical.

Acido arsenioso..... .. 1 grão
Agua distillada.. .. .. .. 12 onças
Alcool de vinho de 36° de
Cartier (medida) .... 4 oitavas

Misture. Faço a esta formula as mesmas considerações que apresentei á do soluto de iodureto de potassio; porém n'este quem administra 1 oitava dá um centesimo de grão de acido arsenioso e por este modo poderá satisfazer a todas as exigencias clinicas.

Tenho tirado vantagens d'este preparado, que prescrevo na dóse de 1 oitava misturada com 2 ou 3 onças de capilé, vehiculo de que me sirvo geralmente, como palliativo nos cancros uterinos e como curativo em algumas dermatoses, gangrenas e nas diarrhéas chronicas, que se encontram nos doentes cacheticos d'este hospital.

Soluto de arseniato de potassa.

Acido arsenioso em pó } aã 1 grão
Carbonato de potassa.. }
Agua distillada ..... 12 onças
Alcool de vinho de 36°
de Cartier (medida).. 4 oitavas

Misture o acido e o carbonato á agua, faça ferver em vaso de vidro e em banho de maria, até á dissolução comoleta; depois de frio ajunte o alcool, filtre e com q. b. de agua perfaça o peso das 12 onças.

Prefiro hoje esta formula á do licor de Fowler, pelas rasões ditas a respeito do soluto de arseniato de soda e tambem á solução mineral de Devergie, por causa da cochonilha que tem propriedades pathogeneticas que o auctor ignorava.

Solnto de cyanureto de mercurio.

Cyanureto de mercurio.. 1 grão
Agua distillada .... 12 onças
Alcool de vinho de 36.°
de Cartier [medida].. 4 oitavas.

Misture. Ainda não usei d'este preparado; porém tenciono usar d'elle quando eu o julgar indicado e ha de ser esta a formula.

Soluto de hypochlorito de soda.

Hypochlorito de soda.. .. 1 onça
Agua distillada ..... 10 onças

Misture. Uso externo. As virtudes dos hypochloritos são de ha muito conhecidas, para que me occupe das doenças em que o applico, e tambem é necessario alguma formula para sua administração, que falta no formulario.

Solnto de sulphato de quinina acidulo

Sulphato de quinina .. .. 12 grãos.
Acido sulphurico diluido . 6 gotas.
Agua distillada ..... 1 libra.

Ajunte o acido ao sulphato e depois a agua. E' esta a formula de que uso ha muitos annos e que tenho empregado com bons resultados. As rasões que tenho para a preferir a outras são porque o acido sulphurico tem effeitos physiologicos, ou pathogeneticos curativos, assim como o sulphato de quinina, que são proprios ou especiaes a cada um d'elles, e por isso quando se dá a limonada sulphurica com o sulphato de quinina, se dá dois remedios ao mesmo tempo, cujos effeitos podem ser antidotarios, e n'esta formula a pequena

quantidade de acido serve para reduzir o sulphato a bi-sulphato, que é mais soluvel.

[J. da S. P. Lusitana].

MEDICINA.

Insomnia, e meios de a evitar.

O professor do Hotel-Dieu o sr. Guineau de Mussy, deu n'este estabelecimento uma importante lição clynica sobre as perturbações funccionaes do somno.

Collocando-se debaixo do ponto de vista puramente physiologico, e referindo-se á obra que o dr. Hammond, de New-York publicou ultimamente sobre esta questão, dividio em dous grupos as doenças, que causam a insomnia.

1.º As que determinam uma congestão activa e absoluta sobre os centros nervosos: taes como o alcoolismo a meningite, e o typho.

2.º As que produzindo a anemia, no meio de uma debilidade geral da economia, occasionam uma congestão relativa dos orgãos encephalicos.

Deste resumo etiologico resultam indicações curativas mui diversas. E' preciso tambem ter em conta o estado constitucional do individuo, e suas idiosincrasias. Tal individuo, por exemplo, não supporta o opio,.

Para pessoas dadas a trabalhos mentaes de importancia, assumptos de interesse, discussões animadas etc. um pequeno passeio ao ar livre é com frequencia um excellente hypnotico.

O individuo, que soffre insomnia, deve para a evitar procurar o silencio e a escuridão: a temperatura da sua habitação deve ser moderada: sua cabeça deve estar um pouco elevada, e os pés quentes. Estas condições concordam perfeitamente com a theoria, que considera o somno como uma anemia relativa dos centros nervosos, e a insomnia uma congestão d'estes orgãos.

Aran diz que se pode muitas vezes conciliar o somno por meio de inspirações lentas e largas: este resultado é devido sem duvida a que por tal modo se provoca um afluxo de sangue até ao torax, derivando-o dos centros nervosos.

Muitas vezes chega-se a obter o sommo, ouvindo ruidos monotonos, ou recordando actos intellectuaes que enfastiam: todos sabem que a leitura de certos livros é um poderoso suporifico.

E' preciso, e isto é uma condição importante, respeitar o costume, e não demorar a hora de adormecer.

O frio dos pés é causa mui comum de insomnia: pode remediár-se já com o agasalho ordinario, já tambem com o uso de synapismos ou pediluvios, e até mesmo com as correntes electricas. Ha certos medicamentos que teem a propriedade de provocar o somno. O opio entre todos tem o primeiro logar: porem como obra elle? Segundo o dr. Hammond é mais *anemisando do que congestionando* o cerebro. O dr. Gueneau não tem atendido bastante a este ponto para se pronunciar n'uma ou outra opinião, tendo-se occupado tão so-

mente de suas indicações, de seu uso, e dos casos, em que é preferivel não o empregar.

Quando não ha febre intensa, diz elle, nem embaraço gastrico, ou estado despepsico, que o opio poderia augmentar este medicamento pode prestar grandes serviços.

E' particularmente applicavel nos casos, em que a insomnia é devida á intensidade das dôres, e n'aquelles, em que esta intensidade é consecutiva ás doenças febris. Graver a tem notado no *typhus fever*. O sr. Guenau o tem empregado, e com bons effeitos em alguns casos de febre typhoyde, acompanhados de agitações, e delirios tão violentos como no *delirium tremens*. No alcoolismo tambem se usa com bons resultados: sendo preciso dar o opio em dose sufficiente, porem differente segundo a edade, sexo, temperamento, etc.

Em geral convem dar uma dose media, de uma só vez, o que é melhor do que as pequenas quantidades em vezes repetidas, por que o opio em pequenas porções produz uma excitação cerebral.

O momento mais a proposito para fazer tomar o opio, é um pouco antes d'aquelle, em que o doente costuma dormir: convem utilisar o habito physiologico para obter o resultado therapeutico. Se ha alguma contraindicação para administrar o opio pela bocca, pode dar-se em clysteres: Dupuytrin e Graver pertendem que este ultimo modo de administração é mais activo do que o anterior.

Em vez de recorrer ao opio, podem prescrever-se os seus *alcaloides*, Cada um d'elles alem das suas propriedades hypnoticas, apresenta mudanças, differenças d'acção, que podem em tal ou qual caso obrigar a dar-lhe preferencia. A *narceina* tem sido recommendada n'estes ultimos tempos como substancia gozando no grau o mais elevado as propriedades somniferas. Segundo Graver, a *morphina* concentra e reune no maior grau as propriedades hypnotica e calmante, não produzindo sobre o tubo gastro-intestinal os effeitos estupefacientes do opio. Um medicamento cuja acção tem sido estudada n'estes ultimos tempos, e cujos effeitos physiologicos sam citados em apoio da theoria sobre o somno, é o bromureto de potassio.

Poderoso sedativo dos centros nervosos, diminue o affluxo de sangue sobre estes orgãos: esta propriedade de combater, ou de prevenir a congestão encefalica explica a sua acção na epilepsia. Suas propriedades hypnoticas sam mui notaveis. O sr. Gueneau as tem experimentado n' um grande numero de casos parecendo-lhe tambem que se dissipam e acabam rapidamente quando a insomnia depende de condições morbosas, que o bromureto não pode modificar. Tem-o empregado tal qual como o aconselha Hammond, na dose de um a dous grammas, metade antes da comida da tarde, ou da ceia, e a outra metade á hora do somno.

Em regra geral o faz dissolver em um vehiculo aromatisado, algu

mas vezes em uma mixtura de xarope de casca de laranja, ou de flôr de laranja. De todos os modos convem certificar-se de que o bromureto é puro pois que o do commercio, com frequencia, é mixturado com o iodureto, e n'este caso perde a sua efficacia. O sr. Gueneau o tem usado com feliz resultado nos casos, em que o encefalo soffria uma congestão. Em doentes atacados de inflammações oculares, o bromureto tem produzido não somente o somno, mas tambem uma acção muito favoravel sobre a doença dos olhos. Nas insomnias, que coincidem com a tosse, o sr. Gueneau tem usado o bromureto associado ao extracto de alface com bom resultado.

Nos casos, em que o opio está contra-indicado, já pela naturesa da doença, já por antipathias idiosincrasicas, usa tambem a alcoolatura d'aconito, e a agua de loureiro cerejo.

Convem em tudo isto a boa direcção das influencias hygienicas. O regimen moderado, nada excitante, proprocionado á actividade dos orgãos digestivos; a prescripção das substancias estimulantes dos centros nervosos; o exercicio moderado ao ar livre antes de repousar, tudo pode secundar beneficamente a acção d' aquelles remedios therapeuticos. A certos doentes atormentados por uma insomnia pertinaz lhes é as vezes util o dormir em cadeira. Hammond affiança que por este meio tem podido restabelecer n'alguns individuos o habito do somno, que alias se moviam inutilmente na cama durante toda a noite para o conciliar, até que adoptavam a dita actitude.

Nas pessoas debilitadas e anemicas, a insomnia, diz o medico americano, pode depender d'uma congestão relativa do encephalo, ou de uma atonia dos vasos cerebraes. N' estes casos, o café, e o alcool principalmente, sam poderosos hypnoticos.

Algumas vezes a insomnia está ligada a perturbações do apparelho digestivo: com frequencia acompanha a dispepsia. N'estes casos, os amargos, as aguas digestivas, a pepsina, o regimen, a hydroterapia, e os banhos mineraes estam tambem indicados, e sam tão efficases como poderia sêl-o o proprio opio.

(*Jour Ther.—N. F.*)

(Do *Jornal de Ph.e Sc. Acc. de Lisboa*).

PORTUGAL NA EXPOSIÇAO.

« O Jornal do Commercio, transcreve da Patrie», de Pariz, o seguinte « artigo, concernente a Portugal e ás suas colonias.

Portugal occupa um lugar brilhante na galeria da historia do trabalho.

Ao lado de medalhas, armas e ornatos, notamos duas joias geographicas de subido valor: são 2 atlas do meado do seculo decimo sexto, contendo cada um vinte cartas de pergaminho, as quaes reproduzem todas as regiões então conhecidas.

Os geographos portuguezes foram, a par dos italianos e dos catalães, os mais habeis desenhadores de cartas marinhas dos seculos passados. Estes dous atlas são ornados de estranhas

figuras, de esclarecimentos curiosos, que illuminam em varios pontos e encaminham as pesquizas historicas.

Um dos nossos amigos, erudito apaixonado, dizia-nos, ha dias, com a mais profunda convicção, que teria feito de proposito uma viagem até Lisboa para admirar esse maravillhoso trabalho.

Não é esta a unica obra cartographica digna de chamar a attenção. A barra do Tejo, varias cartas topograficas, alguns trabalhos geologicos, devidos em grande parte á direcção habil do general Folque, revelam um gosto incontestavel pela sciencia.

De resto, a geographia deve muito aos portuguezes. Foram os primeiros que, na idade media, conceberam o projecto de grandes empresas maritimas.

Foi importantissima a sua cooperação n'esta verdadeira conquista da terra pela raça caucasiana.

Os portuguezes abriram o caminho das descobertas longinquas; deram impulso ás grandes viagens que deviam fazer cahir sob o dominio da Europa a metade do globo, e que, ainda hoje, collocam o mundo sob a nossa independencia moral.

O cabo da Boa Esperança, descoberto e depois dobrado—a India conquistada—o extremo Oriente subjugado—o Brazil descoberto e colonisado—a metade da terra conquistada, taes são os resultados obtidos em menos de cento e cincoenta annos por esse povo ousado.

A quem se deve attribuir tão brilhantes conquistas? Ao impulso dado por um principe dotado de genio ao infante D. Henrique, o navegador.

D' estas joias magnificas, resta ainda a Portugal um formoso collar; a saber, na Africa, as ilhas de Cabo Verde, uma parte da Senegambia, as ilhas de S. Thomé, e Principe—as ricas provincias de Angola, Benguella, Mossamedes e Moçambique:—na Malesia, o estabelecimento de Dilly em Timor;—na Asia: Macau, que fica ao sul da China, e uma parte da India; Goa, Diu, Damão, etc.—As ilhas da Madeira e dos Açores não são consideradas como colonias, por isso que formam parte integrante do reino.

A Asia ja nada promette a Portugal para o futuro. Outros alli adquiriram uma preponderancia que hoje fôra difficil contrapesar,

A Africa é o paiz que lhe convém explorar. Poderá alli achar a fonte de immensas riquezas. As regiões africanas subjeitas á authoridade do governo de Lisboa estão destinadas a formarem um dia um verdadeiro Brazil. Os productos que d'alli poderiam tirar-se não são por certo menos valiosos do que os da America Meridional.

Avalia-se a extensão da Guiné inferior e de Moçambique em 140 milhões de hectares, equivalentes a mais do dobro da superficie das possessões francezas de Argel.

A exposição do Campo de Marte apresenta uma ideia exacta ácerca da importancia d'essas bellas colonias. Um pavilhão separado, de uma architectura elegante, contém numerosas amostras, que são a prova material da multiplicidade dos seus productos.

Angola, a mais importante de todas essas possessões, enviou algodão, café, gommas, tabaco, azeite de palma, tecidos, cobre, e essa provincia ainda poderia produzir muito mais.

As plantações de algodão poderiam sobretudo fazer-se em grande escala. Aquelle paiz está maravilhosamente adaptado para cultura d' essa planta. De resto, nota-se desde alguns annos um progresso evidente no rendimento d' essa região, os algarismos assim o provam:

Em 1859, a exportação de algodão

apenas attingia o algarismo de 45:000 kilogrammas;—em 1865, elevou-se a cerca de 500:000 kilogrammas. Em menos de seis annos a producção fez mais do que acumular.

Ponham mãos á obra com afinco e veremos se d'aqui a vinte annos a Africa portugueza não poderá rivalisar com os Estados-Unidos.

A provincia de Moçambique, que é igualmente mui vasta, acha-se representada no palacio da exposição pelas suas aguardentes de cana, pelas plantas textis e pelo seu marfim.

Esta região, prodigamente dotada pela natureza, poderia render mil vezes mais se os indigenas fossem menos refractarios á civilisação.

Nota-se, entre as curiosidades africanas, um dente de elephante da altura de dous metros e que não pesa menos de 213 kilogramas.

A provincia de Moçambique é a par da Cafraria e dos paizes limitrophes, um verdadeiro paraizo venatorio.

Sabemos por bom canal que um intrepido viajante europeu conseguia matar tres elephantes por dia.

Creava por esta forma um rendimento diario de cerca de 360$000 reis.

As ilhas de Cabo Verde exportam azeite, café e cera; porém a sua principal industria consiste na exportação de sal mineral.

A India portugueza occupa tambem um logar digno de menção:—produz cereaes e especiarias.

Está completamente representada n'um tropheu que serve para decorrer a parte central d'esse pavilhão.

As frechas, os machados, as armaduras completas, as divindades indianas, os berços indigenas, os canistreis tecidos com arte, as caixas de madeira esculpida, os chapeos de formas extravagantes, a madeira de sandalo, os perfumes,—tudo isto forma um grupo exotico de grande effeito e de verdadeiro interesse.

Portugal, potencia eminentemente maritima, deve esperar muito das suas colonias. A exposição do campo de Marte dá a medida dos productos uteis e valiosos que essas provincias ultramarinas poderão um dia expedir com abundancia á mãi patria.

[Do *Braz Tisana* n.º 150 de 6 de julho de 1867.]

BOTANICA.

Herbarios:

Sobre o melhor modo de os conservar.

Na *sociedade Botanica de Paris*, suscitou-se ha pouco discussão, sobre o melhor modo de conservar os herbarios.

O snr. *Cosson* observou, que o soluto alcoolico de deuto-chlorureto de mercurio, além dos inconvenientes que apresenta o seu uso, como substancia venenosa, não produz resultado completo, porque penetra defficilmente no tecido das plantas que contém principios oleosos, balsamicos, ou resinosos. Por taes motivos, diz preferir o emprego da benzina, por meio da qual tem conservado ha dez annos o *herbario normal* do snr. *Fries*.

Os massos do herbario estão encerrados em caixas, em cada uma das quaes se acha um frasco de bôcca larga, contendo algodão embebido na benzina, a qual é renovada apenas duas vezes no anno.

O snr. *Marés* declarou ter obtido

como o snr. *Cosson*, bons resultados do emprego da benzina, e accrescentou, que tendo submettido aos vapores d'esta substancia um herbario já atacado por insectos, notou que o estrago não continuou, depois do emprego do meio indicado.

O presidente da reunião lembrou os bons resultados que produz, para o fim indicado, o sulfureto de carbonio, e o snr. *Brongniart* disse, que é por meio d'elle que conserva as collecções d'insectos no museu; foram lembradas porém as propriedades nocivas dos vapores d'este corpo.

O snr. *Buffet* lembrou o grande inconveniente que acompanha o uso da benzina, pela facilidade com que podem inflammar-se os seus vapores: diz ter empregado com bom resultado o acido phenico, cujos vapores matam os insectos, e accrescentou que, mesmo quando se quizesse empregar no estado liquido o agente conservador, o mesmo acido podia ainda ser preferido, por ser facilmente soluvel no alcool.

(*Rev. de Ph. do Porto*).

MORTALIDADE.

Havida em Damão Pequeno, nos catholicos da Freguezia Desde 1854 até 1866.

Annos.

1854	1855	1856	1857	1858	1859	1860	1861	1862	1863	1864	1865	1866	Somma
25	7	11	11	9	16	27	7	29	15	13	14	13	197

Hospital Regimental de Damão—2 de Setembro de 1867.

Constancio João Paulino da Costa

Cirurgião mor Director.

VARIEDADES

Que bellos casos para a homæopathia!

N'uma lição feita no Hôtel Dieu, de Paris, referiu o illustre Gueneau de Mussy quatro exemplos altamente comprovativos do quanto póde o moral sobre o physico, e de como o *mise-en-scéne* do medico importa ao exito da doença. Nos casos citados pelo dr. de Mussy e por elle proprio colhidos, as honras da cura competiram ás pilulas de miolo de pão, prescriptas sob a incendiaria fórma de *pilula fulminante é mica panis.*

Ao receitar estas pilulas o distincto medico prevenia os doentes de que toda a cautela era pouca com tão subtil veneno, e que elle proprio se não atreveria a emprega-lo, se não conhecesse o antidoto infallivel que igualmente prescrevia para d'elle se lançar mão logo que algum phenomeno toxico se manifestasse. O afamado contra-veneno era a *agua pura* receitada pelo nome chimico de *protoxydo de hydrogenio*!

Pois bem, as pilulas foram receitadas a uma hysterica paraplegica, que desde logo começou a melhorar, tendo sentido apenas como *consequencia* do remedio uma cephalalgia violenta...

Duas choreicas, uma doente de seis semanas e outra de tres, tiveram a satisfação de ver o seu soffrimento instantaneamente acabado pela mirifica influencia de taes pilulas, a que allias imputaram uma a sensação de queimadura no esophago e outra uma violenta commoção passados momentos depois da applicação do heroico especifico.

O outro e ultimo exemplo foi de tosse hysterica pertinaz e rebelde a toda a casta de tratamento anterior. Uma só pilula deu cabo de toda a doença!

Juntem-se agora a estes casos os outros que todos os clinicos sabem de abortamentos produzidos pela mesma especie de tratamento, prescrito aliás com a intenção de frustrar um desejo immoral, e dignam-nos depois se a homæopathethia não é a melhor de todas as medicinas. . .expectantes, e se as virtudes *dynamicas* de pão e da agua não são muito mais maravilhosas do que as virtudes das mesmas substaucias dadas nas dóses *imaginarias*!

Consumo do opio.

Este producto que na Europa não passa de um artigo de pharmacia, é na India objecto de uma exportação consideravel e de um importante commercio entre o porto de Calcutta e toda a China. E' n'este paiz, como o tabaco na Europa, uma causa incessante de envenenamento e de idiotismo. Em 1863-1864 a exportação do opio ellevou-se em Calcutta a 129.656:325 francos; a China pagou 93.463;857 francos; Singapura deu 15.850:000 francos; Penang tomou-o por 2.800:000 francos e a Australia por 149:940 francos.

(Da *Gazeta Medica de Lisboa.*)

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 44 **Agosto de 1867** **4.º Anno**

ESCHOLA MEDICO CIRURGICA DE NOVA GOA

No dia 1.º de Julho pp. teve logar a sessão solemne da abertura desta eschola, e a distribuição dos premios aos alumnos que mais se destinguiram no anno lectivo de 1865 a 1866.

Assistiram a este acto o Sr. Conselheiro José Ferreira Pestana, Governador Geral da India, com o seu secretario o Sr. Conselheiro Rivara, e o seu estado maior; assistiram os lentes da eschola mathematica e militar, os do Lyceu nacional, differentes auctoridades judiciaes e militares, e outras muitas pessoas de distincção.

A salla dos actos, em que teve logar a abertura, achava-se elegantemente ornada, tendo no topo o retrato de S. Magestade El-rei o Sr. D. Luiz. O Sr. Conselheiro Pestana, foi recebido com as honras que lhe eram devidas, tomando o logar de distincção que lhe estava reservado.

O lente da Eschola o Sr. José Antonio de Oliveira, cirurgião mór do estado, foi que, pela doença do director o Sr. Dr. Physico mór Eduardo de Freitas Almeida, presidio á inauguração. Pronunciou uma breve allocução em agradecimento ao Sr. Governador Geral, e mais auctoridades e cavalheiros que se dignaram honrar aquelle acto; terminando por pedir ao Sr. Governador a honra de distribuir por suas mãos os premios aos alumnos.

S. Ex.ª agradeceu, em termos muitos lisongeiros, não só as expressões delicadas, que acabava de lhe dirigir o Sr. director da Eschola, como tambem a satisfação que tinha em distribuir os premios aos alumnos laureados pelo seu talento, applicação e aproveitamento no anno findo. A cada um d'estes alumnos, ao entregar-lhe o diploma, dirigio palavras animadoras e de consideração pela distincção que tinham obtido nos seus estudos.

O discurso de abertura, que em seguida transcrevemos, foi, feito pelo illustrado lente desta eschola, e distincto operador, o S. Antonio José da Gama.

DISCURSO

Proferido na abertura do curso da escola medico-cirurgica de Goa no anno lectivo dé 1867 para 1868, pelo lente Antonio José da Gama.

Illm.º exm.º sr. conselheiro governador geral do estado, senhores que nos honrão, sabios lentes, amados discipulos.

Sou incumbido pelo illustre conselho da eschola, de dar cumprimento ao preceito do regulamento, que determina, na solemnidade de inauguração annual dos trabalhos escholares, se excite adequadamente o zelo dos alumnos. Comprehendo, senhores, toda a gravidade da minha situação, por que não desconhecendo a minha pouca sufficiencia, e quão longe estou de possuir todos os dotes que devem ornar aquem tem a desempenhar uma semelhante missão, sinto-me tibio e vacillante, receioso de não poder corresponder á magnitude do encargo, e menos ainda á vossa expectação.

E se reflicto na longa serie de discursos, com que esta eschola tem aberto os successivos annos da sua existencia, e nos nomes dos distinctos professores que tem até hoje occupado este logar, nem me pode fortalecer o animo a pertenção, que de certo me não assiste, de recommendar o presente trabalho pela originalidade do assumpto, e tão pouco pela pessoa do orador.

Com taes contrariedades, e não podendo eximir-me como desejara, da obrigação que me é imposta, esforçar-me-hei em cumpril-a como as minhas forças o permittirem, aventurando algumas considerações á cerca da utilidade e importancia da medicina, como um objecto que não só não desmerece da solemnidade do dia, mas como que estando na consciencia de todos, nelle será mais toleravel a minha insufficiencia, e lembrado em occasião solemne valerá um incentivo para que os alumnos amem a sciencia, a que se dedicam, e se appliquem com todo o fervor ao seu estudo.

E por certo terei de abusar da condescendencia do auditorio tão illustrado que me honra; a illustração porém, foi sempre generosa e indulgente; confio que o será para comigo hoje, por que não é a vaidoza fatuidade, mas o dever que me empenha nesta tarefa.

Senhores! Se a importancia e utilidade dos muitos e variados conhecimentos que formão a extensa cadeia do saber humano se mede sempre pelo valor e apreço do seu objecto e pela somma dos bens reaes, que delles colhe a humanidade, que arte ou que sciencia poderá neste sentido comparar-se com qualquer das interessantissimas partes das sciencias medicas? Que descoberta scientifica, que invenção, ou que outro conhecimento humano de qualquer genero, e qualquer que seja a sua utilidade, poderá sustentar competencia com os que dizem respeito á conservação da propria vida?

Newton descobre as leis da attracção, Galileo consegue pezar um fluido universal, Lavoisier por outra parte demonstrando a composição deste mesmo fluido, estabelece no conhecimento de corpos analogos e inteiramente fugazes, os principios de uma nova e luminosa sciencia.—E todos elles fazendo ceder a natureza aos protentosos esforços do mais sublimado genio, alcanção gloriosos e dignos troféos, que os constituem credores do respeito e veneração dos seculos.

Mas a estes admiraveis inventos comparemos a descuberta da circula-

ção sanguinea alcançada pelo infatigavel e immortal Harvei, ponhamol-a em parallelo, com todas as que nos offerecem a applicação das sciencias physicas e chimicas: olhemol-a pelo lado de admiração, ou pelo da utilidade, e veremos se com ella Harvei não inaugurou para a medicina uma era nova, fertil em consequencias do mais subido alcance, e incomparavelmente de maior vantagem do que todos esses conhecimentos que tanto illustrarão os nomes daquelles, aliás tão abalisados varões.

Facil seria com effeito demonstrar até a mais luminosa evidencia os fecundos resultados, que comsigo trouxe a feliz applicação de tão fertil descuberta á arte de curar, e fazer vêr por meio de uma exemplificada analyse todos os bens e incalculaveis fructos que a humanidade colheo de tão interessante invenção, e como pelo conhecimento exacto da mais essencial das funcções organicas, cuja idèa começa, acaba, e está inteiramente ligada com a da vida, os padecimentos que affligem o homem soffrerão uma notavel diminuição, (diz um dos nossos sabios mestres) e a medicina ganhando uma sabia ousadia-se attreveu a applicar soccorros a males até ali sem remedio.

E na verdade, senhores, esta interessantissima descuberta, assim como todos os variados conhecimentos que formão o extenso e interminavel dominio da medicina serião quando muito dignos de meditação d'um philosofo, ou da admiração e curiosidade de um naturalista, estariam em identicas condições como todos os outros conhecimentos scientificos, se o seu objecto, e o fim a que tendem os não extremasse destes, e lhes não legitimasse os titulos do mais subido gráo de importancia e apreço, como o que o homem liga á sua propria existencia.

A vida é o unico e o mais precioso bem na terra, o principio e o fim para o qual convergem todos os empenhos da actividade do espirito humano, e o goso deste bem constitue a suprema felicidade a que aspiram todos os homens, e a qual é impossivel sem a saude: o homem porém, diz o veneravel Hipocrates, não pode resistir ás potencias do universo: a sua propria actividade o expõe a mil soffrimentos, e os agentes os mais necessarios para o entretinimento da vida, são as causas mui ordinarias de tantas enfermidades que ameação a cada passo a sua existencia: a idéa da vida por tanto implica a da doença, accidente tão commum á organisação, que não ha um só ente por mais privilegiado que se possa suppor, que delle seja isento; d'onde a necessaria intervenção da medicina, e por conseguinte a inquestionavel e evidente importancia e utilidade de sciencia que tem por objecto a conservação da mesma vida, premunindo-a contra o que a pode alterar ou destruir e promovendo a regularidade normal da sua actividade quando della está desviada.—Assim os seus vestigios encontram-se em todo o tempo e em todos os lugares, aonde existirão os homens.

A medicina, senhores, é tão antiga como o mundo.—O primeiro homem em consequencia da sua propria organisação e das circumstancias no meio das quaes se achou collocado, viu-se necessariamente exposto a padecimentos que alteraram a sua saude, para cujo alivio instigado pelo poderoso instincto conservador, maravilhosamente identificado com a sua natureza, que inspira a aversão para a dôr, o medo da doença e da morte, e o desejo de afastar esses flagellos não sómente de si proprio, mas de todos os seres que lhes são

caros; instincto, irrezistivel e natural ao selvagem do deserto como ao habitante da cidade, ao pobre e ao rico, ao philosopho e ao ignorante, foi impellido a utilisar os meios que o acaso ou o mesmo instincto lhe revelou.

Quando o homem soffre, diz Cabanis, uma voz imperiosa mais forte do que todas as subtilezas o obriga a procurar alivio ao mal—E o author do tratado d'antiga medicina depois de expor com inimitavel simplicidade as mais sensatas considerações sobre a origem de medicina conclue que a necessidade obrigou os primeiros homens a procurar e inventar a arte medica, por que conheceram que o regimen de saude não convinha á doença.—Assim pois os primeiros doentes foram tambem os primeiros medicos, e os soccorros applicados contra os seus soffrimentos os primeiros rudimentos da arte de curar.

Ainda que a primeira infancia das sociedades humanas esteja involvida em densas trevas e absurdas fabulas, comtudo um facto se deprehende irrecusavel, e nunca contestado mesmo pela mais severa critica, e é que em todas as nações e povos, mesmo os mais rudes, e a quem faltava o conhecimento d'artes as mais vulgares, e até de cousas mais necessarias, existiram sempre a medicina e medicos.

Affirma Herodoto que muitos povos da antiguidade como os Caldeos e Babilonios seguião a pratica d'expôr os doentes nas praças e lugares publicos, e os viandantes erão obrigados a lhes indicar os remedios que havião applicado ou visto applicar em casos semelhantes.

Entre os Egypcios e Hebreos, mesmo antes de Moyses, a arte de curar era exercida pelos sacerdotes. Deprehende-se dos Livros sagrados que 17 seculos antes da nossa era havia no Egypto homens que exercião a medicina, cuja invenção era atribuida a Hermes ou Mercurio, e os sacerdotes, diz Cabanis, a ensinavão com as ceremonias de iniciação, tendo o cuidado de inscrever sobre as paredes dos templos as curas notaveis e os remedios por meio dos quaes havião sido alcançadas e foi com estas inscripções, que se compoz o livro sagrado que, segundo affirma Dionysio de Halicarnasso era a norma para o exercicio da medicina, e do qual se não podia afastar sem grave responsabilidade.

Os preceitos instituidos no Levitico pelo profeta legislador dos Hebreos encerram regras hygienicas de profunda sabedoria, as quaes provam que para aquelles remotos tempos elle possuia notaveis conhecimentos na quella arte.

Os Chinas, cuja chronologia, diz o padre du Halde, está regularmente escripta, desde o anno de 2357 antes da nossa era, attribuem a invenção da arte de curar a um dos seus reis, que viveu muitos seculos antes do diluvio—Na India cujos monumentos attestão a sua civilisação anterior á da Europa, a medicina era exercida desde tempos remotos, exclusivamente pelos Sacerdotes.

A Grecia sobre tudo foi notavel pelo seu piedoso enthusiasmo e pelos homens que se distinguiram naquella benefica arte: os seus Heroes, conta Homero, muito se illustraram com o exercicio da medicina, e mereceram mui particular consideração.—Apollo e Esculapio tiveram as honras dos Deuses, e numerosos templos foram o sanctuario da sua sciencia, e do seu poder exercido pelos sacerdotes, e o seu culto que passou dos Gregos para os Romanos se extendeu a todos os lugares aonde penetraram as armas destas nações.

Finalmente pode-se affirmar a respeito de todos os outros povos que, quanto mais se remonta nos seus annaes encontram-se sempre vestigios da arte de curar e de cujo conhecimento se achou ao tempo do seu descobrimento; não serem distituidos até os povos os mais rudes, como os da Nova Hollanda, do interior de Africa e America. E hoje que todas as partes do globo, accessiveis ao homem, tem sido exploradas, estamos authorisados a repetir a asserção de Plinio de que se existe povo ou alguma nação que tenha vivido sem medicos não ha huma só que não apresente vestigios da medicina.,

He pois fóra de toda a duvida que a arte de curar começou com os primeiros homens, tão antiga como elles, a necessidade a inventou e a sua utilidade fê la conservar e perpetuar entre todos os povos.

Os conhecimentos porém que constituião primitivamente a medicina, não podião ser, como bem se presume. se não extremamente limitados a todo o respeito. —Praticada pelos proprios doentes, aconselhada aos seus semelhantes que padecião como elles, a arte de curar foi successivamente exercida pelos chefes de familia, pelos homens mais influentes, ou mais instruidos do seu tempo, até que se tornou quasi exclusivamente huma prerogativa dos sacerdotes; durante mais de 30 seculos ella não foi mais do que huma collecção de noções instinctivas e rotineiras ordinariamente desfiguradas por huma serie de tradicções incompletas, e pelo mais supersticiozo mysticismo; e assim destituida de principios, sem mesmo possuir noções as mais vulgares sobre a organisação do homem, e pobre de recursos, não podia mais do que circunscrever-se a alguns preceitos hygienicos, á cura de algumas doenças simplices e externas, e ao conhecimento de poucos remedios. E comtudo apesar de limitada, mesquinha e dominada pelas ridiculas praticas decoradas com o titulo de oraculos, tão necessaria e util foi considerada pelos povos, que em testimunho do seo reconhecimento, apreço e veneração erigirão templos para perpetuar a memoria dos homens que mais se distinguirão na benefica arte que lhes conservava a vida, e a saude.

O progresso e a civilisação porque tem passado successivamente o espirito humano não podia deixar de attingir tambem a medicina; a arte tão necessaria e util á humanidade não devia continuar a arrastar-se no limitado circulo a que a condemnava o cego empirismo, e o mais supersticioso mysticismo.— Os philosophos naturalistas que nos seculos felizes da Grecia promoveram os primeiros fundamentos da sciencia universal, a emanciparão da tutela dos sacerdotes, e ella lhes deve os primeiros ensaios scientificos que prepararam seu ulterior progresso: comtudo englobada na famosa cosmogonia encyclopedica, e sendo considerado o homem imagem do macrocosmo, lhe foram applicadas as ideas nascidas da contemplação do universo, e assim por muito tempo teve ainda de ser dominada pelas theorias e hypotheses desses philosophos especulativos.

Era reservada ao immortal Hipocrates a gloria de a libertar definitivamente assim do dominio desses puros thoricos, que desconheciam a sua autonomia, e a desviavão do seu verdadeiro objecto, como das mãos dos servidores de Esculapio, que a redusirão ao empirismo bruto pelas praticas supersticiosas.—Este genio sublime comprehendendo e ensinando que a verdadeira doutrina devia ser baseada unicamente na observa-

ção e experiencia, e que o estudo do homem devia abranger não somente o proprio homem, mas tudo o que o interessa, e por conseguinte as influencias externas, lançou os primeiros e os mais solidos fundamentos da sciencia medica, e a organisou e constituio uma sciencia independente.

Assim constituida a medicina tem acompanhado o progressivo desenvolvimento do espirito humano, e da Grecia seu berço, ella tem penetrado em todos os povos e nações fructificando differentemente conforme o gráu da sua civilisação. — Mas ao atravessar tantos seculos a sua marcha foi mais de uma vez empecida pelas variações que affectarão os conhecimentos humanos.—As differentes seitas medicas, as theorias hypotheticas e desvarios dos philosophos lhe alterarão logo á nascença as suas primitivas feições —os seculos barbaros quasi que abafarão a sua cultura—e nos seculos mais proximos de nós na regeneração das letras, as subtilesas de Galeno e a philosophia de Aristoteles, então dominando as sciencias, e successivamente os sistemas das sciencias naturaes e theorias mal deduzidas ou fundadas em factos mal interpretados, que lhe forão impostas, muito a transviaram do seo verdadeiro caminho.

Este estado que repugnava á indole da sciencia e ao seo progresso, fez sentir a necessidade de a reconstituir sobre as suas verdadeiras bases.

Homens justamente celebres, votados ao exercicio difficil e penivel da arte de curar, habituados á observação e compenetrados da verdade do axioma tão fecundo de que toda a doutrina em medicina deve ser dedusida dos factos pelo mais severo raciocinio, encetarão esta tarefa.—Com taes principios e o espirito de indagação havendo-se tornado pouco a pouco a philosophia da sciencia, todas as suas partes tem sido minuciosamente exploradas, e os trabalhos reunidos de tantos observadores, cujo numero cresce todos os dias, exercerão sobre ella a mais poderoza influencia, imprimindolhe a direcção experimental e firmando-a nos seus proprios fundamentos, a anatomia e physiologia, a observação e experiencia, de que mais se não tem desviado.

Em consequencia a medicina libertando-se do jugo das theorias, hypothezes, e outros desvarios, que mais de huma vez a desviarão de senda do progresso, seguindo definitivamente o verdadeiro methodo que a devia dirigir para a sua perfectibilidade, methodo que o veneravel Hipocrates havia adivinhado e praticado com tanta proficiencia, e que depois Bacon e Descartes extenderão com indizivel successo a todas as sciencias naturaes, investigando até nos mais intimos elementos da organisação do homem, esquadrinhando as leis que a presidem e deduzindo-as da propria sciencia da vida, devassando os segredos os mais reconditos da naturesa, e aproveitando-se das fecundas descubertas e de todo o auxilio que lhe ministrão as outras sciencias e artes, a medicina, digo, se tem elevado a tão subido gráo de perfeição, que ostenta hoje todos os foros de uma sciencia pratica, e tão positiva, como as outras sciencias suas irmãs.

E possuidora de enorme massa de conhecimentos e descubertas herdadas dos seculos que já passaram, herança que a actual geração tem enriquecido e enriquece todos os dias com notaveis e admiraveis augmentos, poderosa com os meios que maneja, e forte com a segurança que lhe provém dos solidos fundamentos em que se basea, esta sciencia não só prosegue no seu primitivo empenho, e fim essencial, qual é de curar

as doenças, mas desvellada como sempre, ella abrange tudo quanto pode physica e moralmente ter relação directa ou indirecta com o homem, e seguindo-o passo a passo em todas as fases da sua evolução, e em todas as condições de fortuna lhe presta serviços e beneficios incalculaveis.

A sua sollicitude o acompanha desde o berço emque se acalenta a infancia até ao tumulo aonde se termina algumas vezes a decrepitude, e quasi sempre todas as outras estações da vida.

E quer consideremos o homem envolto ainda nas faxas da infancia, quer entregue ao cuidado dos preceptores, quer lutando com a morte no centro dos hospitaes, quer presidindo ao seo acabamento natural pela decrepitude, quer maniatado com os grilhões de justiça nas cadeas publicas, quer ferido e meio morto no campo ensanguentado das batalhas—quer ainda collocado entre o algoz e a eternidade, em toda a parte encontra constantemente o cuidado e deligencia da sciencia sempre solicita, sempre prompta para liberta-lo, prompta para confortalo, se mais não pode faser! A medicina, como diz um sabio professor, he a tutora desvelada do genero humano, e o medico o Anjo Custodio do homem em todas as situações da vida.

Ella he de todas as sciencias a unica que pelos seus esclarecidos ministros, e pelos meios de que dispõe póde ordenar ao cégo que veja, ao surdo que ouça, ao mudo que falle, ao paralytico que ande.

E se não pode, qual outro Prometheo, introdusir o facho da vida nas frias e inanimadas estatuas, ou qual. Esculapio resuscitar os mortos; quantas vezes evita que ella se apague, e com o seo benefico influxo disperta a sua amortecida chama ou restitue ao reino dos vivos aquelles que ja tocavão as opacas avenidas da morte! !

Por dilatados annos a historia do genero humano, corria parelhas com a das horriveis epidemias, que os dizimavam entre dez a quatorze vezes em cada seculo,— cidades e villas exhalando mephiticas emanações compromettiam continuamente a saude e a vida dos seus habitantes, e se faziam inhabitaveis pela sua mortifera insalubridade—males hediondos e horriveis tornavam os homens entes os mais desgraçados e despresiveis—os chamados energumenos e possessos, infelizes, cuja razão estava alienada, eram condemnados pela ignorancia supersticiosa á tortura e ao fogo, ou a um tratamento deshumano: e a todos esses flagellos que affectavam o corpo e o espirito, se uma civilisação mais humana tem posto termo, se os males tem sido conjurados e os soffrimentos alliviados, se a humanidade tem sido successivamente consolada, e regenerada, deve-se sobre tudo á medicina, cujos saudaveis preceitos tem feito desaparecer ou diminuir muito aquelles flagellos a ponto de as grandes epidemias se manifestarem apenas uma vez em 150 annos — os lugares mal sadios tem sido transformados em saudaveis, e os males hediondos e terriveis domados por meio de especificos poderosos, a demencia tem achado azilos e cuidados esclarecidos, e os alienados que eram considerados como entes perigosos e maleficos, tem sido arrancados ao tratamento irracional, para mais não serem objecto de irrisão.

A intervenção da sciencia salutar he indispensavel nos casos graves e espinhosos, em que a vida do homem ou somente a sua liberdade he compromettida, para esclarecer a consciencia dos magistrados—a sua vigilancia he necessaria em todos os traba-

lhos publicos em que a saude dos cidadãos póde soffrer—sua inspecção he frequentemente exigida sobre objectos de subsistencias, que a fraude póde alterar, e sómente o seu estudo póde fornecer os verdadeiros principios de philosophia racional, e as regras da moral (Cabanis).—Deste modo a medicina intervem sempre em tudo, e efficazmente para bem de todos.—Finalmente resulta da estatistica que a duração media de vida se tem elevado a mais oito annos, aonde os soccorros medicos teem sido regularmente distribuidos aos povos; e está reconhecido que os melhoramentos donde provém este augmento na duração, tem sido introdusidos pelos medicos (Gardia).

Eis ahi, senhores, um tosco esboço do que a divina sciencia de Hipocrates promove a prol da humanidade e do homem, os prodigios que opera para lhe conservar e robustecer a saude, faze-la recupera: quando perdida, e o quanto se esmera em tudo o que pode concorrer para a sua perfeição, e civilisação.—Não ha sciencia ou arte que tanto se occupe do homem nos seus interesses tão essenciaes, como a medicina—por tanto a sua utilidade, excellencia e importancia sobre todos os outros conhecimentos humanos, não pode ser negada nem contestada.

E quão bella e sublime não é a missão do medico, o instrumento de semelhantes prodigios! Ha por ventura profissão que se inculque e se recommende como a sua? São tão nobres e tão sublimes os seus fins, he tão agradavel o ser util á humanidade afflicta, que esta nobre profissão á semelhança da virtude encerra em si a remuneração do seu trabalho, a consciencia fica tranquilla com o exercicio da medicina, e o coração se apraz com o soccorro prestado ao desvalido e ao enfermo.—Quando o homem exerce uma profissão que quazi é igual á divindade, a nobre e elevada missão dessa sciencia he a sua mais bella recompensa.

E se a antiguidade erigio templos a esses homens bem fazejos que se distinguirão na arte de curar, para manifestar o apreço, veneração, e importancia em que tinha a arte que conservava a saude e a vida, muito mais valioso do que estes que ja perecerão, he o testemunho insuspeito e indelevel de homens taes como Cicero e Voltaire que elevão até a divindade os homens que curam da saude e vida dos seus semilhantes, como o religioso author de *collecção de pensamentos maximas e proverbios*, que affirma o seguinte:=A mais alta missão do homem depois da dos altares he a de ser o sacerdote do fogo sagrado da vida, senhor das forças occultas depositadas no seio da natureza, e dispensador dos mais bellos dons de Deos=

Senhores alumnos! Volverão alguns annos, e tereis de desempenhar a missão mais bella e mais sublime da vida humana, sereis vós de quem a humanidade reclamará os prodigios, conselhos e a dispensação dos dons que a medicina enthesoura.—De vossos conselhos e de vossas mãos ficará pendente a sorte de milhares de individuos, que um dia virão implorar o vosso auxilio.—Lembrai-vos que esses mesmos conselhos, e essas mesmas mãos que podem dispensar a honra, a saude e a vida, podem tornar-se mais damnosas que as do proprio assassino.—Sêde diligentes em instruir-vos—Hipocrates, o nume da consciencia de todos os medicos diz: O medico que não fôr infinitamente instruido engana os mais homens e faz trahição a si proprio. *Ars longa, vita brevis*, são palavras sentenciosas daquelle veneranda velho: são decorridos 23 seculos, e apesar do espantoso progresso da

sciencia, não deixarão de ser ainda verdadeiras— He que a medicina é tão vasta como difficil, e tão difficil como importante, seus limites são indeterminaveis, por que o estudo do homem e da natureza é sem fim, e todos os dias a civilisação e a industria progridem, e todos os dias surgem novas causas de enfermidades, assim como se inventam novos meios de conservação.

Podeis, senhores, concluir de quantos conhecimentos e de quantos dotes deverá ser adornado aquelle que se destina a exercer uma sciencia tão vasta, difficil, e importante, e quanto é indispensavel, para que o seu voto competente e necessario seja ouvido com respeito, e seus conselhos adoptados com deferencia, que elle seja infinitamente instruido, e que nem as suas palavras, nem os seus escriptos, nem a sua conducta desdiga um apice do elevado ministerio que a sociedade confia á indole da profissão (Monlao).

Não vos esmoreça porém o animo, essa vastidão da sciencia, e a sua difficuldade.—A medicina é uma sciencia que tem seus dogmas e doutrinas, e como arte, preceitos scientificamente deduzidos, que vos serão exhibidos com extremado zêlo pelos vossos illustrados lentes, e servirão como o fio de Ariadne, para vos dirigir nos vossos intrincados estudos, que ajudados pela vossa parte com o verdadeiro e ardente zelo pela humanidade, com o mais fervoroso amor da sciencia, uma perseverante e incessante applicação, vos farão alcançar o glorioso e nobre empenho que vos hade fazer uteis á humanidade, e respeitaveis aos vossos concidadãos.

E terminando este tão desprimorado trabalho, cumprirei o dever de vos lembrar que o medico é na fraze de um sabio professor " *Vir probus medendi sciens*;" e Hipocrates enumerando as qualidades que o devem ornar diz " A paciencia, a sobriedade, a integridade, a prudencia e habilidade na sua arte, são seus atributos essenciaes ": Hipocrates, senhores, Mestre venerando e grande Philosopho, foi o modello dos verdadeiros medicos.— Imitai-o. Disse

PHARMACIA

GOMMAS DA INDIA.

Tanto na India portugueza como na ingleza encontram-se, em quantidade, differentes gommas que em alguns cazos podem substituir a gomma arabica. Estas gommas foram já levadas pelos inglezes ao mercado de Inglaterra e da França, com o fim de substituirem a gomma arabica, que segundo se vê n'um artigo publicado na *Revista de Pharmacia do Porto*, e que adiante transcrevemos, tem chegado a um preço elevado. Queixam-se porém os sr. *Dumiel e le Beuf*, de que as gommas da India, sejam vendidas em França, como gomma arabica, sendo aliás inferiores a esta gomma, e não a pudendo mesmo substituir em muitas preparações pharmaceuticas.

Mandamos á Exposição de Paris amostras das gommas que possuimos na India Portugueza; isto é, das que se encontram em mais abundancia, taes são as gommas de *cajueiro* e de *ambareiro*. (a) Há muitas outras, mas em pequenas quatidades. E provavel que estas gommas tenham sido alli estudadas, e que em breve se conheça

(a) No nosso *Archivo* n.° 23 de Novembro de 1865 se acha a descripção d'estas gommas.

melhor a sua utilidade, e a applicação que d'ellas se pode fazer.

Roberto.

Falsa gomma arabica.

Os snrs. *Dumeil* e *le Beuf* publicaram um artigo prevenindo os pharceuticos contra um engano que se tem ultimamente tentado fazer, em *França*, na venda da gomma arabica.

E' conhecida entre os droguistas, uma gomma que alli chega da *India*, por intermedio de *Londres*, á qual dão o nome de gomma da *India*.

Os usos d'esta gomma eram até aqui limitados para as artes; como porém a gomma arabica verdadeira tem n'estes ultimos tempos chegado a preço excessivo, e a dita gomma da *India* conserva o seu preço baixo, tentaram alguns droguistas vender esta aos pharmaceuticos no lugar d' aquella.

Não se estando prevenido, é facil, dizem elles, receber uma pela outra, porque o seu aspecto exterior é quasi indentico; examinando-a porém, com attenção, nota-se que a gomma da *India* tem transparencia menos perfeita do que a verdadeira gomma arabica; a sua superficie apresenta menos fendas, é brilhante e frequentes vezes tem a fórma mamelonada.

O meio que melhor permitte distinguir as duas gommas, é o ensaio da sua solubilidade na agua. Para isso, deve lançar-se n'um copo pequena porção da gomma com o duplo ou o triplo do seu pêso d'agua, e agitar frequentes vezes. Se a gomma é da chamada da *India*, em lugar d' obter-se soluto homogeneo, ligeiramente mucilaginoso, como succede com a gomma arabica ordinaria, obtem-se magma muito espêsso, transparente, tendo grande adherencia entre si, e que quando se tenta diluilo em maior porção d'agua, chega-se sim a diminuir a sua ccusistencia, mas não a obter soluto homogeneo e transparente, por maior que seja a quantidade d'agua que se lhe junte, ficando sempre o liquido d'aspecto viscoso, e formando fio quando se vasa em gôttas.

Os auctores entregaram-se a ensaios para conhecerem se esta gomma poderia servir aos usos pharmaceuticos; mas esses ensaios mostraram, que apenas poderá servir para a preparação de pastilhas, em lugar da gomma alcatira, ou para formar pastas peitoraes.

Glycer'alcooleo de chlorato de potassa

Recommendado para o curativo das feridas;

Pelo snr. Foucher.

Chlorato de potassa.	40	grammas.
Alcool	400	»
Glycerina.....	600	»

Solva.

O producto é um liquido transparente, limpido e sem cheiro desagradavel.

O linho e os fios embebem-se n'elle com facilidade, e podem conservar-se vinte e quatro horas sobre as feridas, tratadas sem se mancharem e sem seccarem. Para os lavar, depois de servirem, basta passal-os ligeiramente por agua.

Além da limpeza que permitte, pensa o snr. *Foucher* que ha vantagem no emprego d'este topico, por causa da acção do alcool, que produz excellente resultado no curativo das feridas, sendo menos doloroso o seu emprego do modo indicado, do que quando é usado só.

Accrescenta o auctor, que as feridas por este preparado, apresentam

ordinariamente bella supperficie granulosa, vermelha, de bom aspecto; os seus bordos conservam-se limpos, e os pannos destacam-se com facilidade, sobretudo quando se tem tido o cuidado de os embeber bem no preparado, e até de pôr immediatamente sobre a ferida um pano golpeado e igualmente bem embebido no liquido.

Pós de sulfato de quinina e nicociana

Recammendados como sternutatorio.

Pelo snr. Radins.

Sulfato de quinina.. 0,45 grammas.
Tabaco..... 15,00 «

Misture.

Usa-se, sorvendo estes pós pelo nariz, muitas vezes por dia, como se fôra tabaco de cheirar simples.

O auctor diz que costumam produzir bom resultado nas cephalalgias e accessos intermittentes; quando porém o sulfato de quinina, uzado assim, não faça cessar as dôres de cabeça, far-se-ha tomal-o internamente associado ao extracto d'opio.

Xarope de lirio florentino.

Recommendado como febrifugo e calmante nas doenças das creanças.

Pelo snr. Allisiard.

Extracto aquoso de raiz de lirio florentino.. 50 grammas
Assucar.... .. .. .. 300 «
Agua..... .. .. .. 150 «

Solva o extracto na agua, junte o assucar e aqueça até á ebulição.

Administra-se na quantidade de 10 a 20 grammas, em duas dôses, com intervallo de 2 horas.

Para a preparação de axtracto, recommenda o auctor a formula seguinte.

Extarcto de raiz de lirio florentino:

Recommendado como febrifugo;

Pelo mesmo auctor.

Lirio florentino, a raiz coutusa..... 1 kilograma
Agua .. .. 9 litros.

Deixe a raiz em maceração em tres litros de agua, por espaço de 24 horas; separe o liquido por expressão, deixe o residuo em maceração em outros tres litros da agua, por espaço de 12 horas, separe depois o liquido, e deixe o residuo em tercira maceração no resto da agua por outras 12 horas. Exprema novamente, reuna os liquidos, e faça-os evaporar, até que fiquem no peso de um kilograma; deixe em repouso, decante, e acabe de evaporar até a consistencia d'extracto molle.

As propriedades febrifugas do extracto da raiz de lirio florentino acabam de ser confirmadas por uma reunião de facultativos distinctos de *Sabuzrzo* (*Italia*), que, a pedido do snr. *Allisiardy*, pharmaceutico na mesma localidade, se prestaram aos respectivos ensaios.

CHIMICA.

Substancias alimentares.

Sua falsificação.

A *Petite Presse* fez conhecer algumas das falsificações mais usadas em *França*, nas substancias alimentares, e os meios de as reconhecer. Occupou-se do chocolate, das geléas de fruta, do assucar e do chá.

Chocolate. O Chocolate de quali-

dade inferior encontra-se frequentes vezes misturado com substancias inertes, taes como cascas, serrim de madeira, carbonato de cal, ocre, e colcothar. Fazendo ferver o chocolate na agua, estas materias precipitam-se no fundo do vaso. A falsificação com o carbonato de cal conhece-se pela effervescencia que produz o acido sulfurico sobre a materia depositada.

Geléas. As geléas de groselhas e d'outros fructos são ás vezes preparadas com substancias differentes d'aquellas que o seu nome indica. São feitas com acidos, córados pelo sumo da beterraba, e solidificados pela gelatina. Conhece-se a falsificação, queimando um bocado da geléa, que em tal caso exhalará o cheiro de corno queimado, particular á gelatina.

Assucar. O assucar acha-se ás vezes misturado com glycose. Em geral, diz o dito periodico, deve desconfiar-se do assucar molle, sem brilho, quebradiço, de côr amarella, e d'aspecto pastoso. Fazendo ferver 80 grammas do assucar suspeito em 20 grammas d'agua pura, juntando 30 centigramas de potassa e aquecendo até á ebulição, a presença da glycose manifesta-se pela côr escura muito intensa, que o liquido adquire, e pelo cheiro forte de caramel ou d'assucar queimado.

Chá. Algumas vezes, encontra-se o chá córado pelos saes de cobre ou pelo campeche. Deixando por algumas horas as folhas de chá em maceração no ammoniaco liquido, este adquire a côr azul propria dos saés de cobre ammoniacaes. Se se desconfia que a côr foi produzida por meio do campeche, humedecem-se as folhas com pouca agua, esfregam-se depois sobre papel branco, e faz-se cahir uma gotta d'acido sulfurico sobre as manchas que produziram sobre o papel, as quaes passam immediatamente da côr escura á vermelha, no caso da coloração pelo campeche.

Pimenta em grão. A pimenta é algumas vezes imitada com as sementes de *rhamnus infectorius*, fecula de batatas, residuos da extracção do oleo de semente de nabos, de linhaça, etc. Lançando os grãos em agua, as particulas que os formam desagregam-se rapidamente.

(*Revista de Ph. do Porto.*)

VARIEDADES

Agua de quatro cores; maneira de a fazer saír da mesma garrafa,

Mette-se n'uma garrafa cheia d'agua certa quatidade de pó de paó da India, depois preparam-se quatro copos, o 1.º lavado com agua pura da fonte; o 2.º lavado com vinagre; o 3.º com uma dissolução de potassa; o 4.º lavado com a mesma dissolução do 3.º, metendo-lhe no fundo uma pouca de pedra hume.

Vasando o liquido da garrafa no 1.º copo, mostra um licôr de vinho; no 2.º amarello como serveja ou agua ardente de França, no 3.º cristalino como a agua pura; no quarto vermelho pronunciado.

(*Biblioteca de Goa*)

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 45 Setembro de 1867 4.º Anno

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 43)

[TINTAS — Continuação]

CAESALPINIA SAPPAN

Em inglez——— *Brasiletto ou Sapan*
hindustani — *Bukkum*
tamil ——— *Pantuga*
telegú——— *Bukkapu*
canará ——— *Patung-Chapenga mara*

O Brasiletto he cultivado em alguma extensão no Canará do Norte, particularmente nos concelhos de Supem, e Ancolá. A madeira he muito apreciada pelas suas propriedades tinctorias. No Malabar, entre os Moplás, quando nasce uma rapariga, semeam-se algumas destas plantas, as quaes chegando á madureza em dez ou doze annos, formam o seu dote. Vale em Inglaterra este páo de 8 a 12 libras por tonellada.

O seguinte he o processo usado entre os tintureiros Telingas para tingir de vermelho pannos de algodão com o páo de Sapan ou Brasiletto.

Lava-se bem o panno para tirar quaesquer restos da cal viva &, com que foi córado; e depois uma infusão de meia libra de noz de galha (*Kadukai, Terminalis Chebula*) em quartilho e meio de agua fria, coada, emprega-se para preparar o panno, o que se faz molhando-o duas vezes na mesma infusão, e seccando-se de cada vez. No dia seguinte molha-se duas vezes n'uma forte solução de alumen, e outras tantas vezes se secca ao sol. Ao outro dia seguinte uma decocção de páo de Sapan he preparada desta maneira: —Tome uma libra de páo de Sapan em pó, agua doze quartilhos; ferva até se reduzir de um terço; divida os restantes oito quartilhos em tres partes, uma de quatro, e outras duas de dous cada uma: na dos quatro metta o panno, molhe-o bem, torça-o brandamente, e extenda-o a seccar, até estar meio enxuto: então metta-o em uma das porções menores; e novamente meio enxuto metta-o na terceira, e ultima porção restante da decocção; e finalmente enxuge á sombra; com o que está concluido o processo.

A tinta he precipitada em fusco escuro com ferro, e em vermelho com alumen.

CANNA INDICA.

Em inglez ——— *Idian shot*
bengali ——— *Surbo jaya*
telegu ——— *Krishna—Tamarah*
tamil ——— *Kull—valleimunine*
canará ——— *Undergenga illay*

As sementes desta planta, que se dá extensamente no Canará do Norte, produzem uma tinta fina purpurea, acerca da qual pouco se sabe, porque apenas raras vezes se emprega.

ASSAFRAÕ DA INDIA, OU BASTARDO (CARTHAMUS TINCTORRIUS).

Em inglez ——— *Bastard saffron, saffrower.*
hindustani ——— *Koosum*
tamil ——— *Sendurkum*
telegu ——— *Koosumba*

He extensamente cultivada no Canará do Norte por amor da valiosa tinta que dá. He usada principalmente na India para tingir algodão, e pelos chinezes para tingir seda de varios matizes de cravo, rosa, escarlate, carmesi, roxo &. A tinta, que se tira das flores em botão seccas, fixa-se sem auxilio de mordente. As flores devem ser colhidas antes de estarem completamente abertas, e seccas á sombra, Se não são colhidas antes de estarem de todo abertas, ou se não ficam bem seccas, a tinta que dão he de inferior qualidade. O assafrão bastardo da China he muito superior ao da India, differença que se deve attribuir a haver na China muito maior cuidado na sua prepreparação.

As flores assim preparadas contem duas variedades de côr: uma, que he um amarello baço, soluvel na agua, e comparativamente sem valor; outra uma finna e apreciada côr de rosa, de muitos matizes, soluvel só em dissoluções alcalinas. A primeira portanto pode ser separada da segunda por uma simples lavagem em agua. Isto faz-se mettendo as flores dentro de um sacco, e expondo-as á acção da agua corrente até esta não levar côr alguma, mostrando assim que toda a côr amarella se extinguio. O assafrão que resta, se não se houver de empregar logo, reduz-se a pães, formando o que no commercio se chama—assafrão lavado. A côr que esta tinta assim preparada dá, depende de sua combinação com alumen, potassa, acido tartarico, acido citrico, ou sulphurico. Não ha duvida que se poderia tirar della muito maior variedade de cores combinando-a com outros agentes chimicos.

Na India as flores são geralmente pulverisadas, e vendidas antes da lavagem.

Os seguintes são os processos usados por BallaChetty de Madrasta para tingir fiado de côr de cravo e de laranja, segundo vem notados no *Relatorio do jury da Exposição de Madrasta*: » Côr de cravo, ou de rosa.—Se as flores do *carthamus tinctorius* redusidas a pó forem lavadas em agua e misturadas com applacarum (?), pizem-se aos pés, côem-se, e junte-se-lhe sumo de limão, e lançando de molho nesta mistura o fiado corado, receberá uma bella côr de roza.—Côr de laranja.—Misture em agua pó de

curcuma; lance de molho nesta mistura o fiado corado, e depois enxugue; novamente lance o fiado em uma mistura desta tinta; e sairá uma côr de laranja.

CASSIA AURICULATA.

Em tamil——*Averie*
hindustani —*Turwer*
telegú ——*Tanghedu*

Dá-se rara acima dos Gates no Canará do Norte, e ministra uma tinta azul escura, pouco conhecida, para a qual o seguinte processo he indicado por Balla Chetty:

Asul escuro = côr de annil. = Se uma mistura feita de cal em pó e extracto de Thakaravaray (que he a *Cassia auriculata*) for posta n'um vaso de barro, e parcialmente se exposer ao fogo, e alli se macerar o fiado por oito dias, produsirá differentes matizes de preto.

Nota. A mixtura deve ser constantemente mexida em quanto dura o processo de tingir.

A *Cassia tora* dá-se nos mesmos sitios; e das suas sementes com agua de cal se tira uma tinta azul.

As outras especies de *Cassia*, que se acham no Canará do Norte, e em outros districtos, são dignas da attenção dos chimicos e tintureiros.

CASUARINA EQISITIFOLIA.

Esta arvore ainda não a ha nº Canará do Norte, mas esperamos vê-la plantada em breve nos baldios arenosos do districto, aonde deve medrar bem. Cresce rapidamente, chegando á altura de 30 pés em dez annos, e ministra uma apreciada madeira vermelha, mui rija, e que aguenta bem a submersão em agua. A casca contém consideravel copia de tannino; e tambem dá uma fina tinta fusca, descoberta por M. Jules Lepine de Pondichery, em virtude da qual a arvore será provavelmente no tempo futuro muito apreciada.

A seguinte he a primeira noticia desta tinta extrahida do *Relatorio do Jury da Esposição de Madrasta* de 1855.

» Uma materia tinctoria inteiramente nova he exposta por M. Jules Lepine (que antes esteve em Pondichery), obtida da casca da *casuarina equisitifolia*. O manufactor assevera que o extracto he fixado por uma solução de bichromato de potassa. Tendo o alumen por mordente a *casuarina* dá uma côr de nankim avermelhada; com ferro uma côr preta; e se estes mordentes são misturados, o resultado he cinsento. A tinta da *casuarina* torna-se fixa pela exposição ao ar sem mordentes, e com esta exposição por 30 minutos obtem-se um nankim vermelho. No fim de uma hora, affirma M. Lepine, que a côr não he affectada pela agua, alcalis, luz, ou calor solar. O extracto crystallisado, e panno tinto com a *casuarina* foram apresentados ao Jury, e a côr fusco-avermelhada do panno soffreo bem a experiencia da lavagem. »

Recomendamos a arvore á attenção dos chimicos, e dos proprietarios, que possuem terrenos arenosos á beira mar.

MAHOGANO DA INDIA, OU CEDRO BASTARDO
(CEDRELA TOONA)

Esta arvore, de que já se fallou quando se tratou das madeiras, ministra das flores uma bella côr vermelha, muito usada no Maissur (Mysore). Como a madeira he tambem muito apreciada, sendo usada como supplente do mahogano, he a arvore digna de maior cuidado, que o que a ella se tem applicado no Canará do Norte.

COQUEIRO (COCOS NUCIFERA.)

Um pigmento asul escuro, usado pelos naturaes para pintar casas ect. se obtem da casca de coco (chereta) queimada. He considerada como de algum valor, e suas propriedades merecem ser investigadas.

CURCUMA LONGA.

Já della temos dado noticia, e de sua cultura, quando tratámos dos condimentos.

Dá uma brilhante tinta amarella sem mordente. As raizes boas para este intento e grandes, vendem-se a Rupias 70 o candil. He tão largamente usada no paiz como condimento, e como tinta, que apezar de haver consideravel procura della para Europa, não he grande a exportação. He usada no paiz para tingir algodão de amarello, côr de palha, verde etc. e para isso os processos são simplices, e não exigem despesas.

Côr amarella. — Misture em agua uma porção de curcuma, deite de molhe o fiado por 24 horas, esprema, e ponha a enxugar: repita a operação quatro dias successivos, depois deite ainda de molho o fiado em uma solucção de pó de curcuma com alumen; de manhã e à tarde esprema o fiado e ponha a enxugar; e então apparecerá uma brilhante côr.

Côr de palha. —Bote de molho o fiado n'uma solução de pó de curcuma em agua, quatro ou cinco veses, esprema, e torne abotar de molho ainda em uma solução de sumo de limão e agoa por espaço de huma hora pouco mais ou menos, esprema bem, e faça enxugar, e então apparecerá a côr de palha.

Côr verde. —Bote de molho o fiado corado em uma solução de annil, enxugue, e depois bote em uma solução de curcuma em pó e agua por 48 horas; lave o fiado em uma mistura de sumo de limão e agoa, enxugue á sombra; e então apparecerá a côr verde.

Tem os notado os processos antecedentes, porque o tintureiro Balla Chetty que os usa, he celebrado pela qualidade das cores que saem da sua fabrica. Poderão aproveitar áquelles, cujos processos não forem tão perfeitos, ou servir de base aos chimicos para os melhorarem.

A *Zedoaria* (*Curcuma Zedoaria*) da-se em pequena extensão no Canará do Norte. As suas raizes pulverisadas formam um dos ingredientes do pó vermelho usado durante a festividade denominada Huly. As suas propriedades tinctorias são pouco conhecidas, mas merecem attenção.

CINCINIUM FENESTRATUM.

Em inglez ——— *Tree Turmeric*
tamil ——— *Mara Munjul*

He descripta pelos naturaes da terra como existente em algumas par-

tes do districto, especialmente acima dos Gates. As raizes vendem-se nos bazares do Canará do Norte, mas não temos visto nem a arvore, nem as suas flores. A casca da raiz, pelo menos, que contém uma larga proporção de berberina, ministra uma tinta amarella.

GARCINIA PICTORIA.

Em tamil ——*Mukki*
canará——*Mooga kaí*

Esta mui apreciada arvore dá-se abundantemente nas mattas do Canará do Norte. A resina gamboge tirada della he de igual estimação da que vem de Sião, e vale em Inglaterra de 5 a 12 libras por cada cem arrateis. A casca contem larga quantidade desta resina, que tambem se acha em massas entre a casca e o lenho. Alem desta preciosa gomma-resina, tira-se das sementes pizadas n'um gral de pedra um oleo, que vale 30 a 40 libras por tonellada. He este oleo usado por alimento entre os naturaes pobres, e parece que não possue as propriedades purgativas da resina. Os naturaes do districto parecem ser quasi totalmente ignorantes do valor da arvore, e só ás vezes a usam para tingir pannos de amarello.

Milhares destas arvores medram e morrem nas mattas sem dellas se fazer uso algum. Nós empenhadamente chamamos a attenção do governo e dos particulares para este assumpto, por que a arvore he sufficientemente abundante para poder dar um bom accrescimo ás rendas do Estado.

E não ha duvida que se para ella se dirigisse a competente attenção, faria um importante artigo de commercio.

GRISLEA TOMENTOSA.

Em telegú——*Serinjie*
bengali——*Dhub Dhoephool*

Acha-se acima dos Gates no Canará do Norte. As petalas das flores, e as folhas seccas são usadas como tinta. As ultimas empregam-se para tingir de bello vermelho os couros, de que se fazem as alparcas dos naturaes da terra. Pouco se sabe geralmente acerca dos processos para preparar as tintas desta planta, os quaes parece que são ignorados no Canará do Norte.

A planta comtudo he digna de attenção, porque se fosse introdusida na Europa, seria alli appreciada para tingir couros.

(*Continua*)

PHARMACIA

Xarope de hypophosphito de cal.

Hipophosphito de cal ..	10	grammas
Agua distillada	300	»
Assucar branco.....	640	»
Agua de cal	60	»

Dissolva a quente; filtre e guarde ao abrigo do ar e da luz.

Xarope de hypophosphito de soda.

Hypophosphito de soda.	10	gramm.
Carbonato de soda....	2	»
Xarope de assucar....	1000	»

Dissolva, e guarde como foi recommendado para o precedente.

Tanto a agua de cal, na primeira formula, como na segunda o carbonato

de soda, tem por fim obstar á acidificação que é natural n'aquelles preparados.

O incremento que ultimamente tem tomado o emprego dos hypophosphitos na tuberculose, junto á circumstancia de nem sempre ser facil ao pharmaceutico achar livro por onde guiar-se nas preparações dos xaropes d'aquelles saes, convidam a dar publicidade ás suas formulas.

(Gaseta Medica.)

DROGAS E ESPECIARIAS

DA

INDIA

Curiosas e importantes noticias nos dá a *Gazeta de Pharmacia*, do commercio, que por mar e terra, se fazia da India para a Europa na primeira metade do seculo XVI. Ei-las.

Das drogas e especiarias da India avultavam mais pelos valores da importação, a pimenta, a canella e o anil. Diz Falcão, que de 1586 a 1598 chegaram 34 náus a salvamento ao porto de Lisboa, produzindo de direitos 1227 contos; a pimenta importada passou de 150:000 quintaes, sendo de 30 cruzados o custo de cada quintal na India. As náus da India tinham tres grandes espaços ou repartimentos na terceira coberta, dous eram amplos e lateraes, e iam desde o mastro grande até á prôa; o terceiro que ficava na linha mediana da náu e a ré, tinha a significativa denominação de *paiol das drogas*.

Em 1600 não se formava ainda a menor idéa, do que podia vir a ser o Brazil: a despeza que o estado fazia era superior, ao que produziam os dizimos. Um seculo depois Antonil avalia a producção da fertil colonia em 4:000 contos por anno, assim distribuidos.

Assucar.....	2:535	contos
Tabaco.....	345	«
Ouro das minas....	614	»
Pelles.....	202	»
Pau Brazil.....	48	»

Seguiu-se a descoberta das minas de ouro e de diamantes de Minas Geraes e de Cerro Frio, produzindo para a corôa portugueza sommas fabulosas, com que D. João V deu nome ao seu faustoso reinado. As náus dos quintos reproduziram por algum tempo para Portugal a mesma abundancia de meios que dous seculos antes provinham das náus da India. Tres foram tambem os artigos, que sobressairam a todos pelos valores, os diamantes, o ouro e o assucar.

Termino este capitulo com duas tabellas; uma dos artigos, de que se fazia commercio na India; outra, do valor das drogas no nosso mercado em fins do seculo passado.

DROGAS E ESPECIARIAS DA ANTIGA INDIA. *de que se fasia commercio por mar e por terra para a Europa na primeira metade do seculo* XVI; *e seus preços em Calicut e em todo o Malabar pelos annos de* 1520; *conforme o livro de Duarte Barbosa.*

Para bem perceber esta tabella deve-se ter presente as equivalencias da moeda e pesos da antiga India com os usados ao tempo em Portugal.

As drogas, as especiarias e tudo mais, que vinha da India vendiam-se em Lisboa a *peso-velho*: isto é, a unidade de peso era o *arratel peso-velho*, que valia 14 onças do *arratel peso, novo*, que era de 16 onças: de sorte que 8 quintaes velhos pesavam tanto quanto 7 quintaes novos.

Os pesos usados na India eram o *bahar*, a *farazolla*, e o *mitigal*: cada bahar valia 4 quintaes peso-velho, e cada farazolla valia proximamente 358 onças portuguezas, vinte farazollas formavam um bahar; seis e meio mitigaes formavam uma onça das nossas.

A moeda de que falla o author, era

o *fanão*, que tinha valor equivalente a um real de prata de Hespenha.

Almiscar bom; —a onça	36 fanões
Aloes succotrino; — a farazolla	8 »
Ambar bom; —o mitigal	2 a 3 »
Anil nadador; —a farazolla	30 »
» pesado; »	18 a 20 «
Beijoim; »	65 a 70 «
Calamo aromatico; »	12 «
Camfora grossa em paes —a farazolla . ..	70 a 80 «
Canella de Ceylão; — o bahar.....	300 «
Cardamomo em grão; a farazolla.....	20 »
Cassia fresca e boa; »	1½ «
Cravo, limpo e escolhido; — o bahar	700 »
» ,sujo; »	500 a 600 »
Cubebas; vendiam-se a olho e por baixo preço.	
Especinardo, fresco e bom;—a farazolla	30 a 40 »
Gengibre Beledi; — o bahar	90 a 110 »
» Deli; — »	40 »
» verde para conserva; — a farazolla.	¾ »
Gengibre [conserva em assucar de]; »	25 »
Incenso em grãos, bom; —a farazolla	15 »
» em massa, inferior	3 »
Indigo, verdadeiro e bom; »	30 »
Laca de Martabão, boa;	18 »
» do paiz; »	123 »
Macis; »	25 a 30 »
Mirabolados emblicos;	2 »
» bellericos; »	1½ »
» citrino ou chebulos;	2 »
» indicos;	3 »
» (a conserva em assucar de): a farazolla	16 a 25 »
Noz moscada;	10 a 12 »
Mirrha;	18 a 20 »
Opio de Adem;	280 a 310 »
» de Cambaia;	200 a 250 »
Pau aguilla;..... ..	300 a 400 »
» aloes, negro, pesado e muito fino; ..	1000 »
Pimenta;	200 a 230 »
Rhubarbo da China; ...	40 a 50 »
Sagapeno;	10 »
Sandalo vermelho; ..	5 a 6 »
Sandalo branco e côr de limão;	40 a 60 »
Sementinha ou erva de vermes, boa;	15 »
Tamarindos, novos; ..	4 »
Tincal, bom em pedaço	30 a 50 »
Torbit;	13 »
Tutia;	30 »
Zedoaria;	1 »
Zerumba;	2 »

Além da camfora citada, conhecia se nos mercados da India mais duas qualidades; a que servia para ungir os idolos e se vendia por fanão e meio o mitigal e a de comer, que valia o dobro. Algumas d'estas drogas o cravo, a gengibre e a pimenta, pagavam direitos de exportação, que eram 18, 6 e 12 fanões respectivamente por cada bahar.

A ELEPHANTIASE DOS ARABES E A LIGADURA ARTERIAL

Tão frequente é esta molestia no clima d'Africa e da Asia, que não deixará de ser agradavel áos eleitores do nosso *Archivo*, a leitura d'um bello artigo que sobre esta doença aparece publicado no *Escholiaste Medico*, e que em seguida transcrevemos.

Ha molestias que têem passado em todos os tempos como de difficil se não impossivel cura. Os systemas medicos succedem-se, as dili-

gencias multiplicam-se, os estudos profundam-se, as observações progridem, e o medico é sempre impotente perante ellas. São um verdadeiro martyrio do doente, e um incontestavel opprobrio da sciencia. Tem estado n'este caso a elephantiase dos arabes.

Não é a molestia muito commum nos paizes da Europa, e coube aos intertropicaes a maior partilha d'este flagello; mas não deixa comtudo de apparecer de mais, mesmo entre nós, para que deva ser temida e estudada.

E assim se tem feito. Não descuraram o assumpto os praticos de todos os paizes; mas entretanto quantos topicos hão sido aconselhados, quantos tratamentos internos têem sido prescriptos só hão conseguido nos casos felizes melhoras pouco sensiveis, que tendem mais aretardar a marcha da molestia do que a facilitar-lhe a cura definitiva.

Ha poucos annos começou-se a fallar n'um meio de tratamento arrojado e original. A therapeutica descoroçoada foi pedir á medicina operatoria o auxilio que se lhe afigurava efficaz. Tentou-se curar a doença por meio de uma operação de alta cirurgia, e a ligadura da arteria principal do membro affectado foi ensaiada nos casos da elephantiase dos arabes.

O remedio era violento, mas a importancia da molestia em que todos os meios falhavam, auctoriasavam-o e consentiam-o.

A primeira tentativa d'este genero parece dever-se a um cirurgião americano. O professor Carnochan, de Nova-York, foi o primeiro a praticar a ligadura da femoral para a cura radical da elephantiase da perna. Esta operação, que data de 1851, foi seguida de uma outra não menos grave, porque hemorrhagias secundarias forçaram a laquear a iliaca externa; mas o doente no fim de 30 dias tinha o membro com o seu volume normal, e 16 meses depois estava completamente curado.

Tão felizes resultados animavam a novos ensaios. É assim que vemos o mesmo pratico fazer mais tres vezes a operação para a cura d'esta molestia, reproduzindo-se comtudo o mal em um dos casos.

A estes factos seguiram-se outros com exito não menos lisongeiro. O sr. Ozier, de Charleston, em 1859, praticou a ligadura da crural, no triangulo de Scarpa, em um caso de elephantiase da perna e do pé. O sr. Erichsen pelo mesmo tempo, em Inglaterra, laqueou a arteria tibial anterior por causa de uma elephantiase do pé O sr. Butcher, em Dublin, o sr. Richard, em França, e mais recentemente o sr. Bryant, em Inglaterra, ligaram já a arteria femoral, já a crural, já a iliaca externa, e sempre com bom resultado.

Os praticos brasileiros não ficaram atrás d'estas ultimas experiencias operadas na Europa, e que encontrámos reunidas e apreciadas pelo sr. dr. J. Rodrigues de Moura na *Gazeta medica da Bahia*. Os srs. drs. Paterson e Pires Caldas operaram ultimamente nas mesmas vistas; e se o exito não foi sempre satisfactorio, não perdem as observações nada de importancia, antes illustram a ques-

tão pela verdade com que são expostas, e honram a classe pela boafé com que foram seguidas e commentadas. E' ainda ao jornal citado que pedimos permissão para colher os esclarecimentos que compõem este transumpto.

A primeira d'estas operações foi praticada em novembro de 1866 pelo sr. Paterson; a segunda em janeiro deste anno pelo sr. Pires Caldas.

Era o doente do sr. Paterson um rapaz de 18 annos, branco, brasileiro, que soffria de uma elephancia no membro inferior esquerdo. Datava a molestia de 5 annos, e posto que o membro estivesse hypertrophiado, não estava comtudo alterado notavelmente na sua fórma.

Depois dos cuidados indispensaveis, procedeu o sr. Paterson á operação em 3 de novembro, ligando a arteria femoral.

O resultado pareceu em principio ser feliz. A inchação foi geralmente diminuindo, a pelle do membro assumiu um aspecto de menos consideravel hypertrophia, uma mancha dartrosa que havia sobre a tibia tinha melhor apparencia, e o tecido cellular subcutaneo era menos duro, menos resistente, e como que reduzido a duas orlas estreitas e longas, correspondendo uma á face anterior e outra á face posterior do membro. N'estas circumstancias prescreveu o sr. Paterson fricções sobre as partes affectadas com uma pomada iodada.

Passa-se mez e meio depois da operação. A ferida está completamente cicatrizada, as melhoras têem sido progressivas, o doente começa a dar alguns passeios.

Os primeiros passos do convalescente são porém os primeiros para a retrogradação das melhoras. O membro começa desde logo a inchar mais, o augmento de volume não tarda em ser evidente, e em março do corrente anno a molestia estava nas circunstancias anteriores á operação sendo a unica melhora apreciavel não ter o doente os ataques de erysipela, que costumavam apparecer-lhe de tres em tres ou de quatro em quatro semanas.

No caso do sr. dr. Caldas não temos por ora tantas informações. Sabemos só que operou em janeiro n' um doente do hospital da Caridade. As circunstancias do enfermo eram muito mais desfavoraveis do que as do operado pelo sr. Paterson, e o mal era de mais antiga data. Não occorreu accidente algum, e o membro quinze dias depois tinha diminuido de volume. Não sabemos do resultado definitivo porque acabam-se os promenores ao tempo da quéda da ligadura; mas o operador parecia que já por essa epocha tinha pouca esperança em ver curado o doente.

Se assim foi, são dois casos negativos da efficacia do tratamento, e que mostram aos nossos collegas do Brazil que não começaram com felicidade os seus ensaios. Sabem porém elles, illustrados como são, que não podem dois exitos infelizes desauctorisar um tratamento qualquer, e que se não deve pospor o auxilio aconselhado em molestia tão importante e rebelde á cura quando, sobre tudo, resul-

tados anteriores parecem demonstrar-lhe a efficiencia em muitos casos. Não são as experiencias primeiro malogradas as que de futuro têem enriquecido menos a therapeutica.

Como actua porém a ligadura no tratamento da elephantiase? Se nos é permittido dar explicação do facto, diremos que nos parece ser a perfeita circulação do membro a que sustenta a doença, estando assim a vida do membro affectado ligada á vida da propria affecção; e que a obliteração do principal vaso, enfraquecido o membro, póde ser bastante para fazer desapparecer a molestia. Os casos infelizes serão d'esta arte devidos á promptidão com que se faça a circulação collateral, e ainda ao seu desenvolvimento mais completo, que dando boas condições de existencia ao membro, é bastante tambem para sustentar a doença. Cremos assim que só nos casos em que a circulação se tornar imperfeita é que a elephantiase se curará. O facto de se encontrarem mais dilatados os vasos sobre que se tem operado, parece vir em reforço da idéa. Os nossos collegas do Brazil dir-nos-hão o que pensam da opinião, derivada apenas da logica dos factos, sem cortejo de experiencias e ainda menos de pretensões.

Os ensaios da ligadura das arterias na elephantiase dos arabes têem originado muito naturalmente uma outra ordem de observações. E' relativa á compressão dos vasos. Depois dos triumphos de Broca e outros não menos distinctos praticos, não póde fallar-se em laqueação sem lembrar o recurso menos receiado, de consequencias menos terriveis e de exitos não menos brilhantes. A compressão foi de facto já lembrada na elephantiase, e deve-se ao sr. dr. Cufour, de Cainville, os primeiros se não unicos ensaios. Osr. Dufour fez a compressão da arteria femoral em 5 doentes elephantiacos, sendo 2 homens e 3 mulheres. Serviu-se para isso de um apparelho de molas similhante ás fundas que se empregam para as hernias. Nos 5 casos apontados diz-se que só um houve sem resultado favoravel.

Sendo assim, as experiencias da compressão não são nem menos animadoras nem menos importantes, para que as observações d'esta ordem se multipliquem. Que se use do aparelho de Dufour, do de Broca ou de outro qualquer, não vemos menos rasão para que a compressão não seja sempre tentada nos casos possiveis, quando não impede de ser a laqueação praticada mais tarde, e póde antes concorrer para o bom exito da operação sangrenta no caso em que esta tenha de ser reclamada. As dores mais prolongadas a que póde sujeitar o doente não parecem motivo bastante, quando na mesma laqueação já tivemos occasião de as observar por muito tempo e de bastante intensidade depois da operação. Todos os outros accidentes não são mais perigosos do que na ligadura.

Em todo o caso julgamos que os praticos nos paizes, sobre tudo, em que a molestia é predominante e por assim dizer endemica, não perderão esta primeira serie de experiencias

de um e outro genero já muito lisonjeiras e promettedoras.

(L. C.)

TOSSE CONVULSA

Tratada pelo bromureto de potassio.

Sobre o tratamento da tosse convulsa, que n'estes ultimos mezes tanto tem flagelado os povos de Goa, dá o *Escholiaste-Medico* a seguinte noticia

Tratamento da tosse convulsa; emprego do bromureto de potassio.—Convencido *á priori* dos bons effeitos d'este agente em doença tão rebelde como é a tosse convulsa, o sr. A. de Beaufort teve ensejo de confirmar pela pratica as suas idéas sobre o valor d'esta medicação, e a este respeito dirigiu uma correspondencia ao *Bulletin général de thérapeutique.*

Sendo o symptoma caracteristico, e o capital pela gravidade n'esta doença, a exaltação de sensibilidade na mucosa laryngea, especialmente junto ao orificio do orgão,—d'onde provém, por acção reflexa, os quintos de tosse e a suffocação espasmodica,—um medicamento que, como o bromio e os seus compostos, exerce uma pronunciada acção anesthesica na mucosa da pharynge, deve necessariamente modificar o principal phenomeno do accesso, e limitar a doença ao elemento catarrhal

Assim acontece effectivamente com o bromureto de potassio, empregado pelo dr. de Beaufort: de um total de 20 doentes, submettidos ao tratamento em differentes periodos da doença, tinha em todos desapparecido o espasmo da larynge n'uma media de 5 dias, e a doença estava limitada a um simples catarrho bronchico. Se os doentes se não podiam dizer curados, o seu estado havia mudado completamente de aspecto, debellada a anxiedade e os vomitos, e restaurado o appetite e com elle a nutrição.

Para completar um tratamento que tão bem se auspiciava, e combater a doença em todos os seus elementos, tentou o citado pratico differentes experiencias, vindo por fim a fixar-se na seguinte formula: xarope de balsamo de Tulu, 20 grammas; bromureto de potassio, 30 centigrammas; alcoolatura de aconito, 25 centigrammas. O sal dissolve-se com facilidade no xarope, e a alcoolatura junta-se-lhe igualmente bem.

Para um adulto a dóse é de 4 colheres de sopa ou 80 grammas em cada 24 horas; para as crianças de 1 anno, 1 colher de chá; de 2. annos, 2 colheres; de 7 annos 5 colheres; de 14 annos, 8 colheres, segundo as proporções da tabua de Gaubius, mas passados 3 dias, sendo necessario, póde dobrar-se, ou triplicar-se mesmo, mais tarde, a dóse inicial.

Por este tratamento, na media de 12 dias, desappareceu sempre a tosse convulsa nos seus dois elementos convulsivo e catarrhal, Nenhuma outra medicação tem dado tão bons e tão certos resultados.

Nos casos simplices, este tratamento e uma boa hygiene foram sempre

sufficientes; quando porém as grandes secreções bronchicas produziam sensivel oppressão, ou quando o parenchyma pulmonar começava a soffrer o empastamento pneumonico, deu bons resultados a ipecacuanha, acompanhada de ligeiros revulsivos sobre o torax.

Nas tosses convulsivas antigas e rebeldes, especialmente em crianças lympathicas e escrofulosas, o emprego do xarope de proto-iodureto de ferro foi coroado sempre dos melhores resultados.

Esta nova medicação proposta pelo pratico que temos citado, faz lembrar que já em tempo se usou em Inglaterra com bom exito, para debellar a tosse convulsa, o bromureto de ammonio; mas o emprego de tal agente, apesar de tudo, não se generalisou.

GAZETA DE PHARMACIA.

E applicações. das Siencias ás Artes. Agricultura e Commercio de Drogas.=redigida por Pedro José da Silva, Pharmaceutico de 1.ª classe, chefe do serviço chimico e demonstrador do Instituto geral de Agricultura de Lisboa.

Recebemos os primeiros numeros, e agradeçemos, publicados d'este interessante e illustrado jornal, redigido pelo nosso distincto collega e amigo o Snr. P. José da Silva.

Muitos e variados artigos de merecimento e interesse, se encontram nos numeros já publicados do mesmo Jornal, e alguns d'elles derramando muita luz sobre cousas da India, como foi o commercio valioso das drogas, que em epocas remotas se fez com a mãi patria, e sobre outros differentes pontos.

Por alguns artigos que d'elle, transcreveremos para o nosso *Archyvo* conhecerão os nossos collegas da India, á protecção de quem o recommendamos, o seu valor scientifi- e litterario.

Desejamos que o seu digno redactor encontre nos nossos collegas a protecção, que é de esperar, prestem a uma publicação que tanto honra faz á classe pharmaceutica e ao seu auctor.

Roberto.

VARIEDADES

Chimica e phisica recreativas.

Maneira de incendiar um copo d'agua.

Dissolvendo uma porção de phosforo em espirito de vinho, e embebendo um torrão de assucar n'esta dissolução, e deitando-o depois n' copo d'agua, este parecerá incendiar-se. Soprando-lhe a superficie atirará com a chamma a grande distancia. Esta experiencia, é preciso para surtir effeito, opperar-se n'uma caza ás escuras, aliás perde toda a illusão.

Homem-creança.

A' sociedade imperial de cirurgia de Paris foi apresentado pelo sr. Trélat um rapaz de dezoito annos que, tanto no desenvolvimento physico como no intellectual, parecia não ter mais de tres ou quatro. N'esse individuo havia todos os signaes de obesidade. O desgraçado servia de amparo aos paes que o mostravam por dinheiro ao publico parisiense. (*Escholiaste Medico*).

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 46 **Outubro de 1867** **4.° Anno**

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.° 43)

TINTAS — [Continuação]

HELYOTIS UMBELLATA (Ruiva da India.)

Em inglez——— *Chay root* ou *Indian Maddar.*

tamil ——— *Saya*

telegú ——— *Cherivoloo*

Esta util planta, cujas propriedades tinctorias vão grangeando reputação na Europa, dá-se em mui limitada quantidade em algumas partes do Canará do Norte, onde sua cultura se devia amplamente extender. Prefere terreno leve e arenoso, o qual he muito favoravel ao crescimento das raizes, e uma vez plantada propaga-se rapidamente.

Na costa de Coromandel, onde ella principalmente medra, a cultura começa no fim de maio ou principios de junho, durante o espaço de tres mezes dão-se na arêa repetidas lavouras, e he limpa das ervas nocivas. Entre cada lavoura he adubada, e depois da ultima lavoura he aplainada com uma prancha, e arranjada em pequenos canteiros de seis pés sobre tres pouco mais ou menos.

A semente, que he extremamente miuda, (tanto, que he impossivel apanha-la, salvo varrendo superficialmente a arêa, onde cahio depois de madura) semea-se lançando uma delgada camada daquella arêa sobre os canteiros preparados. Depois conservão-se constantemente humidos, e são levemente regados com um regador feito de fibras de palmeira, cinco ou seis vezes ao dia, havendo cautella que a agua seja bem doce e fresca, para o que se abrem poços no proprio campo.

Ao fim de quinze dias as sementes assim tratadas, terão germinado livremente, depois do que as plantasinhas são regadas uma só vez ao dia, e alem disso são diariamente borrifadas com bosta de vacca mui diluida em agua. Passados dous mezes mondão-se, e ao fim de quatro as plantas arrancam-se com leves pás de madeira calçadas de ferro, atam-se em feixes, e poem-se a seccar: em uma estação ordinaria o producto de uma sementeira de um acre e tres quartos dará de 5 a 10, montando em 8 can-

dins de 500 libras cada um, pouco mais ou menos. O preço corrente he de 20 rupias por candil pouco mais ou menos, e assim, considerando o valor do trabalho empregado, a cultura da Ruiva indiana, não he muito rendosa.

Todavia como a procura augmenta, he provavel que o preço da tinta suba; e que a procura hade augmentar parece provavel por isso que os tintureiros europeos estam fazendo indagações sobre a planta. A tinta foi experimentada na Europa ha já alguns annos, e não correspondeo á expectação; todavia julga-se que o máo exito procedeo da ignorancia do modo proprio de a tratar, e tambem de a tinta ter sido imperfeitamente empacotada para o embarque, e por outras causas.

A materia córante reside na casca da raiz, e dá côr vermelha, preta, e de chocolate. Os bem conhecidos lenços de Madrasta são tintos com ella, e igualmente os celebrados turbantes vermelhos do Maduré.

Os seguintes são os processos usados pelos naturaes para tingir com a Ruiva indiana, os quaes servirão aos tintureiros europeos, ou para imitar, ou para aperfeiçoar.

Vermelho.— Para um *viss*, ou tres libras e meia de fiado branco:

Tome oleo doce .. 6 *pollams* (a)

Cinzas de erva leiteira (*Euphorbium tirucalli*) . . . . . 6 ditos
Esterco de ovelha. . . . . 3 ditos

Misture e guarde em vaso de barro por espaço de 4 ou cinco annos, O mais antigo he o melhor.

Depois estando para começar o processo da tinta, á mistura antecedente junte-se

Cinzas recentes de leiteira 8 medidas
Agua da fonte . . . . . 4 ditas.

Misture e côe, mexa muito bem o liquido coado, e depois junte

Oleo doce. . . . . 25 *pollams.*
Esterco de ovelha 15 ditos
Agua da fonte. . 1 medida

Misture tudo em um vaso, ponha de molho nelle o fiado por uma hora, cumprimindo-o bem com as mãos para que absorva todo o liquido, e deixe-o ficar ahi de molho.

No dia seguinte tire o fiado, e enxugue-o ao sol.

Depois tome n'um vaso novamente

Cinzas de leiteira. . . . 6 medidas
Agua da fonte. . . . . 3 ditas

Misture e côe, e junte ao liquido coado

Oleo doce. . . . . 50 *pollams.*

Mexa tudo bem, e meta ahi o fiado por uma hora, expremendo com as mãos como acima, e deixando por toda a noite. No dia seguinte tire o fiado, e seque ao sol. Na tarde do mesmo dia tome em novo vaso

Cinzas de leiteira. . . . 6 medidas.
Agua da fonte. . . . . 3 ditas

Misture, côe, e junte

Oleo doce. . . . . 7 1/2 *pollams.*

Lance o fiado na mistura, expre-

(a) Um *pallam* he igual a uma onça e meia pouco mais ou menos.

mendo como acima, e deixe-o ficar até á seguinte manhã. Depois tire, e enxugue ao sol. Novamente tome

Cinzas de leiteira ..	3	medidas.
Oleo doce.....	3½	*pollams*
Agua da fonte.....	3	medidas.

Faça o mesmo que acima, e tome novamente outra semelhante mistura. Repita como acima, e tome novamente

Cinzas de leiteira .	1½	medidas.
Oleo..	3¾	*pollams.*
Agua da fonte....	2½	medidas.

Repita a operação, e tome novamente

Cinzas de leiteira	1	medida.
Oleo doce .. .	15-16	*pollams*
Agua da fonte. .	2	medidas

Repita o processo, e tome de novo

Cinzas de leiteira...	½	medidas
Oleo doce	½	*pollams*
Agua da fonte . . .	2	medidas

Repita o mesmo, enxugue o fiado ao sol por tres dias, e ao 4.° tome de novo

Cinzas de leiteira . .	3	medidas.
Oleo doce	2½	*pollams*
Agua da fonte. . .	3	medidas

Repita, mas enxugue o fiado ao ar na mesma noute. Depois tome de novo antes do meio dia seguinte

Cinzas de leiteira. ..	1½	medidas
Oleo	1½	*pollams*
Agua da fonte . ..	2	medidas

Misture e côe; depois lance o fiado no liquido todo o dia e noute, tire-o no dia seguinte, e exponha-o ao sol por quatro dias. Depois deixe o fiado intacto por um mez completo, e passado elle exponha-o por um dia ao sol. No dia seguinte lave o fiado em agua pura da fonte ou do rio, e na tarde do dia subsequente, tome novamente n'um vaso

Agua da fonte . .	10	medidas
Folhas pizadas de *alli* (*sic*)	4	ditas
Pó de raiz da Ruiva indiana	1½	ditas

Misture tudo, ponha o fiado na mistura, esprema como acima, e deixe de molho toda a noute. Na manhã seguinte lave o fiado em agua pura, e ponha a enxugar.

O processo antecedente repete-se por sete dias seguintes á tarde, ommittindo as folhas de *alli*, passados os primeiros dous dias. No oitavo dia pela manhã deixe ferver o fiado na mistura por algumas horas, depois guarde o fiado n'um vaso cuberto até a manhã seguinte, em que tire o fiado, e o lave em agua pura, deixando-o seccar á sombra todo o dia. Repita a lavagem, e enxuge deixando os 4 dias seguintes. Ao quinto dia tome outra vez

Cinzas de leiteira . .	3	medidas
Agua da fonte . . .	3	ditas
Esterco de ovelha - - -	3	*pollams*
Oleo doce - - - - - -	2½	ditas

Misture, ponha de molho o fiado, aperte-o com as mãos como acima, e depois ponha-o a enxugar.

Continue assim por alguns dias, e descance depois um dia. Ao outro immediato lave o fiado em boa agua, e deixe-o enxugar por todo dia seguinte.

Depois tome outra vez

Pós de raiz de ruiva indiana - - - - - -	5	*pollams.*
Agua da fonte - - -	10	medidas.

Misture, lance de molho o fiado, observando o mesmo processo que está dito; na seguinte manhã tire o fiado, lave-o em boa agua, e deixe-o enxugar, repetindo isto por tres dias. Depois deixe o fiado quieto por dez dias; e passados elles tome novamente

Cinzas de leiteira - - -	3	medidas
Oleo doce - - - - - -	2½	*pollams*
Agua da fonte - - - -	3	medidas

Misture, ponha o fiado de molho, e tudo o mais como acima, e deixe assim o fiado até ao dia seguinte. Depois enxugue-o á sombra, e repita o mesmo processo por tres dias. Depois deixe-o dez dias, e no fim delles lave-o em boa agua; e tome outra vez

Pós de raiz ruiva indiana - - - - - - - -	5	*pollams*
Agua da fonte - - - -	8	medidas

Misture, ponha o fiado de molho na mistura, esprema com as mãos como acima, e enxugue no dia seguinte pela manhã. Repita o mesmo tres dias consecutivos, e depois na manhã seguinte lave o fiado bem em boa agua, e depois de enxuto terá alcançado uma bella cor vermelha firme prompta para tecidos.

O processo para tingir de côr de chocolate he exactamente semelhante quanto á preparação com o oleo, cinzas de leiteira &. Por fim o fiado preparado he posto de molho n'uma mistura de pó de raiz de ruiva indiana ¼ de medida, casca de *sooralla* machucada ¼ de medida, agua da fonte 10 medidas.

Ainda que o resultado obtido por estes processos he bom, elles são excessivamente molestos e dispendiosos. Todavia não duvidamos que os chimicos os possão simplificar, e minorar as despesas, por quanto será comparativameute facil produzir chimicamente o mesmo effeito que se obtem pela prolongada e repetida immersão no oleo e cinzas de leiteira. Tambem se podem esperar novos effeitos de novas combinações.

ANNIL [*Indigofera tinctoria.)*

Em inglez	*Indigo plant*
hindustani	*Neel*
tamil	*Averie*
telegú	*Nelie*
canará	*Neel Guddah*

No Balagate do Canará do Norte apenas se acham poucas plantas de annil, ao que parece, restos dispersos de algumas antigas plantações. A cultura da planta he uma das mais proveitosas empresas a que se applicam os Europeos na India, e podia com grande conveniencia propagar-se no Canará do Norte, o qual possue algumas vantagens sobre as outras provincias, taes como Bengala, Cudapah em Madrasta etc. etc. onde, o annil se produz. Um terreno novo, rico, e um tanto humido, com um bom sub-solo, e um clima moderadamente quente ao estylo da India são muito

appropriados á vegetação da planta do annil, cujas sementes depois de a terra ser lavrada e gradada, se semeam raras no principio do inverno; oito libras de semente bastando para uma *bigá* de terra (a). As plantas começam a nascer em mui poucos dias, e chegando a 3 ou 4 pollegadas de altura devem ser cuidadosamente mondadas, e novamente quando chegarem a 6 ou 7 pollegadas. Nos lugares onde a semente não tem germinado, lançam-se novas sementes a sacho.

As plantas estam promptas para a colheita em 3 ou 4 mezes, e então o pè será cortado a seis pollegadas da terra, e logo o mais depressa possivel levadas aos tanques de maceração, onde devem ser comprimidas por um arranjo de peças de madeira, e logo immediatamente cobertas d'agua. A maceração deve continuar por 11 até 16 horas segundo o estado da atmosphera.

A agua deve-se esgotar quando apparecerem os seguintes signaes: 1.° quando a agua começa a abater no tanque: 2.° quando as bolhas que vem á supperficie rebentam logo: 3.° quando os residuos que se accumulam á superficie da agua dão uma côr de laranja misturada de verde: 4.° quando a agua tem adquirido um cheiro brandamente picante. Deve-se então passar para outro tanque menor, onde seja mechida com a mão ou com pás de madeira por 2 ou 3 horas, até a fecula começar a separar-se, o que se conhece pela cessação da espuma, e pela mudança de côr da agua de verde para azul escuro. Uma pouca de agua fria deve ser aspergida, ou lançada brandamente sobre a superficie do tanque para abreviar o deposito da fecula, da qual se deve tirar a agua, removendo o batoque do tanque. O deposito que resta he então passado a caldeiras, e fervido por 5 ou 6 horas, tendo a cautella de constantemente limpar das impurezas da superficie da agua. Quando sufficientemente fervido he o annil coado, espremido, e posto a secar em pães.

A planta depois do corte torna a rebentar, e dá nova colheita. O antigo systema de fabricar a tinta com as folhas seccas, he propriamente quasi universalmente abandonado.

(a) Cada acre inglez contem 30 ¼ bigás.

MEMECYCLON TINCTORIUM.

Em telegu——*Alle chettu*
tomil——*Casan cheddie*

Acha-se nas hortas, aqui e alli, no Canará do Norte, mas não he abundante. As folhas dão uma fina côr avermelhada, e vermelha. São muito usadas com myrabolanos e brasileto para tingir esteiras de vermelho carregado. Esta tinta não parece ter sido experimentada na Europa.

MORINDA UMBELLATA.

Em tamil——*Noona Marum*
telegú——*Mulugudú*
canará——*Adulsei Mara*

Esta planta acha-se nas mattas do Canará do Norte. Da casca e das raizes tira-se um amarello fixo, e accrescentando-lhe brasileto uma côr ver-

melha. He mui duravel, e não requer um processo molesto, nem dispendioso. No Canará do Norte as raizes e a casca valem de 45 a 50 rupias o candil, só pelo apanho; porque não tem preço algum.

ARVORE TRISTE (Nyctantes)

Em hindustani——*Heursingar*
tamil——*Pagala Mullay*
canará——*Jogheehoo*

Acha-se ás vezes em hortas no districto, onde parece medrar. A flor dá uma fina côr de laranja de varios matizes, mas não se tem ainda descoberto meio de a tornar fixa. Todavia he digna da attenção dos chimicos.

SANDALO VERMELHO (*Pterocarpus Sandalinus*).

Em inglez——*Red sandal wood*
tamil——*Lega pooshan lenum*
hindustani—*Rutko Chundum*
telegu——*Kutchandamum*
canará——*Kempoo, Gunthee Mara.*

Esta valiosa arvore dá-se nas mattas do Canará do Norte, donde a sua madeira he exportada para varios paizes. Ministra uma fina côr vermelha com o mordente de alumen, e he tambem usada pelos droguistas para dar uma côr agradavel a varias preparações. A madeira he usualmente exportada em achas de dous a tres pés de comprimento, e assim se encontra no commercio.

Como tinta he mais gabada em outros paizes que na India, onde he comparativamente pouco usada. A exportação da Presidencia de Madrasta, onde ella principalmente medra, montou em 1854 a 474$310 arrateis, no valor de 59$570 rupias.

ROMEIRA (*Punica granatum*).

Em inglez——*Pomegranate tree*
hindustani—*Anar Darim*
tamil——*Madalum*
telegu——*Dadima*
canará——*Dalimbee Mara*

Commummente cultivada nas hortas no Canará do Norte. As flores e casca desta bem conhecida arvore dão tintas vermelha e amarella. O marroquim de Tunes amarello he tinto com a casca. Com tudo não parecem ser muito usadas na India como agentes córantes.

ROTTERA TINCTORIA.

Em hindustani——*Camul*
tamil——*Capila podie*
telegú——*Vasant Gunda*

Esta planta da-se no Balagate do Canará do Norte junto do Maissur.

A pubescencia que cerca as capsulas do fructo forma uma apreciada tinta chamada em hindustani *Cupla Rung*, contendo 70 ou 80 por cento de verdadeira materia corante. Não requer mordente; tudo o que he mister, he mistura-la com agua contendo quasi metade do seu peso de carbonato de soda. Produz uma côr de fogo ou de laranja, mui bella e fixa. He usada principalmente para seda. O Professor Anderson de Glasgow, que investigou as propriedades tinctorias da planta, he de opinião que

ella realmente merece a attenção dos tintureiros de seda. Os da India usam do seguinte processo. Quatro partes de pò desta planta, uma de alumen em pó, duas de saes de soda em pó, (dos que se vendem nos bazares) bem mexidos com uma pequena porção de oleo de gergelim. Depois de bem misturado ferve-se em agua proporcionada á porção de seda que se hade tingir, é deixa-se ferver com força segundo o matiz que se requer, mexendo frequentemente a seda para ficar a côr igual.

TAMARINDEIRO (*Tamarindus indica*).

As folhas desta arvore, de que já se tem feito menção, quando se tratou dos alimentos, são usadas para tingir pannos de algodão de vermelho, e para dar uma côr verde ás sedas já tratadas pelo anil. Como o fructo desta arvore he mui apreciado, a sua cultura podia com vantagem tornar-se mais extensa.

TERMINALIA BELLERICA

Em bengali ——— *Bahura*
tamil ——— *Tans-Kar*
telegu ——— *Toandee*

Esta arvore existe em certa abundancia nas mattas do Canará do Norte, e della, assim como das outras *Terminalia* se tiram os myrabolanos do commercio. As nozes de galha ou myrabolanos são igualmente uteis ao curtidor e ao tintureiro; com alumen dão um bom amarello, e com saes de ferro uma tinta preta. Tem-se agora tornado de consideravel importancia no commercio europeo, de maneira que a promoção da cultura das arvores que os produzem, nas mattas deste e d'outros districtos, vai-se tornando negocio importante pelo rendimento que dá.

Durante a ultima estação houve uma respentina procura das nozes de galha, e grandes lucros tiraram as pessoas que as apanham nas mattas. O valor e a procura tem desde então crescido muito. Os mercadores europeos ou outros de Bombaim podiam com grande vantagem mandar compradores ao districto, e com isso a quantidade produzida excederia muito as que até agora he costume verem-se no Canará do Norte.

TERMINALIA CHEBULA. (*Myrabolanos*)

Esta arvore assim como a precedente dá-se no districto do Canará do Norte, e produz os myrabolanos do commercio, cujos usos são os mesmos que os que dá a *Terminalia Bellerica.*

TERMINALIA CATAPPA.

Em inglez ——— *Indian Almond*
beugali ——— *Badam*
telegù ——— *Vadam*
tamil ——— *Natoo—Vadam cottay*
canará ——— *Thanee Mara*

A amendoeira da India da-se nas mattas do Canará no Norte, e he cultivada nas hortas tanto acima como abaixo dos Gates. A casca e folhas dão uma tinta e pigmento preto, acerca do qual pouco se sabe, mas as nozes são o mais valioso producto, e

contem um oleo, que posto que de boa qualidade, raras vezes se aproveita no Canará do Norte.

WRIGTHIA TINCTORIA.

Em tamil——*Palu Marum*
telegú——*Tella Pal Chite. Aneboo.*

Existe, posto que não commum, nas mattas do Canará do Norte.

O Pala-Anil he preparado, fora do Canará do Norte, das folhas. As propriedades da tinta, e modo de sua preparação, merecem investigados. A arvore he digna de attenção pela madeira, que tambem se aprecia para as obras de torno, sendo de uma apparencia de grãos compactos á semelhança do marfim.

Taes são as plantas tinctorias indigenas, ou já naturalisadas no Canará do Norte; mas outras muitas ainda mesmo exoticas se poderião com grande facilidade introduzir no districto. Entre outras faremos menção da *Pupli Chuckay*, que se acha no Mayssur e em Bellary; a Ruiva de Bengala (*Rubia Cordifolia*) já conhecida e estimada no mercado europeu; o Bendieiro (*Thespesia Populnea*) que vegeta em muita parte da India; a *Wrightia tomentosa* commum na parte sul da costa occidental; o Páo de Campeche (*Hematoxylon Campechianum*) que já tem sido introduzido na India com bom exito; o Páo Brazil (*Caesalpinia Brasiliensis*) uma das madeiras tinctorias mais apreciadas nos mercados da Europa, cuja quantidade consumida annualmente em Inglaterra só excede 3$ tonelladas; a *Quercus tinctoria* da America do Sul; o *Rhamnus infectoria*; e outras muitas.

(Continúa)

PHARMACIA

Loção resolutiva de Manec.

Chlorhydrato de ammoniaco - - - - -	10 grammas.
Agua - - - - - - - -	500 »

Dissolva

Imbebe-se uma compressa d'esta solução e applica-se sobre o joelho no caso de hydarthrose recente. Comprime-se moderadamente a articulação com uma atadura, e banha-se tudo com a solução supra. Se o derramamento não desapparece, recorre-se aos vesicatorios volantes.

Bollos ferruginosos (Velpeau).

Extracto de valeriana.	30 grammas
Sub-carbonato de ferro.	4 »

Para 30 bolos; dois por dia pouco tempo antes da comida, contra a chloreos.

NOTICIA

DE

Garcia da Orta physico-mór do Estado da India em 1535; dos seus *Coloquios dos Simples, drogas e cousas medicinaes da India* — ; Historia natural medica da America e da India; Tratado das Drogas medicinaes da India Oriental.

A introducção em therapeutica das drogas medicinaes da India e da America leva-nos a fallar dos monumentos escriptos da historia natural medica d'

estas regiões, e a reunir n'um pequeno quadro as informações de melhor nota.

Logo depios da descoberta do caminho para a India, ao finalisar o seculo XV, o commercio foi o ponto culminante de todas as emprezas militares dos nossos antepassados e da missão religiosa dos padres, que os acompanhavam. A tentativa do estabelecimento d' uma feitoria em ponto seguro e conveniente, era o primeiro passo: para o conseguir recorria se de prompto aos meios bellicos, se falhava o convite a uma alliança para trocar generos por moeda ou por outros artigos: as armadas que partiam de Lisboa, iam quasi sempre providas de todo o necessario, sem exceptuar botica; para este fim junto com os meios de defeza e d'ataque, ia a dadiva escolhida para o rei da terra, em que entrava muitas vezes a agua de flor e a agua rosada. Os principaes artigos de commercio com a India nos seculos XVI e seguinte eram especiarias e drogas; sobresaindo a todos pelos valores, a canella, a pimenta e o anil. O commercio era prerogativa real e fazia-se porisso por conta do estado.

Vem d'aqui, que a maior parte das noticias das drogas medicinaes da India achám-se dispersas pelas *Decadas* de Couto e de João de Barros, e nas obras de Castanheda, e Gaspar Corrêa; a descripção d'uma droga, a sua estimação e procedencia e a cultura da planta que a produz, acham-se promiscuamente de mistura com assumptos bem alheios. E' portanto a estes classicos da lingua, que é mister recorrer para colligir as noticias scientificas; um tal trabalho nunca será perdido, para quem o emprehender com attenção.

Fóra d'estas fontes possuimos felizmente alguns trabalhos mais especiaes, nossos e estrangeiros.

As mais antigas noticias das drogas da India são as remettidas por Thomé Pires a el-rei D. Manuel em 1516: se gue se depois o livro de Garcia da Orta, licenciado ou doutor em medicina pelas universidades de Salamanca e Alcalá, que se examinou, quando medico de Castello de Vide, em 1525, perante o physico-mór para poder curar n'estes reinos; foi depois lente da faculdade de philosophia na de Lisboa; e em 1534 passou á India, com o titulo de physico d'el-rei, onde viveu até edade avançada. Eis aqui um documento que lhe diz respeito, até hoje desconhecido.

Carta de physico passada pelo physico mór a Garcia da Orta em 1525. [1]

D. João, etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber: que confiando eu nas letras e sciencia do letrado Garcia d'orta, morador em Castello de Vide e no exame que fez meu fysico-mór em o qual o achou auto e sufficiente assi na theorica como na pratica; querendo lhe fazer graça e mercê, confiando nelle, que sempre o fará assi bem e como cumpre a serviço de Deus e meu e saúde do meu povo, tenho por bem e lhe dou logar e licença, que elle possa curar de fysica por todos meus regnos e senhorios; e mando ás minhas justiças, officiaes e pessoas, a que o conhecimento pertencer, que livremente o deixem curar da sua sciencia, e haver os proes e precalços, honras e liberdades, de que por seu gráu, exame e sciencia lhe direitamente pertencer haver. E elle jurará em a minha chancellaria aos Santos Evangelhos qne o *fará* assi bem e como deve, e com sua sciencia, e assi como cumpre a serviço de Deos e meu e boa saúde do povo. E mando que se algum fysico curar de fysica em meus regnos e senhorios sem amostrar minha carta passada pelo fysico-mór, posto que agraduado seja, incorra em

[1] Torre do Tombo. *Chane. de D. João* III, Liv. 35, fl. 96.

penna de tantas dobras contheudo em meu regimento; e sendo requerido pelo licenciado Garcia d'orta ás minhas justiças, o constrangerão que pague a dita penna. Dada em Almeirim aos x dias do mez de Abril. El rei o mandou pelo doutor Diogo Lopes Cavalleiro da Ordem de Cristo e fysico-mór em seus regnos e senhorios. Antonio de Faria o a fez Anno do nascimento do nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e vinte cinco annos.==

Permitta-se-nos que junto d este documento até hoje inedito,se leia o pertence que a seu dono poz um dos mais eruditos e respeitaveis portuguezes, Antonio Ribeiro dos Santos, que se apellidou entre os poetas Elpino Duriense

Eis um novo varão te pede a lyra,
Orta preclaro, physico sublime,
Espanto d'Asia que primeiro poude,
Das gangeticas deusas inspirado;
Quebrar o gelo, e ver a natureza;
Que primeiro ensinou á rude Europa
Das especies,das plantas, dos aromas,
Que a aurora cria no paiz do Ganges,
As virtudes beneficas e prestantes,
Não sabidas dos gregos e romanos.

(*Gazeta de Pharmacia, de Lisboa,*)
(Continúa).

A inoculação do tuberculo, e o contagio da tisica.

Sobre esta importaute materia nos dá o correspondente do *Escholiaste Medico* o Sr G. Gaskoin a seguinte noticia.

Eis uma parte das questões que mais chamam a attenção da classe medica em Londres, e que realisam ou se preparam a realisar, o reviramento completo da opinião em quanto ao contagio, porque effectivamente passâmos da negação absoluta para a noção opposta.

Da mesma natureza é toda a investigação recente a respeito do tuberculo. Ella harmonisa com a nova direcção que vemos dar á medicina nos pontos indicados. Aqui a innoculabilidade do tuberculo começa a receber credito; e já o dr. Budd, de Bristol, appareceu nos jornaes com a asserção de que a tisica é uma doença communicavel.

N'um *memorandum* que elle tinha depositado havia um anno nas mãos do professor Paget, vê-se que, no seu conceito, o tuberculo é uma verdadeira doença zimotica, no mesmo sentido que a febre typhoide, a escarlatina, a syphilis, etc.; que assim nunca essas doenças se originam espontaneamente, e que só se perpetuam pela lei da successão continua, sendo o proprio tuberculo o depositario da materia morbifica especial, e podendo portanto dar a esperança de, por meio de bem entendidas providencias sanitarias e outras, haver um dia uma terminação de tão grande flagello.

Estas opiniões do dr. Budd assentam em mui diversos fundamentos. A evolução e multiplicação do tuberculo dentro do organismo, e os casos que mostram a communicação da tisica directamente de uma a outra pessoa, entram nas considerações produzidas. Mas além d'isso ahi figuram provas tiradas da distribuição geographica da doença em tempos antigos e nos modernos demonstrando, a grande mortalida de pela tisica em paizes descobertos por europeos, onde a molestia era d'antes inteiramente desconhecida, e o seu predominio nas localidades em que se encontram as extraordinarias agglomerações

de gente, como são os quarteis, os asylos, os harens, as penitenciarias, etc. Finalmente, entre os exemplos citados, o sr. Budd assevera que na occasião em que se descobriu a Nova Zelandia se não encontrava alli tisico algum, e que segundo a asserção terminante do dr. Rush, de Philadelphia, não estavam os naturaes da America sujeitos á tuberculose antes das suas relações com os europeus.

As mui estranhas phases a que assistimos nos progressos da medicina, comportam a plausibilidade d'estas e outras vistas, denunciadas até certo ponto por notaveis occorrencias da nossa epocha. Ha actualmente na India o typho, e ainda o cholera em muitos logares elevados para mais de 6:000 pés acima do nivel do mar. Na Jamaica a febre amarella mostrou-se em alturas onde nunca tinha prevalecido antes. Tambem vimos agora a febre perniciosa devastando a população das Mauricias como se fosse uma doença pestilencial; e o mesmo começa a observar-se no Cabo.

Não póde vir pois fóra de proposito a conjectura d'um contagio que tome ahi a parte principal. Mas tanto quanto nos é dado ajuizar hoje, nunca a febre periodica foi entre nós conhecida como doença contagiosa. E' para dizer mais, mesmo a respeito do proprio tuberculo, se a inoculação não só d'elle, mas de todos os productos pathologicos dos tuberculosos, e até dos liquidos purulentos se tem mostrado positiva, não é menos para notar o resultado que se nos annuncia das experiencias do professor Lebert, havendo o desenvolvimento da tuberculose só pela introducção de materias mineraes na economia, ou de substancias desprovidas de toda a especificidade morbida.

A grandeza do assumpto a que se entregam as investigações modernas, sobre o contagio, tem contra si as muitas difficuldades que naturalmente embaraçam todo o descobrimento da verdade nos processos intimos da pathogenia. Entretanto ainda sou levado a crer que, pelas condições da existencia social, hade um dia descobrir-se o misterio da origem de muitas doenças que escapam e vexam a nossa penetração.

Está de accordo com esta esperança o adiantamento que vamos presenciando em campo, poucos annos ha vedado á nossa curiosidade. Vêde, porque muito dignas são d'isso, as novas indagações de que foi objecto o ozono, esse agente a que já tanto se tem attribuido como susceptivel de explicar a salubridade ou insalubridade das povoações. A communicação que achareis nas paginas do *Medical times and gazette*, encerra um dos mais interessantes pontos da sciencia moderna. Conforme esta indagação, cada molecula de oxygenio consiste em dois atomos identicos, se é permittido expressar-nos assim no estado natural da sciencia, e a sua designação chimica sérá por tanto 0^2; de modo que como o ozono é um atomo de oxygenio acrescentado á molecula de oxigenio, a sua constituição chimica será 0^3. Este modo de ver tinha sido quasi demonstrado por um professor francez, o sr. Soret, em 1865, e é agora confirmado entre nós

por Odling e Brodie, E se é justo confessar o bom serviço que do primeiro partiu, ainda na investigação subsequente muito mais achâmos para aproveitar.

RELATORIO

Sobre os trabalhos da Conferencia Sanitaria Internacional, reunida em Constantinopla, em 1866—pelo Conselheiro e Primeiro Medico da Real Camara — Bernardino Antonio Gomes —Delegado da mesma conferencia.

APERÇU HISTORIQUE

Sur les épidémies,de choléra-morbus et. de Fievre jaune, en Portugal dans les annees de 1833—1865— par le Délégué du Gouvernement Portugais a la Conférence sanitaire internationale réunie al Constantinople — Dr. Bernardino Antonio Gomes.

ELOGIO HISTORICO

DO

Padre João de Loureiro, lido na Sessão solemne da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 30 de Abril de 1865, pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes, Socio emerito da mesma Academia, Lente jubilado da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, Primeiro Medico da Real Camara.

Pelo nosso distincto e sabio medico o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, foram publicadas as tres interessantes *Memorias*, que acima designamos, e que o seu auctor teve a bondade de nos offerecer, o que muito lhe agradecemos.

Recommendar a leitura d'estas illustradas Memorias aos nossos leitores, seria uma superfluidade, depois de lhes diser o nome do seu auctor, tão conhecido no paiz e fora d'elle pelos seus numerosos e eruditos escriptos.

Opportunamente daremos noticia no nosso *Archivo* de alguns artigos do *Relatorio sobre os trabalhos da Conferencia Sanitaria internacional, reunida em Constantinopla*, os quaes offerecem muita curiosidade e interesse pelas discussões importantes havidas na conferencia sobre a cholera, molestia tão frequente e trivial n'este paiz.

Roberto.

VARIEDADES

Incapacidade dos aziaticos para e canto perfeito.

Referirei uma curiosa deducção apresentada em Dundee, (na reunião da *British association*), um observador que nos merece o maior credito, *sir* Duncan Gibb. Estabelece elle que em 12 por 100 dos europeus a epiglote existe mais ou menos pendente, como caida para o interior da larynge, em vez de se achar erecta. E que em quasi 300 asiaticos que examinou, nem uma só vez deixou de encontrar a epiglote pendente.D'onde o nosso investigador julga poder concluir que n'estes particulares do orgão da voz está a rasão da incapacidade dos aziaticos para o canto perfeito.

(*Esch. Medico*)

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 47 Novembro de 1867 4.° Anno

CHOLERA MORBUS

(Seu tratamento.)

O artigo que em seguida publicamos é extrahido, com a devida permissão, da obra que o digno lente da Eschola medico-cirurgica de Goa o Sr. João Stuart da Fonseca Torrie está publicando na imprensa do governo, e que deve concluir-se em poucos dias. O auctor d'esta obra é já bem conhecido pelos seus escritos e por isso, é ella esperada com anciedade. Todos desejam conhecer a opinião illustrada do digno professor sobre tão devastadora doença, e que tanto tem flagellado a humanidade.

Roberto.

Não ha de certo doença alguma que em tão pouco tempo se tenha tratado de tantos modos e sempre com o mesmo resultado, isto he, sem proveito.

Se examinarmos imparcialmente os numerosos tratamentos propostos, a conclusão he, que os experimentadores empregárão meios para satisfazer indicações, que na sua opinião são as unicas racionais, mas que nem por isso deixão de se excluir mutuamente.

He isto o que explica os elogios á sangria, á transfusão do sangue, aos adstringentes, emeticos e purgantes, aos narcoticos e estimulantes, á agoa nevada, á agoa fervente, etc.

Esta variedade de indicações e infinidade de indicados mostrão, que por ora se não conhece medicação ou medicamento que se possa considerar proveitoso no maior numero de casos.

Como porém se não pode questionar a veracidade de respeita veis escriptores, a conciliação dos factos só se dará admittindo casos de doença pouco intensa, nos quais a força medicatriz opéra a cura independentemente da medicação, ou mesmo apezar de medicações contrarias.

A cholera morbus tem o primeiro periodo no qual a doença sem grande difficuldade se susta pelo emprego de meios convenientes e bem conhecidos.

Entre os numerosos prejuizos que o vulgo respeita, um dos mais arreigados he o da purificação do corpo pelas evacuações alvinas; ora

se este erro he prejudicial quando o doente tem diarrheia ou dysenteria, soffrendo de cholerina o erro pode ser fatal: a cholera no primeiro periodo ainda obedece á therapeutica, e a doença cura-se tanto mais facilmente quanto menos tem durado o periodo.

Quasi não ha caso fatal de cholera em que o periodo podromico não durasse dias, ou pelo menos o tempo necessario para a ministração dos devidos soccoros.

Por outro lado, são poucos os factos que mostrão ser a doença adequadamente combatida no periodo inicial e passar ao segundo periodo, ou dar-se uma terminação funesta: na epidemia de 1849 que se observou em Londres, a estatistica formada por visitas domiciliarias provou: que de 44,715 tratados no periodo de cholerina só 52 passárão ao periodo algido, devendo notar-se que em 978 individuos, já a cholera estava quasi no segundo periodo (209): estes resultados harmonisão com os d'outras estatisticas, mostrão claramente a docilidade que a doença apresenta nesta phase, e bem assim o perigo da demora no tratamento.

No *periodo algido* o que mais convem ao doente he a moderada expectação do medico, e nada o prejudica tanto como a *nimia diligencia* deste.

Na cholera, como na peste, typho e febres perniciosas, ha um periodo em que a therapeutica nada pode, neste periodo a medicação he inutil e muitas vezes prejudicial; nesta phase da doença o clinico deve abster-se do emprego de todos os meios que não sejão os hygienicos como tais indispensaveis, ou os agentes que por innocentes não prejudiquem, podendo mitigar os soffrimentos.

Consultando a bella Estatistica Vital do sr. Ewart nota-se, que a mortalidade tem augmentado progressivamente (210).

	Epochas	Attacados	Mortos
Na Presidencia de Bengala.	1818 a 1835	1000	263
	1836-1853-54	»	393
	Augmento		130
Na Presidencia de Bombaim.	1818-19a1835-36	»	216
	1836-37-1853-55	»	411
	Augmento	»	195
Na Presidencia de Madrasta.	1829-1838	»	271
	1842-1851-52	»	502
	Augmento	»	231

[209] *Citação de Martin.* Influence of tropical climates, 1856, pg. 836.

[210] *Ewart* Vital statistico, artigo cholera.

Este augmento de mortalidade só de dois modos se pode explicar, ou a doença cada vez he mais virulenta, ou o tratamento entra com a sua quota neste incremento: a primeira hypothese tem-se por vezes realisado, mas não he ella a unica explicação do incremento na mortalidade, porque a citada estatistica prova que o numero dos attacados he hoje muito menor, e porque auctores concordão em que na actualidade a doença se apresenta com um caracter muito mais benigno: devemos pois criminar essa febre experimental, essa ousadia no emprego dos agentes os mais activos e perniciosos, que grande numero de auctores manejão e recommendão com a maior facilidade.

No *periodo da reacção* o medico deve intervir, se a reacção he insufficiente, demasiada, ou quando ha complicações, aliaz os meios hygienicos serão bastantes para auxiliar a natureza no restabellecimento dos estragos.

Tratamento no periodo prodromico.

Os opiados e adstringentes são os meios que mais rapida e melhormente curão a doença neste periodo; tem-se empregado outros meios mas não valem estes.

O *opio bruto* na doze de um a tres grãos, ou os seos preparados em dozes proporcionais, constituem de per si o melhor tratamento; se as evacuações se não suspendem repete-se o medicamento de tres em tres horas.

Os *pos de dover* substituem perfeitamente o opio, a doze he de quinze a quarenta e cinco grãos.

Aos opiados costumão muitos auctores juntar os estimulantes, tais como, o ponche, o hydrolato de ortelã pimenta, o carbonato e acetato de ammoniaco; esta juncção he inutil a não haver já notavel frialdade de extremos, grande depressão da forças e circulação, ou o uso habitual dos alcoolicos.

O doente deve conservar-se deitado por que nesta posição ha menor perda de forças, a circulação he mais facil e ha menos evacuações.

O agasalho he essencial, quando o esfriamento for progressivo convem as botijas com agoa quente e os saccos de areia quente applicados aos extremos.

A alimentação deve ser parca, o decocto de arroz, sagú ou arrowroot são os melhores alimentos.

Os *adstringentes* combinados com os opiados ou de per si aproveitão neste periodo; os mais usados são: o tannino e acido galhico em doses de tres grãos; a gomma kino, o catechu e o extracto de ratanhia, na dose de dez grãos; estes medicamentos repetem-se de hora em hora atë que cessem as evacuações.

A limonada sulphurica em pequenas doses, tomada com curtos intervallos, he muito elogiada.

O acetato de chumbo, que no dizer do dr. Graves he um dos melhores medicamentos em todos os periodos desta doença (211), não aproveita senão no prodromico, e neste ainda he necessario tomar em conta

[211] *Graves*. Clinical lectures, vol, 1.°, pg. 419.

o beneficio do opio; a formula he a seguinte:

Acetato de chumbo . um escropulo
opio em pó. . . . . um grão.
conserva de rosas . . q. b.
Misture e faça pilulas n.° 12.

Uma pilula de uma em uma, duas em duas, ou tres em tres horas, no primeiro periodo; no periodo algido, uma pilula todos os quartos de hora.

O sr. Monneret considera o subnitrato de bismutho como o melhor adstringente na cholera, a dose he de 1 a 4 onças para adultos (212).

O dr. Tray elogia a terebenthina rectificada, na dose de quinze gottas (213).

Os *emeticos* empregados com o proposito de produzir um abalo salutar, descongestionar a mucosa e regularisar a distribuição dos fluidos, são de uso perigoso, porque por vezes as evacuações augmentão, accelerando-se assim a marcha da doença: mesmo nos casos em que haja embaraço gastrico, esta medicação será excluida, porque admittindo que este presista depois das evacuações, o beneficio resultado dos emeticos he insignificante comparado com o risco que o doente corre.

A ipecacuanha em dose vomitiva foi considerada *especifico de cholerina* pelo sr. Guerin (214).

Os *purgantes* tiverão grande voga como evacuantes da bile e descongestionadores da mucosa intestinal; na actualidade reputão-se perigosos, porque se as evacuações alvinas augmentão, o doente pode entrar mais depressa no periodo algido.

As *emissões sanguineas* e principalmente a sangria só as menciono para as comdemnar, a hypothese de que nesta doença o grande perigo estava na congestão da mucosa gastro-intestinal e consecutiva estagnação nos pulmões e coração, levou muitos medicos a considerar a sangria como o meio mais efficaz, não só contra a cholerina como os outros periodos da doença; o nenhum melhoramento observado na maioria dos casos, e a grande depressão de forças que quasi sempre succedia ao emprego deste meio, fizerão-no abandonar por perigoso e de utilidade muito duvidosa: deve ainda notar-se que os mais apaixonados das depleções, administravão simultaneamente os estimulantes, os opiados, adstringentes, etc.

Tratamento do periodo algido.

Neste periodo a absorpção como todas as mais funcções organicas está ou nulla ou perturbada, devendo-se a este estado a inutilisação de toda a medicação; os medicamentos nenhum bem produzem, podendo haver perigo no periodo de reacção, já porque em contacto com a mucosa intestinal ficão substancias estranhas, já porque estas forão absorvidas no periodo em que não convinhão.

Ao doente o que lhe convem he a continuação dos estimulos naturaes.

(212) *Monneret.* Gazette des hopitaux, 21 d'abril de 1849

(213) *Trail* London medical gazette, novembro de 1849.

(214) *Guerin* Citado por Fabre Dictionnarie des dicticonnaries de medecine, tom, 2.°, pg, 517.

o medico poderá usar alem destes, medicações innocentes e que de algum modo alliviem o estado do paciente; colloca o doente n'um quarto espaçoso e arejado, agazalha-o com dois ou tres cobertores, approxima das extremidades inferiores botijas e tijolos quentes, ou saccos de areia aquecida, de espaço a espaço absorve o suor do corpo com flanella ou algodão.

A alimentação do cholerico neste periodo merece toda attenção: de hora a hora deverá beber tres a quatro onças de decocto de arroz, sagu, arrowroot, caldo de vaca ou gallinha, sendo preferivel o *beaftea*.

A sêde incessante satisfaz-se com agoa nevada e á falta desta com agoa fria; se o doente não accusa sêde he necessario instar para que se faça a ingestão de bebida: por este meio calmão-se os vomitos e abrandão-se as dores.

Houve tempo em que a agoa fria se tinha por perigosa, hoje he esta opinião considerada prejudicial por todos; quanto mais agoa fria bebe o doente, tanto melhor e mais rapidamente se cura.

O emprego dos preparados salinos se não beneficia não prejudica, a estatistica mostra que a menor mortalidade se dá nos doentes tratados pelos salinos; todavia o beneficio deve em grande parte attribuir-se á agoa, que se administra em grande escala nestes tratamentos; he este pois um dos meios a que os facultativos podem recorrer, empregando-o do modo exarado no seguinte capitulo.

As caimbras abrandão-se ligando a parte affectada: o sr. Guyon aconselha como bom remedio o dobrar os estremos para a parte opposta ás caimbras, assim nos extremos inferiores se fará a flexão do pé sobre a perna, e nos superiores a extensão dos dedos (215); o sr. Burq recommenda como o melhor remedio as *armaduras metallicas* (216), que na sua opinião previnem e curão a cholera: as armaduras são anneis de cobre seccos ou molhadas n'um hydrosoluto de chlorureto de sodio a 25 ou 40 graos centigrados; servem para apertar as partes em que se dão os espasmos.

Tratamento do periodo de reacção

Quando dure pouco o periodo algido, isto he, menos de 10 horas, o tratamento do ultimo periodo he quasi nenhum.

Ar puro, agoa em abundancia, e alimentação um pouco mais espaçada que a do periodo anterior (de 2 em 2 ou 3 em 3 horas), tais são os pontos essenciais a que se attenderá, merecendo o ultimo grande importancia, por que frequentes vezes succede tornar-se imcompleta a reacção, por falta de alimento, e o doente morre exhausto.

Se as ourinas faltão por mais de vinte e quatro horas ou se o periodo algido durou muito, os diureticos convem e sobre tudo o accetato de potassa.

Quando neste periodo ha complicações estas deverão tratar-se conjunctamente, empregando os tratamentos correspondentes.

---

(215) *Guyon* Journal des connaissances med.—chirugicales, 15 d'outubro, de 1852.

(216 *Burq*. Union medicale, 7 de Julho de 1849.

PHARMACIA

Pilulas Anti-gotosas

(*A. Becquerel*)

Sulphato de quinina. 1,50 gommas
Extracto de digitalis . 0,20
Sementes de colchico
em pó..... 0,50

Faça 10 pilulas, para tomar 1 a 3 por dia, e muitos dias seguidos.

Estas pilulas, que, sam uma imitação das de Lartigue, contra a gotta, tambem sam muito vantajosas para combater as contracções e as dores, que se seguem ao rheumatismo agudo das articulações.

Pilulas contra a hemoptyse.

(*Aran*)

Digitalis em pó. . . . 0,70 grammas
Cravagem de centeio
em pó..... 3,00 »

Mixture e faça 8 pilulas, para tomar n'um dia

Alguns auctores, chegaram a persuadir-se, que a preparação mais activa da digitalis, era a tinctura etherea, mas, as experiencias de Homolle e de Quevene, provam o contrario, fazendo ver que o ether, se não satura dos principios activos da digitalis, por isso que o ether do commercio, encerra proporções muito variaveis de agua e alcool, e sendo este o que geralmeute se emprega, é logico, que não póde dissolver os principios activos da planta se não tanto, quanto estejam em relação com a sua maior ou menor pureza, de maneira, que, a referida tinctura, não è mais do que uma solução etherea de chlorophyla.

As folhas da digitalis, sam proveitosissimas na asthma fumando-as, enroladas em forma de cigarro, em papel nitrado, já sós, e já associadas á belladona e ao stramonio.

Clyster da digitalis

(*Reveil*)

Folhas de dedaleira
em pó..... 1 grammas
Agua fervendo. . . 250 »

Macere por meia hora; côe, e empregue como diuretico.

Pilulas hemostaticas

Acetato de chumbo
cristalisado. . . . 10 centigrammas
Extracto de digitalis..... 2 «

faça uma pilula e mais como esta, quantas se queiram.
Uma a quatro por dia.

Xarope de digitalina

(*Homolle*)

Digitalina..... 0,10 grammas
Alcool a 85.°. . . . q. s.
Xarope de flor de
larangeira 2000,00

Dissolva a digitalina no alcool e junte ao xarope.

Cada 20 grammas d'este xarope, contem 1 milligramma de digitalina.

Tomam-se 2 a 6 colheres por dia.

Emulsão de digitalina

(*Homolle e Quevenne*)

Digitalina . .	5 milligrammas
Agua d'alface .	100 grammas
Xarope de flor de larangeira	25 »

Dissolva a digitalina em algumas gotas d'alcool, e misture tudo para tomar ás colheres em 24 horas.

Poção de wriglot contra a tosse convulsa

Vinho de antimonio. . . .	20 gottas
Alcoolado de aconito. . .	4 »
Tartarato de potassa e ferro	40 centigrammas
Agua distillada . .	30 grammas

Aos adultos admininstra-se esta dose tres vezes ao dia, e duas á noute. A formula póde ser modificada segundo as condições particulares de cada caso. Se a tosse continua augmenta-se a quantidade de antimonio, e se dominam os symptomas laryngeos augmenta-se o aconito. Se o doente fôr uma creança pallida e enfezada augmenta-se a proporção do ferro.

(Jorn. de Ph. de Lisboa)

INDICAÇÕES COMPARATIVAS ÁCERCA DA MENSTRUAÇAO NOS DIVERSOS PAIZES

Extracto de uma nota lida no congresso medico internacional, na sessão de 19 de agosto, pelo sr. Gustavo Lacneau.

E' da *Gazeta hebdomadaire* que, com a devida venia, reproduzimos este artigo, cuja leitura deve agradar principalmente áquelles que ligam importancia aos dados estatisticos.

Para apreciar a influencia dos climas e das raças sobre a idade media da puberdade feminina, o sr. Tilt reuniu, em um grande quadro comparativo, estatisticas relativas a 10:422 mulheres (1). Do mesmo modo julguei comparar estatisticas, concernentes a 15:945 mulheres, elaboradas por Lundberg (2) no Lavrador: Frugel (3) e Faye (4) na Noruega; Rawn e Ceog (5) na Dinamarca; Osiander (6) no Hanover; Lebrun (7) na Polonia; Roberton (8), Guy (9), Lee e Murphy (10) na Inglaterra; Marc d'Espines (11), Briérre de Boismont, Méniére

---

[1) *Montly Journal of medical science*, 1850, t. XI, pag. 289 e seguintes.

(2) Estatistica referida por Roberton, *Edinburgh medical and surgical Journal* t, XLIII, pag. 57 a 65, 1845.

(3) A *Goverment Report on Norway*, referida por Tilt.

(4) Estatistica referida por Racibors-ky.

(5) *Biblioteck far Lager*, janv. 1850; referida por Tilt.

(6) *Diss. in med.* De fluxo menstruo, 1808. Gœttingue.

(7) Estatistica referida por Racibors ky.

(8) *Edinburgh med. an surg. Journal* t. 38.°, pag. 227, 1832; t. 58.°, pag. 112, 1842; t. 62.°. pag. 1, 1844; t. 63.°, pag. 57; t. 64.°, pag. 156, 257, e 423, 1845; t. 66.°, pag. 56 e 285. 1846.

(9) *The medical Times*, t. 13.° pag. 363, 1845.

[10] *The Dublin Journal of med. science*, 1.° nov., 1844, n.° 77, 1845, pag. 177

(11) *Arch. gén. de mêd.*, 2.° série, t. 9.°, pag. 5 e 303, Paris 1835.

(5), Raciborsky (6), Dubois (7), de Soyre (8), Stoltz, Levy (9), Petrequin (10); Bouchacourt (11), Marcel Pettiteau (12) Girard e Reynaud (13), em França: Zaoiziano em Corfou; Dyster na Madeira; Goodeve, Dwarikanauth, Leith e Crisp, na India; Elliot e Bowen, na Jamaica e nas Barbadas (14).

Comparando as idades medias das mulheres no tempo da primeira menstruação nos estados scandinavos e no Hanover, em França, em Corfu e na Asia meridional, vê-se que em geral a puberdade é mais tardia nos paizes frios do que nos quentes. Emquanto que 4:234 mulheres scandinavas e allemães do norte, habitando entre 50° e 60° de latitude norte, em uma temperatura media annual de 5° a 8°, são menstruadas aos dezeseis annos, nove mezes e dezeseis dias, 5:661 francezas, habitando entre 42° e 52° de latitude, debaixo de uma temperatura media de 9° a 15°, são menstruadas aos quinze annos, um mez e vinte um dias; 33 mulheres de Corfu, na latitude de 39°, sob uma temperatura media de cerca 16°, são menstruadas aos quatorze annos; emfim 1:140 asiaticas, habitando entre 8° e 30° de latitude, a uma temperatura media de 24° a 28°, são menstruadas na idade de doze annos, onze mezes e dezesete dias

PAIZES	LATITUDE	TEMPERATURA	IDADE MEDIA		
			Annos	Mezes	Dias
Norwega	50° a 60°	5° a 8°	16	9	16
Allemanha do norte					
Dinamarca					
França	42° a 51°	9° a 15	15	1	21
Corfu	39°	16° a	14	—	—
Asia meridional	8° a 30°	24° a 28	12	11	17

(5) *Mémoires de l'académie royale de méd.*, t. 9.°, pag. 104 e seguintes. Paris, 1841.

(6) *De la puberté et de l'âge critique chez la femme et de la ponte periodique chez la femme et les mammiféres.* Paris, 1844.

(7) *Traité complet de l'art des accouchements* pag. 324: ete. Paris, 1849.

(8) *De la primiparite á terme* (Gaz. des hôpitaux, 22 sep. 1863.

(9) *Topographie et historie méd. de Strasbourg et du département du Bas-Rhin*, par V Staeber e G. Tourdes. Paris.—Strasbourg. 1864, pag. 267 e 268.

(10) *Rech. sur la menstruation*, thése n.° 311. Paris 1835.

(11) *Dictionnaire de médecine*, en 30 vol. Menstruation.

(12) *Bull. de la Société de méd. de Poitiers*, 2ª. serie, pag. 547, n.° 26, janv 1857. (*Gaz. hebd. de med et de chir*, pag. 567, 1857).

(13) Estatisticas referidas por Marc d'Espine, *loc cit.*

(14) Estatisticas diversas referidas por Roberton, *loc cit.*

São pois consideraveis as differenças entre as idades medias das mulheres d'estes diversos paizes.

Comtudo entre os esquimáos do Lavrador, as judias da Polonia, as portuguezas da Madeira, e as pretas das ilhas da America tropical estão longe de apresentar idades medias em relação com os climas tão diversos destes paizes, postoque a maior parte das estatisticas d'estes paizes são pouco numerosas para que se possa conceder-lhes todo o valor. Não se está pois ainda completamente auctorisado a attribuir á diversidade ethnica, de um lado a puberdade mais precoz entre os esquimáos do Lavrador do que nas mulheres scandinavas da Noruega e da Dinamarca, nas judias da Polonia do que nas mulheres slavas, e por outro lado a puberdade mais tardia nas mulheres de Dekan do que nas mulheres indias de Bengala, nas negras das Antilhas do que nas mulheres de Inglaterra. Comtudo, para evitar os erros, que poderiam provir de estatisticas pouco numerosas, se, em França, comparâmos as idades medias de 3:322 mulheres observadas em Paris, a 49°, 50′ e 13″ de latitude, com a temperatura media annual de 10°,5. e de 1:249 raparigas observadas em Strasburgo, a 48°, 34′ e 57″, debaixo de uma temperatura media do 9°, 8, consequentemente em uma temperatura e latitude sensivelmeute as mesmas, achâmos que as primeiras chegam á puberdade aos quatorze annos onze mezes e vinte e tres dias, em quanto que as segundas, pela maior parte de raça germanica, só chegam aos quinze annos, oito mezes e vinte oito dias, mais de nove mezes mais tarde.

PA ZES	LATITUDE	TEMPERATURA	IDADE MEDIA		
			Annos	Mezes	Dias
Paris.....	48°50′13″	10°,5	14	11	23
Starburgo.....	48°34′57″	9°,8	15	8	28

A puberdade tardia da raça germanica tinha já sido notada pelos antigos; Tacito dizia: *Sera juvenum venus, eoque inexhausta pubertas, nec virgines festinantur*... (De moribus Germanorum).

As differenças notadas na idade media da puberdade feminina, nos diversos paizes, pareceriam pois depender ás vezes antes das raças humanas que os habitam, do que das condições climatologicas.

Segundo o sr. P. Dubois, nas raparigas subtrahidas á acção do seu clima natural, a puberdade appareceria na idade em que se manifestaria em o seu proprio paiz; succederia o mesmo á sua descendencia, pelo menos durante as primeiras gerações.

Effectivamente, é para notar a idade media bastante elevada, de quinze annos, quatro mezes e dezesete dias,

apresentada por 225 mulheres de origem portugueza, nascidas na Madeira, a 32°, e 37′ de latitude, debaixo de uma temperatura media annual de 20°,3, superior 4°, pouco mais ou menos, á de Lisboa.

As idades communs, que seguem approximadamente as variações das idades medias, correspondem em geral ao decimo quarto e ao decimo quinto anno; tambem o sr. Tilt julgou dever collocar entre estes dois annos o seu *menstrual equator*.

Conviria tambem indagar se as condições ethnologicas e climatologicas têem alguma influencia sobre a quantidade de sangue perdido em cada epocha catamenial; infelizmente os documentos proprios para resolver esta questão são insufficientes e contradictorios.

Segundo os srs. Bellebon e Guérault, muitas vezes entre os esquimáos da Groêlandia a hemorrhagia funccional desappareceria completamente no inverno, ou se reduziria a muito pouco. Demais, esta suppressão do fluxo catamenial, datando de tres e de cinco mezes, não impediria a fecundação; no verão, pelo contrario, estas mulheres seriam sujeitas a um fluxo menstrual muito abundante. Convem todavia notar que a differença das temperaturas do inverno e do verão não é, talvez, a principal causa d'estas variações no fluxo catamenial. N'este clima rigoroso aquellas duas estações são, para os desgraçados habitantes, epocha alternativa de carestia e de abundancia. No estio a superabundancia de nutrição animal determina nos homens um estado de plethora que produz frequentes epitaxis; nas mulheres a abundancia do fluxo menstrual substitue estas epitaxis (1).

Segundo os srs. Pajot e Leroy (2), as mulheres da Europa nos paises tropicaes seriam sujeitas ás hemorrhagias uterinas, e por isso ao aborto. A mulher de um consul, habitando successivamente diversos climas, tinha felizes partos em França, e abortava sempre nos paizes quentes.

Esta predisposição metrorrhagica daria conta da difficuldade que têem os inglezes e os hollandezes em se perpetuarem, alem de algumas gerações, nas Indias orientaes (3).

Comtudo o sr. Dyster (4) nota que na Madeira a menstruação é pouco abundante e dura poucos dias. Os sr. Ramon de la Sagra (5) insiste sobre a fecundidade pouco commum das mulheres europeas estabelecidas em Cuba, fecundidade, que está em relação com o crescimento notavel da população branca d'esta rica colonia hespanhola. Segundo o recenseamen-

(1) *Voyage dans les mers du Nord*, par Charles Edmond [voyage du prince Napoléon, partie physiologique et médicale. Paris, 1857.

(2) *De l'alimentation et du genre de vie au point de vue de leur influence sur la sterilité*, thése n.° 170 Paris, 1855, pag. 28.

(3) *Bull. de la soc. anthropologique*, t. VI, pag. 121.

(4) *Edinb. méd. and. surg. Journal*, t 66.°, pag. 283.

(5) Acad. des sc., 29 mars, 1864. Ramon de la Sagra, *Sur la fécondite des mariages dans l'ile de Cuba*. (*Arch. gén. de méd*, 1864, pag. 627.

to de 1841 esta parte da população teria augmentado de 34,5 por cento em quatorze annos; seja 2,5 por anno.

Comparando, com o sr. Bértillon (3), estes factos contradictorios sob o ponto de vista da menstruação e da fecundidade nas colonias inglezas e hollandezas das Indias, e nas colonias hespanholas e portuguezas de Cuba e da Madeira, pergunta-se naturalmente se a raça anglo-germanica não seria menos apta do que a raça iberica para acclimar-se nos paizes quentes.

PAIZES	LATITUDE	TEMPERATURA	NUMERO DE MULHERES	IDADE MEDIA			
				Annos	Mezes	Dias	
Lavrador	56° a 6[illegible]°	— 3°,	16	15	11	12	
Norwega	59° a 59°55'	+ 5°,4	257	16	4	13	(1)
Dinamarca	55°41'	+ 7°,6	3:840	16	10	5	(1)
Prussia	51°32'	+ 8°,3	137	16	1	4	(1)
Russia, Varsovia	52°14'	+ 9°,2	100	15	5	28	(1)
Russia meridional	39° a 55°	+ 5° a + 12°	700	16	6	12	
Inglatera — Manchester	53°38'	+ 10°	540	14	10	9	(2)
Inglatera — Londres	51°30'	+ 10°,4	3:219	14	11	6	(2)
França — Strasburgo	48°34'37"	+ 9°,8	1:249	15	8	28	(3)
França — Paris	48°50'13"	+ 10°,5	3:322	14	11	23	(3)
França — Lyão	45°45'45"	+ 11°,8	432	15	5	18	(3)
França — Sables							(3)
França — d'Olone	46°29'48"	+ 12°,25	590	14	8	14	(3)
França — Marselha	43°17'52"	+ 14°					(3)
França — Toulon	43°7'28"	+ 14°,4	68	14	5		(3)
Corfu	39°38'	+ 16°(?)	33	14	--		
Madeira	32°37'	+ 20°,3	228	15	14	29	
Asia Meridional	8°30'	+ 24° a 28°	600	12	11	25	(4)
Asia, Bengala	22°34'45"	+ 24°	239	12	6	1	(4)
Asia, Dekan	12° a 19°	+ 25° a 38°	301	13	3	8	(4)
Jamaica e Barbadas	15° a 21°45"	+ 25° a 27° (?)	77	15	7	12	

VARIEDADES

Effeitos da balla Chassepot.

O dr. Sarazin, professor aggregado da faculdade de medicina de Strasburgo, suspendeu pelo pescosço o cadaver de um homem, que succumbira a uma cirrhose do figado, tendo o cuidado de o apoiar sobre uma tábua; depois o dr. Hériot, do 14.° batalhão de caçadores, armado de uma espingarda Chassepot, e á distancia de 15 metros do cadaver, fusilou este cinco vezes, dirigindo o tiro uma vez a alguns centimetros acima e um pouco para dentro da espinha iliaca anterior e superior; outra sobre o femur na altura do bordo superior da rotula; outro sobre a coxa pelo vertice do triangulo de Scarpa; outro so-

(3) *Dictionnaire encyclop. des sc. méd.* 1.° pag. 288. *Acclimatement.*

bre a parte anterior e interna do punho, e a quinta vez um pouco abaixo da apophyse coracoidea. D'estas experiencias concluiu-se:

1.° Que o diametro do orificio de entrada é essensialmente o mesmo que o do novo projectil;

2.° O diametro do orificio de saida é enorme, sete a treze vezes maior que o da bala;

3.° As arterias e as veias são cortadas transversalmente, os musculos dilacerados e reduzidos a uma especie de papas;

4.° Os ossos são triturados em uma extensão consideravel, e alem de toda a operação com as dimensões do projectil.

Em summa, os effeitos vulnerantes representam uma intensidade notavel. E note-se ainda que o projectil depois de ter atravessado o cadaver furou duas pranchas de uma pollegada de espessura, e encravou-se profundamente no muro. A vista d'isto a bala Chassepot atravessará facilmente meia duzia de barbaros de um golpe.

(*Esch. Medico*)

Hydrophobia intermittente?

Postoque o seguinte caso não seja dos mais faceis de crer, e muito menos de explicar, pois é contrario a tudo a quanto até agora se sabe dos resultados constantemente fataes da raiva canina trasmittida ao homem, aqui o reproduzimos por conta do *Detroit Free Press*, que é quem o afiança. James Bay foi mordido, ha dezeseis annos por um cão damnado, sem que d'isso lhe resultassem grandes incommodos até o dia em que fez um anno que elle fôra mordido. Sentiu então alguns symptomas da terrivel molestia, que logo assumiram as proporções do mais terrivel atâque; por seis semanas andou maniaco furioso sem esperança alguma de cura; porém uma constituição de ferro e uma alimentação industriosamente dirigida, arrrncaram-no das portas da morte, e. finalmente restabeleceu-se. Continuou no seu modo de vida até o segundo anniversario, quando foi de novo atacado, porém menos intensamente do que a primeira vez. A 26 de junho de cada anno tinha elle um ataque de hydrophobia, o ultimo dos quaes foi ha uma semana em Sandwich, onde elle trabalhava de oleiro. Sentiu os symptomas usuaes de manhã, e pediu a alguns amigos que o amarrassem, a fim de evitar qualquer offensa pessoal. Assustados por similhante proposta recusaram-se todos a po-la em pratica, e elle continuou no seu trabalho todo o dia até á meia noute, hora usual de o deixar Algum tempo depois foi encontrado maniaco furioso, e de tal sorte que se atterraram os seus amigos ao vêl-o que nenhum ousou chegar-se-lhe para perto. Durante o ataque soffreu amiudadas convulsões cujo effeito deprimente foi tal que no decurso da noite adormeceu. Na manhã seguinte achava-se no seu estado ordinario, mas em extremo abatido pelos soffrimentos.

(*Esch. Medico*)

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 48. Dezembro de 1867 4.º Anno

CHOLERA MORBUS

(Hygiene preventiva).

Quando n'um logar ha cholera o meio melhor de evita-la he fugir com tres lll, isto he *logo*, para *longe* e por *longo tempo* : huir la pestilencia com tres lll és buena sciencia, dizem os hespanhois.

A execução de medida de tão obvia utilidade he impossibilitada por muitos motivos, rasão porque a hygiene prescreve os meios adequados ás pessoas existentes em logares affectados.

Em qualquer logar as partes mais baixas são as peiores, por isso a habitação se deve escolher nos pontos mais elevados; e nas casas os andares superiores.

Nas casas e dependencias a limpeza será a mais escrupulosa; he indispensavel a remoção de todos os detritos, a caiação das paredes e a lavagem do pavimento.

O ar o mais puro he o que mais convém, e para o obter todos os sacrificios são poucos.

A ventilação como grande purificadora do ar estabelecer-se-ha, abrindo nas paredes as necessarias aberturas quando faltem.

Para assistencia são preferiveis os maiores quartos a rasão he obvia.

A accumulação de pessoas, animais e as luzes vicião muito o ar; por isso he bom evitar as reuniões, devem ser poucas as luses e em casa não haverá senão os animais indispensaveis.

A viciação do ar pelas emanações das feses he importantissima, porque predispõe para a doença, e até no dizer do sr. Simon podem em tempos de epidemia adquirir propriedades infecciosas (203).

A influencia predisponente e morbifica he magnificamente descripta pelo sr. Lethby (204): " uma inspiração deste gaz (proveniente dos excrementos) não diluido, destruirá immediatamente a vida, misturado com o ar causará asphyxia e narcotismo, menores porções produzirão nauseas, delirio e insensibilidade geral, e se a diluição ainda for maior haverá pros-

[203] *Simon* Sanitary state of England 1858.

(204) *Lethby* Sewage and sewer gazes Sanitary review, Outubro de 1858.

tração de forças, inappetencia, diarrheia chronica e febre.

A melhor latrina que o proprietario pode adoptar nos climas quentes he a do sr. Clark (205); por ser limpa, aceiada, duravel e barata, e porque a desinfecção immediata, pelo acido carbolico diluido, facilita o transporte em caixas metallicas para os campos em que se pode aproveitar como magnifico estrume: a despeza do transporte he insignificante repartindo-se por varios visinhos, visto que uma caixa de ferro montada sobre um carro, pode receber as feses de muitas casas.

O sr. Cornish de Madrasta recommenda outra latrina que he muito mais economica (206), as evacuações intestinais recebem-se em caixas de madeira invernizadas que conteem cinza, e as ourinas recebem-se n'um reservatorio separado cheio de terra, que tem á entrada uma camada de carvão: a remoção faz-se frequentemente e precisa por isso de muito cuidado, motivo porque não posso considerar esta latrina tão util como a de Clark, na qual a desinfecção he perfeita e a limpeza facil.

A limpeza individual he magnifico preventivo, para a conseguir convem o emprego do banho corrido de agoa quente; o banho morno debilita e por isso he inconveniente, o frio he perigoso porque muitas vezes depois do banho pode apparecer a diarheia.

O vestuario agazalhará livrando de transições rapidas de temperatura, deve mudar-se frequentemente.

A cinta de flanella por muitos recommendada, he desnecessaria a não ser para os individuos sugeitos a recidivas de diarheia ou dysenteria.

A alimentação deve ser de boa qualidade, sufficiente em quantidade e bem cosinhada.

O uso moderado de alcoolicos he benefico, o abuso prejudica.

A agoa como vehiculo ordinario do veneno cholerigeno, he de necessidade o ferve-la por bastante tempo, ou filtra-la atravez de carvão, antes de se beber.

O chá beneficia a agoa, por isso o hydro-infuso desta planta he bebida agradavel e util em tempos de cholera.

O emprego dos emeticos, purgantes e emissões sanguineas he perigoso quando a cholera-morbus grassa epidemicamente, a fraqueza e perturbação resultados destas medicações predispoem ou podem dar occasião a que a doença se desenvolva: não deve todavia admittir-se a contra-indicação nos casos em que estas medicações são de absoluta necessidade, porque o mal incerto devido ao meio therapeutico, he preferivel ao indubitavel da doença.

O uso de medicamentos que o charlatanismo inculca como *infalliveis preventivos* he inutil e pode ser pernicioso; nunca serão empregados sem que previamente sejão declarados innocentes pela maioria dos medicos.

O socego de animo, a moderação em todos os actos, a satisfacção dos

---

(205) *Clark* Hygiene of the army in India, capitulo—conservancy.

(206) *Cornish* On some unsolved Problems in relation to public health, n.º 1

preceitos hygienicos e assistencia medica á menor indisposição: são meios os mais efficazes para conjurar tão terrivel doença.

Quando n'uma casa ha cholera o melhor he transportar o doente immediatamente para o Hospital dos cholericos, onde será tratado com todo o cuidado, evitando-se talvez ao mesmo tempo que a doença se communique ás mais pessoas da casa, ou pelo menos deixando-as em menor perigo.

Se isto não he exequivel o melhor he que todas as pessoas dispensaveis saião da habitação.

A limpeza domestica será rigorosa, e a desinfecção perfeita, alem da ventilação convem fumigações frequentes de acido nitrico, chloro, etc.

As pessoas que assistem ao enfermo convem que usem roupas brancas e estas muito limpas; que lavem as mãos todas as vezes que tocão no cholerico, e podem mesmo respirar atravez d'um respirador de algodão em rama, nada disto prejudica o doente e pode aproveitar muito aos assistentes.

Averiguado como está que das dejecções he que emana o principio cholerigeno, he obvio que sem a completa destruição dos excrementos do doente não ha prevenção.

Ao cholerico não se cousentirá a defecação nas latrinas communs, haverá para isto vasos separados.

Antes da desorneração deitão-se no vaso duas onças de hydro-soluto de chlorureto de zinco, que neutralisa as propriedades infecciosas das feses.

Em seguida removem-se estas, dispondo dellas como aconselha o sr. Bidie (207), isto he sepultando-as a grande distancia da morada, em covas de dois pes de profundidade, e cobrindo-as com uma camada de carvão e depois terra.

Os vasos receptores das feses se são de metal lavão-se bem e collocão-se sobre o fogo por muito tempo, sendo de barro o melhor he enterra-los com as dejecções, e se são de pao lavão-se com o soluto mencionado, seccando-os depois perfeitamente ao fogo.

As roupas manchadas pelas evacuações melhor he queima-las.

Se o pavimento recebeo liquido das evacuações pica-se, remove-se, cava-se, raspa-se, ou lava-se a parte, conforme he de pedra, tijolo, terra ou madeira.

No caso de morte conserva-se o doente no quarto em que falleceo, ventilando-se e continuando as fumigações.

Havendo casas mortuarias o mais conveniente he a remoção immediata para estas, nunca porem se enterrará antes de vinte e quatro horas.

O fallecido deverá enterrar-se com a roupa que vestia na occasião da morte, quando assim não seja queimar-se-ha esta roupa e juntamente os colchões e toda a mais roupa que o doente manchou.

A habitação em que houve cholera não deveria ser habitada por muito tempo, se isto he impraticavel fique pelo menos deserto o quarto em que existirão attacados.

Os outros cuidados são obvios

---

(207) *Bidie*. Etiology of cholera: The Madras quarterly journal of medical science n.º 1.

e estão por assim dizer comprehendidos na palavra *limpeza*.

Transcrevemos em seguida como complemento deste capitulo uma pequena parte do interessante *Relatorio sobre os trabalhos da conferencia sanitaria internacional*, escripto pelo illustrado dr. Bernardino Antonio Gomes (208).

Os agentes capazes de operarem como desinfectantes, como antisepticos ou anticontagiosos, são muitos, mas não teem todos egoal poder, como não possue cada um o mesmo modo de acção. Ha alem disso um certo numero de entre elles, que, dotados de sufficiente energia não podem todavia tornar-se de uso bastante geral por causa do seu maior preço. O numero dos agentes desinfectantes verdadeiramente uteis e na pratica sufficientes, não excederá o da seguinte relação: arejamento, colorificação e immersão na agua quente, meios mechanicos; e quanto a chimicos, o chloro, o hypochlorito de cal o de soda, a cal vivia e a hydratada, o carvão, á terra argiloso-calcarea bem secca, os acidos minerais, nitrico, sulphurico, hydroclorico, nitroso e sulphuroso, o acido phenico ou carbolico, o permanganato de potassa, o sulphato de ferro e o chlorureto de zinco.

O arejamento opera, não só diluindo o principio morbigeno e enfraquecendo assim a acção, mas tãobem o fez provavelmente oxidando e destruindo este principio. Foi sempre reputado um dos meios mais energicos de desinfectação, e d'esse credito ainda dão desmereceu.

A calorificação quando opera queimando, podendo ser assim applicada, é o meio mais seguro a que podemos recorrer, em temperatura que não destrua: pode ainda aproveitar, mas não hé tão sufficiente sempre como seria para desejar a prova fornecida para isso pela observação. Empregada com semelhante fim, esta temperatura não deverá ser inferior á da ebullição.

A agoa pode purificar os objectos que lava ou que nella são immergidos, mas he preciso contar neste processo a impureza que elle faz passar para o liquido da lavagem.

O chloro e os hypochloritos descêrão um tanto do credito que já tiverão; a acção deshydrogenante e destruidora que se lhes attribue, não he quanto aos germens morbigenos, tão segura como se esperou que fosse; não o demonstra a observação de modo sufficiente, e sobre tudo não teem correspondido á expectação em muitos casos do seo emprego, feito com o fim de impedir a propagação da cholera.

A cal viva, a cal hydratada, o carvão, a terra argillosa ou argilloso calcarea previamente deseccados são pelas qualidades absorventes e outras que possuem, agentes de desinfecção bastantes vezes uteis e muito empregados.

Os acidos minerais teem sobre as materias organicas acção chimica muito energica para que não a exer-

(208) *B. A. Gomes* Relatorio sobre os trabalhos da conferencia sanitaria internacional, pag. 56 e seguintes.

ção sobre os germens das doenças; sobre tudo se recommendão porém as antigas fumigações de Smith feitas com acido nitroso, pelo grande poder oxidante deste acido, e porque nelle se não esgota este poder em consequencia da continua regeneração por que passa em presença do ar atmospherico. O coaltar, o acido phenico delle extrahido, são agentes que ultimamente teem sido apreciados como desinfectantes, tendo parecido bastantes vezes uteis contra a infecção cholerica.

O permanganato de potassa he activo exydante e poderoso antiseptico, que só se emprega quando bastão pequenas porções de desinfectante, por ser producto caro.

O sulfato de ferro, o chlorureto de zinco, estão sendo os agentes chimicos mais empregados como desinfectantes, os que melhores resultados teem produzido nas epidemias de cholera. O sulfato de ferro só leva vantagem ao sal de zinco em consequencia do baixo preço por que é obtido, sendo por isso de uso mais geral.

Os oleos essenciais, e o de terebenthina especialmente, vierão engrossar a lista dos desinfectantes pelas qualidades electricas e oxidantes que se suppoem imprimirem ao ar atmospherico, quando nelle espalhados os vapores desses oleos; não abona porem a observação a importancia destes agentes, empregados, como teem sido contra a infecção cholerica.

Passando a considerar o emprego combinado destes meios e a sua applicação em relação á cholera, a desinfecção das dejecções he o primeiro objecto a attender. He preciso ser feita antes de começar o movimento de fermentação destas materias, e preceder a evolução do germen cholerico, a qual he nessa occasião que mais particularmente tem logar; deve ella executar-se o mais proximo possivel ao momento de serem as ditas materias evacuadas, sendo para isso recebidas em vaso que contenha o desinfectante, que he preferivel seja o sulphato de ferro ou o sulfureto de zinco. Aconselhou-se para o mesmo fim, a mistura que produz o chloro, e que opera pelo sulphato de manganez, sulphato de soda e excesso de acido que fica no residuo, e pela evolução do chloro que ao mesmo tempo serve para purificar o ar atmospherico. Emprega-se o coaltar, o acido phenico, a cal, o carvão e pode servir a terra argillosa e calcarea, seccas previamente de modo para isso conveniente. Este ultimo meio he muito empregado na India, onde se lhe attribuem seguras vantagens; tem mais a de ser a materia deste desinfectante objecto quasi sem custo e facil de encontrar por toda a parte. He o processo a que os inglezes chamão *dry concervancy*.

Os canos e as latrinas estão sugeitos ás mesmas regras de desinfecção, só não he possivel alcançar effeito seguro do emprego deste meio pela massa consideravel de materias que em geral ha nelles a desinfectar; as latrinas de fundo mobil são as unicas que se prestarião a um systema geral e efficaz de desinfecção.

Mas em tempo de cholera o mais seguro será evitar por todos os mo-

dos o uso das latrinas aos cholericos, receber, desinfectar e enterrar separadamente as materias das dejecções de todos elles.

Na desinfecção das habitações satisfazem o arejamento e a ventilação, as fumigações de chloro e as de acido sulphuroso, as lavagens com soluções dos hypochloritos, o branqueamento pela cal, insistindo no uso destes meios segundo o gráo de infecção a combater.

A desinfecção da roupa que servio aos doentes, a destruição pelo fogo dos objectos mais contaminados, são providencias de obvia utilidade.

(*Capitulo 12 do tratado sobre a cholera-morbus por João Stuart da Fonseca Torrie*).

NOTICIA

DE

Garcia da Orta physico-mór do Estado da India em 1535; dos seus *Coloquios dos Simples, drogas e cousas medecinaes da India* — ; Historia natural medica da America e da India ; Tratado das Drogas medicinaes da India Oriental.

(Continuação do n.º antecedente).

Passemos ao memoravel livro de Garcia da Orta, que tem o seguinte titulo fielmente copiado do exemplar, que existe na *Bibliotheca Nacional*.

COLOQUIOS DOS SIMPLES *e drogas he cousas medecinais da India, e assi dalgúas frutas achadas nella onde se tratam algúas cousas tocantes a medicina, pratica, e outras cousas boas, pera saber cõpostos pello Doutor garcia dorta : fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reuerendo senhor, ho licenciado Alexos diaz: falcam desenbargador da casa da supricaçã inquisidor nestas partes.* Com priuilegio do conde viso Rey. Impresso em Goa ; por Joannes de endem as x. dias de abril de 1563. annos.

E' um livro em 4.º com folhas 249 ; impresso, como justamente o diz um insigne bibliographo, « com imperfei« ção notavel, e abunda em erros ty« pographicos de toda a especie, si« gnificando o grande atraso em que « se achava a arte na India. »

Os *Coloquios* de Garcia da Orta são ao mesmo tempo uma preciosidade bibliographica e um monumento d'historia natural medica.

E' livro tão raro, que se citam os exemplares, de que ha noticia na Europa ; e são cinco em Portugal e um na bibliotheca imperial de Paris. Os exemplares pertencentes aos nossos são: um, que existe na *Biblioteca Nacional* ; outro, que pertence á *Torre do Tombo* ; o terceiro ao sr. visconde de Fonte Arcada ; o quarto, ao sr. Barbosa Marreca ; o quinto, á livraria que foi do capitalista Joaquim Maria da Costa. Emfim, consta que a Sociedade das Sciencias medicas possue um exemplar mutilado. Ha amadores de livros, que reputam qualquer dos exemplares da obra em mais de trinta mil réis.

Garcia da Orta, que mereceu a Haller esta distincção: *primus glaciem frigit et naturam vidit*, foi na India companheiro de Luiz de Camões, que fez a ode dedicatoria inserta nos *Coloquios*.

São os *Coloquios* um monumento de antiga sciencia ; e valeu-lhes a sua merecida nomeada por toda a Europa a traducção, que d'elles fez o celebre botanico Clusio, com o seguinte titulo :

Aromatum et Simplicium aliquot Medicamentorum apud Indos nascentium Historia ; primum quidam Lusitanica Lingua per Dialogos conscripta D. Garcia ab Horto, Proregis Indiæ Medico ; deinde Latino sermone in Epitomen contracta, & iconibus ad vivum expressis, locupletioribusque anno-

latiunculis illustrata á Carolo Clusio Atrebate. — Antuerpiæ, apud Christophorum Plantium, 1567—8.°

Dizem os nossos bibliographos, que a traducção latina feita por Clusio foi muitas vezes reimpressa. Suspeito que é por elles confundida como reimpressão uma outra obra do mesmo Clusio, que tem o seguinte titulo :

Caroli Clusii Atreb. *Aliquot notæ in Garciæ Aromatarum Historiam.* — Antuerpiæ ex officina Christophori Plantini, 1582 — 8.° peq., pag. 43 com gravuras intercalladas no texto.

D'este existe um exemplar na *Bibliotheca Nacional*, onde o consultamos. Do primeiro existio em tempo um exemplar da edição de 1574 na livraria da Academia das Sciencias, mas quando quizemos vêl-o estava dado em falta ; mais tarde conseguimos ver um exemplar d'uma outra edição ; e confesso que Clusio fez mais do que uma traducção livre, porque muito se afastou do original no disposto do assumpto e pelas notas.

Cita se tambem (1) uma traducção italina com o titulo :

Della Historia de i semplici aromati, et altre cose che vengono portate dall'Indie Orientali, pertinenti alla medicina ; scritta in lingua portughese dall'Eccellente Doctore Don Garzia dall'Horto. Venetia, por Francisco Ziletti, 1582, 8.° Reimpressa posteriormente.

O exemplar que vimos, é uma traducção da traducção latina do Clusio; isto é, contem o texto dos *Coloquios* e as notas, conforme escreveu Clusio: differe, portanto , muito do original portuguez.

Visto que os *Coloquios* são uma raridade e uma preciosidade, varias tentativas teem apparecido para os reimprimir ; primeiramente foi a Sociedade das sciencias medicas ; depois o dr. Isidoro Emilio Baptista, natural da India, e lente da eschola polytechnica, que pelos seus conhecimentos em sciencias naturaes e amor patrio estava muito no caso de fazer uma bella reimpressão : infelizmente eram muitos os seus affazeres, e numerosos os planos que traçava sem passar do começo, de sorte que uma morte prematura nol-o roubou, não ficando noticia ao menos dos primeiros materiaes por elle preparados para a realisar.

Presentemente diz-se que o sr. Ferdinand Diniz trata de fazer em Paris uma reimpressão cheia de abundantes curiosidades da sua lavra ; e que o nosso academico o sr. Rodrigo Felner tem preparado e prompto para a impressão um manuscripto com as variantes de todos os exemplares conhecidos dos *Coloquios*.

Em ordem de antiguidade aos *Coloquios* de Garcia da Orta conhecemos a seguinte obra.

Juan Fragoso — *Discursos de las Cosas Aromaticas, arbores y frutales, y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental, y siruen al vso de medicina.* — Madrid, em casa de Francisoo Sanches. Año 1572 —8.° peq., fl. 209.

Este livro, parece-nos, foi feito muito debaixo das vistas dos *Coloquios* de Garcia da Orta. Distingue-se d'elles, comtudo, pela fórma puramente descriptiva, e porque algumas cousas tem de mais e outras têm de menos.

A epistola dedicatoria do author é a D. Joanna d'Austria, Princeza de Portugal e Infanta de Castella.

Em terceiro logar vem o livro de Christovam da Costa, o Africano, que se intitulava medico e cirurgião, natural de Ceuta ou Tanger, quando estas cidades do norte da Barbaria eram possessões portuguezas, passou á India, em tempo de D. Luiz d'Athaide, na companhia do qual se fez de viagem como soldado e medico. Conseguio informar-se das noticias dadas por Garcia da Orta; com estas confirma-

(1) *Biblioteca Lusitana e Dicc. Bibliographico.*

das ou emendadas e outras novas que colheu, compoz o seguinte livro, que deu á luz em Hespanha, para onde foi viver depois de vir da India.

O rosto do livro é uma gravura, que figura um portico, no meio do qual se lê o seguinte titulo.

(Continúa).

(*Gazeta de Pharmacia, de Lisboa,*)

VARIEDADES

Menstruação no homem.

Segundo refere o *British medical journal* que o dr. V. O. King observou um caso de *menstruação* em um mancebo de vinte e dois annos de idade. Já havia tres annos que uma secreção de apparencia sanguinea, homogenea e espessa, corria periodicamente das glandulas sebaceas do rego profundo atrás da corôa da glande, variava a quantidade de uma a duas onças em cada periodo, e o periodo durava de tres a seis dias.

(*Gazeta Médica.*)

Tabaco economico ou a folha de batata.

Por um inexplicavel capricho foi a humanidade buscar ás plantas mais nocivas um prazer que não raras vezes é comprado á custa de saude A' familia das *solaneas*, abundante em especies venenosas, pertence o *tabaco*, cujo uso, ou antes abuso, vae cada dia tomando mais gigantescas proporções.

A serem porém verdadeiras as affirmações de um medico sueco, membro da academia de medicina de Stockolmo, teremos em pouco tempo de lavrar o epitaphio da *herva santa*. Não se pense todavia que a familia das *solaneas* perca da sua actual importancia ainda mesmo que se realise o vaticinio do academico sueco. Se a *nicotiana tabacum* houver de retirar-se da scena, será para deixar em seu logar outra *solanea*.

No dizer do medico de Stockolmo as folhas da planta que fornece a *batata* (*solanum tuberosum*), quando seccas, gosam de um perfume e de outras propriedades organolepticas muito comparaveis ás do tabaco. Se assim for, não ha rasão para que se não substituam as folhas de uma planta innocente ás de uma herva venenosa.

Como no mundo todas as vantagens acarretam alguns inconvenientes, é facil de ver que se a folha da batata desthronar a do tabaco, teremos dentro em pouco os esbirros invadindo e arrasando as plantações que até agora passavam totalmente despercebidas aos olhos do fisco.

Sociedades protectoras da infancia.

Propaga-se, felizmente, a idéa da creação de sociedades protectoras da infancia. A de Paris funcciona regularmente, e já se manifestam os resultados de tão util instituição. Em Lyon foi fundada uma sociedade protectora da infancia sobre bases iguaes ás de Paris. Muitas outras cidades da França, taes como Bordéus Marselha, Rouen, etc. occupam-se de creações analogas, e provavelmente dentro em pouco cada departamento dotará a sua capital de uma d'estas instituições, cuja necessidade é bem reconhecida.

O dr. Eugenio Marchal tendo apresentado, em nome de uma commissão encarregada de determinar a

mortalidade da primeira idadade e de indagar as causas e os meios de a attenuar, a sociedade das sciencias medicas de Mosella adoptou as seguintes conclusões:

Considerando que a mortalidade da primeira idade no departamento de Mosella, e em particular na cidade de Metz, é de 18 por cento no primeiro anno e de 25 por cento nos dois primeiros annos, algarismo muito elevado e que poderia ser reduzido pela observancia das leis hygienicas;

Considerando, alem d'isso, que esta mortalidade exagerada é devida principalmente a estas causas: ausencia ou má direcção da amamentação maternal, desmamentação prematura, alimentação artificial, incuria das amas; é de parecer que, entre os meios propostos para diminuir esta mortalidade, um dos mais efficazes seria a creação de uma sociedade protectora da infancia.

A sociedade procuraria melhorar as condições hygienicias da primeira idade:

1.º Promovendo a amamentação maternal sempre que seja possivel;

2.º Socorrendo as mães pobres que conservassem e alimentassem seus filhos;

3.º Estabelecendo uma agencia central incumbida de obter esclarecimentos sobre a saude e a moralidade das amas, e po-las á disposição das pessoas interessadas,

4.º Organisando em Metz, e nas communas para onde são enviadas as creanças, meios de vigilancia, que salvaguardem, quanto possivel, a saude das creanças e das amas;

5.º Empregando todos os meios que se julgarem necessarios para attingir o fim que se propõe a sociedade.

Porque em Portugal se não estabelecem instituições analogas?

(*Gazeta Medica de Lisboa.*)

COLLABORADORES

NO ANNO DE 1867.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (Dr.)
(Veja pag. 15—37)

João Stuart da Fonseca Torrie
(Veja pag. 5—21)

Antonio José da Gama
(Veja pag. 110)

João de Mello Sampaio
(Veja pag. 95)

INDICE

Abertura da Eschola medico-cirurgica de Nova Goa em 1867—109.
Acacia arabica 98.
« catechu.—98
Adenantera pavonina.—98
Aegle marmellos —99
Agua oxigenada.—70
Agua de quatro côres.—120
Akrá da India .—58
Alimentos.—15—30—63
Alcool (carne crua no].—71
Analyse chimica da polpa de tamarindos.—7
« « dos Sennes.—13
Anamirta cocculus.—64
Animaes hibernantes e somno letargico.—95
Angelim [hartocarpus hirsutus].—99
Annil da India.—136
Apontamentos [sobre alguns agentes pharmacologicos da India portuguesa —5—41—57
Arrowroot.—31
Arequeira.—74—99
Areca cathechu.—74—99
Arvore triste [nictantes].—138
Asclepiadas (caracteres botanicos da familia].—57
Asclepias gigantia (de Linneo).—58.
Asclepias asthmatica (de Linneo],—60
Assucar de cana.—88
Assucar [sua falsificação.—120
Assafrão da India ou bastardo.—122
Aziaticos, [sua incapacidade para o canto perfeito].—144
Balla de Clasaepot (seus effeitos]—155
Bageri (pennicillaria spicata).—16
Banana.—30
Baga da India (seu uso para alterar as bebidas alcoolicas).—6
Balsamico-etherea (quinta essencia de).—71
Bassia latifolia (maura].—64
Betle.—74
Bicha orellana (oriana).—99
Botanica.—106
Bollos ferruginosos (Velpeau).—140
Bollos feruginosos.—78
Bromureto de potassio (na tosse convulsa].—131
Butea frondosa.—100
Caesalpinia sappan.—121
Cassia auriculata.—123
Carthamus tinctorius.—122

Caracteres botanicos das convolvulaceas .—41
Canna indica, tinta produsida pelas suas sementes.—122
Canna fistula.—10
Cassias em geral.—9
Cassia fistula de Linneo.—10
Cassia obovata de Calladon.—12.
« elongata ou lanceolata.—12
Cayanus indicus.—17
Caffé.—31
Casuarina equisitifolia.—123
Carta de physico, passada a Garcia da Orta em.—1525—141
Camara dos Pares (discussão sobre o projecto de lei, de saude do ultramar).—48
Cariota urens (sagu bastardo)—64
Canella do mato (cinamomum iners).—65
Cardamomo (Elettaria cardamomum).—66
Carne crua no alcool —71
Cato (ou terra Japonica) —77
Cairo.—77
Cedro bastardo (mahogano da India].—124
Cedrela toona.—124
Chá.—63
Chá (sua falsificação).—120
Chocolate [sua falsificação)—.119
Chymica.—119
Chymica e physica recreativas.—132
Chuva, theoria da sua formação.—24
Cholera morbus [seu tratamento).—146
« [hygiene publica).—157
« hygiene perventiva.—
« morbus.—68—72—91—146—157.
« Confereucia sanitaria de Constantinopla sobre a.—68
« tratada pela inoculação.—72
Cicer arietinum.—17
Citrato de magnesia cristalisado.—19
Cinamomum iners (canella do mato).—65
Clister de digitalis.—150
Coloração das aguas.—120
Consumo do opio.—108
Convolvulaceas, caracteres botanicos da familia.—41
Convolvulus nil de Linneo.—42
« turpethum.—«—43
Cominhos.—86
Coscinium fenestratum:—124
Copo d'agua (maneira de a incediar).—132
Collaboradores em 1867.—165
Colloquios de Garcia de Orta.—162
Coqueiro [suas propriedades medicas).—55—63
Coqueiro (tinta do).—124
Coqueiro [bebidas alcoolicas extrahidas do].—63

Condimentos e especiarias da India.—65—73—85
Conferencia sanitaria em Constantinopla sobre a cholera morbas.—68
Coentros.—86
Crislea tomentosa.—125.
Curcuma longa.—87—124
Damão (mortalidade havida de 1854 a 1866).—107
Desinfecção dos máos cheiros.—84
Descripção do coqueiro, arequeira, arrôs e moedas de Goa, por Felipe Neri Xavier.—20
Discurso proferido na abertura da Eschola medico cirurgica de Nova Goa —109
Dithrema argentum.—83
Dolichos uniflorus.—17
Doutora (uma).—34,
Drogas e especiarias da India.—126
Effeitos da balla de Chassepot.—155
Eleusine coracana,—15
Elatoria cardamomum (cardamomo) —66
Elephantiase dos Arabes.—127.
Elogio historico do Padre João Loureiro 144.
Emeticos da Iudia.—57
Emulção de degitalina.—151
Envenenamento pelos fornos de coser pão.—83
Especiarias e condimentos da India.—65—73—85
Especiarias e drogas da India.—127
Eschola medico-cirurgica de Nova Goa.—109.
Exposição de Pariz de 1867.—104
Falsificação de algumas substancias alimentares.—119
Feições meteorologicas de Goa.—96
Fornos de coser pão, (envenenamente pelos). —83
Furacões.—29
Garcinia pictoria—125
Garcia da Orta (noticia de].—140
Gazeta de Pharmacia, de Lisboa,—132
Geleas (sua falsificação) —120
Gengibre —87
Glicominia 71,
Glicerolado de per-chlorureto de ferro —46
Glicer-alcoleo de chlorato de potassa—118
Gomas da India,—117
Gomma arabica(falsa].—118
Grangeias de ferro redusido.—47
Herbarios(sobre o melhor modo de os conservar]—106
Helyotis umbellata.—133
Hemoptyse (pilulas contra a).—150
Hindus.—37
Hydrophobia intermittente.—156
Hygiene preventiva da cholera.—157
Homeopathia.—108
Homem creança.—132

Hospitaes militares da India portugueza.—35—56—72
Incapacidade dos aziaticos para o canto perfeito.—144
Indicações comparativas á cerca da menstruação nos diversos paizes.—151
Indigofera tinctoria.—136
Indice das materias contidas neste volume.—166
Infantecidio [questão do).—79
Infancia [sociedade protectora da).—164
Inoculação do tuberculo.—142
Inoculação na cholera.—72
Insomnia[meios de a evitar).—109
Ipecacuanha da India.—60
Investigação historica sobre a cholera na India.—91
Jornal—O Oriente Catholico.—54
« A Gazeta de Pharmacia de Lisboa).—132
« de Sciencias mathematicas, e naturaes, publicado pela Academia Real das Sciencias da Lisboa.—53
Lablab vulgaris.—18
Leguminosas, caracteres botanicos da familia.—6
Lições de metheorologia por J. S. da Fonseca Torrie.—21
Licor de alcatrão.—70
Lista dos purgantes da India.—45
Lista do collaboradores em.—1867—165
Lista de varios emeticos Indianos,—62
Limonada de citrato de magnesia.—19
Limonada d perchlorureto de ferro.—46
Loção resolutiva de Manec.—140
Mappa do movimento dos doentes tratados nos hospitaes militares de Nova-Goa, Damão e Diu.—35—56
« das observações meteorologicas de Nova-Goa —36
« do movimento dos doentes nos hospitaes militares ds India portugueza havido nos ultimos quatro annos de1863—64—65 e —66—56
« da mortalidade havida nos hospitaes militares da India portugueza nos ultimos quatro annos de —1863—64—65— e—66—72
« da mortalidade havida em Damão desde.—1854 ate—1866—107
Maná do Monte Sinay.—45
Maquinas de cozer (inconvinientes que offerecem)·—54
Maura(bassia latifolia).—64
Máos cheiros(dizinfecção dos).84
Marmelios aegle.—99
Mahogano da India(cedro bastardo).—124
Medicina.—68—109
Meios de evitar a insomnia.—109
Memecyclon tinctorium.—137
Menstruação nos diversos paizes·—151
« no homem.—164
Milho grosso(Sorghum vulgare).—15
Milho de Italia(pannicum italicum).—16
« [zea mais).—16
Mistura de ferro aromatica.—47
Mirabolanos.—139

Movimento dos doentes dos hospitaes militares da India Portugueza.—35—56—72
Moribundos hindus, no rio Ganges.—37
Mostarda de varias especies.—65
Morinda umbellata.—137
Mungo(phazeolus mungo).—18
Miristica moscata[nós moscada].—65
Nachinim(eleusina coracana).—15
Nevoeiros.—21
Neve(formas, côr e quantidade).—27
Nyctantes(arvore triste].—138
Nós moscada[miristica moscata).—65
Noticia de Garcia da Orta (phisico-mor do estado da India].—140—162
Noticia historica da cholera morbus e febre amarella em Potugal em—.1833—144
Nuvens.—22
Oleo de figados de bacalháo, com iodureto de ferro.=89
Opio (seu consumo].—108
Oriente catholico(jornal].—54
Oriana (bixa orellana).—99
Parallelo dos sennes.—14
Palmeira.—55—64
Palmeira brava(alcool de).—64
Papel venenoso.—83
Páo vermelho (Adenantera pavonina].—98
Padre João Loureiro (elogio historico do].—144
Pennicillaria spicata.—16
Perchlorureto de ferro.—46
Per oxido de hydrogenio.—70
Phaseolus mungo.—18
Pharmacia.—19—46—70—78—89—100—117—125—140—150
Phosforo (seu uzo, para incendiur nm copo d'agua).—132
Pilulas antipasmodicas e antinevralgicas.—78
« anti-gotosas.—150
« contra a hemoptyse.—150
« hemostaticas.—150
« de ferro e pepsina.—47
Pimenta da India.—73—85
« longa.—85
« de Espanha.—85
« [sua falsificação].—120
Polpa de tamarindos [analyse chimica da].—7
Posto meteorologico da eschola mathematica e militar de Nova-Goa.=36
Poção de perchlorureto de ferro.—46
« anti-hemorragica de perchlorureto de ferro.—46
« de wriglot, contra a tosse convulsa.—151
Pomada de perchlorureto de ferro.—46
« contra as frieiras.—78
« camforada composta.—90
« « e quina.—90

Portugal, na exposição de Paris de 1867.—104
Pós de sulfato de quinina e nicociana.—119
Productos vegetaes de Canará do Norte.—15—30—63—73—85—97—121—133
Productos zoologicos das possessões ultramarinas, recebidos no Museu de Lisboa.—50
Projecto de lei n.º 125, melhorando a reforma dos empregados de saude do ultramar.—47
Propriedades medicas da palmeira, e do coqueiro.—55—63
Pterocarpus sandalinus.—138
Purgantes da India —45
Punica granatum.—138
Questão do Infantecidio.—79
Quinta essencia balsamico etherea—71
Quadro comparativo da quantidade de chuva durante os ultimos quatro annos de 1863—1864—1865—1866.—36
Relatorio da Commissão do Estado da India encarregada de enviar á Exposição de Paris de 1867 differentes objectos da India.—20
Relatorio, sobre os trabalhos da Conferencia sanitaria de Constantinopla em 1866.—144
Reforma medico militar ingleza.—82
Rio Ganges.—37
Romeira.—138
Rottera tinctoria.—138
Ruiva da India.—133
Sandalo vermelho.—138
Sagu bastardo.—64—88
Senne obtusa de Roxburg.—12
« sua analyse chimica.—13
« da India.—14
Sereno.—26
Secamone emetica (de Brown) seus caracteres botanicos.—61
Sessão solemne da escola de Goa.—110
Simoão.—29
Siroco ou chamsim.—29
Sinapis ramosa (mostarda).—65
Sorgum vulgare.—15
Soluto de per-chlorureto de ferro.—46.
« de iodureto de potassio.—78
« de extracto de belladona e de estramonio opiado.—78
« de iodureto de potassio.—90
« de iodureto de potassio iodado.—90
« de nitrato de prata. —90
« de per-chlorureto de ferro liquido.—91
« de sublimado corrosivo.—91
« de sulfato de alumina.—91
« de tanino.—91
« arseniato de soda.—100
« arsenical.—101
« de arseniato de potassa.—101

« de cyanureto de mercurio.—101
« de hypo-chlorito de soda.—101
« de sulfato de quinino acidulo.—101
Sociedade protectora da infancia.—164
Sociedade Harveiana de Londres.—79
Somno letargico e animaes hibernantes.—95
Substancias usadas na India para preparar bebidas.—63
Sura de palmeira.—64
« de coqueiro.—63
Substancias alimentares (sua falsificação).—119
Tamarindus indica.—7—65
Tamarindeiro.—7—139
Tabaco economico (ou a folha da batata).—164
Tabella do preço das drogas e especiarias da India em 1520.—127
Terra Japonica.—77
Terminalia bellerica.—139
» chebula.—139
« catappa.—139
Thisica [seu contagio].—142
Tinta preta de escrever.—19
« de Helleden.—47
« da India.—97—121—133
« produsida pela canna indica.—122
Tosse convulsa.—131—151
Topico anti-canceroso de perchlorureto de ferro.—46
Tratamento da cholera morbus.—145
Trigo (triticum aestivum).—16
Turbith.—43
Tuberculo [inoculação do) —142
Urraca de palmeira.—64
« de coqueiro.—63
Wrigthia tinctoria.—140
Variedades.—19—34—71—82—96—108—120—132—144—155—164
Ventos diversos.—29
Visconde de Soares Franco [seu discurso na Camara dos Pares, sobre o projecto de lei n.° 125]—49
Viola odorata (de Linneo).—62
Violeta cheirosa ordinaria.—62
Xarope do perchlorureto de ferro.—46
« de lirio florentino.—119
« de raiz de lirio florentino.—119
« de hypo-phosphito de cal.—125
« de hypo-phosphito de soda—125
« de digitalina—150

H. Wohlmuth
25 Alderney St.
London SW1

(01) 834 0605

MEDICINE

1. Arquivos Indo-Portugueses de Medicina e Historia Natural. Orgão do Instituto Bacteriologico de Nova-Goa. Nos.1-4. NOVA GOA: Impransa Nacional, 1921/1927. 26cm. 4 vols. wraps.

No. 1	(1921)	189p., plates=	
No. 2	(1925)	202p., plates	(Typ. Rau Hnos.)
No. 3	(1926)	434p., plates	(Typ. Ram-Rau)
No. 4	(1927)	327p., fldg. tables	(Typ. Bragança)

rec'd 4-2-87

Arquivos da Escola Medico-Cirurgica de Nova Goa. BASTORA: Typ. Rangel, 1928/1937. 25½cm. wraps 18 vols.

SERIE A

Fasc. 2	(1928)	pp. 69-238	Fasc.7	(1931)	pp.1117-1365
Fasc. 3	(1928)	pp.239-391	Fasc.8	(1932)	pp.1367-1436
Fasc. 4	(1929)	pp.393-564	Fasc.9	(1934)	pp.1477-1799
Fasc. 5	(1929)	pp.565-711	Fasc.10	(1935)	pp.1801-2036
Fasc. 6	(1931)	pp.712-1014	Fasc.11	(1937)	pp.2037-2599

rec'd paid for

SERIE A

Fasc. Spec. (1931) 321, (6)p. (Numero consacre a l'etude sanitaire de la Vieille-Goa)

SERIE B

Fasc. 1	(1927)	pp. 1-120
Fasc. 2	(1928)	pp. 121-308
Fasc. 3	(1930)	pp. 309-740
Fasc. 4	(1933)	pp. 741-1024
Fasc. 5	(1934)	pp.1025-1379
Fasc. 6	(1935)	pp. (2), 1381-1554, (3)
Fasc. 7	(1937)	pp.1551-1733

£ 350 offered per te 28 8.86.

22 volume set £880

INV. WELL 86/1807 on sch. paid 23-Sep. '86

2. ABREU, A. Cesario de V. Repto aos detractores da therapeutica homoeopathica acompanhado de duas conferencias sobre cholera-morbus feitas na Sociedade de Geographia de Lisboa. Primeiro Volume. LISBOA: Guillard, Ailhaud, & Cia, 1891. 25cm. 175p., frontis, (Notas para a Historia da Homoeopathia em Portugal), wraps,tatty £ 30

£ 400 offered per te 28 8.86.

rec'd

H. Wohlmuth
Medicine - 2

recd

3. COUTINHO, Sales da Veiga. Subsidios para a historia do Hospicio do Sagrado Coração de Maria, de Margão. MARGÃO: Tip. do Albergue, 1925. 25cm. iv, 329, (2)p., plates, wraps £ 45

4. CAPDEVILA, Miguel. Ciegos celebres. MASNOU(Barcelona):Laboratorios del Norte de España, 1946 21½cm. 57p., ill. (Coleccion de Publicaciones Medicas Historioartisticas de los Laboratorios del Norte de España, 16), wraps. £ 9

5. CAPDEVILA, Miguel. El ciego en la literatura narrativa.MASNOU (Barcel.):L.N.E.S.A., 1950. 21½cm. 55p., ill. (Coleccion de Publicaciones Medicas . . ., 19), wraps £ 9

6. DOLCET BUXERES, Luis. La astrologia y el mal de ojo. MASNOU (Barcel.):L.N.E.S.A., 1952. 21½cm. 44p., ill. (Coleccion de Publicaciones Medicas . . ., 20), wraps £ 9

AVISO

A assignatura e venda d'este jornal faz-se em Nova Goa, na pharmacia do hospital militar, para onde deve ser dirigida, franca de porte, toda a correspondencia que lhe diga respeito. com direcção a Antonio Gomes Roberto.

Os artigos scientificos enviados á redacção. ou outros quaesquer escriptos sejam ou não publicados, ficam sendo propriedade sua.

Em Lisboa, na pharmacia do Caes de Sodré (ou rua dos Romulares n.º 28) pertencente ao sr. José de Matos Saraiva, se acham á venda collecções completas d'este jornal, em brochura, pertencentes aos annos de 1862 a 1867. Seu custo é

1862 } 1863 }	Preços		Rs. fortes	2:400
1864	«		«	1:600
1865	«		«	1:600
1866	«		«	1:600
1867	«		«	1:600

O nosso correspondente em Lisboa. é o sr. Lasaro Joaquim de Sousa Pereira, na Pharmacia Ultramarina, rua de S. Paulo Nº 27—a quem se poderão dirigir as Redacções. que nos honram com a troca dos seus jornaes, para reclamarem qualquer numero que se tenha extraviado.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Em Pangim		Para Bombaim, Damão, e Diu.
Por anno	4 Rupias	Por anno, porte franco, 5 Rupias.
Por semestre	2 «	PARA MOÇAMBIQUE.
Numeros avulsos	1 Xerafim	Por anno 1:600 Reis fortes.
		PARA MACAU
		Por anno 2:250 ,,

Publica-se um numero de 16 paginas por mez, em dias indeterminados.

Na Pharmacia de Domingos Luis Gonsalves, na rua das 7 janellas, em Nova Goa, se acham á venda os seguintes livros.

	Rupias.	R.s for.s
Jornal de Pharmacia e Sciencias medicas da India portugueza, 1.º e 2.º anno 1862 e 1863, em brochura	6	2:400
Archivo de Pharmacia e Sciencias Accessorias da India portugueza 1.º anno, 1864, em brochura	4	1:600
« 2.º anno 1865, em brochura	4	1:600
« 3.º anno 1866 em brochura	4	1:600
« 4.º anno 1867 «	4	1:600
Numeros avulsos dos mesmos jornaes, (de alguns mezes) « [tangas 5]		160
Curso de Physica elementar (Guedes) 1 volume encadernado	6	2:400
Materia Medica, do Dr. Beirão, 1.º e 2.os volumes encadernados	12	4:800
Codigo Pharmaceutico (ultima edição) encadernado	6	2:400